O MERCADO DOS SONHOS

LIVRO UM



Os fééricos não sonham. Por isso compram os nossos.

O MERCADO DOS SONHOS

O MERCADO DOS SONHOS



Livro Um

C.C. Alcantara

SAGA EM CINCO LIVROS

O Mercado dos Sonhos — Livro Um

Saga em cinco livros, assinada por **C.C. Alcantara**.

Edição digital gratuita, 2026. Pode ser compartilhada à vontade, sempre de graça e sem alterações. É proibido vender esta edição.

Como esta história foi feita. O texto desta saga foi gerado com inteligência artificial (Claude, da Anthropic) e revisado editorialmente com inteligência artificial (ChatGPT, da OpenAI). A capa, o mapa e as ilustrações foram gerados com IA. A obra teve direção geral humana e é assinada por C.C. Alcantara; isso não significa que o texto tenha sido escrito manualmente por uma pessoa.

Nenhuma imagem mostra o rosto de uma personagem. Aqui, quem imagina é você.

Esta é uma obra de ficção. Pessoas, lugares e acontecimentos foram inventados; qualquer semelhança com a realidade é coincidência.

Siga a saga no Instagram: **@omercadodossonhos.livro** · omercadodossonhos.pages.dev

Para quem sempre lê a última página primeiro.


Brumavale e o Reino de Sylvária
Corte de Vidro
Corte de Prata
Corte de Cobre
Palácio do Fuso
Corte de Ouro
Corte de Ferro
Bosque Limiar
Portão da Lua
Cerca de Ferro
Mercado da Fronteira
Brumavale
Riacho das Lavadeiras
Estrada de Valmora


AS CINCO CORTES DE SYLVÁRIA
Corte de Ouro
Corte de Prata
A Tecelã
Corte de Vidro
Corte de Cobre
Corte de Ferro

REGULAMENTO DO MERCADO DA FRONTEIRA

afixado em todas as bancas, por ordem da Corte de Cobre



I. O Mercado abre nas três noites de lua cheia, do pôr do sol ao primeiro galo.

II. Só se vende sonho com a assinatura do dono. Palavra dita não vende nada.

III. O escrivão de Cobre escreve na etiqueta o resultado central. O que está escrito é o que se perde.

IV. Antes de toda venda, corta-se o fio da Rainha.

V. O ouro só muda de bolso depois da etiqueta e da fiscalização.

VI. Todo frasco pode ser sondado pela Corte de Ferro.

VII. Nenhum humano é levado à força. Tudo é comprado.

Sob a guarda da Corte de Ferro.

DOS DOIS LADOS DA CERCA



EM BRUMAVALE

Aveline Lark

Costureira de dia. De noite, a melhor falsificadora de sonhos do Mercado da Fronteira. Lê sempre a última página primeiro.

Rosalind Lark, a Rosa

A irmã mais nova. Pulmão fraco e cabeça afiada. Copia contratos num cartório.

Jonas Lark

O pai. Relojoeiro. Conserta qualquer coisa e diz "tanto faz" para tudo.

Marisol

A melhor amiga de Aveline, costureira, esperando o primeiro filho.

Dona Ilsa

A padeira do pão de mel.

Viúva Odete

Dona da banca de consignações onde Aveline vende. Cega de um olho, ri de tudo.

Garrick Fenn

O maior atravessador do Mercado. Sorriso de quem já fez as contas.

Hanna e Teo

A viúva do moleiro e o filho de três anos.

NA CORTE DE FERRO

Lorde Silvan Morcant

Senhor da Corte de Ferro e fiscal-mor do Mercado. Educado de um jeito que ofende.

Hollis

Capitã da guarda de Ferro. Língua afiada.

Mabry

Cozinheira e bruxa do Forte Ferrugem. Humana, nascida em Brumavale.

Pim

Uma menina da Corte de Ferro, com quase sete anos.

Tobin e Corin

Jovens guardas de Ferro, filhos de mães humanas.

Mestre Tavish

O bibliotecário do Forte. Quatrocentos e doze anos e um roupão cor de mostarda.

Quill

Uma raposa de sombra que só Aveline consegue ver.

NAS OUTRAS CORTES DE SYLVÁRIA

Príncipe Eiran de Aurea

Herdeiro da Corte de Ouro e Guardião das Oferendas. Cuida das próprias colmeias.

Lorde Corvin

Da Corte de Prata. Coleciona segredos.

Lorde Aurelio Vane

Gerente do Banco de Cobre, em Moedeira.

Mestra Clarys

Da Corte de Vidro. Cuida do Olho de Vidro.

A Tecelã

A Grã-Rainha de Sylvária. Ninguém nunca viu o rosto dela igual duas vezes.

AS OFERENDAS DO FESTIVAL

Tamsin

Filha de pescador de Valmora. Canta enquanto remenda redes.

Ancel

Um velho poeta de Calder. Veio ver as sete luas.

Dov

Ferreiro. Mudo de nascença, escreve numa lousinha.

Lissa

Dezesseis anos, filha do tanoeiro, de Brumavale.

COMO SE DIZ

Aveline: *Avelíne* · Silvan: *Sílvan* · Hollis: *Rólis* · Mabry: *Mêibri* · Eiran: *Êiran* · Clarys: *Cláris* · Quill: *Quíl* · Sylvária: *Silvária*

SUMÁRIO

1 Amor Eterno de Segunda Qualidade
2 Quanto Vale Ver Ele Crescer
3 Pão de Mel
4 O Frasco Vazio
5 Fio de Luz
6 O Senhor da Corte de Ferro
7 O Que o Ferro Cobra
8 A Casa de Janela Grande
9 O Portão da Lua
10 Sylvária
11 Forte Ferrugem
12 Lições de Etiqueta
13 A Adega de Cobre
14 O Relógio Quebrado
15 A Corte de Ouro
16 Placas de Ferro
17 Carta de Brumavale
18 O Que o Frasco Não Faz
19 Vestida para as Luas
20 Primeira Lua: Cobre
21 Segunda Lua: Prata
22 O Príncipe
23 Terceira Lua: Ouro
24 Quarta Lua: Vidro

25 O Esconderijo
26 Rosalind
27 Quinta Lua: Ferro
28 O Olho de Vidro
29 O Aviso
30 Sexta Lua
31 O Preço da Falsificação
32 Sétima Lua
33 A Falsificação Impossível
34 O Frasco Primeiro
35 A Escolha de Silvan
36 A Decisão de Rosalind
37 Vitória e Perda
38 A Próxima Lua

Capítulo bônus: A Linha Doze

Pequeno glossário

Um gostinho do Livro 2: A Madrinha

Os feéricos não sonham.
Por isso compram os nossos.

ATO UM

A Falsificadora



CAPÍTULO UM

Amor Eterno de Segunda Qualidade



Toda falsificação começa pelo fim.

Aprendi isso com os livros, muito antes de aprender com os sonhos. Abro qualquer história pela última página, leio como termina e só então volto ao começo, em paz, sabendo quem chega vivo e quem não chega. Marisol diz que é um crime contra quem escreve. Eu digo que é prudência. Ninguém deveria entrar numa história sem saber por onde sair.

Com os sonhos é a mesma coisa. Antes do primeiro ponto, eu decido como o comprador vai acordar.

Naquela noite, o meu comprador ia acordar apaixonado.

— Âmbar — disse ele, sem boa-noite, sem nome, sem nada. — Quero âmbar. Do verdadeiro.

Era da Corte de Prata; eu soube antes de ver o broche de lua crescente preso na gola. Os de Prata sempre chegam perto demais e falam baixo demais, como quem conta um segredo que você não pediu para ouvir. A máscara cobria metade do rosto, prata martelada até ficar fina como casca de ovo, e o que sobrava dele — boca, queixo, um pescoço comprido demais

para ser humano — era bonito do jeito que uma faca bem afiada é bonita. O cabelo tinha a cor da geada na grama às seis da manhã. Ele cheirava a jasmim-da-noite e a tédio.

Os feéricos sempre cheiram a tédio. Acho que é por isso que vêm.

— Âmbar do verdadeiro é o único que eu tenho, senhor — respondi, e abaixei a cabeça na medida exata. Nem pouco, que parece insolência, nem muito, que parece medo. Medo sai caro.

Atrás de mim, na cadeira de vime, a Viúva Odete roncou. Tinha um olho só e dormia com ele meio aberto, o que assustava os clientes e me poupava o trabalho de vigiar a banca quando eu precisava sair. A placa sobre a nossa mesa, pintada por ela mesma trinta anos antes, dizia em letras tortas: CONSIGNAÇÕES ODETE — SONHOS DE QUEM NÃO QUER MOSTRAR O ROSTO.

Era a melhor mentira de Brumavale, e nem era minha.

O Mercado da Fronteira abre nas três noites de lua cheia, do pôr do sol até o primeiro galo. Quem nunca viu imagina uma feira. Não é uma feira. É uma clareira inteira acesa por dentro, como se alguém tivesse derramado um céu no chão.

De um lado fica a vila, com as janelas apagadas e os cachorros quietos. Do outro, a Cerca de Ferro: trezentos anos de grades pretas, mais altas que três homens, enfeitadas com os sininhos que as mães de Brumavale amarram nelas para dar sorte. Atrás da Cerca, o Bosque Limiar, onde as árvores são altas demais e as sombras não andam no mesmo sentido que a luz. Nas três noites de lua cheia, o Portão da Lua se abre na Cerca, e eles entram. No pilar esquerdo do Portão há uma placa de juramento gravada na língua velha de Cobre. Quase ninguém olha para ela; os sininhos amarrados ali fazem mais

barulho que qualquer promessa escrita. E no meio, no pedaço de chão que pelo Pacto não é de ninguém, ficam as bancas.

Centenas delas. Lanternas cheias de mariposas pálidas penduradas em varas de freixo. Panos estendidos na grama úmida. E, sobre os panos, os frascos.

Já vi o Mercado umas duzentas vezes e ainda perco o fôlego com os frascos. Vidro soprado do tamanho de um punho fechado, rolha de cera e uma etiqueta de papel de arroz amarrada no gargalo. Dentro de cada um, um sonho. Não um líquido, não uma fumaça: uma luz que se mexe devagar, como se estivesse pensando.

Sonhos de amor brilham âmbar. Sonhos de música, azul-claro, quase branco. Riqueza é verde-garrafa. Filhos, um rosa tão delicado que dói de olhar. Viagens são douradas. E os de casa — uma casa própria, um telhado que não pinga, uma porta que é sua — têm a cor do pão quando sai do forno, e são os que mais se vendem, porque são os que mais se sonham.

Os feéricos andam entre as bancas mascarados, devagar, inclinando a cabeça para ouvir os frascos. Sabem desejar, escolher, se arrepender. O que não sabem é sonhar uma vida que ainda não viveram. Compram isso de nós. Pagam em ouro, que às vezes vira folha seca de manhã se você não morder antes, ou em graças, que nunca viram folha: um ano sem febre, um parto sem dor, sorte na colheita, uma tosse que vai embora. Os humanos vendem.

É assim desde o Pacto. Nenhum de nós é levado à força. Tudo é comprado.

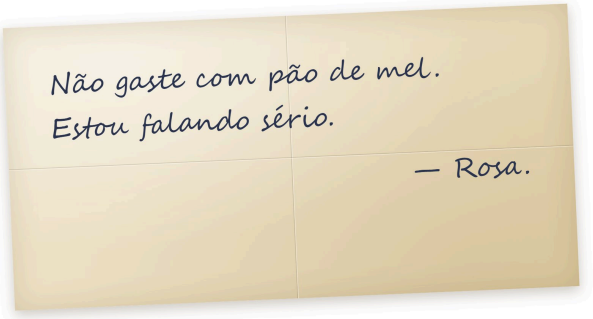
As pessoas de fora acham isso bonito. Eu sou de dentro.

— Mostre — disse o lorde de Prata.

Abri a caixa forrada de veludo azul que eu tinha costurado com o resto de um vestido de noiva que ninguém quis buscar.

Dentro, aninhados, havia seis frascos. Escolhi o terceiro da esquerda sem olhar, porque eu sabia exatamente onde cada um estava, até de olhos fechados.

Preso na tampa, por dentro, havia um bilhete dobrado em quatro, na letra miúda e perfeita da minha irmã. Eu já sabia o que dizia; tinha lido no caminho. *Não gaste com pão de mel. Estou falando sério. — Rosa.* Passei o polegar por cima dele, como faço com os amuletos, e não tive a menor intenção de obedecer.



Na minha cabeça, aquele frasco se chamava *Amor Eterno de Segunda Qualidade*.

Dou nome a todos. Nunca em voz alta, nunca na etiqueta, mas dou. Ajuda a lembrar o que tem dentro de cada um e, se eu for honesta, ajuda a não pensar demais no que estou fazendo. Na caixa daquela noite havia também *Marido Arrependido*, *Verão de Rico*, *Filha Que Escreve Todo Domingo*, *Barco Próprio* e *Vingança Leve, Sem Sangue*, que é sempre o que vende primeiro.

O *Amor Eterno* era o meu melhor trabalho em meses. Por fora, um âmbar quente e cheio, com aquele movimento lento que os compradores chamam de "respiração". Por dentro, três sonhos que nunca tinham se conhecido.

Um casamento debaixo de macieiras em flor, sonhado por uma pastora de Valmora que eu nunca vi. Uma dança na chuva, sonhada por um viúvo. E um pedido de perdão no meio de uma cozinha, com uma panela queimando no fogão e duas pessoas rindo justamente porque a panela estava queimando.

Os três vinham do fundo de frascos que outros feéricos já tinham bebido: a borra que fica grudada no vidro depois que a luz vai embora. A Corte de Cobre joga os frascos vazios num monte atrás dos balcões no fim de cada noite. Eu compro o monte inteiro por três moedas de cobre, raspo a borra com uma colher de osso e guardo cada fiapo de luz num vidro de compota, como quem guarda retalho de tecido.

Ninguém perde nada quando eu costuro borra. Os donos daqueles sonhos já tinham vendido aqueles futuros; o que sobra no fundo é só eco. Repito isso para mim mesma toda vez que enfio a agulha. É um bom argumento. Acredito nele quase sempre.

O lorde pegou o frasco. Os feéricos seguram vidro como se ele fosse quente, só com a ponta dos dedos.

— Quem sonhou?

— Uma moça da vila, senhor. Tem vergonha. Por isso a consignação.

— Vergonha de quê?

— De ter sonhado com amor. — Encolhi os ombros. — Por aqui, sonhar com amor é coisa de quem tem tempo sobrando.

O canto da boca dele subiu. Não era um sorriso; era a ideia de um sorriso, testada e descartada.

— E vocês não têm tempo.

— Nós temos turfa, senhor. A turfa não espera.

Ele girou o frasco devagar contra a luz das mariposas. O âmbar se enrolou sobre si mesmo, preguiçoso, lindo. Eu fiquei

olhando para a costura que ninguém mais via: três pontos de linha de osso, finos como cabelo, prendendo o casamento à dança e a dança ao perdão.

Linha de osso é cara, difícil de achar e a única coisa que eu conhecia capaz de enganar uma sonda de ferro. Eu comprava de um homem em Valmora que não fazia perguntas e cobrava como se fizesse.

Debaixo da mesa, Quill levantou a cabeça.

Ninguém mais vê o Quill. Testei isso de todos os jeitos quando era pequena, e depois parei de testar, porque a resposta era sempre a mesma e porque as pessoas começaram a me olhar daquele jeito.

É uma raposa feita de sombra, do tamanho de um gato grande, com olhos que são só dois buracos de noite mais funda e um rabo que nunca fica parado. Apareceu na semana em que minha mãe morreu e nunca mais foi embora. Não come, não late, não pesa nada quando deita em cima dos meus pés. Mas sabe das coisas antes de mim.

Naquela hora, o rabo dele parou.

— Posso provar o perfume? — perguntou o lorde, e já estava rompendo o lacre de cera com a unha antes que eu respondesse.

É permitido. Pela regra do Mercado, o comprador pode abrir a rolha e respirar uma vez antes de pagar: uma só, curta, o suficiente para ver o sonho de relance, como quem espia uma sala pela fresta da porta. Se respirar duas vezes, paga. Se respirar demais, o sonho começa a ser bebido ali mesmo, e a Corte de Cobre cobra o preço inteiro mais a multa. Os de Prata adoram andar em cima dessa linha.

Ele levou o gargalo ao rosto, fechou os olhos atrás da máscara e respirou.

Eu contei. Um. Dois.

E vi, no rosto dele, o exato momento em que o sonho tropeçou.

Não sei explicar como eu sei. Acho que é do mesmo jeito que uma costureira sabe que um ponto ficou torto mesmo do outro lado da sala. Uma contração mínima entre as sobrancelhas, que eu só via porque a máscara terminava ali. O sonho tinha virado a esquina do casamento para a dança cedo demais. Ou tarde demais. Alguma coisa.

Ele abriu os olhos. Eram prateados por inteiro, sem branco nenhum, como duas moedas.

— A noiva — disse ele, muito baixo — tem olhos castanhos debaixo das macieiras. E verdes quando dança.

Ah.

A pastora de Valmora tinha sonhado com uma noiva de olhos castanhos. O viúvo tinha dançado com uma esposa de olhos verdes. Eu tinha costurado os dois rostos um por cima do outro com todo o cuidado do mundo e esquecido, idiota, completamente idiota, de igualar os olhos.

Atrás de mim, a Viúva Odete parou de roncar. Não abriu o olho; ela nunca abria. Mas parou.

Dois corredores adiante, sob a lanterna maior, um dos escrivães de Cobre levantou a cabeça do livro de contratos. Eles têm ouvido para a palavra "fraude" como os cachorros têm para o barulho de um prato.

E eu fiz a única coisa que se pode fazer quando um ponto se solta na frente do cliente.

Ri.

Não muito alto. Um riso curto, de quem ouviu uma coisa engraçada e ficou com pena de quem disse.

— Desculpe, senhor. É que… — Balancei a cabeça, como se tivesse vergonha por ele. — O senhor nunca amou ninguém por muito tempo, não é?

A mão dele parou no ar, o frasco ainda aberto entre os dedos. Os feéricos não estão acostumados a ouvir perguntas. Muito menos perguntas com pena.

— Explique-se.

— Quando a gente ama uma pessoa por anos — eu disse, e fui inventando enquanto falava, com a mesma calma com que se costura no escuro —, ela não tem um rosto só. Tem todos os rostos que já teve. O da primeira vez que você viu, o do dia em que vocês brigaram, o da manhã em que ela acordou doente. Os olhos mudam porque a lembrança muda. Quem sonhou este sonho amou a mesma pessoa a vida inteira, senhor. Na cabeça dela, a noiva tem todos os olhos ao mesmo tempo.

Fiz uma pausa.

— Um amor de retrato teria olhos de uma cor só. O senhor pediu âmbar *do verdadeiro*.

Eu ouvia meu coração na boca. Mantive a voz exatamente onde estava.

O silêncio durou o tempo de uma mariposa bater três vezes contra o vidro da lanterna.

Então o lorde de Prata tampou o frasco.

— Todos os rostos ao mesmo tempo — repetiu, como quem prova uma palavra de outra língua.

— Todos, senhor.

— Isso é… — Ele procurou a palavra. Achei que ia dizer "mentira". — Isso é insuportável.

— É — concordei. — Por isso é caro.

E aí ele sorriu de verdade. Era muito pior do que a ideia de sorriso.

— Quanto?

Eu tinha pensado em pedir doze coroas. Era o preço justo de um âmbar médio, e o *Amor Eterno* era, para ser sincera, de segunda qualidade.

— Vinte coroas — eu disse. — E uma graça.

Atrás de mim, a Viúva Odete fez um barulho que podia ser tosse e podia ser riso.

— Que graça?

— Respirar sem tosse, de hoje até o próximo degelo. Para uma pessoa, à minha escolha.

O lorde inclinou a cabeça como um pássaro.

— Para você?

— Para quem eu escolher.

— Humanos — disse ele, para ninguém. — Sempre comprando o fôlego dos outros.

Mas tirou do manto uma bolsa de seda cinzenta e empilhou vinte moedas em cima da mesa, ao lado da caixa, em quatro torres de cinco. Não empurrou para mim. Pela regra do Mercado, o ouro só muda de bolso depois da etiqueta e da fiscalização; até lá, fica na mesa, onde todo mundo vê.

Olhei para as quatro torres e pensei em Rosalind, que tossia desde agosto.

— Etiqueta — disse ele.

Levantei a mão para o escrivão de Cobre, que ainda nos olhava, e ele veio arrastando os pés com aquele jeito de quem é pago por hora e odeia cada uma delas. Os escrivães de Cobre têm sardas cor de moeda velha e usam óculos redondos de que não precisam. O nosso se chamava Mestre Orrin e me conhecia havia seis anos, o que não significava que gostasse de mim.

— Consignação — eu disse.

— Resultado central? — perguntou Orrin, com a pena já molhada.

É a frase mais importante de qualquer venda. Um sonho é um caminho que ainda pode acontecer na vida de quem sonhou, e o escrivão escreve na etiqueta, numa frase só, aonde esse caminho leva. Quem assina perde aquele lugar para sempre. Quem vende *"ter uma casa com jardim"* nunca vai ter uma casa com jardim, e um dia esquece que quis.

Por isso os escrivães são cuidadosos com as palavras. E por isso eu sou mais.

— *"Ser amada pela mesma pessoa a vida inteira"* — ditei.

Orrin escreveu, com aquela letra redonda e bonita que não combinava com ele.



— Assine aqui, procuradora.

Assinei *pela consignante*, como sempre. A tinta não brilhou, porque não havia futuro nenhum ali para a magia agarrar.

Só então Orrin tirou da manga a tesourinha de prata.

O fio da Rainha.

Depois da assinatura, antes que o sonho troque de mão, a Corte de Cobre corta dele um fio de luz do comprimento de um dedo e o enrola num carretel de prata preso ao cinto do escrivão. É o tributo da Grã-Rainha de Sylvária, a Tecelã, que ninguém em Brumavale nunca viu e que todo mundo em Brumavale paga. Dizem que ela tece com esses fios, lá no centro do reino, numa torre que gira. Dizem muita coisa.

Orrin aproximou a tesoura do gargalo. A luz âmbar se esticou na direção da prata, como se quisesse ser cortada, e ele cortou. O fiapo se enrolou no carretel e se apagou entre os outros.

Nunca entendi por que aquele momento me dava aflição. Era só um fio.

Orrin já estava anotando a taxa do tributo no livro dele. Escrivão de Cobre ganha por venda registrada, não por sonho verdadeiro, e ninguém confere assinatura fora de uma auditoria. Se ele tivesse olhado, teria visto.

Foi quando Quill rosnou.

Um rosnado sem som, só o corpo de sombra se achatando contra a grama e os buracos dos olhos virados para a esquerda. Segui o olhar dele.

Ferro.

Os guardas da Corte de Ferro andam pelo Mercado em pares, de armadura escura e elmo fechado, e as pessoas abrem caminho para eles sem perceber que estão abrindo. Não é medo, exatamente. É o mesmo instinto que faz a gente se afastar de uma panela quente.

Os feéricos das outras cortes não gostam deles e, pelas costas, os chamam de cães de ferrugem. Os humanos não gostam porque eles são os únicos que conseguem tocar na Cerca. E eu não gostava porque eles carregavam as sondas.

Uma sonda é uma vara de ferro preto, fina e comprida como uma agulha de tricô gigante. O guarda encosta a ponta no vidro de um frasco escolhido ao acaso e espera. Num sonho verdadeiro, a luz lá dentro se encolhe, foge do ferro como a gente foge de um tapa. Num falso, não acontece nada, porque ali não há futuro para ter medo.

A não ser que o falso tenha sido costurado com linha de osso. Aí a luz se encolhe direitinho, por educação.

O par de guardas parou diante da nossa mesa. O mais alto ficou um passo atrás, de braços cruzados. O mais baixo, magro, com uma armadura que parecia grande demais para ele, estendeu a sonda.

— Fiscalização — disse. A voz saiu jovem demais de dentro do elmo. Um menino.

— Claro — eu disse, e dei um passo para o lado.

O lorde de Prata soltou um suspiro longo e ofendido, como se tivessem pisado na barra do manto dele.

— Cães de ferrugem — murmurou. — Até no meu âmbar.

O menino de ferro não respondeu. Antes de estender a vara, apertou o pulso esquerdo com a outra mão, de leve, como quem segura uma dor que já mora ali. Depois encostou a ponta da sonda no *Amor Eterno*, ainda na mão do lorde, porque essa é a regra: depois da etiqueta e antes de o ouro mudar de bolso, qualquer frasco pode ser testado.

A luz âmbar se encolheu contra o fundo do vidro. Perfeita. Educada. Linda.

E o menino de ferro se dobrou.

Foi rápido. Uma contração do corpo inteiro, como quem leva um soco na barriga, e um som pequeno dentro do elmo, meio arquejo, meio gemido. A mão que segurava a sonda abriu e fechou. Ele tinha tirado a luva para segurar a vara — os

guardas sempre tiram — e eu vi, à luz das mariposas, as costas daquela mão.

Havia alguma coisa errada com ela. Veias escuras demais, salientes demais, desenhando sob a pele um caminho cinza-chumbo que subia do pulso até os nós dos dedos e brilhava de leve, como metal molhado.

— Tobin — disse o guarda mais alto, só isso, e pôs a mão no ombro dele.

— Estou bem. — O menino endireitou o corpo e calçou a luva de novo, depressa demais. — Frio. O frio entra na mão.

Não estava frio. Era setembro, e a noite estava morna e grudenta como as que vêm antes de uma chuva.

— Aprovado — disse o guarda alto. Abriu o livro de Orrin na página da venda e bateu nele o sinete da fiscalização de Ferro: uma pequena grade preta ao lado da minha assinatura. Um carimbo. Uma coisa tão banal que ninguém na banca olhou duas vezes. Só depois o guarda ergueu o elmo na minha direção. Ou talvez não estivesse olhando para mim. É impossível saber para onde um elmo olha.

Seguiram para a banca seguinte. Fiquei olhando as costas do menino até ele sumir entre as lanternas, com uma sensação esquisita no estômago, como quando a gente sobe uma escada no escuro e encontra um degrau que não estava lá.

Frio, eu disse a mim mesma. *O frio entra na mão.*

— Tão sensíveis — disse o lorde de Prata, com desprezo, e guardou o *Amor Eterno* dentro do manto, contra o peito.

Depois empurrou as quatro torres de moedas na minha direção com a ponta de um dedo, tirou uma luva e encostou dois dedos na minha testa. A pele dele era fria e lisa como o lado de dentro de uma concha. Disse uma palavra que não era de nenhuma língua que eu conheça.

Senti alguma coisa morna escorrer da testa até o peito e se encolher ali, embaixo das costelas, como um gato achando lugar para dormir.

Uma graça. Fôlego até o degelo, guardado dentro de mim, esperando que eu o entregasse a alguém.

Eu já sabia a quem.

— Boa noite, procuradora — disse o lorde. — Talvez eu volte para comprar o resto dos rostos.

— Estaremos aqui, senhor.

Ele se foi. A Viúva Odete abriu o olho.

— Vinte coroas — disse ela, rouca. — E uma graça. Por um sonho de olho trocado.

— Você estava acordada.

— Eu sempre estou acordada, menina. Só não estou sempre interessada.

Ela estendeu a mão, e eu pus nela três coroas, a parte dela, e mais uma, porque tinha parado de roncar na hora certa. Odete mordeu cada moeda com os quatro dentes que ainda tinha, satisfeita.

— Você mente bonito — disse. — Igual à sua mãe.

— Minha mãe não mentia.

— Sua mãe mentia muito bem. Você é que não percebia, que era pequena.

Ela voltou a fechar o olho, e eu fiquei ali com o resto das moedas na mão, sem saber o que fazer com aquela frase.

Guardei as coroas na bolsa costurada por dentro da saia, contra a coxa, onde ninguém mete a mão sem eu sentir. E puxei, por hábito, a linha vermelha amarrada no meu pulso esquerdo.

É só uma linha de bordar, dessas que vendem em meada no armarinho. Amarrei ali dois anos atrás, no dia em que a Dona

Ilsa, da padaria, me disse que eu podia levar o pão de mel fiado em todas as noites de Mercado até as coisas melhorarem. As coisas não melhoraram. Eu continuo levando o pão.

E a linha continua ali, para eu lembrar que devo a ela vinte e sete pães e dois anos de paciência, e que essa dívida eu vou pagar até a última migalha.

Engano lordes feéricos por profissão. Mas tem promessas que a gente não engana.

A noite andou.

Vendi o *Verão de Rico* para uma dama de Cobre que riu o tempo inteiro e pagou sem provar. Vendi *Vingança Leve, Sem Sangue* para um feérico de Ouro tão jovem que ainda tinha sardas, e que corou quando perguntei se queria embrulho. O dinheiro dos dois eu nem cheguei a contar: foi inteiro para a lata da Odete, que naquele mês cobrava adiantado o aluguel da banca. Ninguém mais tropeçou. Ninguém mais trocou de olhos. A sonda de ferro passou mais uma vez, outro par, outra banca, e eu não olhei para as mãos dos guardas.

Não olhei de propósito.

Entre um cliente e outro, eu fazia o que sempre faço: olhava as outras bancas.

Não é curiosidade. Bom, não é só curiosidade. É que eu não consigo parar de ver. Toda noite de Mercado, alguém de Brumavale senta diante de uma mesa de Cobre e vende um futuro. E toda vez eu vejo, e toda vez eu lembro. Não porque eu tenha algum dom. Só porque presto atenção, e a atenção, uma vez dada, não tem como pedir de volta.

Lembro da Greta Hollow, que vendeu *"aprender a tocar violino"* aos dezesseis anos para pagar o enterro do avô, e que hoje passa na frente da casa do professor de música sem nem virar a cabeça.

Lembro do Mathias Brenn, que vendeu *"abrir uma padaria própria"* e trabalha até hoje para a Dona Ilsa, amassando o pão dos outros com as mãos que um dia sonharam com o próprio forno.

Lembro do menino Nico, de nove anos, que vendeu *"ver o mar"* por três meses de comida para a família, e que hoje é um rapaz que não entende por que todo mundo fala do mar com aquela cara.

Lembro do meu pai. De todas as vezes.

Nunca vendi um sonho meu. Nunca. Nem um. Costuro os dos outros, os restos, a borra, os ecos. Os meus eu guardo.

Não sei bem o que tem neles — a gente nunca sabe direito o que tem nos próprios sonhos, só acorda com a sensação —, mas são meus, e enquanto forem meus eu ainda posso querer coisas. Uma casa com janela grande. Um ateliê com o meu nome na porta. Uma vida que não dependa de olho trocado e linha de osso. Ver o mar, por que não.

Querer coisas é o que me separa do meu pai. É a única coisa que me separa.

Lá pela metade da noite, quando a lua estava a pino e as mariposas já tinham começado a se cansar dentro das lanternas, a música começou do lado do Bosque: os três irmãos Tarrow afinando rabeca, gaita e tambor, que é como o Mercado avisa que entrou na sua segunda metade.

Tirei os sapatos debaixo da mesa — sempre tiro, o chão fica morno com tanta gente andando — e mexi os dedos na grama, já pensando na hora em que a música ficasse rápida o bastante para eu fugir da banca e dançar sozinha na beira da clareira, onde ninguém olha. É a melhor parte de qualquer noite. A única hora em que não estou fazendo contas.

Foi aí que eu a vi.

Uma mulher de xale marrom, magra do jeito que as pessoas ficam quando dão a comida delas para outra pessoa, atravessando o corredor das bancas com uma criança dormindo no colo. Um menino de uns três anos, com o rosto vermelho de sono e um punhado do cabelo da mãe preso na mão fechada, como quem segura a corda de um balão.

Eu a conhecia de vista: Hanna, viúva do moleiro que morreu no inverno passado. Morava no fim da Rua dos Tecelões, na casa de porta azul descascada.

Ela não vinha para a nossa banca. Ia para a grande, a de toldo verde, a única do Mercado com cadeiras de verdade para os clientes.

A banca de Garrick Fenn.

Fenn é o que a gente chama de atravessador. Compra sonhos dos desesperados por quase nada, guarda, espera o preço subir e revende aos feéricos pelo triplo. Tem a casa mais bonita de Brumavale, com vidro em todas as janelas, e um sorriso de quem já fez as contas da sua vida inteira antes de você terminar de dizer boa-noite.

Hanna parou diante dele. Ajeitou o menino no colo. Eu a vi respirar fundo, uma vez, duas, como quem toma coragem para entrar num rio gelado.

E a voz dela atravessou o corredor, alta demais, porque a música tinha parado entre uma canção e outra e o Mercado inteiro tinha ficado, por um segundo, em silêncio:

— Quanto vale ver ele crescer?

CAPÍTULO DOIS

Quanto Vale Ver Ele Crescer



Garrick Fenn não respondeu de imediato. Ele nunca responde de imediato. Primeiro sorri, depois olha, e só então fala, e quando fala você já sabe que perdeu, só não sabe ainda quanto.

Olhou para Hanna. Olhou para o menino. Demorou-se no menino, no punho fechado em volta do cabelo da mãe, nas bochechas vermelhas de sono, como um alfaiate tirando medidas.

— Depende, senhora Hanna — disse por fim, com aquela voz macia de quem nunca precisou gritar. — Depende de quanto ele vai crescer.

Dois homens que esperavam na fila atrás dela riram. Um deles parou de rir quando viu que ela não ria.

Eu já estava de pé.

Não lembro de ter decidido levantar. Lembro de Quill passando entre os meus tornozelos como uma corrente de ar frio e da grama úmida debaixo dos meus pés descalços, e de pensar, com toda a clareza do mundo: *Não se meta, Aveline. Você tem quatro motivos para não se meter, e todos têm nome.* Rosalind.

O xarope de casca-de-prata. A linha de osso que acabou. O lote de Fenn, que ele ia buscar comigo na noite seguinte.

Peguei a caixa de veludo azul e fui mesmo assim.

A banca de Fenn é a única do Mercado que parece uma sala. Toldo verde-escuro com franja dourada, tapete no chão, duas cadeiras estofadas para os vendedores e um balcão de madeira encerada onde ficam as balanças. Fenn tem escrivão de Cobre próprio, um rapaz pálido chamado Pell que trabalha só para ele e que, dizem, já foi de outra banca até Fenn comprar o contrato dele. Tudo em Fenn é comprado. Até o silêncio das pessoas que trabalham para ele.

Hanna tinha sentado numa das cadeiras estofadas. Segurava o menino com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Duas coroas — dizia Fenn. — E eu esqueço os juros do moinho deste mês.

— O senhor disse na semana passada que…

— Na semana passada a senhora não estava aqui, sentada na minha frente, com o sonho na mão. — Ele abriu as mãos, simpático. — Sonho de mãe é dos que mais aparecem no Mercado, senhora Hanna. Toda mãe sonha. Os feéricos de Ouro compram, sim, mas compram com preguiça. Eu ainda vou ter de guardar esse frasco seis meses até o preço subir. Duas coroas é generoso.

O frasco estava em cima do balcão. Eu não sabia que ela já tinha trazido o sonho engarrafado. Alguém tinha feito isso por ela: um desses colhedores que vão de casa em casa com a campânula de vidro, sentam ao lado da cama de quem dorme e esperam o sonho subir. Cobram uma moeda de cobre e não perguntam o que estão colhendo.

Ali estava. Rosa. O rosa mais bonito que eu já tinha visto num frasco, quase branco de tão claro, mexendo-se lá dentro com a lentidão de uma criança que dorme. Na etiqueta, ainda em branco, faltava só a frase.

E a assinatura.

— Pell — disse Fenn. — Escreva. *"Ver o filho Teo crescer."*

O rapaz molhou a pena.

Pensei em todas as formas como a magia podia fechar aquele caminho. Ninguém sabe como ela fecha. Ninguém nunca soube. Só se sabe que fecha. Às vezes a pessoa adoece. Às vezes vai embora. Às vezes outra pessoa vai. Às vezes é um acidente bobo no rio numa tarde de verão.

Hanna estava vendendo a chance de ver os próximos quinze anos do próprio filho. E ninguém sabia como a magia ia tirar isso dela.

— Senhor Fenn! — eu disse, alto, num tom alegre de quem acabou de achar uma moeda na rua. — Que sorte. Eu estava procurando a senhora Hanna pelo Mercado inteiro.

Fenn virou a cabeça devagar, como uma coruja.

— Lark.

— Boa noite. — Sorri para Hanna, que me olhou como se eu tivesse dois narizes. — A senhora esqueceu de passar na banca da Viúva Odete para fechar a consignação. A gente ficou esperando.

— Que consignação? — disse Hanna.

Eu não olhei para ela. Se olhasse, ela ia ver no meu rosto que eu estava inventando, e o rosto dela ia contar para o Fenn.

— A de ontem, senhora. O contrato de preferência. — Abri a caixa de veludo e tirei, de baixo dos frascos, a pasta de couro onde guardo os formulários. Eu sempre tenho formulários. Uma procuradora sem formulário em branco é só uma moça

com uma caixa. — A senhora assinou com a Odete, lembra? Pela preferência, qualquer sonho seu de mãe passa primeiro pela nossa banca, para avaliação. Se a gente não cobrir a oferta, aí a senhora está livre.

Coloquei o papel em cima do balcão de Fenn, ao lado do frasco cor-de-rosa.

Era um contrato de preferência da Corte de Cobre, papel bom, timbre verdadeiro, roubado de um maço que o próprio Orrin deixou cair no ano passado. Embaixo, numa letra trêmula de velha, a marca da Viúva Odete — que eu imitava melhor do que ela, porque ela tinha catarata e eu não. E, no lugar da vendedora, um "H" e um risco, do jeito que assina quem não sabe escrever.

O formulário já estava pronto havia meses, com o timbre e a marca da Odete, esperando uma emergência. Nos doze passos da nossa banca até a dele, eu só tinha preenchido o "H" e o risco, com a pena que levo enfiada no cabelo e o tinteiro de bolso que nunca derramou, porque eu nunca deixo derramar. Contrato de preferência é papel de cartório, não de magia: não transfere sonho nenhum, não brilha, não pede nada além de tinta e coragem.

Fenn pegou o papel. Olhou. Passou para Pell, que olhou mais devagar, aproximou da lanterna, cheirou a tinta.

— Isto está molhado — disse Pell.

— O orvalho — eu disse. — Foi uma noite úmida.

Fenn ergueu os olhos para mim. Eram olhos castanhos comuns, de homem comum. Às vezes eu acho que é isso que mais me assusta nele. Não há nada de feérico em Garrick Fenn. Tudo o que ele faz, faz com as mãos de um homem de Brumavale.

— A senhora Hanna não sabe escrever — disse ele.

— Por isso o "H" e o risco.

— Ela não lembra de ter assinado.

— Ela estava muito nervosa ontem. — Virei-me para Hanna, finalmente. Olhei bem dentro dos olhos dela. — Não estava, senhora?

O menino escolheu esse momento para acordar.

Abriu os olhos, piscou para as lanternas, para o toldo, para o homem simpático do outro lado do balcão. Depois viu a minha mão apoiada perto dele e, com a determinação absoluta de quem tem três anos, largou o cabelo da mãe e agarrou a linha vermelha do meu pulso.

E riu. Um riso alto, molhado, sem motivo nenhum.

Hanna olhou para o filho rindo. Olhou para o frasco rosa. Olhou para mim.

— Estava — disse ela, com a voz rachada. — Eu estava muito nervosa.

A música dos irmãos Tarrow recomeçou. Fenn deixou passar um refrão inteiro antes de responder. Encostou o polegar na tinta do "H". Quando afastou o dedo, havia uma mancha preta na sua pele. Ele olhou para mim, não para Hanna, e sorriu. Na hora eu devia ter entendido: não estava me dando razão. Estava decidindo quanto custaria me deixar sair dali.

— Preferência é preferência — disse. — A lei é a lei. Pell, guarde a pena.

Eu soltei o ar devagar, pelo nariz, para ninguém ver.

— Obrigada, senhor Fenn.

— Ah, não me agradeça, Lark. — Ele se recostou na cadeira. — Amanhã é a segunda noite. Você me traz o lote.

— Seis frascos, como sempre.

— Doze.

Senti o chão mudar debaixo dos pés.

— O combinado eram seis.

— O combinado — disse Fenn, sem levantar a voz — era você não pisar no meu tapete. Doze frascos. Pelo preço de seis. E todos de primeira, nada de olhos trocados. — Ele inclinou a cabeça. — Sim, eu ouvi. O Mercado inteiro ouviu, menina. Você mente muito bem para lorde de Prata. Mas eu não sou lorde de Prata.

Doze frascos em um dia. Eu levo dois dias para fazer seis direito. E os três que ainda sobravam na minha caixa já eram da Odete, prometidos para a banca nas duas noites seguintes; não contavam.

Com o Fenn era sempre assim: lote. Doze frascos, uma folha numerada, uma assinatura só, no fim. Era o jeito mais rápido de vender sonhos, e o mais fácil de não perceber o que se estava assinando.

— E se eu não trouxer?

— Aí eu procuro outra procuradora. E talvez — ele pegou o frasco cor-de-rosa e o virou contra a luz, fingindo admirá-lo — talvez eu pergunte à Viúva Odete, com toda a educação, desde quando ela faz contrato de preferência. Ela é velha. Esquece as coisas. Mas às vezes lembra.

Não respondi. Não havia nada para responder.

— Seu frasco, senhora Hanna — disse ele, e empurrou o rosa por cima do balcão até ela. — Volte quando a preferência vencer.

Hanna pegou o frasco com as duas mãos, sem soltar o menino, e eu a tirei dali antes que ela desmaiasse em cima do tapete do Fenn.

Andamos até a beira do Mercado, longe das lanternas, onde a grama ficava alta e molhada e começava a escuridão que vai

até a Cerca. Ela andava rápido, quase correndo, e eu atrás, com a caixa de veludo batendo contra o quadril. Quando paramos, ela se virou para mim com uma cara que eu não esperava.

Raiva.

— Você acha que me salvou? — sussurrou. Era o tipo de sussurro que é pior do que grito. — É isso que você acha?

— Eu acho que a senhora ia vender os próximos quinze anos do seu filho por duas coroas.

— Eu ia vender por duas coroas e um mês sem juros! — Os olhos dela encheram d'água. — O moinho é dele, entende? Meu marido pegou dinheiro com o Fenn para consertar a roda e morreu antes de pagar. Se eu não pagar os juros, ele fica com o moinho. Se ele ficar com o moinho, eu fico na rua. Com ele. — Apertou o menino, que tinha voltado a dormir com a minha linha vermelha ainda presa entre os dedos. — Na rua no inverno, com ele. Você sabe o que é isso?

Eu sabia o que era. Não da rua. Mas do inverno.

— Quanto são os juros?

Ela me disse.

Era quase tudo o que eu tinha ganhado naquela noite. O dinheiro do xarope de Rosalind. O da linha de osso que eu ia encomendar em Valmora. O das velas, porque eu ia precisar de muitas velas para fazer doze frascos.

Coloquei a mão por dentro da saia, na bolsa costurada contra a coxa, e contei doze coroas na palma dela. Uma por uma, como o lorde de Prata tinha contado para mim. As moedas ainda estavam frias.

Hanna olhou para o dinheiro sem entender.

— Paga os juros com isso — eu disse. — Na lua que vem, a senhora decide o que quer fazer. Eu só comprei tempo.

— E na outra?

— A gente pensa na outra.

— E depois?

Não respondi. Não tinha resposta. Esse é o problema de ajudar alguém: não tem última página. Você nunca sabe como termina. Só sabe que vai ter de continuar ajudando, ou parar, e as duas coisas são horríveis.

Hanna fechou a mão em volta das moedas. Não agradeceu. Eu não queria que agradecesse; não ia saber o que fazer com isso. Ela só ficou um tempo me olhando, com o filho no colo e o sonho dele no bolso do xale, e depois disse uma coisa que eu ia lembrar por muito tempo:

— Você não tem cara de quem tem doze coroas sobrando.

— Não tenho — eu disse. — E a senhora não tinha cara de quem queria estar naquela banca. Nós duas estamos fingindo esta noite.

Ela quase sorriu. Depois desprendeu, com cuidado, os dedinhos do menino da minha linha vermelha, e foi embora pela trilha que contorna o Mercado até a estrada da vila, sem olhar para trás.

Eu fiquei ali no escuro, descalça, com quatro coroas na bolsa e um lote de doze frascos para entregar em menos de um dia.

Quill sentou ao meu lado e enrolou o rabo em volta das patas, como faz quando acha que eu fiz uma besteira.

— Eu sei — eu disse para ele.

Voltei para a banca. A Viúva Odete estava acordada, com o olho aberto e as mãos cruzadas sobre a barriga, me esperando como se eu fosse uma filha que chegou tarde de uma festa.

— Contrato de preferência — disse ela.

— Desculpa. Usei o seu nome.

— Usou bem. A letra está melhor que a minha. — Ela riu, aquele riso de quatro dentes. — Você vai morrer pobre, sabia?

— Já nasci pobre. Assim eu economizo a viagem.

Ela riu mais alto. Depois parou e me olhou de um jeito sério que não combinava com ela.

— O Fenn não esquece, menina.

— Eu sei.

— Doze frascos.

— Eu sei, Odete.

Ela suspirou, fechou o olho e, antes de voltar a roncar, disse:

— Então vai dançar logo, que amanhã você não vai ter tempo.

A música dos irmãos Tarrow já estava rápida. Era a hora.

Existe um pedaço da clareira, do lado da Cerca, que fica no meio do caminho entre a luz das lanternas e o escuro de verdade. Ninguém monta banca ali porque a grama é cheia de buracos de toupeira, e os feéricos não vão porque fica perto demais do ferro. É o meu pedaço. Eu vou para lá toda noite de Mercado, quando a rabeca de Jem Tarrow começa a correr mais rápido que a gaita dos irmãos dele, e danço sozinha.

Não sei dançar. Quero deixar isso claro. Com par, então, sou um desastre: piso no pé dos outros, conduzo quando era para ser conduzida, esqueço de que lado é a volta. Marisol tentou me ensinar no casamento dela e acabou com o dedão roxo. Mas sozinha, no escuro, sem ninguém olhando, eu não preciso saber. Só preciso que a música seja rápida e o chão seja macio.

Joguei a cabeça para trás. Girei.

A grama estava molhada e fria entre os dedos. O céu estava aberto e cheio, e a lua parecia tão perto que dava vontade de pôr a mão. Atrás de mim, o Mercado era um rio de luz âmbar e rosa e azul-claro, e a música vinha dele em ondas, e eu girei de novo, e de novo, e esqueci o Fenn, e esqueci os doze frascos, e esqueci as quatro coroas, e esqueci o "e depois?" de Hanna.

Quill corria em volta de mim em círculos, uma mancha de sombra na grama prateada, pulando quando eu pulava. Às vezes eu acho que ele gosta mais dessa parte da noite do que eu.

Por três canções inteiras, eu não fiz contas. Entre uma e outra, uma melodia mais fina pareceu vir do Bosque, por baixo da rabeca e da gaita. Olhei para Jem Tarrow; ele tocava outra coisa. Ninguém ao meu redor levantou a cabeça. Quando parei para ouvir melhor, já tinha sumido.

E foi na terceira, no meio de uma volta, que eu vi.

Lá na Cerca, onde as grades pretas se juntavam com a escuridão do Bosque, havia alguém parado. Do lado de lá. Alto, quieto, sem elmo, com o rosto todo em sombra. Uma das mãos estava apoiada na grade de ferro.

Apoiada. Encostada. Nua, sem luva, sobre o ferro, com a calma de quem descansa a mão no parapeito de uma janela.

Nenhum feérico faz isso. Nenhum. O ferro queima, enfraquece, adoece. Já vi um feérico de Cobre esbarrar na Cerca sem querer e sair com o braço em carne viva.

A não ser os de Ferro.

Uma lanterna perdida, levada pelo vento do lado do Bosque, passou por trás dele naquele instante. E, por um segundo, só um, os olhos dele refletiram a luz como dois discos de prata.

Estavam olhando para mim.

Tropecei no buraco de uma toupeira e quase caí. Quando me endireitei, com o coração aos pulos e a saia cheia de grama, olhei de novo para a Cerca.

Não havia ninguém.

Só as grades. E, presos nelas, os sininhos das mães de Brumavale, tilintando de leve com o vento.

— Era um guarda — eu disse a Quill, ofegante. — Só um guarda, fiscalizando.

Quill não respondeu, porque nunca responde. Mas ficou olhando para o mesmo lugar por um bom tempo, com o rabo parado.

Não dancei a quarta canção.

O primeiro galo cantou quando o céu ainda estava roxo, e o Mercado morreu do jeito de sempre: de uma vez. As lanternas se apagaram em fila, como alguém soprando velas num bolo comprido. Os feéricos sumiram para dentro do Bosque sem se despedir. Os escrivães de Cobre fecharam os livros com um baque seco, enrolaram os carretéis de prata cheios de fio da Rainha e jogaram os frascos vazios da noite no monte de sempre, atrás dos balcões.

Comprei o monte por três moedas de cobre, como sempre. Mestre Orrin me olhou por cima dos óculos inúteis enquanto eu enchia o saco de juta.

— Você é a única pessoa em Brumavale que compra vidro vazio, Lark.

— Faço lanterninhas para vender na feira de inverno.

— Faz muitas lanternas.

— O inverno é comprido.

Ele resmungou alguma coisa e foi embora. Eu fiquei ali, com o saco tilintando no ombro, sentindo o peso de cada frasco vazio. Cada um com um pouco de borra no fundo. Cada borra um pedaço do futuro de alguém que já tinha sido bebido e que nunca mais ia acontecer.

Doze frascos. Eu ia precisar de muita borra.

Passei na padaria da Dona Ilsa quando ela ainda estava abrindo as janelas. O cheiro de pão de mel saía pela rua inteira

e se misturava com a neblina, que em Brumavale nunca vai embora de verdade, só fica mais fina ou mais grossa.

— Dois? — perguntou ela, já embrulhando.

— Dois.

— Na conta?

— Na conta.

Ela fez dois risquinhos a carvão no batente da porta, ao lado de todos os outros, e me entregou o pacote quente.

— Vinte e nove — disse.

Puxei a linha vermelha do pulso. Vinte e nove.

— Um dia eu pago todos de uma vez, Dona Ilsa.

— Eu sei que paga, menina. Vai, que sua irmã acorda com fome.

Fui. A rua dos relojoeiros fica na parte baixa da vila, onde a neblina é mais grossa e as casas são mais velhas, de pedra escura com telhado de ardósia. A nossa é a última antes do riacho. Em cima da porta, a placa de madeira que minha mãe pintou quando eu tinha seis anos ainda dizia, com as letras meio apagadas: RELOJOARIA LARK — CONSERTAMOS O TEMPO.

Ela achava aquilo engraçado. Eu também achava, quando era pequena.

A luz da oficina já estava acesa. Meu pai trabalhava desde antes do galo. Ele sempre trabalhava desde antes do galo. Não porque precisasse, não porque quisesse. Só porque era o que ele fazia, e ele fazia o que fazia, sem escolher.

E, pela janela de cima, a janela do quarto que eu dividia com a minha irmã, veio o som que eu tinha passado a noite inteira tentando não ouvir na minha cabeça.

Rosalind tossindo.

Toquei o peito, logo abaixo das costelas, onde a graça do lorde de Prata dormia enrolada como um gato.

Pelo menos isso, pensei. Pelo menos isso eu trouxe.

E entrei.

CAPÍTULO TRÊS

Pão de Mel



A OFICINA DO meu pai tem cento e catorze relógios, e todos marcam a mesma hora.

Quando minha mãe era viva, não era assim. Cada relógio da parede andava do seu jeito: o carrilhão grande atrasava quatro minutos, o cuco da janela adiantava dois, o de mármore preto que tinha sido do avô dela parava toda vez que chovia e só voltava quando alguém batia de leve no vidro e pedia por favor. Ela não deixava meu pai acertar nenhum.

— A casa precisa de conversa — dizia. — Se todo mundo concordar o tempo todo, ninguém aqui vai ter nada para contar.

Então, às seis da tarde, a casa inteira batia as horas devagar, um relógio depois do outro, durante quase dez minutos, como um coro desafinado de gente discutindo. Eu e Rosalind contávamos as badaladas deitadas no chão da oficina e apostávamos qual ia ser o último. Quase sempre era o de mármore preto. Ele gostava de ter a palavra final.

Agora os cento e catorze relógios batem juntos. Todas as badaladas em uníssono, enormes, perfeitas, e depois silêncio.

Meu pai acertou todos na semana em que ficou cinzento. Ninguém pediu. Ele simplesmente acordou um dia, sentou na bancada e foi acertando, um por um, até o fim da tarde. Quando terminou, olhou para a parede e não disse nada. Não estava satisfeito. Não estava triste. Só tinha terminado.

— Bom dia, pai — eu disse, fechando a porta com o pé, o saco de vidros vazios tilintando nas costas.

— Bom dia, Aveline.

Ele não levantou os olhos. Estava com a lupa presa no olho direito, debruçado sobre um relógio de bolso aberto como uma ostra, mexendo nas engrenagens com uma pinça tão fina que parecia um cílio. As mãos dele continuavam perfeitas. Essa é a coisa mais cruel nos cinzentos: eles não perdem o talento. Perdem só a vontade de usá-lo para alguma coisa.

Jonas Lark era o melhor relojoeiro de Brumavale, talvez da fronteira inteira. Gente de Valmora mandava relógios para ele consertar pelo correio. E ele consertava cada um com o mesmo cuidado, a mesma precisão, a mesma total indiferença. Se eu ou Rosalind não cobrássemos, ele entregava o relógio consertado de graça. Não por generosidade. O preço simplesmente não lhe ocorria.

A pele dele tinha a cor de cinza de lareira, dessas que ficam no fundo depois que o fogo apaga. O cabelo, que já foi castanho-avermelhado como o meu, era agora da cor de jornal velho. E os olhos — os olhos eram a pior parte. Já foram verdes. Agora eram da cor da água de chuva que fica parada no balde do quintal: transparentes, limpos, sem nada dentro.

— Trouxe pão de mel — eu disse.

— Obrigado.

— Quer agora?

— Tanto faz.

Deixei um pedaço num prato ao lado dele. Ele ia comer, eu sabia. Mais tarde, quando o relógio terminasse, ia ver o prato e comer, mastigando com cuidado, e ia deixar o prato limpo. Não porque gostasse. Porque estava ali.

Antes de subir, parei um segundo para olhar o que ele fazia. Ele tinha terminado o conserto e agora gravava, com um buril do tamanho de um alfinete, a marca dele na tampa de dentro do relógio. O nome abreviado, *J. Lark*, e embaixo dele uma andorinha pequenininha, de asas abertas. Meu pai grava essa andorinha em todo relógio que passa pela mão dele desde antes de eu nascer. Minha mãe que desenhou. Disse que andorinha sempre volta para casa.

Ele continuou gravando a andorinha depois que ficou cinzento. Faz isso até hoje, todo dia. Não sabe mais por quê.

Subi a escada de dois em dois degraus.

Nosso quarto fica no sótão, debaixo do telhado inclinado, e é tão baixo nas pontas que eu bato a cabeça pelo menos uma vez por semana. Tem duas camas, um baú, uma janela redonda que dá para o riacho e uma mesa de costura que é minha e onde ninguém mexe. Em cima da mesa, uma toalha xadrez. Embaixo da toalha, o meu trabalho de verdade.

Rosalind estava sentada na cama, enrolada em três cobertores, com uma prancheta no colo e uma vela quase no fim espetada no castiçal ao lado. Copiava alguma coisa. Ela sempre copia alguma coisa.

— Você chegou cheirando a mel — disse, sem levantar a cabeça. — Me diz que não é o que eu estou pensando.

— Bom dia para você também.

— Aveline.

— É pão.

— É pão *de mel*.

— É um pão — eu disse, sentando na beira da cama dela e desembrulhando o pacote — que por acaso tem mel.

Ela levantou os olhos.

Rosalind tem dezenove anos e o rosto da nossa mãe, tão igual que às vezes eu tenho de olhar para o outro lado. Cabelo escuro, liso, que ela usa preso numa trança torta porque diz que não tem tempo para trança direita. Sardas no nariz. E olhos castanhos que não deixam passar nada. Desde pequena foi assim. Eu sou a que mente bem; ela é a que percebe.

— A gente combinou — disse ela — que ia economizar para o xarope.

— O xarope está garantido.

— Garantido com o quê?

— Com o meu trabalho. — Parti o pão no meio e estendi a metade maior. — Come.

— Não muda de assunto.

— Não estou mudando. O assunto é pão.

— O assunto é que você gasta dinheiro que a gente não tem com coisa que a gente não precisa.

— Foi fiado.

— Fiado — disse Rosalind, com a voz de quem explica algo a uma criança de cinco anos — é gastar com prazo.

— Então eu gastei com prazo.

— Você vai dever a vida inteira para a Dona Ilsa.

— Tem coisa pior para dever a vida inteira.

— Aveline, ela tem o batente da porta inteiro riscado com a sua conta. Um dia vai ter de derrubar a parede para caber.

— Aí eu pago a parede também.

Ela abriu a boca para responder. Fechou. Abriu de novo. E então aconteceu o que sempre acontece com a gente, desde que ela aprendeu a falar: o canto da boca dela tremeu, e ela tentou

segurar, e não conseguiu, e começou a rir. E eu comecei a rir porque ela estava rindo, e ela riu mais porque eu estava rindo, e de repente estávamos as duas dobradas em cima da cama, com farelo de pão de mel nos cobertores, rindo de uma parede imaginária derrubada por causa de vinte e nove pães.

O riso acabou como sempre acaba com ela. Na tosse.

Primeiro uma, pequena, que ela tentou engolir. Depois outra. Depois aquela tosse funda, molhada, que vem lá de baixo do peito e dobra o corpo inteiro para a frente, e que não para quando a gente quer. Rosalind se encolheu sobre a prancheta, uma mão na boca, a outra agarrada ao cobertor. Eu esperei. Não se deve bater nas costas, o boticário disse. Só esperar, e deixar o ar voltar sozinho.

Contei até vinte e três antes de o ar voltar.

— Desde agosto — eu disse, quando ela endireitou o corpo, de olhos molhados.

— Já passa.

— Não está passando.

— O xarope…

— O xarope não está ajudando. — Peguei a mão dela. Estava fria. Ela está sempre fria. — Fecha os olhos.

— Por quê?

— Porque eu mandei.

— Você não manda em mim, eu tenho dezenove anos.

— Rosa. Fecha os olhos.

Ela me olhou desconfiada mais um segundo. Depois fechou.

Eu nunca tinha passado uma graça adiante. Sabia como era, em teoria. Todo mundo em Brumavale sabe; é a primeira coisa que as crianças aprendem sobre os feéricos, antes até de aprender sobre o ferro. Você coloca a mão onde a pessoa precisa, pensa no nome dela e solta.

Pus a palma da mão no peito de Rosalind, bem no meio, onde a tosse nascia. Pensei no nome dela. *Rosalind Lark.* Pensei nela pequena, de camisola, contando badaladas no chão da oficina. Pensei nela agora, com a trança torta e a prancheta no colo.

E soltei.

Senti a coisa morna embaixo das minhas costelas acordar, se espreguiçar e escorrer pelo meu braço como água de banho, até a palma da mão. E sair.

Rosalind inspirou.

Foi uma inspiração longa, funda, inteira, como eu não ouvia desde o verão. O peito dela subiu debaixo da minha mão e desceu, devagar, sem chiado nenhum, sem aquele barulho de folha seca que tinha virado o som de fundo da nossa casa. Ela abriu os olhos, assustada. Inspirou de novo. E de novo.

— O que você fez? — sussurrou.

— Respirar sem tosse. Até o degelo.

— Uma graça. — Ela segurou meu pulso. — Isso é uma graça feérica. Aveline, isso custa…

— Eu sei quanto custa.

— Com que dinheiro?

— Um cliente generoso.

— Ninguém é generoso no Mercado.

— Esse era. — Sorri. — Um lorde de Prata. Gostou tanto de um sonho da Odete que deu gorjeta.

Era quase verdade. Eu acho que é por isso que eu minto bem: quase sempre é quase verdade.

Rosalind ficou me olhando, com a mão ainda no meu pulso e aqueles olhos de quem não deixa passar nada. Eu sustentei o olhar. Depois de um tempo, ela soltou.

— Um inverno inteiro? — perguntou, mais baixo.

— Até o degelo.

Ela respirou de novo, só para sentir. Vi nos olhos dela o que aquilo significava. Um inverno sem acordar à noite sufocando. Sem a dor nas costelas de tanto tossir. Sem o cobertor a mais, o xarope a mais, a vela a mais.

— Você podia ter me avisado antes — disse.

— Que ia conseguir?

— Que ia pôr uma graça em mim. — Ela apertou de leve meu pulso. — Eu teria dito sim, Avie. Queria só que tivesse perguntado.

Eu tinha uma resposta pronta, sobre a tosse e o boticário e o quanto ela precisava respirar. Não dei. Em vez disso, alisei uma dobra do cobertor que não precisava ser alisada.

— Obrigada — disse ela, e a voz falhou no meio.

— Come o pão — eu disse. — Antes que esfrie e a gente tenha desperdiçado dinheiro fiado.

Ela riu de novo, e dessa vez não tossiu. Levantou a mão entre nós e abriu e fechou os dedos duas vezes: o sinal que a gente inventou pequenas, na missa da colheita, para dizer *eu sei, eu sei, depois a gente conversa* sem o padre ouvir. Respondi com a mesma mão. Era mais fácil fazer aquilo do que dizer o que eu estava pensando.

Descemos para o café juntas. Rosalind tinha de estar no cartório de Cobre às oito; trabalha lá como copista desde os dezesseis, passando a limpo contratos de venda de sonhos com aquela letra miúda e perfeita que ela tem. Ganha pouco. Mas é a única de nós duas que ganha a vida sem precisar inventar uma profissão.

Meu pai já estava à mesa da cozinha. Sentado na mesma cadeira de sempre, na mesma posição de sempre, com as mãos espalmadas na madeira ao lado do prato vazio, esperando. Ele

não começa a comer sozinho. Não por educação. Só não lhe ocorre.

Rosalind cortou o pão de mel que restava, passou manteiga e pôs no prato dele.

— Pão de mel, pai. A Aveline trouxe.

— Obrigado.

Ele comeu. Pequenas mordidas, mastigadas o mesmo número de vezes. Eu esquentei o leite. Rosalind serviu. A cozinha tinha cheiro de mel, de manteiga e da turfa que estalava no fogão, e a janela estava embaçada da neblina, e por um momento, só por um momento, parecia uma manhã qualquer de uma família qualquer.

Foi por isso que eu perguntei. Eu sempre pergunto, quando as manhãs parecem normais. É uma coisa estúpida de fazer. Faço mesmo assim.

— Pai — eu disse —, amanhã é domingo. O que o senhor quer fazer?

Ele terminou de mastigar. Engoliu. Limpou a boca com o guardanapo, dobrou o guardanapo em quatro, como sempre.

— Tanto faz — disse.

O riso que ainda restava na cozinha foi embora pela janela embaçada.

Rosalind olhou para o prato. Eu olhei para o leite. O fogão estalou. Lá na oficina, os cento e catorze relógios deram sete badaladas de uma vez. Nenhum se atrasou o bastante para responder ao outro.

— Podia ir até o riacho — eu disse. — Pescar, como antes.

— Pode ser.

— Ou ler. O senhor gostava de ler no domingo.

— Pode ser.

— Ou nada. Pode não fazer nada.

— Pode ser.

Parei de perguntar.

As pessoas de Valmora acham que cinzento é doença, que se trata com chá e ar puro. Não é doença. É só não querer mais nada, nunca mais.

Meu pai começou a vender quando minha mãe adoeceu. Eu tinha doze anos. Ela teve a febre de inverno, a que volta a cada cinco invernos e sempre deixa casas de luto, e o boticário disse que só uma graça feérica salvaria. Uma graça forte. Das caras.

Ele vendeu primeiro *"abrir uma relojoaria em Valmora"*. Depois *"ensinar o ofício às filhas"*. Depois *"dançar com Elena nas bodas de prata"*.

Depois, quando nenhum desses bastou, vendeu o maior de todos. Eu sei porque eu estava lá. Fui atrás dele escondida, na terceira noite da lua, e o vi sentado diante de uma mesa de Cobre com um frasco âmbar nas mãos, tão brilhante que iluminava o rosto dele de baixo para cima. Ouvi o escrivão perguntar o resultado central. Ouvi a resposta.

"Ver Elena envelhecer."

Comprou a graça. A graça chegou. Minha mãe pareceu melhorar.

Três dias depois da venda, morreu.

Ninguém sabe se foi a febre ou se foi a venda. Ninguém pode saber, porque ninguém sabe como a magia fecha um caminho. Só se sabe que fecha. O boticário disse que foi a febre, que às vezes a graça não basta. A Viúva Odete não disse nada. E meu pai… meu pai vendeu o resto nos meses seguintes, um por um, todos os sonhos que lhe sobravam, para pagar o enterro, as dívidas, a escola de Rosalind, o pão. Não reclamou nenhuma vez. Em um ano, estava cinzento.

Eu tinha doze anos quando o Quill apareceu.

Às vezes, à noite, eu acho que entendo meu pai. Acho que ele vendeu o resto de propósito. Que não queria mais querer nada, porque querer tinha matado a mulher dele. Mas eu nunca vou saber. Se perguntar, ele vai dizer "tanto faz".

— Tenho de ir — disse Rosalind, levantando-se e dando um beijo no topo da cabeça dele. — Tchau, pai.

— Tchau, Rosalind.

Ela pegou a capa no gancho, a prancheta, o cachecol. Na porta, virou-se para mim.

— Você dormiu?

— Vou dormir agora.

— Mentira.

— Vou dormir um pouco agora.

— Meia mentira. — Ela apontou o dedo para mim. — À noite a gente conversa. Tenho uma coisa para contar.

— Que coisa?

— À noite. — E saiu, com o cachecol voando e a trança torta, para dentro da neblina, respirando fundo, sem tossir.

Fiquei na cozinha com meu pai.

Lavei as xícaras. Varri o farelo. Pus mais turfa no fogão. Ele continuava sentado, as mãos espalmadas na mesa, olhando para a janela embaçada. Ia ficar ali até alguém dizer que era hora de abrir a oficina, e então ia abrir a oficina.

Eu estava enxugando a última xícara quando ouvi.

Baixinho, quase nada, como um vento passando por baixo da porta. Uma melodia. Quatro notas subindo, duas descendo, uma volta e de novo.

Meu pai estava cantarolando.

Fiquei paralisada com o pano na mão. Conhecia aquela música. Todo mundo naquela casa conhecia. Era a canção que minha mãe cantava quando lavava a roupa no riacho, uma

cantiga antiga de lavadeira, sobre uma moça que pendura a camisa do noivo no varal para que o vento a leve até ele. Ela cantava todas as manhãs de sábado. Eu não ouvia aquela música havia onze anos.

— Pai — eu disse, devagar, como quem chega perto de um passarinho. — Que música é essa?

Ele parou.

Olhou para mim com os olhos cor de água de chuva. Pela primeira vez em muito tempo, pareceu procurar alguma coisa. Uma resposta, uma lembrança, uma porta. Eu vi a busca acontecendo atrás daqueles olhos, como uma vela andando por um corredor escuro.

Depois a vela apagou.

— Não sei — disse ele. — Que horas são?

Lá na oficina, os cento e catorze relógios responderam por mim: oito badaladas, todas juntas, sem uma nota fora do lugar.

— Hora de abrir — eu disse, e minha voz saiu quase normal.

— Está bem.

Ele se levantou, empurrou a cadeira para debaixo da mesa e foi para a oficina abrir as janelas. Eu fiquei na cozinha com o pano de prato na mão por um tempo que não sei medir.

Depois subi para o sótão, tirei a toalha xadrez de cima da mesa de costura e olhei para o meu trabalho de verdade.

Os vidros de compota cheios de borra, enfileirados por cor. As agulhas de osso no alfineteiro. O carretel de linha de osso, que já tinha visto dias melhores; ia dar, se eu fosse muito econômica, para uns oito frascos, não doze. O saco de frascos vazios que eu tinha acabado de comprar. As velas.

Quill pulou em cima da cama de Rosalind e se enrolou no lugar ainda quente onde ela tinha dormido.

Doze frascos até a noite seguinte. Linha para oito. Quatro coroas na bolsa. Uma irmã que respirava, pela primeira vez desde agosto, e que à noite tinha uma coisa para me contar.

E meu pai, lá embaixo, que tinha lembrado de uma música por meio segundo e depois esquecido de novo.

Acendi a primeira vela, enfiei a primeira agulha e comecei.

CAPÍTULO QUATRO

O Frasco Vazio



Costurar um sonho é parecido com costurar um vestido, só que o tecido está vivo e não gosta de você.

Comecei pelo de sempre: escolher a borra. Abri os vidros de compota um por um e deixei a luz sair um pouco, só um pouco, o suficiente para eu ver o que tinha dentro. Na luz do sótão, com a cortina fechada e uma vela só, os fiapos ficavam boiando no ar acima da boca dos vidros como poeira dourada num raio de sol. Cada fiapo é um pedaço de alguma coisa. Um cheiro. Uma voz. Uma janela com cortina azul. A sensação de uma mão no cabelo. O barulho de chuva num telhado de zinco.

Você não pode costurar qualquer coisa com qualquer coisa. Essa é a primeira lição, e foi a que mais demorei para aprender. Um pedaço de sonho de amor rejeita um pedaço de sonho de riqueza do mesmo jeito que água rejeita óleo: você aproxima os dois, e eles se encolhem, cada um para o seu lado. Tem que achar fiapos que conversem. Uma cozinha de um sonho com a cozinha de outro. Uma risada com outra risada. Um verão com outro verão.

E depois tem que convencer os dois de que sempre estiveram juntos.

Para isso serve a agulha de osso. É fina como um espinho de rosa e fria ao toque, mesmo no verão. Eu a seguro entre o polegar e o indicador, aproximo a ponta de um fiapo, e ele se enrola nela como a linha de um carretel. Depois procuro o outro fiapo, aquele que conversa com o primeiro, e passo a agulha por dentro dele, devagar, sem forçar. Se forçar, o fiapo se desmancha e vira só luz, e a luz se apaga no ar com um suspiro.

É um ponto invisível. Minha mãe me ensinou o ponto invisível quando eu tinha sete anos, numa barra de saia. Disse que era o ponto mais difícil e o mais bonito, porque quem olha nunca sabe que ele está lá.

Às vezes acho que ela sabia exatamente para que eu ia usar.

Às três da tarde, eu tinha cinco frascos prontos. Empurrei para debaixo da toalha xadrez o caderno de capa de pano que guardava desde os catorze anos. A página aberta mostrava uma mesa grande com marcas de tesoura, rolos de tecido até o teto e uma porta com uma placa onde eu escrevia o meu nome, cada ano com uma letra mais caprichada. Não havia tempo para aquilo. Fechei o caderno e voltei aos frascos.

Primeira Neve na Cidade Grande: um menino vendo neve pela primeira vez numa praça com chafariz congelado, costurado com uma mulher comprando castanhas assadas numa barraca. Dourado, viagem.

Cachorro Que Espera no Portão: azul-acinzentado, uma cor rara, que os feéricos de Cobre compram para dar às filhas.

Herança Inesperada: verde-garrafa, um homem abrindo uma carta de testamento e rindo sozinho, costurado com o mesmo homem comprando um cavalo branco. Esse ficou bom. Esse ficou muito bom.

Casamento de Primavera e *Casamento de Outono*, porque casamento sempre vende e eu tinha borra de sobra.

Desta vez conferi os olhos de todas as noivas. Duas vezes.

Faltavam sete. E a linha de osso no carretel dava para três, se eu fosse muito, muito econômica.

Fiquei um tempo olhando para o carretel, girando-o entre os dedos. Quill estava deitado na janela redonda, a cabeça nas patas, me olhando com os buracos de noite que ele tem no lugar dos olhos.

— Eu sei — disse eu.

Ele não disse nada.

— Linha comum de seda encerada. Nos quatro últimos. Ninguém vai sondar o lote inteiro, o Fenn vende por caixa, e as caixas dele não são abertas antes de chegar a Sylvária.

Quill piscou. Uma vez, devagar.

— E se for sondado — continuei, porque ele não ia continuar por mim —, eu ponho os de seda no fundo da caixa. Os guardas sempre sondam os de cima.

Lembrei da mão de Tobin se fechando em volta da sonda. Não sabia o que tinha visto naquela noite. Também não estava fazendo muito esforço para descobrir.

Quill baixou as orelhas.

— Você tem uma ideia melhor? — perguntei.

Ele não tinha. Ele nunca tem. Só sabe as coisas antes de mim e não me conta quais são.

Bateram na porta da oficina, lá embaixo. Ouvi meu pai abrir, ouvi uma voz de mulher, alegre, falando alto, e reconheci antes mesmo de ela começar a subir a escada bufando como uma chaleira.

Joguei a toalha xadrez por cima da mesa no exato momento em que Marisol apareceu no alto da escada, com uma trouxa de

roupa no braço e a barriga na frente, enorme, redonda, apontando para mim como uma acusação.

— Não fala nada — disse ela, ofegante, apoiando-se na parede. — Essa escada é uma ofensa pessoal. Seu pai devia ser preso.

— Você podia ter me chamado lá de baixo.

— E perder a chance de reclamar da escada? — Ela largou a trouxa em cima da cama de Rosalind e se sentou do lado, com as duas mãos na barriga. — Calças do Tomás. Ele rasgou as duas no mesmo joelho, na mesma semana. Eu juro que ele faz de propósito, para eu ter assunto com você.

Marisol é minha amiga desde que a gente tinha seis anos e brigou por causa de uma fita de cabelo, que ela ganhou porque mordeu meu braço. É costureira como eu — costureira de verdade, só de roupa, com uma loja pequena na Rua dos Tecelões e uma clientela que a adora porque ela fala mal de todo mundo de um jeito tão engraçado que ninguém se ofende. Casou-se com o Tomás, o ferreiro, no verão retrasado. Eu fui madrinha. Pisei no pé dele quatro vezes na valsa.

Ela é a única amiga em Brumavale que eu deixo subir ao sótão. Da Marisol e da Rosa eu escondo o meu trabalho de verdade. Do Quill não adianta esconder: ele já está embaixo da mesa quando começo a mentir.

— Você está horrível — disse ela, me olhando. — Dormiu?

— Um pouco.

— Mentira.

— Por que todo mundo nesta casa sabe quando eu minto?

— Porque você só mente mal quando está cansada. — Ela estreitou os olhos. — O que tem embaixo da toalha?

— Encomenda.

— De quem?

— Da Viúva Odete. Etiquetas para os frascos. Ela pediu bordadas.

— Bordadas — repetiu Marisol. — Etiqueta de frasco de sonho. Bordada.

— A Odete é exigente.

Ela me olhou mais um pouco. Depois deu de ombros e deitou de costas na cama da minha irmã, com as mãos cruzadas em cima da barriga como uma estátua de túmulo.

— Não quero saber — anunciou para o teto. — Tenho problemas maiores. Vim aqui para uma coisa importante, e se eu não disser agora vou esquecer, porque desde que essa criatura começou a crescer eu esqueço tudo. Ontem esqueci o Tomás no mercado.

— Você esqueceu o Tomás?

— Ele é grande, fica parado, eu achei que era um poste. — Ela virou a cabeça para mim. — Escuta. A gente estava conversando, eu e o Tomás, sobre quem vai ser a madrinha.

Larguei a agulha.

— Marisol.

— E a gente pensou em todo mundo. Minha irmã, que vai querer batizar a criança de Hortênsia. A mãe do Tomás, que acha que eu sou um castigo. A Dona Ilsa, porque pelo menos teria pão. — Ela fez uma pausa dramática. — Mas a gente chegou à conclusão de que a pessoa certa é uma costureira mentirosa, que não dorme, que sobe e desce o Mercado à noite com uma velha de um olho só, e que pisou no pé do meu marido quatro vezes na valsa do meu casamento.

— Foram três.

— Foram quatro, eu contei. Ele ainda manca quando chove.

— Marisol…

— Você aceita ou não? Porque eu tenho que avisar a minha irmã antes que ela borde "Hortênsia" num cueiro.

Eu não respondi logo, porque não conseguia. Tinha alguma coisa presa no meio da garganta, no lugar onde na noite anterior tinha dormido a graça do lorde de Prata, uma coisa quente e grande demais para passar. Marisol ficou me olhando da cama com aquela cara dela de quem já sabia a resposta e estava se divertindo com o meu sofrimento.

— Aceito — consegui dizer.

— Ótimo. — Ela sorriu, toda dentes. — Então você tem nove semanas para aprender a segurar um bebê sem pisar nele.

Eu ri. Ri e chorei ao mesmo tempo, que é uma coisa ridícula e que eu odeio fazer, e Marisol estendeu a mão da cama sem levantar e eu peguei, e ela apertou.

— Você sabe que é boba, não sabe? — disse ela, baixinho.

— Sei.

— Boba e mentirosa e cansada. E minha amiga.

— Nessa ordem?

— Ainda estou decidindo a ordem.

Ela ficou mais um pouco, falando de nomes — se for menino, Tomás quer Tomás, e ela acha que dois Tomás numa casa é demais para qualquer mulher —, de enjoos, de um vestido de batizado que ela queria que eu fizesse com renda de Valmora. Eu ouvia e costurava as calças rasgadas do Tomás na cadeira perto da janela, de costas para a mesa coberta, e por meia hora, só por meia hora, foi uma tarde comum. Duas costureiras conversando sobre um bebê.

Na porta, antes de descer a escada que era uma ofensa pessoal, Marisol se virou.

— Avie.

Marisol só me chama assim quando é sério. A Rosa também usa *Avie*, mas nunca com aquele tom.

— Hum?

— Você nunca vendeu nada, né? Lá no Mercado. Nenhum sonho seu.

Senti o sangue esfriar um pouco nas mãos.

— Nunca.

— Promete?

— Prometo.

Era verdade. Toda. Nem quase verdade, nem meia mentira. Verdade inteira. E foi por isso que eu consegui olhar nos olhos dela quando disse.

Ela assentiu, satisfeita, e desceu, xingando cada degrau.

Rosalind chegou às seis em ponto, junto com as seis badaladas em uníssono dos cento e catorze relógios, e eu soube que tinha acontecido alguma coisa antes mesmo de ela abrir a boca, porque ela subiu a escada correndo.

Rosalind não corre. Não desde agosto. Desde agosto, ela sobe essa escada parando em dois degraus para respirar, com a mão no peito, fingindo que é para arrumar a meia.

Mas naquela tarde ela subiu correndo, de dois em dois, e entrou no sótão com as bochechas vermelhas e o cachecol desenrolado, respirando fundo, rindo, sem tossir uma vez sequer.

— Eu subi correndo — disse ela, como se eu não tivesse visto.

— Eu vi.

— Aveline, eu subi a escada *correndo*.

— Parabéns. Agora fecha a porta, que o frio entra.

Ela fechou a porta, encostou-se nela e ficou ali parada, sorrindo para mim. Tinha uma folha de papel dobrada na mão,

apertada contra o peito.

— Eu tenho uma coisa para contar.

— Você disse de manhã.

— É que agora eu tenho a coisa *e* consigo respirar. É diferente.

Ela atravessou o sótão, sentou na minha cama e desdobrou o papel com cuidado em cima dos joelhos. Era um aviso impresso, com um selo vermelho no alto. Reconheci o selo, porque todo mundo reconhece: a pena e a balança da Universidade de Valmora.

— Chegou hoje ao cartório — disse ela. — O Mestre Halvard pendurou no quadro de avisos e eu copiei, porque ele não deixa tirar. — Ela alisou o papel. — A Faculdade de Leis vai abrir doze bolsas para copistas. Doze. Para gente que já trabalha em cartório e que sabe ler contrato. Tem prova na primavera. Quem passar estuda três anos de graça, com quarto e comida, e no fim sai escrivã.

Ela levantou os olhos para mim.

— Escrivã de verdade, Aveline. Com selo. Que pode assinar contrato, e não só copiar o dos outros.

Eu não sabia que ela queria isso. Ou sabia e tinha fingido não saber, o que é pior. Rosalind fala de contratos como Marisol fala de tecido e como meu pai falava de relógios, antes. Ela lê as cláusulas que os escrivães de Cobre escrevem e encontra os buracos. Volta do trabalho e me conta, revoltada, das vírgulas que mudam o sentido de uma frase inteira, dos camponeses que vendem um sonho achando que vendem outro porque não sabem ler a etiqueta. Uma vez, aos quinze anos, mostrou ao Mestre Halvard um erro num contrato do próprio Fenn, e o Mestre Halvard ficou tão espantado que lhe deu um aumento.

Claro que ela queria isso. Ela só nunca tinha dito em voz alta. Não numa casa onde o xarope custava nove coroas por mês.

— Três anos — eu disse.

— Três anos.

— Em Valmora.

— É lá que fica a universidade, Aveline. Eu não posso estudar Leis por correspondência.

— A seis dias de carroça.

— Cinco, se não chover.

— Sempre chove.

Ela me olhou. A alegria no rosto dela vacilou um pouco, como a chama de uma vela quando alguém abre uma porta.

— Você não quer que eu vá.

— Eu não disse isso.

— Você disse "sempre chove" com a sua voz de não quero.

— Eu não tenho voz de não quero.

— Tem. É igual à sua voz normal, só que mais baixa e com menos vogais.

Deixei a agulha na mesa. Respirei.

— Eu quero que você vá — eu disse, e era verdade, e doía exatamente porque era verdade. — Só estou pensando em como.

— Eu já pensei em como. — Ela se inclinou para a frente, falando rápido, como fala quando está defendendo uma ideia no cartório. — A bolsa paga quarto e comida. A prova é só na primavera, então até lá eu continuo trabalhando e junto dinheiro para a viagem. E com a graça eu passo o inverno sem xarope, o que já são, sei lá, quase quarenta coroas que a gente não vai gastar. Eu posso estudar à noite, posso pegar mais cópias…

— Rosa.

— …e eu sei que você vai dizer que não dá para deixar você sozinha com o papai, mas não é deixar, eu volto nas férias, e a Marisol está aqui, e a Odete…

— Rosa.

— …e eu não aguento mais, Aveline. — A voz dela mudou. Ficou mais baixa. — Eu não aguento mais ser a irmã doente. Ser a que fica em casa embaixo de três cobertores enquanto você vira a noite costurando etiqueta bordada para a Odete. — Ela olhou para a mesa coberta pela toalha xadrez, e eu vi que ela olhava, e ela viu que eu vi. — Eu tenho dezenove anos. Eu quero trabalhar. Quero estudar. Quero ir a algum lugar que não seja o cartório e esta casa. Quero que alguém olhe para mim e pense em outra coisa além de "coitada, a tosse".

Ficamos em silêncio. Lá fora, a neblina tinha engrossado, e a janela redonda era só um olho branco.

A palavra *Valmora* tinha ficado entre as nossas camas como uma mala já pronta. Eu olhei para a pilha de livros dela, para a capa pendurada na porta, para o espaço onde a cama estaria quando ela fosse embora. Minha irmã tinha acabado de me mostrar o que queria. Eu devia ter perguntado do que precisava.

Em vez disso, peguei a mão dela antes que ela pudesse continuar falando de seus planos.

— Vai dar certo — eu disse. — Eu dou um jeito no dinheiro. Na viagem, nas roupas, nos livros, em tudo. Você só estuda para a prova. Deixa o resto comigo.

Eu não tinha jeito nenhum. Tinha quatro coroas, uma dívida de doze frascos com o Fenn e linha de osso para três. Não tinha nem como garantir o xarope do próximo verão, quando a graça do lorde acabasse no degelo.

Mas ela sorriu. Sorriu com a cara inteira, a cara da nossa mãe, e apertou minha mão. Senti uma pontada de alívio que não tinha nada a ver com dinheiro. Não gostei de perguntar por quê.

— Promete? — disse ela.

Era a segunda vez naquele dia que alguém me pedia para prometer. Da primeira, eu tinha podido dizer a verdade.

— Prometo.

Ela me abraçou. Cheirava a tinta de cartório, a neblina e a pão de mel. Depois pulou da cama, disse que ia contar ao papai — "mesmo que ele diga tanto faz, eu quero que ele saiba" — e desceu a escada correndo de novo, só porque podia.

Fiquei sentada na cama com a promessa nas mãos, sem saber onde guardar.

Fui arrumar as coisas dela. Faço isso quando não sei o que fazer com as mãos: arrumo. Dobro, empilho, alinho. Rosalind deixa as roupas como uma tempestade deixa uma plantação, e eu fui juntando: a saia jogada na cadeira, as meias que ela tira e deixa como duas cobras mortas no chão, a capa molhada de neblina.

Abri o baú dela para guardar a saia. Vi uma ponta de vidro sob as camisolas de inverno. Parei. Era o baú da Rosa, não o meu, e ela estava lá embaixo contando ao papai sobre a universidade. Eu podia ter fechado a tampa.

Levantei as camisolas.

O frasco estava enrolado num lenço de lã, no fundo. O vidro tinha um brilho fosco. Não havia luz nenhuma dentro.

Um frasco vazio.

Desenrolei o lenço devagar. Era um frasco de colheita, desses pequenos que os colhedores usam quando vão de casa em casa com a campânula, mais fino que os frascos do

Mercado. Não tinha borra no fundo. Estava limpo, completamente limpo, como só fica um frasco cujo sonho foi decantado inteiro por um banco de Cobre, sem desperdiçar uma gota.

E, no gargalo, preso com um cordão, o selo de lacre cor de cobre que todo mundo em Brumavale conhece e que ninguém quer ver na própria casa. A balança e a moeda. E, em cima delas, uma palavra gravada no lacre.

LIQUIDADO.

Era a prova de uma venda legítima. Feita no balcão do banco, não no Mercado, com escrivão, etiqueta e assinatura brilhando. Venda de verdade. De um sonho de verdade.

Na parte de trás do selo, onde o escrivão anota a frase do resultado central para a vendedora guardar, a tinta tinha borrado. Molhou, talvez. Ou alguém tinha passado o polegar em cima, muitas vezes, até a frase quase sumir. Aproximei da vela.

Dava para ler o começo. *"Morar com…"*

E o fim. *"…de janela grande."*

O meio era só uma mancha.





Fiquei ali ajoelhada no chão do sótão, com o frasco vazio da minha irmã na mão, e senti o mundo ficar muito quieto, do jeito que fica um instante antes de um raio cair perto.

Uma casa com janela grande. Eu tinha pensado nisso na noite anterior, no Mercado, descalça, enquanto fazia a lista das coisas que eu ainda queria. Não era um desejo meu. Era nosso. Desde pequenas, deitadas no chão da oficina contando badaladas, a gente dizia: quando crescer, vamos morar juntas numa casa com uma janela tão grande que dê para ver o riacho inteiro, e você vai costurar de um lado e eu vou ler do outro, e o Quill… — ela não via o Quill, mas eu falava dele, e ela deixava — e o Quill vai dormir no sol.

Morar com…

Morar com quem?

Lá embaixo, ouvi a voz da minha irmã contando ao meu pai sobre a bolsa, sobre Valmora, sobre a Faculdade de Leis, rápida, feliz, sem tossir. E ouvi meu pai dizer:

— Que bom, Rosalind.

Não "tanto faz". "Que bom". Do jeito que ele diz "obrigado" e "bom dia". Do jeito que ele diz tudo.

Enrolei o frasco de novo no lenço. Pus de volta no fundo do baú, embaixo das camisolas, exatamente como estava. Não sei por quê. Acho que porque, se eu deixasse ali, ainda não teria acontecido. Ainda poderia ser uma coisa que eu não sabia.

Quando me levantei, vi um fio no travesseiro dela.

Um fio de cabelo, comprido, liso, da trança torta que ela não tem tempo de fazer direito. Rosalind tem o cabelo escuro da nossa mãe, quase preto.

Aquele fio era cinza.

Não grisalho, como fica o cabelo das velhas. Cinza. Da cor exata da cinza de lareira que fica no fundo depois que o fogo

apaga.

Peguei o fio com dois dedos e fiquei olhando para ele à luz da vela, enquanto lá embaixo minha irmã ria e os cento e catorze relógios batiam as sete horas, juntos, sete badaladas em uníssono, enormes e perfeitas.

Depois eu o enrolei com cuidado na linha vermelha do meu pulso, junto com a dívida da Dona Ilsa.

Tem coisas que a gente precisa lembrar de pagar.

CAPÍTULO CINCO

Fio de Luz



Às nove da noite eu tinha nove frascos, e as mãos tinham parado de me obedecer.

Não de uma vez. Primeiro foi o polegar esquerdo, que começou a tremer de leve quando eu segurava a agulha muito tempo na mesma posição. Depois os olhos, que viam dois fiapos onde havia um. Depois a cabeça, que começou a fazer aquele zumbido baixo que faz quando você está acordada há quarenta horas e o corpo resolveu, sem consultar ninguém, que vai dormir de qualquer jeito, em qualquer lugar, com ou sem a sua licença.

O sexto, o sétimo e o oitavo frascos eu tinha feito com o resto da linha de osso, puxando cada centímetro como se fosse ouro. *Baile no Navio*, rosa e dourado. *Pai Que Volta da Guerra*. *Primeiro Dente do Filho*, que tinha ficado tão bonito que eu quase não quis vender.

O nono foi o primeiro de seda encerada. Fiz devagar, com o coração na boca, apertando cada ponto o dobro do normal para compensar a linha comum. Quando terminei, encostei uma colher de ferro da cozinha no vidro, só para ver. A luz não se encolheu. Ficou ali, parada, lindamente indiferente.

Pus o nono no fundo da caixa.

Faltavam três. E o Fenn recolhia os lotes à meia-noite.

Rosalind dormia na cama dela, de lado, com a mão debaixo do rosto, como dormia quando era pequena. Respirava fundo e devagar. Nenhum chiado. Eu parava de costurar de vez em quando só para ouvir, como quem ouve chuva depois de uma seca.

O fio de cabelo cinza estava enrolado no meu pulso, na linha vermelha. Toda vez que eu levantava a mão para puxar um fiapo, ele roçava a minha pele.

Amanhã, eu tinha decidido. Amanhã eu acordo, entrego o lote, durmo três horas, e quando ela voltar do cartório eu sento na cama dela e pergunto. Com calma. Sem gritar. Sem dizer que eu achei o frasco mexendo no baú dela, porque eu não estava mexendo, eu estava arrumando, é diferente.

Morar com…

Amanhã.

Comecei o décimo. Era para ser *Jardim Que Ninguém Pisa*, verde e rosa, um quintal com roseiras costurado com uma mulher velha regando as mesmas roseiras quarenta anos depois. Escolhi os fiapos. Enrolei o primeiro na agulha de osso. Me inclinei sobre o vidro de compota aberto, procurando o segundo, aquele que conversava com o primeiro.

E fechei os olhos.

Só um minuto. Eu me lembro de pensar isso com toda a clareza. *Só um minuto, para os olhos pararem de ver dois.*

Ninguém fecha os olhos por um minuto depois de quarenta horas acordada.

Faíscas.

É a primeira coisa que eu lembro, e a única de que tenho certeza. Faíscas caindo devagar, como neve ao contrário, laranja e ouro, de um teto tão alto que eu não via onde terminava. Caíam no meu cabelo e não queimavam. Caíam nos meus ombros nus e eram mornas como dedos.

Um salão. Paredes pretas, lisas, frias. Ferro. Tudo era ferro: o chão, as colunas, os arcos lá no alto, perdidos na escuridão. E, no entanto, não era um lugar frio. Estava cheio de gente que eu não via direito, gente que cantava baixinho uma música que eu não conhecia, e cheirava a fumaça de lenha, a metal quente e a flores, muitas flores, flores brancas.

Eu estava rindo. Não sei de quê. Lembro de rir até doer, daquele riso que vem de algum lugar embaixo do coração e que você não consegue segurar nem se quiser. Eu não ria assim desde os onze anos.

E havia uma mão segurando a minha.

Uma mão grande, fria, com dedos longos. E dois desses dedos não eram de carne. Eram de ferro. Ferro escuro, liso, com juntas finas como as de uma armadura, e veios de metal subindo pelas costas daquela mão, pelo pulso, desaparecendo dentro de uma manga preta.

Eu não tinha medo daquela mão. Isso é o que eu mais lembro. Não tinha medo nenhum. Segurava como quem segura uma coisa que conhece há muito tempo.

Alguém disse o meu nome.

Uma voz baixa, grave, que eu nunca tinha ouvido na vida. Disse *Aveline* como se a palavra fosse feita de alguma coisa frágil e ele tivesse medo de quebrar.

E eu disse *sim*.

Não sei o que tinham me perguntado. Só sei que eu disse *sim* e que, no instante em que disse, alguma coisa aconteceu

com a mão que eu segurava. Os veios de metal no pulso dele começaram a se apagar. Devagar, como a maré descendo numa praia. O cinza-ferro recuando e deixando atrás de si pele, pele de verdade, pálida e viva. O ferro saindo dele, centímetro por centímetro, enquanto as faíscas caíam, e alguém, perto do meu ouvido, perdia o fôlego como se tivesse esquecido como se respira.

Levantei os olhos para ver o rosto dele.

Prata. É só o que eu tenho. Dois olhos cor de prata, sem branco nenhum, olhando para mim com uma coisa dentro que eu não tenho nome para dar. Não era desejo, embora houvesse desejo. Não era alegria, embora houvesse alegria. Era o olhar de alguém que passou a vida inteira com sede e acabou de ver um rio.

Eu estiquei a mão para tocar o rosto dele.

A VELA TINHA apagado.

Acordei com o rosto em cima da toalha xadrez, um fio de baba no canto da boca e o pescoço tão torto que doeu quando levantei a cabeça. O sótão estava escuro, só a luz da lua entrando pela janela redonda, branca e fria, desenhando um círculo no assoalho. Rosalind ainda dormia. Lá embaixo, os cento e catorze relógios bateram onze horas em uníssono.

Onze horas.

Uma hora para a meia-noite. Três frascos por fazer.

Levantei de um pulo, derrubei a cadeira, segurei a cadeira antes que acordasse a casa, e só então percebi que o sótão não estava tão escuro quanto devia.

Havia luz nos meus dedos.

A agulha de osso continuava presa entre o meu polegar e o indicador, do jeito que eu a tinha segurado antes de dormir. E, enrolado nela, havia um fio. Não um fiapo de borra, desses que eu raspo do fundo dos frascos e que brilham fraco, cansados, como brasa no fim. Um fio. Inteiro, comprido, enrolado em volta da agulha uma, duas, sete vezes, e brilhando tanto que iluminava a minha mão de baixo para cima e desenhava a sombra dos meus dedos no teto inclinado.

Âmbar. Mas não só âmbar. Âmbar com veios de prata correndo por dentro, como fios de metal derretido dentro do mel.

Eu nunca tinha visto uma cor assim. Em seis anos de Mercado, em duzentas noites, em milhares de frascos, nunca.

E estava quente. Pulsava devagar contra a ponta dos meus dedos, como uma veia no pulso de alguém.

Fiquei olhando para ele. Tentei lembrar do que tinha sonhado e só tinha pedaços. Faíscas. Uma mão. Um *sim*. A sensação de estar rindo. Os pedaços já estavam se desfazendo enquanto eu tentava segurá-los, como acontece com todo sonho quando a gente acorda, e quanto mais eu puxava, mais rápido escorriam.

Uma mão com dedos de ferro.

Olhei para o vidro de compota aberto na minha frente, o da borra que eu ia usar no *Jardim Que Ninguém Pisa*. Estava como eu tinha deixado. Os fiapos de borra boiavam lá dentro, pálidos, quase apagados.

Ao lado dele, o fio brilhava como uma estrela que alguém tinha enrolado num espinho.

Uma parte de mim — a parte que lê a última página primeiro, a parte que confere os olhos das noivas duas vezes —

disse muito claramente, com uma voz que parecia a da minha mãe: *Isso não é borra, Aveline. Isso não saiu de vidro nenhum.*

E a outra parte, a parte que tinha dormido duas horas em dois dias e devia doze frascos ao Garrick Fenn, disse: *É borra. É um fiapo forte que você não tinha visto, preso no fundo de algum frasco da noite passada. Você estava cansada. Ele soltou quando a agulha passou. Acontece.*

Nunca tinha acontecido.

Mas eram onze e três, e eu não tinha mais linha de osso, e aquele fio, aquele fio era forte o bastante para costurar dez sonhos inteiros e fazê-los parecer um só. Eu sabia disso como sei a temperatura da água pondo a mão. Com aquele fio de liga, qualquer frasco ia passar por qualquer sonda.

Amanhã eu penso nisso, eu disse a mim mesma. Era a segunda coisa que eu deixava para amanhã naquela noite.

Fiz os três últimos frascos em vinte e cinco minutos. Nunca costurei tão rápido na vida, e nunca costurei tão bem. O fio de luz fazia o trabalho por mim. Bastava encostar a agulha num fiapo de borra e ele se agarrava, se enrolava, se fundia, como se tivesse fome. Os fiapos que normalmente brigam entre si se aninhavam uns nos outros sem reclamar. Os pontos sumiam antes de eu terminar de dá-los.

Os dois primeiros eu fiz com a borra que tinha separado: *Jardim Que Ninguém Pisa* e *Marinheiro Que Escreve Cartas*. Usei só um pedacinho do fio em cada um, uma pontinha, como liga.

O terceiro foi o resto do fio inteiro.

Eu ia usar a borra de âmbar que ainda tinha, um resto de casamento e um resto de dança. Segurei a agulha acima da boca do frasco. O fio pulsou, quente, e pensei de novo na frase que eu vinha evitando desde que acordara: *isso não saiu de vidro nenhum*.

Podia fechar a caixa. Podia levar onze frascos e enfrentar o Fenn. Podia guardar aquele fio até descobrir de onde tinha vindo.

Encostei a agulha na boca do décimo segundo frasco.

O fio escorregou dela antes que eu tocasse a borra. Entrou no vidro inteiro, de uma vez, como água encontrando um buraco, e se enrolou lá dentro, e encheu o frasco de âmbar e prata até a rolha. Tentei puxar a agulha para trás. Era tarde.

Fiquei olhando, com a agulha vazia na mão.

Era o frasco mais bonito que eu já tinha feito. E eu não tinha feito nada.

Tampei com cera. Escrevi a lápis, no lado de dentro da tampa da caixa, o nome que dei a ele, porque eu dou nome a todos, e porque a coisa que estava presa na minha garganta precisava sair por algum lugar.

Amor Eterno de Primeira Qualidade.

Achei engraçado. Eu me lembro de achar engraçado.



O Mercado da segunda noite é sempre mais cheio que o da primeira. Os feéricos que vieram na primeira voltam para comprar o que viram e não compraram, e trazem amigos. O ar fica mais grosso de jasmim e de cera derretida, e as lanternas de mariposa parecem mais baixas, como se o céu tivesse descido um pouco para olhar.

Cheguei à banca de Fenn às onze e cinquenta e oito, com a caixa de veludo debaixo do braço, o cabelo solto e despenteado e um sapato de cada cor, porque saí sem acender a vela e peguei o que achei.

Fenn estava sentado na poltrona estofada, comendo uvas.

— Lark — disse ele, olhando para o meu cabelo, depois para os meus sapatos. — Que pontualidade.

— Doze frascos.

— Vejamos.

Pell abriu a caixa em cima do balcão. Doze luzes subiram de dentro dela, iluminando o toldo verde por baixo: dourado, azul-acinzentado, verde-garrafa, rosa, âmbar. E, no canto, o décimo segundo, âmbar e prata, mais brilhante que todos os outros juntos.

Fenn parou de mastigar.

— Esse aí — disse ele, apontando com o cabinho de uva. — De onde veio?

— Consignação. Uma moça da vila.

— Que moça?

— Tem vergonha.

— Todas têm. — Ele se inclinou para a frente, os olhos fixos no frasco. — Eu nunca vi essa cor.

— Nem eu.

Isso era verdade. Ele deve ter ouvido que era verdade, porque me olhou um segundo a mais do que o normal.

— Contrato de lote, Pell — disse por fim. — Consignação diversa, transferência de todo o conteúdo para a banca Fenn. Doze unidades. Dezoito coroas.

— Era para ser dezoito por seis — eu disse.

— Era para você não pisar no meu tapete.

Pell desenrolou o contrato de lote no balcão. É um papel comprido, como uma toalha de mesa estreita, com doze linhas numeradas, uma para cada frasco, e um espaço no fim para a assinatura de quem vende. Numa venda de lote, o escrivão não escreve a frase de cada sonho. Escreve só "consignação diversa", porque um lote é coisa de atravessador, e

atravessador não liga para o que tem dentro, só para quantos são. Quem quiser saber o resultado de cada um descobre depois, quando um escrivão de Cobre do outro lado da Cerca abrir os frascos para revender.

Eu sempre preferi os lotes. Menos perguntas. Pell apontou o espaço ao pé da folha; nem conferi as doze linhas. Eu tinha contado os frascos. Achei que isso bastasse.

— Assine, procuradora — disse Pell, e me estendeu a pena.

Assinei. *Pela consignante.* Do jeito de sempre, com a letra de sempre, embaixo da linha doze.

E vi, com o canto do olho, um brilho.

Muito fraco. Um tremor de luz cor de cobre correndo pela tinta da minha assinatura, do *P* até o último *e*, como o reflexo de uma vela num fio de água. Durou menos de um segundo.

Olhei para cima. A lanterna de mariposas pendurada no toldo de Fenn balançava com o vento, jogando luz em tudo.

A lanterna, pensei. *Foi a lanterna.*

Pell enrolou o contrato com um gesto rápido, de quem já enrolou mil, e carimbou o lacre com o selo da banca. Depois tirou do estojo a tesourinha de prata. Doze frascos; doze fios da Rainha. Cortou um a um, sem prestar atenção à cor. Do último saiu um fio de âmbar riscado de prata, tão quente que me pareceu acender a lâmina por um instante. Pell o enrolou no carretel junto dos outros. Fenn contou dezoito coroas em cima do balcão, em pilhas de três, devagar, para eu ver cada uma.

— Prazer fazer negócio com você, Lark — disse ele. — Como sempre.

Eu já estava me virando para ir embora quando ouvi o barulho de armadura.

Um par de guardas da Corte de Ferro tinha parado na frente da banca. O mais alto, o mesmo da noite anterior, eu acho,

ficou atrás. O menor, o menino de mãos doentes, Tobin, estendeu a sonda.

— Fiscalização de lote — disse ele.

Fenn suspirou, entediado, e fez um gesto com a mão: à vontade.

Meu estômago virou de cabeça para baixo. *Os de cima. Eles sempre sondam os de cima.* Eu tinha tentado deixar o único frasco de seda encerada no fundo da caixa, embaixo dos outros. Mas arrumara tudo às pressas, no escuro, e já não sabia se tinha conseguido.

Tobin olhou a caixa aberta. Passou a ponta da sonda por cima dos frascos, sem encostar, como quem escolhe uma fruta na feira.

E parou em cima do décimo segundo.

Claro. Era o que mais brilhava. Qualquer um teria parado.

Ele encostou o ferro no vidro.

A luz âmbar e prata se encolheu. Não do jeito educado que a luz dos meus falsos se encolhe, puxada pela linha de osso. Se encolheu de verdade, com força, como um bicho acuado, toda contra o fundo do vidro, tremendo.

Fenn assobiou baixinho.

Tobin segurou a sonda contra o vidro pelo tempo da regra. Antes de começar, tinha apertado o pulso esquerdo com a outra mão, do mesmo jeito da noite anterior, e a mão que segurava a vara tremia de leve, sem a luva. Estava pior. Eu vi que estava pior.

— Aprovado — disse. O guarda alto abriu o registro de Pell e bateu o sinete da fiscalização de Ferro ao lado do número do lote. O som seco do carimbo se perdeu sob a música do Mercado.

Ninguém naquela banca olhou para a mão dele além de mim. E eu fiz o mesmo que tinha feito na noite anterior: olhei, e não pensei. Guardei aquilo em algum lugar no fundo da cabeça, no mesmo lugar onde eu guardava o fio de cabelo cinza da minha irmã e o *Morar com…* do frasco vazio e a voz da minha mãe dizendo *isso não é borra, Aveline*. Um lugar onde eu jogava as coisas em que ia pensar amanhã.

Naquela semana, o lugar estava ficando cheio.



Vendi o resto da caixa da Odete até as três da manhã. Não dancei. Não tinha força nas pernas para dançar. Fiquei sentada na banca, contando as coroas por baixo da mesa, rindo das histórias da Odete sem ouvir as histórias, pensando em Rosalind e em Valmora e numa mão com dedos de ferro.

Foi às três e pouco que eu vi a armadura de novo.

Não era o par de guardas. Era outra coisa. Uma figura sozinha, alta, de armadura escura com bordas que pareciam enferrujadas e não estavam, atravessando o Mercado em direção à banca de Fenn. As pessoas não abriam caminho para ela do jeito que abrem para os guardas, de lado, sem perceber. Abriam de verdade. Paravam de falar. Os feéricos de Prata e de Ouro, os mesmos que chamam os guardas de cães de ferrugem pelas costas, baixavam a cabeça quando aquela figura passava. Não por respeito. Por medo.

Não usava máscara. Usava elmo, fechado, e no alto do elmo um friso fino de ferro trançado, como uma coroa que alguém tivesse forjado com raiva.

Parou diante de Fenn.

Eu estava longe demais para ouvir. Vi Fenn se levantar da poltrona — Fenn, que não se levanta para ninguém — e fazer uma mesura tão funda que quase bateu o nariz no balcão. Vi Pell desenrolar o contrato do meu lote. Vi a figura de armadura se inclinar sobre a caixa de veludo azul que eu tinha costurado com o resto de um vestido de noiva, e ficar ali, inclinada, imóvel, por muito tempo.

Depois vi a mão dela, enluvada de preto, entrar na caixa e sair com o décimo segundo frasco.

Levantou-o contra a luz. A cor âmbar e prata iluminou o elmo por baixo, desenhando sombras na fresta dos olhos. A figura ficou olhando para o frasco como eu tinha ficado olhando para o fio na ponta da minha agulha: sem entender.

Então disse alguma coisa a Fenn. Fenn assentiu, assentiu, assentiu. Uma bolsa pesada caiu no balcão. A figura fechou a caixa inteira, com os doze frascos, colocou-a debaixo do braço e foi embora pelo mesmo caminho por onde tinha vindo, até a Cerca, até as grades pretas, e atravessou o Portão da Lua para o lado de lá, para o Bosque Limiar, sem olhar para trás.

Ao meu lado, a Viúva Odete tinha parado de roncar havia algum tempo.

— Sabe quem é aquele? — perguntou ela.

— Não.

— Mentira.

— Não sei, Odete. Juro.

Ela ficou em silêncio. Depois disse, muito baixo, com uma voz que eu nunca tinha ouvido nela:

— Que os santos tenham pena de quem fez aquele lote.

Garrick Fenn passou pela nossa banca quando o primeiro galo cantou. As lanternas se apagavam em fila atrás dele, e o rosto dele estava rosado e satisfeito como o de um homem que acabou de jantar muito bem.

Parou na minha frente. Sorriu.

— Boa notícia, Lark. Vendi o teu lote inteiro antes de esfriar. Pelo triplo.

— Que bom para o senhor.

— Não quer saber para quem?

Eu não queria. Eu sabia que não queria do mesmo jeito que se sabe que não se quer pôr a mão numa panela que está chiando.

— Para quem?

Fenn se inclinou, como quem conta um segredo de amigo.

— Para o Lorde de Ferro em pessoa. O Senhor da Corte de Ferro. Faz anos que ninguém vê aquele homem comprar um frasco que seja. Ele mesmo. — Riu, satisfeito. — E disse que vai provar um por um.

Ele foi embora assobiando.

Eu fiquei sentada na banca vazia enquanto o Mercado morria ao meu redor, com dezoito coroas na bolsa, um sapato de cada cor e a agulha de osso ainda no bolso do avental, vazia, fria, sem nenhum fio.

Debaixo da mesa, Quill tinha se encolhido como uma bola de sombra, com o rabo enrolado em cima do focinho.

Ele só faz isso quando está com medo.

CAPÍTULO SEIS

O Senhor da Corte de Ferro



Dormi até as quatro da tarde. Não sonhei de novo, pelo menos não com nada de que me lembrasse. Dormi do jeito que dormem as pedras, sem fundo, sem imagem, e acordei com o travesseiro marcado no rosto e uma sensação no peito que não era bem tristeza. Era mais parecida com aquela que a gente tem quando chega em casa e não sabe se trancou a porta. Um vazio do tamanho de uma coisa que devia estar ali.

Rosalind tinha deixado um bilhete preso no castiçal, com a letra miúda e perfeita dela:

O Mestre Halvard me pediu para ficar até tarde. Chegaram os contratos de renovação do Festival das Sete Luas, centenas, e ninguém mais sabe ler cláusula de lua. Não me espera para jantar. Respirei a manhã inteira. R.

Respirei a manhã inteira. Li a frase três vezes.

Depois peguei o bilhete, dobrei em quatro e guardei no bolso do avental, ao lado da agulha de osso vazia. A conversa sobre o frasco ia ter de esperar mais uma noite. Eu podia ter ficado aliviada com isso. Fiquei, um pouco. É vergonhoso, mas fiquei.

A terceira noite do Mercado é a mais triste das três. A lua já começa a minguar, mesmo que ninguém ainda perceba, e os feéricos que vêm são os que não acharam o que queriam nas duas primeiras: mais impacientes, mais exigentes, mais dispostos a pagar caro por qualquer coisa que brilhe. É a noite das grandes vendas e dos grandes arrependimentos.

Eu não queria ir. Pela primeira vez em seis anos, eu não queria ir.

Fui porque a Odete estava esperando. Eu tinha prometido cinco frascos para a última noite e não levava nenhum; toda a linha de osso tinha ido para o lote de Fenn. E fui porque, se ficasse em casa, ia passar a noite inteira olhando para o teto e pensando num elmo com uma coroa de ferro trançado, inclinado sobre uma caixa de veludo azul.

Disse que vai provar um por um.

Eram só sonhos falsos. Borra costurada. Ele ia provar, ia achar rasos, ia reclamar com o Fenn, e o Fenn ia reclamar comigo, e eu ia ter de devolver as dezoito coroas e talvez perder o melhor comprador de lotes da fronteira. Era o pior que podia acontecer. Eu tinha repetido isso para mim mesma a manhã inteira, e o dia inteiro, e o caminho inteiro até a clareira.

Era o pior que podia acontecer.

Menos o décimo segundo.



Ele chegou quando já passava das três da manhã.

Eu soube antes de ver, porque o Mercado me avisou. Não sei descrever de outro jeito. Existe um barulho que o Mercado faz o tempo todo, um murmúrio feito de negociação, risada, música, vidro tilintando, e eu estou tão acostumada com ele que nem ouço mais, como não se ouve o próprio

coração. Naquela noite, depois das três, o barulho mudou. Ficou mais baixo, do lado do Portão, e foi ficando mais baixo, uma onda de silêncio vindo pela clareira em direção à nossa banca, banca por banca, como quando alguém importante entra numa igreja e as pessoas vão parando de cochichar.

Quill sumiu debaixo da mesa.

A Viúva Odete abriu o olho.

E a armadura escura com bordas que pareciam enferrujadas e não estavam parou na frente da nossa banca, e as mariposas da lanterna se encolheram contra o vidro, como se também tivessem medo.

De perto, era maior do que eu tinha pensado. Não era só alto. Era alto do jeito que uma porta de igreja é alta. A armadura não tinha enfeite nenhum além do friso de ferro trançado no alto do elmo, e não brilhava; absorvia a luz das lanternas em vez de refletir, como a água de um poço fundo. Cheirava a metal frio, a chuva e a alguma coisa que eu levei um segundo para reconhecer: fumaça de lenha.

Fumaça de lenha, e metal quente, e flores.

Senti o cabelo da nuca se arrepiar sem saber por quê.

— Boa noite — disse ele.

A voz saiu do elmo baixa e grave, sem eco nenhum, como se o metal não estivesse ali.

Eu conhecia aquela voz.

Não. Não conhecia. Eu nunca tinha visto aquele homem na vida, nunca tinha ouvido ninguém falar daquele jeito, devagar, como quem escolhe cada palavra numa gaveta de facas. Mas alguma coisa embaixo das minhas costelas, no lugar onde a graça do lorde de Prata tinha dormido por uma noite, reconheceu. Deu um passo para a frente, como um cachorro que ouve o dono chegar.

Eu fiquei onde estava.

— Boa noite, senhor — eu disse, e abaixei a cabeça na medida exata. — Consignações Odete. Sonhos de quem não quer mostrar o rosto.

— Sim — disse ele. — Eu li a placa.

Ele levou as duas mãos ao elmo e o tirou.

Uma coisa que ninguém conta sobre os feéricos é que a beleza deles cansa. Não no sentido de enjoar; no sentido de exigir esforço. Olhar para um rosto feérico é como olhar para o sol na água: você tem de apertar os olhos, tem de se acostumar, e mesmo depois de acostumada fica com uma sensação de que está vendo mais do que devia. A maioria tem rostos lisos demais, perfeitos demais, como estátuas que alguém lixou até não sobrar nenhum defeito.

O dele não era assim.

Era um rosto magro, de ossos fortes, pálido como quem não vê sol há muito tempo. O cabelo era preto e curto, cortado com mais pressa do que cuidado, caindo na testa. A boca era séria. Não dura, exatamente; séria, como a de alguém que esqueceu como se faz o outro jeito. E do lado esquerdo do pescoço, subindo de dentro da gola da armadura até quase a linha do queixo, havia veios. Cinza-escuro, salientes, brilhando de leve à luz das mariposas como metal molhado.

Os mesmos veios da mão de Tobin. Só que mais. Muito mais.

E os olhos.

Prata. Prata inteira, sem branco nenhum, como duas moedas novas.

Fiquei sem ar por um segundo. Só um. Depois voltei a respirar, porque eu respiro mesmo quando não quero, e porque olhos prateados não são raros entre os feéricos, metade

da Corte de Prata tem olhos assim, o lorde da primeira noite tinha olhos assim, não queria dizer nada, nada, nada.

Ele colocou o elmo debaixo do braço. Depois tirou de dentro da capa um frasco e o colocou em cima da nossa mesa, entre a caixa de veludo e o tinteiro.

Estava vazio.

Quase vazio. No fundo, grudada no vidro, uma borra fina como poeira de ouro brilhava fraquinha. Âmbar. Com veios de prata.

— A senhora vende sonhos em consignação — disse ele.

— Sim, senhor.

— De quem não quer mostrar o rosto.

— É o que diz a placa.

— Este aqui — ele empurrou o frasco um dedo na minha direção, só um — mostrou o rosto. O meu.

Atrás de mim, a Viúva Odete fez um barulho pequeno, como de quem engole uma espinha.

Eu peguei o frasco. Fiz isso para ter alguma coisa nas mãos, e porque é o que uma procuradora faria: examinar a mercadoria reclamada. Girei contra a luz. A borra se mexeu lá no fundo, devagar, preguiçosa, e eu senti de novo o mesmo calor que tinha sentido na ponta dos dedos na noite anterior, mais fraco agora, quase nada, como o calor que fica numa cadeira depois que alguém levantou.

— Não sei do que o senhor está falando — eu disse.

— Sabe.

— Esse frasco é de um lote que eu vendi ao Senhor Fenn ontem à noite. Consignação diversa. Vinha de várias pessoas da vila. Se o senhor tem alguma reclamação, deve fazer a ele.

— Eu fiz. — Ele não piscava. Os feéricos piscam menos que a gente, mas ele não piscava nada. — O Senhor Fenn foi muito

prestativo. Disse que todos os frascos do lote vieram da senhora. Que a senhora é a procuradora. E que, se havia algum problema com algum deles, ele, Garrick Fenn, não tinha nada a ver com isso, e esperava que eu lembrasse dele com carinho na próxima fiscalização da banca dele.

Claro que tinha dito. Eu teria dito a mesma coisa, se fosse o Fenn.

— Então o senhor sabe que era consignação — eu disse. — Esse sonho é de uma moça da vila. Não posso dizer qual. É a regra da banca.

— Uma moça da vila sonhou comigo.

— Acontece.

— Não acontece com gente comum. — Ele disse isso sem levantar a voz, mas com uma certeza tão completa que pareceu que tinha batido a mão na mesa. — Um humano não costuma sonhar um futuro com alguém cujo rosto nunca viu. Eu não tiro o elmo do lado de cá da Cerca há trinta e um anos. Até esta noite.

Eu pensei rápido. Eu sempre penso rápido. É a única coisa que eu sei fazer melhor que costurar.

— Então ela viu o senhor sem elmo do lado de lá — eu disse. — Ontem, na Cerca. O senhor estava com a mão na grade, perto do Bosque, sem elmo. Ela viu e sonhou. Pronto.

Ele ficou muito quieto.

E eu percebi, um segundo tarde demais, o que tinha acabado de fazer.

— Interessante — disse ele. — Ontem à noite, perto do Bosque, sem elmo, com a mão na grade. Só uma pessoa estava olhando naquela direção àquela hora. — Ele inclinou a cabeça. Foi um movimento pequeno, mas eu senti como se ele tivesse dado um passo para dentro da banca. — Estava dançando

descalça na grama, sozinha, e tropeçou num buraco de toupeira.

O calor subiu pelo meu pescoço e eu não pude fazer nada para impedir.

Ele tinha me visto. Ele tinha me visto e lembrava. Tinha ficado parado do lado de lá da Cerca, no escuro, olhando uma moça idiota rodopiar descalça na grama, e eu tinha acabado de contar a ele, com a minha própria boca, que sabia disso.

Ao meu lado, ouvi a Odete murmurar "ai, ai, ai" para ninguém.

— Muita gente dança no Mercado — eu disse. Minha voz saiu menos firme do que eu queria.

— Ninguém dança naquele pedaço. A grama é cheia de buracos.

— Eu sei. Eu tropecei.

— Eu vi.

Ficamos nos olhando. Ele, com o elmo debaixo do braço e aqueles olhos de moeda. Eu, com o frasco vazio na mão e o rosto queimando. Lá na banca do Fenn, alguém riu alto e depois parou de rir, como se tivesse notado onde estava.

— Senhorita Lark — disse ele.

— O senhor sabe o meu nome.

— Sei muitas coisas. — Ele tirou a luva da mão direita, dedo por dedo, e enfiou a mão dentro da capa de novo. Dessa vez tirou um caderno. Pequeno, de capa de couro preto gasta nos cantos, com uma fita de seda vermelha marcando uma página. Abriu na página marcada. — Faz dois anos que eu procuro a senhora. Não sabia o seu nome. Sabia o seu trabalho.

Ele começou a ler. Não do caderno, exatamente. Lia como quem confere, com os olhos na página e a voz na lembrança.

— Março, ano passado. Casamento debaixo de macieiras costurado com uma dança em chuva de verão. Âmbar. Vendido a uma dama de Ouro. Abril. Um homem pedindo perdão a uma mulher, costurado com o mesmo homem segurando um bebê que não é dele. Âmbar e rosa. Vendido a um comerciante de Cobre, que chorou a noite inteira e só no fim percebeu que a mulher do perdão e a mãe do bebê tinham vozes diferentes. — Ele virou a página. — Junho. Um verão inteiro numa casa de campo com piscina de pedra e criados, costurado com…

— Chega.

Ele parou. Levantou os olhos.

— Quarenta e um frascos — disse. — Foram os que consegui recolher. Tenho os quarenta e um guardados, senhorita Lark. Todos com o mesmo ponto. Um ponto que não aparece. Há três luas eu descobri de onde vinham: da banca de uma velha de um olho só. Faltava saber quem costurava. Por isso eu estava na Cerca anteontem. Os meus escrivães acham que é obra de três ou quatro falsificadores diferentes, porque ninguém consegue trabalhar tão bem e tão rápido sozinho.

— E o senhor?

— Eu acho que é obra de uma pessoa só. Que costura como quem reza.

Eu não respondi. Não havia o que responder. Eu tinha costurado aqueles quarenta e um. Lembrava de cada um, com o nome que eu tinha dado, embora não fossem os nomes que ele estava usando. O do bebê que não era dele se chamava *Pai Por Acaso*. Eu tinha achado engraçado.

— Falsificação é crime de Cobre — eu disse, por fim, e fiquei orgulhosa de a minha voz ter voltado ao lugar. — Se o senhor tem provas, entregue ao Mestre Orrin. Ele cobra a multa. Eu

pago a multa. A Viúva Odete perde a licença por um ano, e o senhor ganha a gratidão eterna da Corte de Cobre. Não precisava ter tirado o elmo para isso.

— Não é por isso que eu tirei o elmo.

— Então por quê?

Ele fechou o caderno. Guardou. E, em vez de responder, tirou da capa uma terceira coisa: um rolo de papel comprido, estreito, preso com um lacre que eu conhecia, porque tinha visto Pell carimbar na noite anterior. O selo da banca Fenn.

O contrato do meu lote.

Ele quebrou o lacre e desenrolou o papel em cima da nossa mesa, por cima da caixa de veludo, prendendo uma ponta com o frasco vazio e a outra com o próprio elmo. As doze linhas numeradas. Onze delas com a mesma anotação na letra apressada de Pell: *consignação diversa*. E, no fim, a minha assinatura. *Pela consignante.*

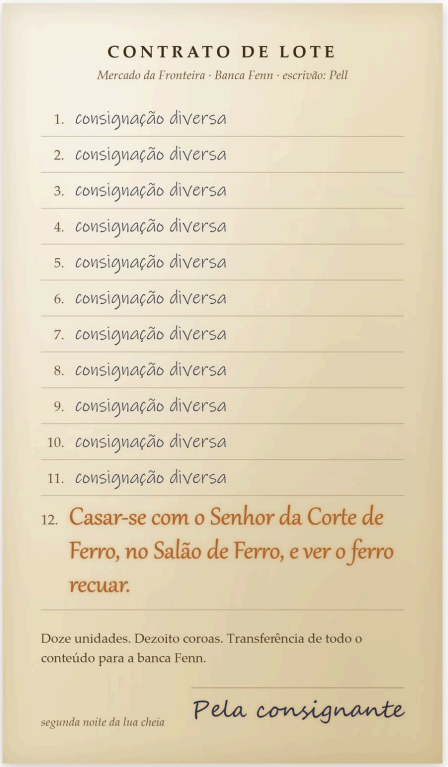
Mas a linha doze não dizia *consignação diversa*.

A letra de Pell tinha sumido dali. No lugar dela, escrita numa tinta cor de cobre que brilhava de leve à luz das mariposas, com uma caligrafia que não era de Pell nem de ninguém que eu conhecesse — uma letra antiga, cheia de voltas, como as letras dos livros de oração da minha avó —, havia outra frase.

Eu li.

Li de novo.

"Casar-se com o Senhor da Corte de Ferro, no Salão de Ferro, e ver o ferro recuar."



CONTRATO DE LOTE

Mercado da Fronteira · Banca Fenn · escrivão: Pell

1. consignação diversa
2. consignação diversa
3. consignação diversa
4. consignação diversa
5. consignação diversa
6. consignação diversa
7. consignação diversa
8. consignação diversa
9. consignação diversa
10. consignação diversa
11. consignação diversa
12. Casar-se com o Senhor da Corte de Ferro, no Salão de Ferro, e ver o ferro recuar.

Doze unidades. Dezoito coroas. Transferência de todo o conteúdo para a banca Fenn.

segunda noite da lua cheia

Pela consignante

Não senti nada.

É isso que eu mais lembro daquele momento, e é isso que mais me assusta até hoje. Eu li aquela frase e não senti nada. Nenhuma saudade, nenhuma vontade, nenhum reconhecimento. Era como ler a frase de outra pessoa numa etiqueta qualquer, no Mercado, numa noite qualquer. *Ter uma casa com jardim. Aprender a tocar violino. Ver o mar.* Uma vida que alguém quis e não ia ter.

Só que a assinatura embaixo era minha.

— Isso não é meu — eu disse. E ouvi, eu mesma, como soava ridículo.

— A assinatura é sua.

— Eu assinei pela consignante.

— A senhora assinou pela dona do conteúdo. — Ele tocou a frase com a ponta do dedo, sem encostar no papel. — Num sonho falso, não acontece nada quando a procuradora assina, porque não há futuro para a magia segurar. A senhora sabe disso melhor que eu. A senhora conta com isso há anos. Mas num sonho verdadeiro, quem assina é quem vende. E a magia escreve sozinha, no contrato, o que foi vendido. Com a letra dela. — Ele recolheu o dedo. — A sua assinatura brilhou ontem, senhorita Lark. Por um segundo. Pell não viu, porque Pell nunca olha. A senhora viu?

A lanterna. Foi a lanterna.

Eu vi. Claro que eu vi. Só não quis ver.

Lembrei do fio de luz enrolado na agulha. Âmbar e prata, quente, pulsando como uma veia. *Isso não é borra, Aveline. Isso não saiu de vidro nenhum.* Lembrei das faíscas, que eu não lembrava. De uma mão com dedos de ferro, que eu não lembrava. De um *sim*.

Olhei para a mão esquerda dele, ainda enluvada, segurando a borda do elmo em cima do contrato.

Ele viu para onde eu olhava. Não disse nada.

— O senhor bebeu — eu disse. Não era pergunta.

— Bebi.

— Inteiro.

— Até o amanhecer.

— O que… — Minha garganta fechou no meio da frase. Engoli. Tentei de novo. — O que tinha nele?

Ele ficou em silêncio por um tempo tão longo que a música dos irmãos Tarrow começou do lado do Bosque, a rabeca de

Jem correndo na frente da gaita como sempre, a música da segunda metade da noite, a música de dançar.

— Isso não é mais da sua conta, senhorita Lark — disse ele, por fim, muito baixo. — A senhora vendeu.

Foi a coisa mais cruel que alguém já me disse. E ele disse sem crueldade nenhuma, como quem informa as horas.

Porque era verdade. Essa é a regra. Quem vende perde o futuro e esquece que o quis, e não tem mais direito nem à lembrança. O sonho agora era dele. Ele tinha vivido aquilo, fosse o que fosse, uma noite inteira, até o amanhecer. E eu tinha só uma frase numa letra antiga e um buraco no peito do tamanho de alguma coisa que devia estar ali.

Casar-se com o Senhor da Corte de Ferro.

Eu nem sabia o nome dele.

— Como o senhor se chama? — perguntei, e foi a única coisa que me ocorreu.

Alguma coisa mudou no rosto dele. Pequena, rápida, uma rachadura numa parede de pedra que se fecha antes que você tenha certeza de que viu.

— Silvan Morcant — disse ele. — Senhor da Corte de Ferro. Fiscal-mor do Mercado da Fronteira.

— Aveline Lark.

— Eu sei.

— Eu imaginei que soubesse. Só quis dizer. — Larguei o frasco vazio em cima do contrato. — E agora? O senhor me entrega ao Orrin?

— Não.

— Então o quê? O senhor não pode me levar. O Pacto proíbe. Nenhum humano é levado à força para o lado de lá, nem por lorde, nem por rainha. O senhor sabe disso.

— Sei. — Ele enrolou o contrato com cuidado, como quem enrola uma coisa que pode rasgar. — Por isso eu estou pedindo.

— Pedindo o quê?

— Que a senhora venha comigo até a Cerca. Agora. Uma hora. Depois a trago de volta a esta banca, e a senhora decide o que quiser.

— E se eu disser não?

— Aí eu vou embora. — Ele colocou o elmo de volta debaixo do braço. — E amanhã de manhã eu mando os quarenta e um frascos para o cartório de Cobre, com o meu relatório e o seu nome. A senhora sabe qual é a pena para falsificação em série, senhorita Lark. Não é multa.

Eu sabia.

Não é multa. É o confisco. A Corte de Cobre senta você numa cadeira de ferro, coloca uma campânula de vidro sobre a sua cabeça e espera você dormir. E colhe. Todos os sonhos, todos os futuros, todas as possibilidades, uma por uma, até não sobrar nenhuma. E depois vende em leilão, para pagar o prejuízo.

Eu tinha visto acontecer uma vez, com um falsificador de Valmora, quando tinha dezesseis anos. Ele entrou na sala do cartório gritando e saiu de lá andando devagar, de mãos espalmadas ao lado do corpo, com a pele da cor de cinza de lareira. Ninguém precisou segurá-lo para sair.

Ele saiu como meu pai.

— Isso é ameaça — eu disse.

— É — disse ele. — E não fica menos feio porque a lei me permite fazê-la. — Por um instante, olhou para a própria mão enluvada. — Quero lhe mostrar o que aconteceu. Uma hora.

Olhei para a Odete. Ela estava com o olho aberto, fixo em mim, e balançou a cabeça devagar, uma vez, de um lado para o outro. *Não vai.*

Olhei para a mesa. Para o frasco vazio. Para a borra âmbar e prata grudada no fundo, que ainda brilhava, fraquinha, como uma coisa que não sabe que já morreu.

— Por que o senhor está fazendo isso? — perguntei. — Por que não me entrega e pronto? Seria mais fácil.

Ele não respondeu de imediato. Em vez disso, fez uma coisa que eu não esperava.

Tirou a luva da mão esquerda.

Devagar, como tinha tirado a da direita, dedo por dedo. Só que dois dos dedos não saíram da luva do mesmo jeito que os outros. Fizeram um barulho. Um barulho pequeno, seco, de metal raspando em couro.

Ele apoiou a mão esquerda em cima da nossa mesa, ao lado do frasco vazio, aberta, com a palma para baixo, à luz das mariposas.

O dedo anelar e o mínimo eram de ferro. Ferro escuro, liso, com juntas finas, como os dedos de uma armadura feita sob medida. Mas não eram armadura. Não havia emenda, não havia correia, não havia nada. A pele terminava nas falanges do meio e virava metal, do mesmo jeito que a areia vira pedra na beira de um rio. E os veios subiam dali pelo dorso da mão, cinza-chumbo, salientes, até o pulso, e entravam pela manga, e eu sabia, sem ver, que continuavam subindo, pelo braço, pelo ombro, pelo pescoço, até quase o queixo.

Eu já tinha visto aquela mão.

Não. Eu nunca tinha visto aquela mão.

Eu já tinha *segurado* aquela mão.

— Cada falsificação que passa pela fiscalização da Corte de Ferro — disse Silvan Morcant, olhando para mim e não para a mão — alguém do meu povo paga. Com isto.

Ele flexionou os dedos. Os três de carne se dobraram. Os dois de ferro se dobraram também, mais devagar, com um rangido baixo, como uma dobradiça que ninguém lubrifica há muito tempo.

— Seus quarenta e um pontos invisíveis, senhorita Lark — disse ele —, têm um preço. Eu vim lhe mostrar quem pagou.

CAPÍTULO SETE

O Que o Ferro Cobra



— Uma hora — eu disse.

— Uma hora — repetiu ele.

A Viúva Odete agarrou meu pulso quando passei por ela. Tem mais força nos dedos do que qualquer velha deveria ter, e eles estavam frios.

— Menina — sussurrou. — Os de Ferro não mentem, mas também não contam tudo. Lembra disso.

— Eu volto antes do galo.

— Eu sei que volta. É com o jeito que você vai voltar que eu me preocupo.

Ela soltou. Eu fui.

Atravessar o Mercado ao lado do Senhor da Corte de Ferro foi como atravessar um salão de baile com uma tocha acesa na mão. As pessoas se afastavam antes que a gente chegasse, e voltavam a se juntar depois que a gente passava, e no meio ficava um corredor de silêncio que andava com a gente. Os feéricos de Prata viravam o rosto. Os de Cobre faziam reverências tão fundas que pareciam estar procurando alguma coisa no chão. Garrick Fenn, debaixo do toldo verde, levantou a

taça de vinho na nossa direção e sorriu como quem assiste a um enforcamento de camarote.

Eu mantive o queixo erguido. Não sei para quem. Para o Fenn, acho.

Silvan Morcant andava com o elmo debaixo do braço, e não olhava para ninguém. Andava como quem conhece o caminho de olhos fechados e não espera que ninguém o atrapalhe. Era mais alto que eu uma cabeça e meia, e eu tinha de dar dois passos para cada um dele, e ele percebeu isso no meio da clareira e passou a andar mais devagar, sem dizer nada.

Eu percebi que ele percebeu. Também não disse nada.

Quill vinha atrás de mim, a uma distância segura, com o rabo baixo.

— O senhor sempre anda assim? — perguntei, quando o silêncio ficou pesado demais para carregar.

— Assim como?

— Como se o Mercado fosse seu.

— O Mercado é da Tecelã — disse ele. — Eu só tomo conta para que ninguém o roube.

— Que nobre.

— Não é nobre. É o meu trabalho. A senhora também tem um trabalho.

— O meu trabalho é costurar.

— O seu trabalho — disse ele, sem virar a cabeça — é roubar o Mercado enquanto eu tomo conta.

Eu abri a boca para responder e não achei nada que não fosse verdade. Fechei.

A Cerca de Ferro, de perto, é maior do que parece de longe. Eu sempre soube disso, como todo mundo de

Brumavale sabe, mas fazia anos que não chegava perto dela de verdade. Ninguém chega. As mães amarram os sininhos nas grades e voltam correndo. As crianças desafiam umas às outras a encostar a mão e saem gritando, embora o ferro não faça mal nenhum a gente. É o que tem do outro lado que assusta.

De perto, as grades são grossas como o meu pulso e frias mesmo em setembro. O ferro é preto, mas não liso; é cheio de pequenas marcas, como pele de gente velha. E as pontas lá em cima, a cinco metros do chão, são torcidas em formas que de longe parecem lanças e de perto parecem flores fechadas.

O Portão da Lua estava aberto, como fica nas três noites, duas folhas de ferro largas como a porta de um celeiro, empurradas para dentro. Por ele entravam e saíam os feéricos que ainda chegavam do Bosque, de máscara, sem olhar para os lados. Silvan não foi para o Portão. Virou à esquerda e foi andando ao longo da Cerca, do lado de cá, pelo trilho de grama alta que ninguém usa, longe das lanternas.

Fui atrás. A luz do Mercado ficou para trás e foi diminuindo até virar só um brilho nas minhas costas. O céu era todo da lua.

E então eu os vi.

Do outro lado das grades, a uns três passos da Cerca, havia gente parada.

Foi o que eu pensei primeiro: *gente*. Gente parada em fila, de frente para a vila, como sentinelas. Guardas de armadura escura, cada um numa posição diferente, um com a lança erguida, outro com a mão no punho da espada, outro com o rosto virado para o lado como se tivesse ouvido um barulho. Dezenas deles. Talvez mais de cem. A fila seguia ao longo da Cerca até onde a luz da lua deixava ver, e depois continuava no escuro.

Nenhum deles se mexia.

Cheguei mais perto da grade. A lua batia no rosto do mais próximo, um homem de barba trançada com o elmo debaixo do braço, igualzinho a Silvan. Os olhos dele estavam abertos.

E eram de ferro.

O rosto inteiro era de ferro. A barba, as tranças, os cílios. A pele da mão que segurava o elmo. As unhas. Tudo do mesmo cinza-escuro, liso, com o mesmo brilho fosco de metal molhado. Não era uma estátua de alguém. Era alguém que tinha virado estátua.

Recuei tão depressa que bati as costas em Silvan. Ele não se mexeu. Me segurou pelos dois braços, firme, só o tempo de eu recuperar o equilíbrio, e soltou.

— Esse é Garven — disse ele. — Era o meu capitão quando eu tinha a idade daquele menino que a senhora viu ontem. Virou ferro há quarenta anos. Foi o primeiro de quem eu me lembro.

Eu não conseguia falar.

— A Guarda Parada — disse ele. — É assim que o meu povo chama. Quando um de nós vira ferro por inteiro, não tem como enterrar. Não tem como queimar. O ferro não queima. Então nós os trazemos para cá, para a Cerca, e os deixamos de pé, virados para o lado de vocês. — Ele fez uma pausa. — É o único lugar do reino onde o ferro não dói mais. Aqui, perto da Cerca, eles estão em casa.

— Eles estão… — Minha voz saiu estranha. — Eles estão vivos?

Ele demorou a responder.

— Não sabemos. Nenhum de nós sabe. Às vezes, nas noites de Mercado, quando a música chega até aqui, eu acho que vejo um deles virar a cabeça. — Olhou para o capitão de ferro. — Deve ser a lua.

Andamos ao longo da fila. Ele dizia os nomes. Não todos; não havia tempo para todos. Mas dizia muitos, sem precisar pensar, como quem recita uma oração que sabe de cor. *Ilse, que cantava. Dorran, que fazia facas. Os gêmeos Vell, que viraram ferro na mesma semana, de mãos dadas. Bria. Tamsk. Old Hal, que contava mentiras melhores que as suas.* Alguns eram antigos, com a armadura de um feitio que eu nunca tinha visto, cobertos de líquen. Outros eram novos. Muito novos. O metal ainda brilhava.

Eram mais novos à medida que a gente andava. Percebi isso no meio da fila. O líquen ia ficando para trás. As armaduras iam ficando parecidas com a de Silvan. E a fila ia ficando mais cheia: no começo, um guarda a cada dez passos; depois, a cada cinco; depois, ombro com ombro.

— Quantos? — perguntei.

— Cento e trinta e oito, desde que o juramento foi feito. — Ele não precisou contar. — Quarenta e um nos últimos seis anos.

Seis anos. Fazia seis anos que eu vendia na banca da Odete.

Quarenta e um. O mesmo número de frascos que ele guardava. Por um instante, a minha cabeça quis transformar aquilo numa conta simples: um frasco, uma pessoa. Mas ele tinha acabado de dizer que não funcionava assim. O número ficou parado na minha cabeça mesmo assim, pesado, como uma moeda de ferro no fundo de um bolso.

— Isso é… — eu comecei. — O senhor não pode dizer que fui eu. Tem falsificador em Valmora, em Calder, no Mercado do Sul. Tem gente que falsifica com tinta de lula e cera de vela e vende para feérico bêbado. Eu não sou a única.

— Não. Não é.

— Então o senhor não pode dizer…

— Eu não disse. — Ele parou de andar. — A senhora está dizendo. Eu só estou mostrando quem paga.



Foi aí que eu vi o menino.

Estava sentado do outro lado da grade, no chão, encostado nas pernas de uma das estátuas mais novas, com os joelhos dobrados contra o peito e o elmo ao lado, na grama. Não usava armadura, só uma túnica escura e uma capa. Sem o elmo, parecia ainda mais novo: quinze anos, talvez dezesseis, com o cabelo cor de palha cortado rente e um rosto que ainda não tinha decidido que forma ia ter.

Tobin.

Ele levantou a cabeça quando nos ouviu, e eu vi que estava chorando. Ou tinha chorado. Esfregou o rosto com a manga, rápido, e se pôs de pé.

— Meu senhor.

— Senta, Tobin.

O menino não sentou. Ficou de pé, encostado na estátua, e olhou para mim através das grades com uma cara que eu não sabia ler. Não era raiva. Era cansaço, eu acho. Um cansaço velho demais para aquele rosto.

A estátua em que ele se encostava era de uma moça. Alta, magra, com uma lança na mão direita e a esquerda erguida na altura do ombro, aberta, como se estivesse acenando para alguém do lado de cá. O cabelo, preso numa trança comprida, tinha virado ferro também. O metal ainda estava claro, quase prateado nas pontas.

— Maren — disse Silvan, baixinho. — Irmã dele. Virou na primavera.

— Ela estava acenando para a nossa mãe — disse Tobin. A voz era a mesma voz de dentro do elmo, jovem demais. — A nossa mãe mora em Brumavale. É humana. Maren vinha toda noite de Mercado acenar para ela da Cerca. Na última noite, o braço ficou assim e não desceu mais.

Eu olhei para a mão de ferro erguida. Para os dedos abertos.

Uma mãe humana em Brumavale. Um filho e uma filha meio feéricos, na Corte de Ferro. As outras cortes fechavam as portas para os filhos de humanos; a de Ferro, a que todos desprezam, era a única que os acolhia. Eu sabia disso. Todo mundo em Brumavale sabia de alguém. Nunca tinha pensado que esse alguém tinha nome e um braço erguido.

— Me mostra a mão, Tobin — disse Silvan.

O menino hesitou. Olhou para mim. Depois tirou a luva da mão esquerda e passou o braço por entre as grades, para o lado de cá, com a palma para cima, à luz da lua.

Na primeira noite, eu tinha visto os veios nas costas daquela mão: cinza-chumbo, subindo do pulso até os nós dos dedos.

Agora eles cobriam a palma inteira. O dedo mínimo estava cinza da ponta até a segunda junta, liso, sem as linhas da pele. E o anelar começava a escurecer na unha.

— Desde quando? — Minha voz saiu num fio.

— Piorou anteontem à noite — disse Tobin. — E ontem. E hoje de manhã. — Ele olhou para a própria mão como se fosse de outra pessoa. — Sempre piora depois do Mercado. Os mais velhos dizem que é assim. Três dias de lua cheia, três dias de dor. Depois para um pouco. Até a próxima lua.

Eu tinha visto. Essa é a parte que eu ainda não consigo perdoar em mim mesma. Eu tinha visto com os meus olhos e tinha guardado no fundo da cabeça, no lugar das coisas de amanhã.

Na primeira noite, Tobin segurando o pulso antes de sondar o meu *Amor Eterno*. Na segunda, a mão tremendo dentro da luva, pior, bem pior. E, nas duas noites, quatorze frascos meus tinham passado pela fiscalização de Ferro como se fossem verdadeiros. Três da caixa da Odete. Onze do lote do Fenn. O de seda encerada no fundo da caixa, que ninguém sondou.

Eu sabia contar. Contar é a única coisa que eu faço o dia inteiro.

— Não dá para saber qual fraude — eu disse. Ouvi minha própria voz como se viesse de outra pessoa, alguém que eu não queria ser. — O senhor mesmo disse. Pode ser de qualquer um. Pode ser de Valmora. De Calder.

— Pode — disse Silvan.

— Então…

— Então a senhora quer saber se a mão dele é culpa sua ou de outra pessoa. — Ele me olhou, e os olhos de moeda estavam muito calmos. — A magia não sabe responder isso, senhorita Lark. Ela só cobra. Cada fraude que recebe o selo da nossa fiscalização entra na conta, esteja o frasco onde estiver depois disso. E a conta é paga por quem estiver de guarda. Ninguém escolhe quem. Ninguém sabe quanto. Hoje é a mão de Tobin. No mês que vem, pode ser o pé de Hollis, ou o resto do meu pescoço. A senhora quer saber qual ponto seu virou qual dedo dele. Eu também gostaria de saber. Não há como.

Tobin recolheu a mão para dentro da grade. Calçou a luva de novo. Não olhava mais para mim.

E eu fiz uma coisa que me envergonha até hoje: tentei de novo.

— Por que vocês não sondam tudo, então? — Minha voz subiu. Eu odiava o som dela, alto, defensivo, e não conseguia parar. — Cada frasco. Cada um, na entrada do Mercado. Se a

fraude que passa é paga por vocês, não deixem passar nenhuma. É simples.

— Com o quê? — disse Silvan.

— Com as sondas!

— As sondas encontram costuras grosseiras. Não a linha de osso. E não dizem de onde vem a dor que já carregamos. — Ele disse isso sem emoção nenhuma. — A senhora sabe disso melhor do que ninguém. Quem descobriu que a linha de osso engana o ferro não foi a minha corte, senhorita Lark. Foi a sua profissão.

Eu calei a boca.

— E mesmo que pegassem — continuou ele, mais baixo —, sondar cada frasco levaria a noite inteira. A fila sairia pelo Portão e iria até a estrada de Valmora. Metade dos vendedores não chegaria à mesa antes do galo. E quem são os vendedores, senhorita Lark? Não são os nobres de Cobre. São as viúvas de moleiro. São os meninos de nove anos que vendem o mar por três meses de comida. — Ele olhou para a fila de estátuas. — Eu poderia mandar sondar tudo. Os meus capitães me pedem isso toda lua. O ferro avançaria mais devagar sobre o meu povo. E metade de Brumavale passaria o inverno com fome, porque não conseguiu vender a tempo.

— E o senhor escolheu…

— Eu escolhi que o meu povo pague. — Ele disse isso como quem diz o próprio nome. — Uma escolha horrível. A menos horrível que eu tinha. Faço de novo a cada lua cheia, e a cada lua cheia alguém vem para cá e fica de pé.

— E o Tobin escolheu pagar?

Silvan olhou para a mão enluvada do menino, do outro lado da grade.

— Não.

Olhei para ele. De verdade, pela primeira vez. Não para os olhos de moeda nem para os veios do pescoço, nem para a beleza difícil de olhar que todos eles têm. Para ele. Para o homem que sabia o nome de cento e trinta e oito estátuas e que escolhia, todo mês, deixar a fila crescer para que as Hannas do mundo não passassem fome.

E eu, com a minha linha de osso, tinha feito essa escolha ficar mais cara.



Havia uma placa no pilar do Portão da Lua.

Eu já tinha passado por ela duzentas vezes. Uma placa de ferro do tamanho de uma porta pequena, pregada no lado de cá do pilar esquerdo, coberta de letras miúdas que ninguém lê, porque estão escritas na língua velha de Cobre, aquela dos contratos antigos, cheia de voltas e abreviações. As crianças de Brumavale acham que é uma maldição. Os velhos dizem que é a lista dos mortos da Guerra dos Berços. Nunca ninguém me disse o que era de verdade, e eu nunca perguntei.

Silvan me levou até ela no caminho de volta. Levantou uma lanterna de mariposas que tinha pegado emprestada de uma banca vazia e iluminou a placa de baixo para cima.

— A senhora lê a língua velha de Cobre — disse ele. Não era pergunta.

— Como o senhor sabe?

— Ninguém falsifica um contrato de preferência com o timbre certo sem ler a língua dos contratos.

Claro. Ele tinha ouvido até isso.

Eu leio, sim. Aprendi sozinha, aos catorze anos, com um livro de modelos de contrato que roubei do cartório quando fui buscar Rosalind. Não leio rápido. Mas leio.

Cheguei perto. Passei a ponta dos dedos pelas letras frias, como faço com os bordados para sentir o ponto. Era o Juramento da Fronteira. Eu reconhecia a forma: o preâmbulo, as partes, as obrigações, o selo da Tecelã no alto, uma roca de fiar dentro de um círculo. Era um contrato. Um contrato de verdade, com as cláusulas numeradas do jeito que os escrivães de Cobre numeram até hoje.

A cláusula sétima dizia assim, mais ou menos, quando eu tirei as abreviações e pus as palavras na ordem de gente:

Que a Corte de Ferro guarde o Mercado da Fronteira, e que nenhuma fraude o atravesse. E que toda fraude que atravessar a sua guarda seja paga pelos seus guardiões, em sua carne, até que a conta esteja quite.

Até que a conta esteja quite.

Li duas vezes. Li uma terceira. Conheço essa fórmula; está em todo contrato de dívida de Brumavale. É a fórmula que não tem fim, porque a conta nunca fica quite. Garrick Fenn usa nos empréstimos dele.

— Quem assinou isso? — perguntei.

— O meu bisavô. — Silvan baixou a lanterna. — Há trezentos anos. Em troca, a Tecelã deu à nossa corte o dom de tocar o ferro. Ninguém mais em Sylvária consegue. Pareceu um bom acordo, na época. Pareceu uma honra.

— Pareceu uma honra — repeti.

— Os acordos ruins sempre parecem, senhorita Lark. É por isso que alguém assina.

Ficamos ali, na frente da placa, com a lanterna de mariposas iluminando os nossos pés. Lá atrás, o Mercado continuava, com a música dos irmãos Tarrow chegando em pedaços com o vento. Do outro lado do Portão, no escuro, a Guarda Parada continuava de pé, virada para a vila.

Eu não pedi desculpas. Quero deixar isso claro, porque depois, muitas vezes, eu desejei ter pedido. Não pedi porque não sabia como se pede desculpas por quarenta e um frascos e uma mão de menino. Não existe frase para isso. E porque, no fundo, uma parte de mim ainda estava furiosa, uma parte pequena e feia que dizia: *você não sabia. Você não tinha como saber. Ninguém te contou. Por que a culpa é sua, se a placa estava pregada aqui há trezentos anos e ninguém nunca leu?*

Era uma parte que dizia a verdade. E, mesmo assim, não servia de nada.

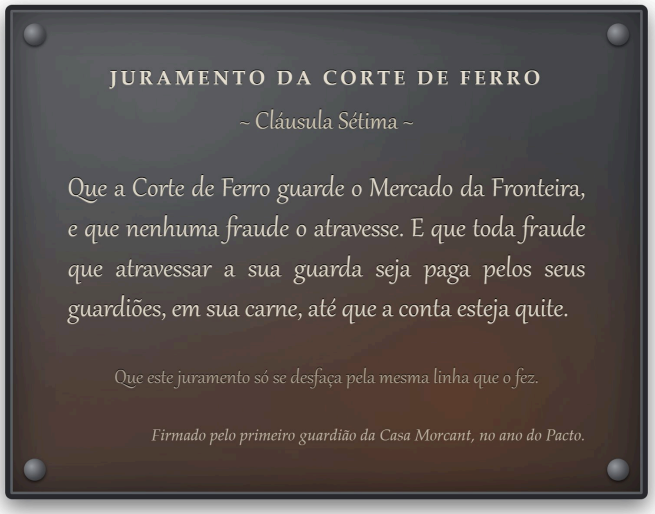
— Por que o senhor me trouxe aqui? — perguntei, por fim. — Se não é para me entregar. Se não dá para saber qual fraude. Se a conta nunca fica quite. Por que me mostrar isso?

Silvan Morcant olhou para a placa. Depois para mim.

— Porque a cláusula sétima tem uma última linha — disse. — A senhora não leu até o fim.

Olhei de novo. Ele tinha razão. Embaixo da cláusula sétima, quase apagada, numa letra menor, mais antiga, como se tivesse sido acrescentada depois, havia mais uma frase. Precisei me agachar e aproximar a lanterna para ver.

Que este juramento só se desfaça pela mesma linha que o fez.



— A mesma linha que o fez — eu disse. — O que isso quer dizer?

— Todo contrato do Mercado nasceu de um primeiro contrato. — Ele falava baixo agora, como quem conta um segredo num lugar onde as paredes escutam. — A primeira venda de um sonho que já existiu. A Tecelã guarda o registro dela num frasco, no coração do Palácio do Fuso. O Frasco Primeiro. Dizem que nele está a língua de onde nasceram todas as cláusulas que já foram escritas. Inclusive esta.

— E com essa língua…

— Com essa língua, talvez, alguém conseguisse desfazer a cláusula sétima. Ou reescrever. Ou pelo menos entender como ela funciona. — Ele fez uma pausa. — Ninguém sabe. Ninguém da minha corte jamais pôde tocá-lo.

Eu me levantei devagar. Os joelhos doíam do frio da grama.

— E o senhor quer que eu chegue.

— Eu quero que a senhora faça a única coisa que sabe fazer melhor do que qualquer pessoa viva. — Os olhos de moeda não piscavam. — Na última noite do Festival das Sete Luas, uma vez a cada sete anos, o Frasco Primeiro sai do cofre para a Renovação dos Juramentos. Uma hora diante de todas as cortes. Depois volta para o cofre.

— Uma hora.

— Uma hora. — Ele disse a próxima frase como quem pousa uma carta na mesa. — Se a troca passar pela fiscalização daquela noite, talvez só descubram na próxima Renovação. Daqui a sete anos.

Entendi.

Entendi tudo de uma vez, do jeito que se entende o desenho inteiro de um bordado quando se vira o tecido do avesso. Ele não tinha vindo me punir. Não tinha vindo me ameaçar, embora tivesse ameaçado. Tinha vindo à minha banca, tirado o elmo do lado de cá da Cerca pela primeira vez em trinta e um anos, me mostrado o nome de cento e trinta e oito mortos e a mão de um menino, por um motivo só.

Ele precisava de uma falsificadora.

Da melhor. Daquela que costura como quem reza.

— O senhor quer que eu falsifique o Frasco Primeiro — eu disse.

— Quero que a senhora o troque.

Eu ri. Não era um riso bom. Era o riso que sai quando o corpo não sabe o que fazer com uma coisa grande demais.

— O senhor está louco.

— Provavelmente.

— É o objeto mais vigiado de Sylvária. O senhor mesmo disse. Ninguém nunca chegou perto.

— Ninguém nunca tentou com a pessoa certa.

— E por que eu faria isso? — Eu cruzei os braços, porque não sabia o que fazer com eles. — Por que eu, uma humana de Brumavale, entraria no palácio da Grã-Rainha de Sylvária para roubar o frasco mais importante do reino? Pela sua corte? Pelo Tobin? — A voz falhou no nome dele, e eu odiei que tivesse falhado. — Eu tenho uma irmã. Tenho um pai. Tenho uma dívida de vinte e nove pães de mel. Eu não tenho por que…

— Tem.

Ele disse isso com tanta calma que eu parei no meio da frase.

— Dizem — continuou Silvan Morcant, olhando para mim — que o Frasco Primeiro devolve futuros.

Fiquei completamente imóvel.

— Eu não sei se é verdade — disse ele. — Não vou mentir para a senhora; os de Ferro não mentem. Pode ser só uma lenda. Há quem diga, nas tavernas de Sylvária, que o Frasco Primeiro ensina a desfazer qualquer venda. — Ele fez uma pausa. — Eu não conheço ninguém que tenha conseguido. Nem sei quanto custaria.

Pensei no meu pai, sentado à mesa da cozinha com as mãos espalmadas ao lado do prato vazio. *Tanto faz.*

Pensei num fio de cabelo cinza enrolado na linha vermelha do meu pulso.

Pensei num frasco vazio no fundo de um baú, com um selo de lacre que dizia LIQUIDADO.

E, por último, porque eu sou egoísta e não tenho como esconder isso, pensei numa frase escrita em tinta de cobre, numa letra antiga cheia de voltas, embaixo da minha própria assinatura. Uma frase que eu tinha assinado sem ler, e que só fui ler depois, na mesa da Odete, sem sentir nada. Um futuro meu que já não lembrava de ter querido.

Silvan Morcant viu tudo isso passar pelo meu rosto. Tenho certeza de que viu. Ele vê tudo.

Mas não disse nada. Só levantou a lanterna de novo, olhou para o céu, onde a lua já começava a descer para o lado do Bosque, e disse:

— A sua hora acabou, senhorita Lark. Eu prometi trazê-la de volta.

E começou a andar em direção às luzes do Mercado, devagar, no passo que dava para eu acompanhar.

CAPÍTULO OITO

A Casa de Janela Grande



Ele me devolveu à banca da Odete faltando pouco para o galo, como tinha prometido.

O Mercado já estava naquela hora em que a noite fica cansada. As lanternas de mariposa piscavam mais devagar. Os irmãos Tarrow tocavam só a rabeca e a gaita, porque o tambor tinha ido dormir no colo de uma moça de Cobre. Os feéricos que restavam andavam devagar entre as bancas, com os olhos meio vidrados de quem já bebeu um sonho e ainda está voltando dele.

A Viúva Odete estava acordada, com o olho aberto e as mãos cruzadas sobre a barriga. Não perguntou nada. Olhou para o meu rosto e depois para o rosto dele, e alguma coisa se fechou na boca dela, como uma bolsa.

Silvan parou do lado de fora da banca. Não entrou. Pôs o elmo de volta debaixo do braço, como se fosse colocá-lo e tivesse desistido no meio do caminho.

— O Festival das Sete Luas começa daqui a vinte e cinco dias — disse ele, baixo, só para mim. — Quando as luas de Sylvária se alinharem. Cada corte apresenta uma oferenda: um humano que vai por vontade própria, é recebido como

convidado de honra e participa da cerimônia diante da Tecelã na última noite.

— E o que acontece com ele depois?

— Volta para casa com presentes. — Ele fez uma pausa curta. — É o que dizem.

— O senhor diz isso como quem não acredita.

— Eu digo o que dizem. Os de Ferro não mentem, senhorita Lark. Também não juram por aquilo que não viram.

Odete fez um barulho no fundo da garganta que podia ser concordância e podia ser ameaça.

— A Corte de Ferro nunca apresentou uma oferenda — continuou ele. — Nunca, em trezentos anos. Somos a corte que guarda a porta. Não somos convidados para a festa; somos chamados para vigiar quem dança. — Algo que parecia um sorriso passou pelo canto da boca dele e não ficou. — Se eu chegar ao Festival com uma oferenda, vai ser um escândalo. Todos os olhos vão estar na senhora. E ninguém vai olhar para as suas mãos.

— Porque vão estar olhando para o meu rosto.

— Porque vão estar procurando o motivo de o Senhor de Ferro ter perdido o juízo.

Eu quase ri. Não ri.

— Vinte e cinco dias — eu disse. — Para aprender a ser uma oferenda numa corte feérica, estudar um palácio que eu nunca vi e falsificar o objeto mais vigiado do reino.

— Vinte e cinco dias no Forte Ferrugem. Lá ninguém vai incomodá-la. Ninguém vai até o Forte Ferrugem se puder evitar.

— E se eu disser não?

— A senhora já disse não uma vez esta noite. — Ele olhou para o céu, que começava a clarear do lado da vila, um cinza

fino como água suja. — Estarei no Portão da Lua ao pôr do sol de hoje. Só a minha corte consegue abri-lo fora das noites de lua cheia. Se a senhora vier antes da primeira estrela, eu o abrirei. Se a senhora não vier, os quarenta e um frascos vão para o cartório na manhã seguinte, com o meu relatório.

— E se eu vier?

— Se a senhora vier, eles vão para o fundo do rio vermelho que passa embaixo da minha casa. Junto com o relatório.

Fiquei olhando para ele.

— Isso é chantagem — eu disse.

— É.

Eu não esperava que ele concordasse.

— E vai continuar sendo — disse ele —, mesmo que a senhora aceite. — Os olhos de moeda não piscavam. — Eu disse à senhora que conheço escolhas horríveis. Não disse que as minhas são limpas.

Ele inclinou a cabeça para a Odete, um gesto curto e estranhamente formal, como se ela fosse uma rainha e não uma velha de quatro dentes numa cadeira de vime. Depois pôs o elmo, e o rosto dele sumiu atrás do ferro, e ele foi embora pelo corredor das bancas, e o silêncio foi andando com ele até o Portão.

O galo cantou.

As lanternas se apagaram em fila. Os escrivães de Cobre fecharam os livros. Eu fiquei parada na banca com a caixa de veludo azul nas mãos e não comprei o monte de frascos vazios. Foi a primeira vez em seis anos.

— Não vai — disse a Odete.

— Eu não disse que ia.

— Não precisou. — Ela se levantou da cadeira, devagar, apoiada na bengala. — Conheço essa cara, menina. Conheço

bem demais. Não gosto do que acontece quando uma Lark faz essa cara.

— Que Lark?

Ela não respondeu. Pegou a placa de CONSIGNAÇÕES ODETE, enfiou debaixo do braço e foi embora mancando para a estrada da vila, sem se despedir, coisa que ela nunca tinha feito.



ROSALIND ESTAVA ACORDADA.

Eu soube antes de abrir a porta, porque a vela do sótão estava acesa, um quadradinho amarelo na janela redonda, e porque não se ouvia tosse nenhuma. Pela primeira vez em meses, o silêncio da nossa casa era só silêncio.

Subi a escada devagar. Cada degrau rangia de um jeito que eu conhecia, e eu sabia em qual pisar para não acordar ninguém, e pisei em todos os que rangiam, de propósito, porque queria que ela soubesse que eu estava chegando. Não sei por quê. Acho que queria que a conversa começasse antes de eu ter de começá-la.

Ela estava sentada na cama, vestida, de cabelo solto. Não estava copiando nada. Não havia prancheta. Havia só ela, com as mãos no colo, e, em cima do cobertor, ao lado dela, embrulhado no lenço de lã, o frasco.

O frasco vazio.

Ela o tinha tirado do baú e posto ali, no meio da cama, como quem põe uma carta na mesa.

— Você mexeu no meu baú — disse ela.

Eu fechei a porta.

— Eu estava arrumando.

— Você estava arrumando — repetiu Rosalind, com aquela voz de cartório, a de quem lê uma cláusula em voz alta para o cliente entender o que assinou. — Você dobrou a minha saia em três, e eu dobro em dois. Você pôs as meias em par, e eu nunca ponho as meias em par. E você embrulhou o frasco de novo com o nó para o lado errado. Eu conheço o seu nó, Aveline. Você me ensinou a dar esse nó.

Não havia nada a dizer. Eu disse mesmo assim.

— Quando?

— O quê?

— Quando você vendeu.

Ela olhou para o frasco. Passou o dedo pelo lacre cor de cobre.

— Em agosto. Quando a tosse começou de verdade. — A voz dela estava calma. Calma demais. — O Mestre Halvard compra no balcão, sabia? O cartório tem licença de banco. Ninguém precisa ir ao Mercado, ninguém precisa sentar na frente de feérico mascarado. É só sentar na sala dos fundos, dormir numa cadeira de couro, e um colhedor de Cobre fica do lado com a campânula. Tem até chá.

— Rosa.

— Pagou o xarope de setembro e o de outubro. E as velas. — Ela levantou os olhos. — Você não se perguntou de onde vinham as velas, Aveline? Você gasta seis velas por noite costurando etiqueta bordada para a Odete. Quem você acha que estava comprando?

Eu não tinha me perguntado. Achava que eram as do mês anterior. Achava que tinham sobrado. Eu, que conto tudo, nunca tinha contado as velas.

— O que você vendeu? — perguntei.

— Está escrito no selo.

— O selo está borrado.

— Eu sei. Eu passei o dedo em cima toda noite até borrar.

Ficamos em silêncio. Lá embaixo, os cento e catorze relógios bateram seis horas, seis badaladas em uníssono, e o som subiu pelo assoalho e passou por nós duas como uma onda.

— *Morar com a Aveline numa casa de janela grande* — disse Rosalind.

Eu já sabia. Desde a noite em que achei o frasco, eu sabia. Mesmo assim, ouvir na voz dela foi como levar um tapa com a mão aberta.

— Por quê? — Minha voz saiu pequena. — Era nosso. Era a única coisa que era só nossa. A gente dizia isso desde que você tinha quatro anos, Rosa. A casa. A janela. Eu costurando de um lado, você lendo do outro.

— Você ainda lembra daquela casa, não é? — Ela olhou para o frasco, não para mim. — Eu tenho o contrato. Sei o que estava escrito. Mas não consigo mais lembrar por que eu queria tanto aquela janela.

Fiquei olhando para ela. A casa de janela grande não estava perdida por falta de dinheiro. Estava perdida porque a minha irmã tinha assinado que aquele futuro não ia existir.

— Então por quê?

E aí ela me disse. Disse olhando nos meus olhos, sem chorar, com as mãos quietas no colo, e eu acho que ela tinha ensaiado aquilo muitas vezes no escuro do sótão enquanto eu costurava.

— Porque enquanto esse sonho existisse, você nunca ia embora.

— Do que você está falando?

— Você ia passar a vida inteira aqui, Aveline. Nesta casa. Cuidando do papai, cuidando de mim, costurando à noite, mentindo de dia, contando moeda, devendo pão. Você ia fazer

quarenta anos com a linha vermelha no pulso, esperando eu sarar, esperando o papai voltar, esperando a casa da janela grande que nunca ia vir, porque nunca ia ter dinheiro para ela. — Ela respirou fundo, aquela respiração inteira, sem chiado, que a graça tinha devolvido. — Eu vi você olhar para o Mercado quando os feéricos vão embora pelo Portão. Você olha como se quisesse ir junto. Você olha para a estrada de Valmora como se quisesse ir junto. Você olha para *tudo* como se quisesse ir junto, e nunca vai, por minha causa.

— Isso não é verdade.

— É verdade. E você sabe que é.

— Eu fico porque eu quero.

— Você fica porque tem medo.

Eu ri. Um riso curto e feio.

— Medo de quê?

— De acontecer de novo. — Rosalind não desviou os olhos. — De você sair de casa por uma noite e tudo desabar. Como na noite em que o papai vendeu os sonhos. Você saiu atrás dele, Aveline. Três dias depois, a mamãe morreu.

O sótão ficou muito frio.

Eu nunca tinha contado isso a ela. Nunca. Ela tinha oito anos. Eu achava que ela não sabia que eu tinha saído naquela noite, que eu tinha seguido o papai até a mesa de Cobre e o ouvido vender *ver Elena envelhecer*, e que eu tinha voltado correndo para casa e encontrado a mamãe dormindo e achado que estava tudo bem, e que três dias depois…

— Você não me protege, Aveline — disse minha irmã, baixinho. — Você me segura. É diferente. Eu vendi o nosso sonho para você poder me soltar.

E foi aí que eu fiz a pior coisa que já fiz na vida.

Não foi a falsificação. Não foram os quarenta e um frascos, nem a mão de Tobin, nem a linha de osso. Essas coisas eu fiz sem saber o preço, e isso não me absolve, mas pelo menos é uma desculpa. Desta vez eu sabia exatamente o preço de cada palavra, porque eu conhecia a minha irmã melhor do que conhecia qualquer coisa no mundo, e escolhi as palavras pelo preço.

— Você é igual ao papai — eu disse.

Rosalind ficou imóvel.

— Vende o que é dos outros e chama de amor. — Eu ouvia a minha própria voz e não reconhecia. Era fria, e calma, e cortava. — Ele vendeu a mamãe para salvar a mamãe, e olha onde ela está. Você vendeu a gente para me salvar de você. Parabéns. Agora só falta vender o resto, e você pode sentar na cozinha do lado dele e dizer *tanto faz*.

Silêncio.

Rosalind não chorou. Isso foi o pior. Se ela tivesse chorado, eu teria parado, eu teria atravessado o sótão e a abraçado e dito que era mentira. Mas ela não chorou. O rosto dela simplesmente ficou parado, como fica o rosto de alguém que levou uma pancada e ainda não sentiu a dor. Depois se levantou da cama. Pegou a capa no gancho. O cachecol. Não pegou a prancheta.

— E Valmora? — perguntou, de costas para mim, com a mão na maçaneta. — A bolsa. A prova. Ainda está de pé o "eu dou um jeito em tudo"?

Eu poderia ter dito sim. Era o que eu tinha prometido dois dias antes, olhando nos olhos dela.

— Dê você o seu jeito — eu disse. — Você é tão boa em vender coisas.

Ela abriu a porta e desceu a escada sem pisar em nenhum degrau que rangia.

Ouvi a porta da oficina abrir e fechar. Ouvi meu pai dizer, lá embaixo, com a voz de sempre:

— Bom dia, Rosalind.

E não ouvi a resposta dela.



Eu não fui atrás.

Quero contar isso direito, sem me poupar, porque fui eu que comecei esta história dizendo que nunca vendi um sonho meu, e isso era verdade até duas noites antes, e agora não era mais, e mesmo assim eu continuava achando que a mentirosa da casa era a minha irmã.

Eu não fui atrás porque estava com raiva. E porque estava com vergonha. E porque, se eu fosse atrás, teria de admitir que ela tinha razão, e eu não sabia como se faz isso. Fiquei sentada na cama dela, em cima do lugar ainda quente, com o frasco vazio do lado, e disse para mim mesma que ela ia para a casa da Marisol, como fazia quando brigávamos aos quinze anos, e que à noite voltava, e que à noite a gente conversava.

Mais uma coisa para a noite. Mais uma coisa para amanhã.

Dormi. Não sei como, mas dormi, vestida, com os sapatos de cores diferentes, em cima do cobertor dela. Quill deitou nos meus pés. Ele não pesa nada, mas naquela manhã eu senti o peso dele.

Acordei com a porta.

Era o fim da tarde. A luz entrava pela janela redonda baixa e laranja, e o sótão estava cheio de poeira dourada. Ouvi a porta da oficina, a voz do meu pai — "boa tarde, Rosalind" —, e passos na escada. Passos devagar. Passos que pararam no

segundo degrau e depois no sexto, como paravam em agosto, só que dessa vez eu sabia que não era por falta de ar.

Rosalind entrou.

Tinha o rosto cansado e as bochechas vermelhas de frio. Tirou o cachecol. Tirou a capa. E, quando se virou para pendurar a capa no gancho e a luz da janela bateu no rosto dela, eu vi.

Uma mecha.

Do lado esquerdo da testa, saindo da raiz e descendo até o queixo, no meio do cabelo quase preto da nossa mãe, uma mecha da largura de dois dedos, cor de cinza de lareira.

E nos olhos castanhos dela, que não deixam passar nada, havia pontinhos cinzentos. Como poeira. Como chuva fina num vidro.

Aquela mecha não cabia na história que ela tinha me contado. Um sonho só não faz isso com ninguém. Quantos outros frascos eu ainda não tinha encontrado?

Eu me levantei tão depressa que o mundo girou.

— O que você fez?

Ela não respondeu. Enfiou a mão no bolso da saia e tirou uma bolsinha de couro. Abriu. Despejou o conteúdo em cima da minha mesa de costura, em cima da toalha xadrez que escondia o meu trabalho de verdade.

Moedas. Coroas de ouro, das verdadeiras, das que não viram folha. Muitas. Mais do que eu já tinha visto juntas em cima de uma mesa da nossa casa.

— A passagem para Valmora — disse ela. — A diligência, não a carroça. Seis meses de quarto em pensão, até a bolsa começar. Os livros da prova. Um casaco de inverno. E o xarope do próximo verão, para quando a graça do seu lorde de Prata

acabar. — Empurrou as moedas um pouco mais para o meio da mesa. — Pronto. Dei o meu jeito.

— Rosa. — A minha voz não saía. — Rosa, o que você vendeu?

Ela olhou para mim. Os pontinhos cinzentos nos olhos dela pareciam se mexer à luz da tarde.

— Não é da sua conta — disse ela. — É meu. Eu vendo o que é meu.

Era a mesma frase. Quase igual. *Isso não é mais da sua conta, senhorita Lark. A senhora vendeu.* Eu tinha ouvido uma coisa assim doze horas antes, da boca de um feérico de olhos de moeda, e tinha achado que nunca ia ouvir nada mais cruel.

Rosalind tirou os sapatos, deitou na cama dela de costas para mim, puxou os três cobertores até a orelha e não disse mais nada.

Fiquei olhando para a mecha cinza no travesseiro.

Eu tinha feito aquilo. Não ela. Eu. Com sete palavras escolhidas pelo preço. *Você é tão boa em vender coisas.*

Lá fora, o sol tocava os telhados de ardósia da Rua dos Relojoeiros. Faltava menos de uma hora para o pôr do sol.

Fui até a mesa de costura. Separei as moedas de Rosalind numa pilha e as guardei, uma por uma, na bolsinha de couro dela, e pus a bolsinha no baú, embaixo das camisolas de inverno, ao lado do frasco vazio. Depois levantei a toalha xadrez.

Os vidros de compota cheios de borra. As agulhas de osso no alfineteiro. O carretel vazio de linha de osso. O tinteiro de bolso que nunca derramou.

Dizem que o Frasco Primeiro devolve futuros.

Eu não sei se é verdade. Pode ser só uma lenda.

Peguei a maleta de couro em que eu levo o meu trabalho quando vou costurar na casa das clientes e comecei a enchê-la. As agulhas. Os carretéis de seda. A colher de osso. Os três vidros de borra mais limpos. A pasta de formulários em branco. O tinteiro.

Quill desceu da cama da Rosalind, sentou no chão ao lado da maleta e ficou olhando.

— Não me olha assim — eu disse para ele.

Ele continuou olhando.

— É uma lenda. Eu sei que é uma lenda. — Fechei a maleta. Minhas mãos tremiam. — Mas é a única que eu tenho.

CAPÍTULO NOVE

O Portão da Lua



Escrevi o bilhete em cima da toalha xadrez, com a pena do cabelo e o tinteiro que nunca derramou.

Eu escrevo bem. Não bonito como a Rosalind, com aquela letra de cartório que parece bordada, mas bem: frases curtas, claras, que dizem o que precisam dizer e não ficam pedindo licença. Escrevo etiquetas falsas há seis anos. Escrevo contratos de preferência em doze passos. Achei que ia ser fácil escrever para a minha irmã.

Levei vinte minutos e gastei quatro folhas.

O que ficou foi isto:

Rosa,

Arrumei trabalho do lado de lá da Cerca. Costura, para uma das cortes, durante o Festival das Sete Luas. Pagam bem, e pagam adiantado. Volto em um mês.

O dinheiro que você deixou na mesa está no seu baú, embaixo das camisolas. É seu. Não é para Valmora; é para você. Se quiser usar para Valmora, use.

A Marisol vem ver o papai. A Dona Ilsa vai mandar pão.

Não vende mais nada. Por favor. Espera eu voltar.

E embaixo, sozinha numa linha, uma palavra que eu escrevi, olhei, risquei com dois traços, olhei de novo, e não tive coragem de rasgar a folha para começar a quinta.

~~Desculpa.~~

Ficou assim, riscada, mas dava para ler. Eu sabia que dava para ler. Acho que foi por isso que deixei.

Era mentira quase tudo, de novo. Mas a última parte não era. E a palavra riscada também não.

Dobrei em quatro e prendi no castiçal, onde ela tinha prendido o dela na manhã anterior. Rosalind dormia de costas para mim, ou fingia dormir, enrolada nos três cobertores, com a mecha cinza espalhada no travesseiro. Fiquei parada ao lado da cama dela por um tempo que não sei medir. Pensei em tocar o cabelo dela. Não toquei.

Peguei a maleta e desci.



Meu pai estava na bancada, com a lupa no olho, debruçado sobre um relógio de mesa de mogno com o vidro rachado. A luz da tarde entrava pela vitrine da oficina e deixava tudo cor de mel: as engrenagens espalhadas no feltro verde, as pinças, os cento e catorze relógios na parede, o cabelo cor de jornal velho dele.

— Pai.

— Sim, Aveline.

— Eu vou viajar. Um mês, mais ou menos. Trabalho de costura.

— Está bem.

Eu sabia que ele ia dizer isso. Mesmo assim, fiquei esperando mais alguma coisa, como sempre fico, como uma

criança que põe o sapato na janela na noite de inverno mesmo depois de saber quem enche.

— A Rosa está lá em cima — eu disse. — Ela está… — *cinzenta. Começando a ficar como você.* — Ela não está bem. Cuida dela, pai.

— Está bem.

— Cuida de verdade. Vê se ela come. Vê se ela não vai ao cartório de noite.

— Está bem.

— A Marisol vai passar aqui. E a Dona Ilsa vai mandar pão.

— Obrigado.

Ele não tinha levantado os olhos do relógio. A pinça se movia em cima das engrenagens com aquela precisão terrível. Eu me inclinei e dei um beijo no alto da cabeça dele, como a Rosalind faz todas as manhãs. O cabelo dele cheirava a óleo de relógio e a nada.

Fui até a porta. Pus a mão na maçaneta.

— Leva o xale azul — disse meu pai.

Parei.

Ele continuava debruçado sobre o relógio, a pinça parada no ar. A voz era a mesma voz de sempre, sem cor. Mas a frase não era uma frase dele. Não era uma frase de *tanto faz* e *está bem* e *obrigado*. Era uma frase de antes.

— O quê, pai?

— O xale azul. — Ele piscou atrás da lupa. — Do lado de lá venta.

Meu coração deu uma batida torta.

— Do lado de lá de quê?

Ele ficou em silêncio. Eu vi, de novo, aquela coisa acontecer atrás dos olhos cor de água de chuva: uma vela andando por

um corredor escuro, procurando uma porta. Procurando, procurando.

A vela apagou.

— Não sei — disse ele. — Que horas são?

Nenhum relógio respondeu. Eram cinco e quarenta. Não é hora de badalada.

— Quase seis, pai.

— Está bem.

E voltou para o relógio de mogno.

Eu subi a escada correndo, de dois em dois, abri o baú da nossa mãe que fica no pé da minha cama e tirei o xale azul de lá de dentro. É de lã grossa, de um azul que já foi escuro e agora é da cor do céu às seis da tarde, com uma barra de franja que eu mesma consertei três vezes. Era dela. Ninguém usa. Está ali dentro desde o enterro, dobrado em quatro, cheirando a lavanda seca.

Enrolei nos ombros. Desci. Meu pai não levantou a cabeça quando passei.

Eu não sei por que ele disse aquilo. Não sei até hoje. Talvez fosse uma frase que a minha mãe dizia, e ficou presa nele em algum lugar que a venda não alcançou, como a canção da lavadeira. Talvez não fosse nada.

Mas eu levei o xale.

A loja da Marisol fica no meio da Rua dos Tecelões, numa casinha estreita com uma vitrine cheia de manequins de vime vestidos com as coisas que ela inventa. Quando entrei, ela estava sentada atrás do balcão com os pés para cima, numa banqueta, comendo uma maçã e costurando uma manga ao mesmo tempo.

Olhou para a minha cara. Olhou para a maleta. Olhou para o xale.

Largou a maçã.

— Não — disse ela.

— Eu ainda não disse nada.

— Não precisou. Você está com a cara de quando a gente tinha doze anos e você foi atrás do seu pai no Mercado sem me contar.

— Eu vou viajar.

— Para onde?

— Trabalho de costura. Para uma das cortes do lado de lá. Durante o Festival.

Marisol ficou me olhando por um bom tempo. Depois tirou os pés da banqueta, com esforço, uma mão na barriga e a outra no balcão, e se levantou, e veio até mim, e ficou na minha frente com a barriga enorme quase encostando na maleta.

— Isso é mentira, Avie — disse ela, muito baixo.

— É meia mentira.

— Qual metade?

— A parte da costura é verdade.

Ela suspirou. Um suspiro comprido, de quem já sabia e só queria confirmar.

— A Rosa está mal — eu disse, antes que ela pudesse perguntar mais alguma coisa. — Eu fiz uma coisa horrível com ela hoje de manhã. Disse uma coisa que não devia. E ela… — A voz falhou. Engoli. — Ela vendeu mais um sonho. Está com uma mecha cinza, Mari. Do lado da testa.

Marisol fechou os olhos.

— Vou lá todo dia — disse ela. — Levo sopa. Faço ela comer. E se ela chegar perto do cartório depois do expediente, eu sento em cima dela. Eu tenho peso para isso agora.

Eu ri. Saiu quebrado.

— Obrigada.

— Não me agradece. — Ela abriu os olhos. — Volta.

— Eu volto.

— Volta para ser madrinha. Eu não vou deixar a minha irmã bordar Hortênsia em cueiro nenhum.

— Eu volto, Mari.

— Promete?

Era a terceira vez em três dias. Eu pensei em tudo o que não sabia: o Forte Ferrugem, o Palácio do Fuso, o Festival, a Tecelã, o Frasco Primeiro, uma hora diante de todas as cortes. Pensei em como a gente promete coisas que não depende da gente cumprir.

— Prometo — eu disse.

Ela me abraçou. Com a barriga no meio, foi um abraço torto, de lado, e o bebê chutou bem no meu quadril, com força, como quem diz *vai logo*.



Passei na padaria da Dona Ilsa quando ela estava fechando as janelas.

— Hoje não é noite de Mercado, menina — disse ela.

— Eu sei.

Pus duas moedas pequenas de cobre no balcão, o preço exato de dois pães de mel. Ela olhou para as moedas e depois para mim, desconfiada, como se eu tivesse posto ali duas pedras pintadas.

— Por conta dos vinte e nove — eu disse. E pus, ao lado, uma das minhas quatro coroas. — E esta é para a senhora mandar um pão de mel lá em casa toda noite de lua cheia, enquanto eu estiver fora. Para a Rosalind.

— E se acabar o dinheiro?

— Aí põe na conta.

Dona Ilsa riu, aquele riso de quem tem farinha até nos cílios. Depois guardou a coroa no avental, pegou as duas moedas de cobre e, com um toco de carvão, fez uma coisa que eu nunca tinha visto ela fazer: apagou dois risquinhos do batente da porta com o polegar.

— Vinte e sete — disse ela.

Puxei a linha vermelha do meu pulso. O fio de cabelo cinza da minha irmã ainda estava enrolado nela.

Vinte e sete.



A Viúva Odete estava sentada numa pedra na beira da clareira, do lado de cá da Cerca, com a bengala atravessada nos joelhos.

O Mercado, sem as bancas, é só um campo. Grama pisada, uns panos esquecidos, as varas de freixo das lanternas espetadas no chão sem lanterna nenhuma, como os ossos de alguma coisa grande. A Cerca de Ferro parecia ainda mais alta sem as luzes. O sol já tinha descido atrás do Bosque, e o céu do lado de lá estava roxo, e do lado de cá estava cinza, e no meio, no alto, havia uma única estrela ainda muito fraca.

O Portão da Lua estava fechado.

— Você não devia estar aqui — eu disse para Odete.

— Você também não. — Ela bateu a bengala na pedra ao lado dela. — Senta um minuto.

Sentei.

Ela enfiou a mão no bolso do avental e tirou uma latinha. Uma latinha redonda, pequena, dessas de pastilha de hortelã,

tão gasta que a pintura da tampa tinha virado só uma mancha. Pôs na minha mão.

— Era da sua mãe.

Eu abri.

Dentro, aninhado num pedaço de feltro vermelho, havia um dedal de prata. Pequeno, gasto na ponta de tanto empurrar agulha, com uma andorinha gravada na borda. A mesma andorinha que o meu pai grava dentro da tampa de todos os relógios.

E, dobrado embaixo do feltro, um papel amarelado, com uma letra que eu não via desde os doze anos e que reconheci antes de ler, como se reconhece uma voz no escuro.

Para quando a Avie for embora.

Só isso. Cinco palavras.

Fiquei olhando para o papel até as letras ficarem borradas. Depois percebi que não eram as letras.

— Ela te deu isso? — consegui perguntar. — Quando?

— Um pouco antes de ficar doente. — Odete olhava para a Cerca, não para mim. — Disse: *Odete, quando a Avie fizer a cara que eu fiz, você entrega isso a ela.* Eu perguntei: *que cara?* E ela disse: *você vai saber.*

— E que cara é essa?

A velha virou o olho bom para mim. Ficou me olhando por um tempo comprido, com aquela boca de quatro dentes fechada como uma bolsa.

— Essa — disse ela.

Não perguntei mais nada. Não porque não quisesse saber. Porque eu sabia que ela não ia responder, e porque a primeira estrela já estava ficando mais forte no céu, e porque do outro lado da Cerca, no escuro do Bosque, alguma coisa se mexeu.

Pus o dedal no dedo médio da mão direita. Serviu. Claro que serviu.

Guardei o papel no bolso do avental, junto com o bilhete de Rosalind da manhã anterior. *Respirei a manhã inteira.* Os dois juntos.

— Odete — eu disse, levantando. — Se eu não voltar…

— Você volta. — Ela bateu a bengala no chão. — Sua mãe também teve medo de ir. E voltou para casa.

E antes que eu pudesse perguntar *ir para onde*, o Portão da Lua começou a abrir.



Não fez barulho nenhum. Eu esperava um rangido, um estrondo de ferro, alguma coisa. As duas folhas do Portão, largas como a porta de um celeiro, simplesmente começaram a se afastar uma da outra, devagar, para dentro, sem ninguém empurrando, como se alguém do outro lado estivesse puxando com um fio.

E do outro lado estavam Silvan, Hollis e dois cavalos negros. Hollis montava um. O outro esperava junto ao Portão, com as rédeas soltas.

Silvan estava de pé. Silvan Morcant, sem elmo, com uma capa escura e a mão esquerda apoiada na folha do Portão, nua, o ferro dos dedos tocando o ferro da grade. Era assim que ele abria. Não com chave. Com a mão.

As montadas eram cavalos. Dois cavalos pretos, altos, enormes, de crina comprida, com as ferraduras brilhando cinza-escuro na luz que restava. Ferraduras de ferro. Nenhum cavalo de Sylvária usa ferradura de ferro; eu sabia disso como todo mundo sabe. Só os da Corte de Ferro.

Em cima de um deles estava o guarda alto. O do Mercado, o que tinha dito *Tobin* e posto a mão no ombro do menino. Agora sem elmo. Era uma mulher. Alta, de ombros largos, com o cabelo ruivo raspado dos lados e trançado no alto da cabeça. E a metade esquerda do rosto dela, da têmpora até o queixo, era de ferro. Liso, escuro, perfeito, com uma linha nítida onde a pele terminava e o metal começava, como a linha da maré numa pedra.

Ela me olhou de cima a baixo. Olhou para a maleta, para o xale da minha mãe, para os meus sapatos de cores diferentes, que eu ainda não tinha trocado.

— É isso? — disse ela, para Silvan. A voz era rouca e nada simpática. — É essa a costureira que reza?

— Hollis — disse Silvan.

— Só perguntei.

— Hollis, capitã da minha guarda — disse ele, para mim. — Ela vai gostar da senhora daqui a uns cinquenta anos.

— Cem — disse Hollis.

Silvan não sorriu. Mas alguma coisa no rosto dele quase fez isso.

Ele não deu um passo para o lado de cá. Ficou exatamente onde estava, com a mão no Portão, do lado de lá da linha onde as duas folhas se encontravam quando fechadas. Eu entendi por quê, e entendi que ele queria que eu entendesse. O Pacto. Nenhum humano levado à força. Ele não podia vir me buscar. Não podia me puxar, nem me pegar no colo, nem me botar no cavalo.

Eu tinha de atravessar sozinha.

Olhei para trás.

Brumavale estava acendendo as luzes. Uma janela, depois outra, depois a rua inteira dos Tecelões, depois a padaria da

Dona Ilsa, depois, lá no fundo, na parte baixa, perto do riacho, uma janela redonda no alto de uma casa estreita, com um quadradinho de luz amarela tremendo atrás do vidro.

A vela do sótão. Rosalind tinha acendido a vela.

Fiquei olhando para aquela luz. Eu podia voltar. Era só virar as costas, atravessar a clareira, subir a Rua dos Relojoeiros, abrir a porta da oficina, pisar em todos os degraus que rangiam e sentar na beira da cama da minha irmã e dizer *eu estava errada*. Era só isso. Três palavras. Naquela manhã, eu tinha encontrado sete para machucá-la e não encontrava três para pedir perdão.

E se ela vendesse mais um sonho, talvez aparecesse outro ponto cinzento. Depois outro. Até que um dia ela olharia para mim e diria *tanto faz*.

Quill passou por entre as minhas pernas, frio como uma corrente de ar, e atravessou o Portão. Do outro lado, parou, sentou na grama escura e virou a cabeça para mim, com o rabo enrolado nas patas.

Esperando.

Ninguém mais o viu. Nem Silvan, nem Hollis, nem os cavalos. Mas eu vi, e foi o que bastou.

A Viúva Odete não disse adeus. Eu ouvi a bengala dela bater uma vez na pedra, atrás de mim. Só uma.

Respirei fundo. O ar tinha cheiro de turfa queimando do lado de cá e de alguma outra coisa do lado de lá, uma coisa verde e úmida e antiga que eu não conhecia.

E dei o passo.

O chão do outro lado era igual ao chão do lado de cá. Grama. Terra. Um pouco de orvalho. Não sei o que eu esperava. Que o mundo virasse de cabeça para baixo, talvez. Que doesse.

Não doeu. Só ficou diferente.

As cores, primeiro. O roxo do céu era mais roxo. A grama era mais verde, mesmo no escuro, de um verde que parecia ter luz própria. As árvores do Bosque Limiar, que de longe eu sempre tinha achado altas demais, de perto eram altas demais *e* respiravam: os galhos subiam e desciam devagar, como o peito de alguém dormindo. E o ar… o ar tinha gosto. Gosto de chuva e de mel e de metal, tudo junto.

Atrás de mim, o Portão da Lua começou a fechar. Silvan tinha tirado a mão.

Virei a tempo de ver as duas folhas de ferro se juntarem, devagar, sem barulho nenhum, e, no último palmo de espaço entre elas, a luz amarela da janela redonda, lá longe, em Brumavale.

Depois, ferro.

À minha direita, a três passos, de frente para a vila, uma moça de ferro erguia a mão esquerda aberta, acenando para alguém do lado de cá que não estava mais olhando.

Silvan Morcant estava ao meu lado. Não muito perto. Na distância exata de quem respeita uma decisão que não foi sua.

— Bem-vinda a Sylvária, senhorita Lark — disse ele.

Eu não respondi.

Estava pensando que a vida inteira eu tinha lido a última página primeiro. Que nunca tinha entrado numa história sem saber como ela terminava. E que agora estava de pé no começo da maior história da minha vida, do lado errado de uma cerca de ferro, com o xale da minha mãe nos ombros, o dedal dela no meu dedo e uma raposa de sombra me esperando na grama.

E não havia última página nenhuma para ler.

ATO DOIS

A Corte que Enferruja



CAPÍTULO DEZ

Sylvária



Eu não sei montar.

Disse isso a Silvan Morcant no primeiro minuto do lado de lá, quando ele indicou o segundo cavalo com a cabeça e esperou que eu subisse. Disse com o queixo erguido, como quem confessa um crime de que se orgulha. Em Brumavale ninguém tem cavalo. Quem tem cavalo é o Fenn, e o Fenn não empresta.

— A senhora vai na garupa de alguém — disse ele.

Olhei para o cavalo dele, preto, enorme, com a crina caindo como uma cortina e as ferraduras de ferro brilhando no escuro. Olhei para ele, a capa escura, os veios de metal subindo pelo pescoço, os olhos de moeda que viam tudo. Imaginei duas horas, ou cinco, ou dez, agarrada à cintura daquele homem, com o rosto nas costas dele, sentindo cada vez que ele respirasse.

— Vou com ela — eu disse, e apontei para Hollis.

Hollis, lá em cima do outro cavalo, fez uma cara como se eu tivesse apontado para ela com uma faca.

— Não vai, não.

— Vou.

— Meu senhor — disse Hollis, sem tirar os olhos de mim. — Diga a ela que eu mordo.

— Ela morde — disse Silvan.

— Eu também — eu disse.

Silvan olhou para Hollis. Hollis olhou para Silvan. Alguma coisa passou entre os dois, uma conversa inteira sem palavra nenhuma, do jeito que só acontece entre pessoas que se conhecem há muito tempo. Depois Hollis soltou um palavrão numa língua que eu não conhecia e estendeu a mão para baixo.

A mão direita. A de carne.

Eu peguei. Ela me puxou para cima com uma força que eu não esperava e me largou atrás dela na sela, de qualquer jeito, como quem joga um saco de batata numa carroça.

— Se vomitar nas minhas costas — disse ela —, eu te devolvo para o Portão a pé.

— Combinado.

— E segura direito. Não na capa. Na cintura. A capa rasga.

Eu segurei na cintura dela. Era dura como uma tábua e quente. Do lado esquerdo, por baixo da túnica, onde a minha mão encostou, não era quente. Era liso e frio, e não cedia.

Hollis sentiu a minha mão parar. Não disse nada.

Eu mudei a mão de lugar para o lado direito. Ela também não disse nada sobre isso.

Silvan já tinha montado. Olhou uma vez para trás, para mim, para a minha mão na cintura da capitã dele, e alguma coisa no canto da boca dele fez de novo aquele movimento que não chegava a ser sorriso. Depois virou o cavalo e entrou no Bosque.

Quill correu na frente, uma mancha de sombra entre as patas dos cavalos. Ninguém o viu. Os cavalos viram. O de Hollis bufou e torceu as orelhas para trás, e eu achei que ia

empinar, e Hollis xingou de novo e apertou os joelhos, e o cavalo se acalmou. Mas não tirou os olhos do lugar onde o Quill estava.

— Que bicho é esse que você trouxe? — perguntou Hollis, baixinho, sem virar a cabeça.

Meu coração parou um segundo.

— Que bicho?

— O cavalo está vendo alguma coisa. Cavalo de Ferro não se assusta com coisa que não existe.

Não respondi. Ela não insistiu. Mas eu senti, pela tábua das costas dela, que ela ficou atenta pelo resto da noite.



O Bosque Limiar respira.

Eu tinha visto, do Portão, os galhos subindo e descendo devagar. De dentro é pior. Ou melhor. Não sei. É como andar dentro de um bicho enorme que está dormindo. As árvores sobem até sumir no escuro, com troncos tão largos que dez homens de mãos dadas não abraçariam, e a casca delas é coberta de um musgo que brilha de leve, azul-esverdeado, como água-viva. Quando um galho baixa no ritmo da respiração, o musgo brilha mais forte. Quando sobe, apaga.

A trilha era estreita e macia, de folhas mortas que não faziam barulho. O ar tinha aquele gosto de chuva, de mel e de metal. E havia sons. Não eram de bichos. Eram baixos, contínuos, como alguém cantarolando muito longe, numa casa do outro lado de um vale, uma música que eu quase reconhecia e que desaparecia toda vez que eu prestava atenção.

— O que é isso? — perguntei.

— O quê?

— A música.

Hollis ficou em silêncio um tempo.

— Não tem música nenhuma.

— Tem. Alguém está cantando. Bem longe.

— Humana — disse ela, como quem diz *louca*. Mas virou a cabeça um pouco para o lado, para ouvir, e não disse mais nada.

Silvan, na frente, não virou a cabeça. Mas eu vi o cavalo dele diminuir o passo.



Saímos do Bosque quando a lua já estava baixa, e eu vi Sylvária pela primeira vez.

Não sei descrever direito. Fiquei tentando durante semanas, nas cartas que escrevi para Rosalind e não mandei, e nunca acertei. O mais perto que cheguei foi isto: é como se alguém tivesse pegado o mundo que eu conhecia e aumentado o volume de todas as cores.

O céu era fundo e roxo, cheio de estrelas grandes demais, e nele havia quatro luas. Quatro. Uma grande e branca, igual à nossa, e três menores, espalhadas: uma prateada, uma cor de mel, uma azulada e fina como uma unha. Hollis disse, sem eu perguntar, que eram sete e que as outras três estavam escondidas. Em vinte e cinco noites começaria o Festival. Na sétima e última, elas se poriam todas em fila.

Lá embaixo, depois de uma encosta de grama prateada, havia um vale. Um rio cortava o vale, e o rio brilhava, não com o reflexo das luas, mas com luz própria, uma luz azul-clara que corria junto com a água. Nas margens, campos de flores fechadas, que eu achei que eram brancas e depois vi que eram de vidro, ou pareciam de vidro, e tilintavam de leve quando o vento passava, como os sininhos da Cerca.

E, no meio do vale, à beira do rio, uma cidade pequena, toda acesa.

— Cobre — disse Hollis, com desprezo. — Posto de câmbio. Vamos passar por fora.

Mas a estrada passava por dentro. E Silvan não desviou.



Ninguém me contou, em vinte e três anos de Brumavale, para onde iam os sonhos.

Quer dizer: todo mundo sabe que os feéricos compram e levam. Que bebem. Que é o maior prazer deles, e que é por isso que pagam tão caro. Eu sabia isso como se sabe que a chuva cai do céu. Nunca tinha pensado no que acontecia depois que o frasco atravessava o Portão da Lua. Para que mesa ia. Em que mão.

A cidade de Cobre me contou em meia hora.

A rua principal era larga, de pedra clara, e as casas dos dois lados eram altas, estreitas e muito bonitas, com janelas redondas e telhados de cobre que tinham ficado verdes com o tempo. Em cada janela havia uma lanterna. E em cada lanterna, eu vi quando passamos ao lado da primeira, havia um frasco.

Âmbar. Rosa. Dourado. Azul-claro. Verde-garrafa. As cores que eu conhecia de duzentas noites de Mercado. A cidade inteira era iluminada por sonhos.

— Eles usam de lanterna? — Minha voz saiu estranha.

— Os que não prestam para beber. — Hollis não olhou. — Sonho velho, sonho que o comprador abriu e não quis, sonho que ficou fraco. Põem na janela. Dura um ano. Brilha bonito.

Um ano. Um futuro de alguém pendurado numa janela por um ano, para iluminar uma rua.

Pensei em Greta Hollow, que vendeu *aprender a tocar violino*. Pensei que talvez o sonho de Greta Hollow estivesse numa daquelas janelas, brilhando azul-claro, enquanto alguém lá dentro jantava sem olhar.

No fim da rua havia uma praça, e na praça havia uma casa maior que as outras, toda de vidro e cobre, como uma estufa enorme. Lá dentro estava muito claro. As portas estavam abertas e saía uma música lenta e um cheiro doce de flor podre. Na placa, em cima da porta, em letras de cobre: CASA DE SONHAR.

Silvan parou o cavalo na frente dela.

Não sei por que parou. Até hoje não sei se foi de propósito, para eu ver, ou se ele simplesmente parou, como se para diante de uma coisa que dói e de que não se consegue tirar os olhos. Mas parou, e Hollis parou atrás dele, e eu olhei pelas portas abertas.

Era um salão comprido, cheio de almofadas e divãs de veludo. Nos divãs havia feéricos. Dezenas deles. Deitados. De olhos fechados, ou abertos e vidrados, olhando para o teto de vidro sem ver nada. Cada um tinha um frasco aberto no peito, ou na mão, ou caído no tapete ao lado. E cada um, eu vi, estava vivendo outra vida.

Uma feérica de Prata, magríssima, de cabelo branco, ninava os próprios braços vazios e cantava baixinho para eles uma cantiga de criança que eu conhecia de Brumavale. Um feérico de Ouro, enorme, chorava em silêncio, com o rosto molhado e um sorriso parado, segurando um frasco rosa contra o coração. Outro ria sozinho. Outro estendia a mão para o ar, para alguém que não estava ali, e a mão ficava esperando.

Atendentes de Cobre andavam entre os divãs em silêncio. Ao lado de cada um, deixavam outro frasco preparado.

Quando amanhecesse e aquelas vidas terminassem, haveria outra esperando para começar.

— Alguns ficam aqui a semana inteira — disse Hollis, baixo. Pela primeira vez a voz dela não tinha desprezo. Tinha outra coisa. — Não comem. Não vão para casa. Só bebem uma vida depois da outra. Porque a deles…

Ela não terminou. Não precisava.

A feérica de Prata ninando os braços vazios abriu os olhos nesse momento e olhou direto para a porta. Para mim. Os olhos dela eram prateados, inteiros, como os de Silvan, e estavam molhados. Ela sorriu para mim como se me conhecesse. Depois fechou os olhos de novo e voltou a cantar para o bebê que não existia.

A cantiga era de Brumavale. Por um instante tive a certeza absurda de que aquele sonho também tinha vindo de lá. Não havia como saber. Mesmo assim, não consegui afastar a ideia: que alguém da minha vila tivesse sentado diante de uma mesa de Cobre e vendido *ter um filho*, e que a filha ou o filho que essa pessoa nunca ia ter estivesse sendo ninado agora, naquele divã de veludo, por uma desconhecida que não sabia nem o nome da mãe verdadeira.

Talvez fosse um dos meus. Um falso. Borra costurada. Um casamento de primavera emendado num primeiro dente de filho.

Talvez não. Eu nunca ia saber.

— Vamos — disse Silvan.

Foi a única coisa que ele disse em toda aquela rua.

Saímos da cidade de Cobre pelo outro lado, e a estrada subiu de novo, e o vale ficou para trás, com as janelas de

sonho brilhando como brasas.

Eu não falei por muito tempo. Hollis também não. O cavalo dela andava num passo regular, e eu ia balançando na garupa, segurando a cintura dela do lado de carne, olhando o chão passar.

Foi Hollis quem quebrou o silêncio.

— Você costura isso — disse ela. Não era pergunta.

— Costurava.

— É a mesma coisa que eles servem lá dentro.

— Não é a mesma coisa. — Eu ouvi a minha voz e sabia que era fraca. — Os meus eram falsos. Não tinham futuro de ninguém. Era só borra. Ninguém perdia nada.

Hollis riu, curto e sem graça.

— Fala isso para o Tobin.

Eu não falei mais nada.

Mais adiante, quando a estrada fez uma curva e o vale sumiu, ela disse, sem virar a cabeça, numa voz mais baixa:

— Aquela de Prata, na almofada. Com os braços.

— Sim?

— Era a mãe de um rapaz da minha guarda. Ele virou ferro no inverno passado. Ela vem toda semana para a Casa de Sonhar e compra sonho de filho. De qualquer filho. Não importa de quem. — Hollis endireitou as costas. — Ela tinha um. Agora ela compra o dos outros.

A gente andou mais um pouco.

— Eu odeio você, humana — disse Hollis, com calma, como quem diz que está frio. — Só para você saber. Não é nada pessoal.

— É um pouco pessoal.

— Um pouco — concordou ela.

E foi a coisa mais honesta que alguém me disse naquela noite.



O Forte Ferrugem fica no fundo de um desfiladeiro, e a gente chegou ao amanhecer.

A estrada desceu em zigue-zague por uma parede de pedra vermelha, tão íngreme que Hollis desceu do cavalo e me mandou descer também, e fomos a pé, puxando os animais pelas rédeas, com o vento subindo do fundo e cheirando a ferro molhado. Lá embaixo corria um rio. Não, dois. Três. Rios estreitos que se juntavam e se separavam como fios de uma trança, e a água deles era vermelha. Não vermelha de sangue: vermelha de ferrugem, aquele vermelho alaranjado de prego velho, com espuma rosada nas pedras.

E, no meio dos rios, plantado numa ilha de rocha, estava o Forte.

Eu esperava um castelo. Esperava torres, bandeiras, muralhas. Era tudo isso, mas era de ferro. Ferro velho, enferrujado, remendado. As muralhas eram placas de metal escuro sobrepostas como escamas, manchadas de laranja e marrom onde a ferrugem tinha comido, e nos lugares onde a ferrugem tinha comido demais havia remendos de ferro novo, mais escuro, presos com rebites do tamanho de um punho. As torres eram altas e tortas, como dedos de uma mão que não fecha direito. As bandeiras eram cinza, com uma grade e um sininho bordados. E o sol, que nascia lá em cima, do outro lado do desfiladeiro, ainda não tinha chegado ao fundo, e tudo estava numa penumbra fria, avermelhada, triste.

Era o lugar mais feio que eu já tinha visto.

E havia gente nas muralhas.

Eu vi quando chegamos à ponte, uma ponte de correntes de ferro sobre o rio vermelho. Primeiro uma cabeça aparecendo entre as ameias. Depois outra. Depois uma fileira. Gente de capa escura, olhando para baixo, para nós. Para mim.

O portão do Forte se abriu, rangendo, e uma coisa pequena saiu correndo de lá de dentro, atravessou a ponte como uma flecha e se jogou nas pernas de Silvan Morcant.

Uma criança. Uma menina de seis ou sete anos, de trança escura, de capa grande demais, que se agarrou à perna dele com as duas mãos e levantou o rosto, rindo.

Silvan pôs a mão na cabeça dela. A mão esquerda. A de dois dedos de ferro. Pôs com cuidado, do jeito que se põe a mão em cima de uma coisa que pode quebrar.

— Pim — disse ele. E a voz dele, a voz que eu tinha ouvido dizer *a senhora vendeu* sem crueldade nenhuma e *eu escolhi que o meu povo pague* como quem diz o próprio nome, ficou macia. — Você devia estar dormindo.

— Eu vi o senhor da torre — disse a menina. — Eu acordei cedo para ver. A Mabry disse que o senhor ia trazer uma…

Ela me viu.

Parou de falar. Soltou a perna de Silvan e ficou me olhando com uns olhos enormes, cinzentos, de criança.

Depois escondeu as mãos atrás das costas.

Mas eu já tinha visto. Antes de ela esconder. As duas mãos pequenas, gorduchas, de seis anos. E, na direita, os dois últimos dedos, o anelar e o mínimo, cinzentos até a primeira junta. Lisos. Brilhando de leve, como metal molhado, na luz vermelha do amanhecer.

— Pim — disse Silvan, ainda com aquela voz macia. — Esta é a senhorita Lark. Ela veio nos ajudar.

A menina continuou me olhando, com as mãos escondidas.

— Ajudar como? — perguntou.

Eu abri a boca. Não saiu nada.

Era a primeira vez em toda a minha vida que eu não tinha uma mentira pronta.

CAPÍTULO ONZE

Forte Ferrugem



A primeira coisa que me deram para comer em Sylvária foi mingau de aveia com mel, numa tigela de barro lascada, numa cozinha que cheirava exatamente à cozinha da minha avó.

Eu não esperava isso. Esperava frutas de vidro, vinho que muda de cor, carne de bicho que não existe. Esperava qualquer coisa, menos uma cozinha enorme e quente, de teto baixo e vigas escuras, com réstias de cebola penduradas, um fogão de lenha do tamanho de uma carroça e uma velha baixinha e torta, de avental manchado, mexendo um caldeirão com uma colher de pau maior que o braço dela.

— Senta — disse a velha, sem se virar. — Come. Depois a gente conversa. Ninguém conversa direito com fome, nem gente nem feérico, e eu não tenho paciência para nenhum dos dois de barriga vazia.

Ela falava como se fala em Brumavale. Não só a língua: o jeito. O *senta* curto, a vogal arrastada no fim do *come*. Eu me sentei no banco comprido de madeira sem pensar, como se tivesse dez anos.

A velha pôs a tigela na minha frente com um baque. Depois se virou e me olhou, e eu vi que os olhos dela eram castanhos. Comuns. Humanos. E que a pele do rosto era enrugada, manchada de sol, com uma verruga no queixo, e que as mãos que seguravam a colher eram mãos de gente, cheias de nós e calos, e que não havia nelas nenhum veio de metal.

— Mabry — disse ela. — Cozinheira, curandeira, parteira quando precisa, bruxa quando me pagam. Nascida em Brumavale, na Rua das Turfeiras, há oitenta e um anos. Fugi para cá com dezenove. Não me arrependo de nada, a não ser de umas três coisas, e nenhuma delas é da sua conta. — Ela bateu a colher na borda do caldeirão. — Come.

Eu comi.

O mingau estava perfeito. Grosso, quente, com o mel escorrendo em fios dourados por cima. Era o mingau da minha avó. Era o mingau que a minha mãe fazia nas manhãs de inverno. Eu comi a tigela inteira sem levantar a cabeça e só percebi que estava chorando quando uma lágrima caiu dentro da tigela vazia e fez um barulhinho.

Mabry não disse nada. Encheu a tigela de novo.



O Forte Ferrugem é maior por dentro do que por fora, e mais triste por dentro do que por fora, e mais vivo por dentro do que eu achei que fosse possível.

Hollis me mostrou tudo naquela manhã, andando na minha frente a passos largos, com as mãos nas costas, sem esperar que eu acompanhasse. Corredores de ferro escuro, com o chão de lajes de pedra gastas no meio de tanto pé passar. Escadas em caracol que subiam por dentro das torres tortas. Pátios estreitos, cheios de vento, onde a luz chegava só ao meio-dia,

por uma hora, e depois ia embora pelo alto do desfiladeiro. Uma forja com três fornos acesos e o barulho constante de martelo. Um estábulo com os cavalos pretos de ferradura de ferro. Uma biblioteca pequena, com cheiro de mofo, onde um feérico velho de óculos dormia em cima de um livro aberto.

E gente. Gente em todo lugar.

Eu achava que ia ver monstros. Não sei por quê. Talvez por causa do jeito que as outras cortes falam da de Ferro: *cães de ferrugem*. Talvez por causa da Guarda Parada. Imaginava uma fortaleza cheia de estátuas que andam, de rostos meio de metal, de gente que já não era gente.

Havia rostos meio de metal. Havia mãos de ferro, pés que rangiam nas lajes, um ferreiro com o braço esquerdo inteiro cinza-escuro até o ombro, martelando com ele como se fosse um martelo a mais. Havia uma moça na lavanderia com uma faixa de metal liso atravessando a testa, como uma tiara. Havia um velho no pátio que não conseguia mais virar o pescoço, e que virava o corpo inteiro quando alguém o chamava.

Mas eles riam.

É isso que eu nunca vou esquecer. O ferreiro ria de uma piada do ajudante. As lavadeiras cantavam. O velho do pescoço duro jogava dados com dois rapazes no pátio e roubava descaradamente, e os rapazes deixavam. As crianças corriam pelos corredores de ferro como correm as crianças em qualquer lugar, gritando, derrubando coisas, levando bronca.

E todos, todos eles, quando eu passava, paravam e me olhavam.

Não com raiva. Com curiosidade. Com aquela curiosidade cautelosa que se tem por um bicho estranho que alguém trouxe para casa. *É essa a humana?* eu os ouvia pensar. *É essa a*

oferenda? Por que o Senhor trouxe uma oferenda? A Corte de Ferro não tem oferenda.

Ninguém me disse uma palavra ruim.

Eu teria preferido que dissessem. Teria sido mais fácil.

— Eles sabem? — perguntei a Hollis, no alto de uma escada, ofegante. — Quem eu sou? O que eu fazia?

Hollis parou. Olhou para mim por cima do ombro, com o lado de carne do rosto. O lado de ferro ficava sempre virado para a parede quando ela podia escolher; demorei semanas para perceber que ela fazia isso de propósito.

— Não — disse ela. — O Senhor não contou. Eu não contei. Tobin não contou.

— Por quê?

— Porque ele mandou. — Ela continuou subindo. — E porque, se eles soubessem, você ia ter de comer a sua aveia sozinha, num quarto trancado, pelo resto do mês. E ninguém aqui ia ajudar você a fazer o que você veio fazer.

Eu não respondi. Subi atrás dela.



Meu quarto ficava no alto da torre mais torta, a que se inclinava para o lado do rio como uma árvore que cresceu procurando sol. Era pequeno, redondo, de paredes de ferro cobertas por tapeçarias desbotadas para tirar o frio. Havia uma cama estreita com colcha de retalhos, uma mesa, uma bacia, uma lareira pequena já acesa. E uma janela.

Uma janela grande.

Não tão grande quanto a do sonho que a minha irmã tinha vendido. Mas grande o bastante para eu sentar no parapeito, com os joelhos dobrados, e ver o desfiladeiro inteiro: a parede vermelha subindo até o céu, os três rios trançados lá embaixo, a

ponte de correntes, uma balsa de tábuas presa a uma corda de ferro lá no fundo, para as cargas pesadas demais para a ponte, e, no alto, uma fresta de céu roxo onde, à noite, eu ia descobrir, dava para ver duas luas ao mesmo tempo.

Sentei no parapeito. Fiquei olhando.

Quill pulou na cama, deu três voltas, deitou na colcha de retalhos e fechou os buracos de noite que tem no lugar dos olhos. Era a primeira vez em onze anos que eu o via fechar os olhos. Quero dizer: os buracos de sombra ficaram menos fundos, como uma janela quando alguém passa a cortina.

— Você está cansado — eu disse, espantada.

Ele não respondeu. Mas o rabo, que nunca para, parou.



O Salão de Ferro fica no coração do Forte, e eu entrei nele pela primeira vez naquela noite, para o jantar.

Hollis veio me buscar com uma capa limpa. A minha estava coberta de poeira vermelha do desfiladeiro, e ela jogou a nova em cima da cama sem dizer nada além de "veste". Era cinza, de lã macia, com uma grade e um sininho bordados no ombro, em fio de prata. Vesti por cima do vestido de costurar e do xale azul da minha mãe, que eu não tirei.

Descemos. Os corredores estavam cheios de gente indo para o mesmo lugar, conversando, rindo, e o barulho foi crescendo, e o cheiro de comida foi crescendo, e de repente o corredor acabou numa porta de ferro alta, de duas folhas, aberta, e eu entrei.

E parei.

Era um salão comprido, de paredes pretas e lisas. Ferro. Tudo era ferro: o chão, sob uma camada de juncos secos; as colunas, grossas e altas, que subiam e sumiam no escuro; os

arcos lá no alto, perdidos numa penumbra quente e vermelha. Mesas compridas de madeira escura, cheias de gente. Velas. Muitas velas. E, no fundo, uma lareira enorme, do tamanho de uma casa, com um fogo que rugia.

E do teto caíam faíscas.

Devagar. Laranja e ouro. Como neve ao contrário. Vinham lá do alto, de uma grade de ferro trabalhado que atravessava o teto inteiro, por onde passavam as chaminés das forjas de baixo. Caíam flutuando, mornas, e se apagavam antes de tocar o chão. Caíam no cabelo das pessoas e ninguém se importava. Caíam nos meus ombros e não queimavam. Eram mornas como dedos.

Eu já tinha estado ali.

Não. Eu nunca tinha estado ali. Eu nunca tinha estado em Sylvária até a noite anterior. Eu nunca tinha visto aquele salão, aquelas colunas, aquela lareira.

Mas o meu corpo sabia. O meu corpo sabia o cheiro: fumaça de lenha, metal quente e — eu procurei, e achei — flores. Havia flores brancas em vasos de ferro ao longo das mesas. O meu corpo sabia o calor das faíscas no ombro. O meu corpo sabia, com uma certeza que me deu vertigem, que, se eu andasse até o meio do salão e olhasse para cima, ia ver a grade de ferro do teto se abrindo como uma renda.

Fiquei parada na porta, com o coração batendo na garganta, e alguém atrás de mim esbarrou nas minhas costas, e Hollis me puxou pelo braço para o lado, e eu não consegui me mexer.

Um salão. Paredes pretas, lisas, frias. Faíscas caindo devagar, como neve ao contrário.

Uma mão com dois dedos de ferro segurando a minha.

Eu disse sim.

Eu não lembrava do sonho. Tinha vendido. Quem vende esquece. Era a regra. Mas existe uma diferença, eu descobri naquela porta, entre esquecer e não saber. Eu tinha esquecido o sonho. O que restava no meu corpo não era uma lembrança inteira. Era o reconhecimento de alguma coisa que eu já não sabia nomear.

Levantei os olhos.

Na mesa do fundo, a mais próxima da lareira, numa cadeira de ferro de espaldar alto que não era mais alta que as outras, estava Silvan Morcant. Sem capa, sem armadura, de camisa escura, com uma taça na mão. Estava conversando com um feérico velho ao lado dele, de barba branca e uma perna de ferro esticada debaixo da mesa.

E parou de conversar quando me viu.

Ficou me olhando do outro lado do salão, por cima das velas, das cabeças, das faíscas caindo. E no rosto dele, por um segundo, só um, antes que a parede de pedra se fechasse de novo, eu vi uma coisa que me deixou sem ar.

Não era surpresa. Ele não estava surpreso de me ver ali.

Era dor. A dor exata de quem vê, de olhos abertos, uma coisa que já viu de olhos fechados.

Ele baixou a taça. Disse alguma coisa ao velho. Levantou-se.

E veio andando pelo meio do salão, entre as mesas, até mim, enquanto as faíscas caíam nos ombros dele e se apagavam.

— Senhorita Lark — disse, parando a dois passos. A voz estava exatamente igual. Calma. Educada. Só um pouco mais baixa. — A senhora está pálida.

— Eu… — Engoli. — Eu nunca estive aqui.

— Não.

— Mas eu conheço este lugar.

Ele não disse nada. Os olhos de moeda estavam fixos nos meus, e eu vi que ele estava escolhendo as palavras na gaveta de facas, uma por uma, com mais cuidado do que nunca.

— Isso não é mais da sua conta — eu disse, antes que ele dissesse. Saiu mais amargo do que eu queria. — Não é? Eu vendi.

Alguma coisa se moveu no maxilar dele.

— A senhora vendeu um futuro — disse ele, baixo. — Não vendeu o lugar. O lugar continua aqui. — Ele fez uma pausa. — A senhora pode jantar nele, se quiser.

E ofereceu o braço.

Fiquei olhando para o braço dele. O esquerdo. A manga escura e, saindo da manga, a mão com dois dedos de ferro, aberta, esperando.

Eu não peguei.

Não sei por quê. Ou sei. Porque eu sabia que, se pegasse, ia ser igual. Ia ser a mão do sonho. E eu não tinha mais direito àquele sonho. Tinha vendido. E não queria saber o que ia sentir.

Passei por ele e fui sentar ao lado de Hollis, no meio de uma mesa comprida, entre um ferreiro e uma lavadeira, longe da lareira.

Ele não disse nada. Voltou para a mesa do fundo.

Hollis, ao meu lado, partiu um pão no meio, me deu a metade maior e disse, com a boca cheia, sem olhar para mim:

— Idiota.

Não sei para qual de nós dois.

Depois do jantar, quando o Salão já estava quase vazio e as faíscas tinham diminuído porque as forjas de baixo

tinham apagado os fornos, Silvan me esperou na porta.

Tinha uma caixa nas mãos. Uma caixa de madeira comprida, como as que se usam para guardar garrafas de vinho, com divisórias por dentro.

— Venha — disse ele.

Fui. Não sei por quê. Ou sei.

Ele me levou para fora do Forte, pelo portão grande, até a ponte de correntes. Era noite fechada. As duas luas que se viam do fundo do desfiladeiro, a branca e a cor de mel, estavam lá no alto, na fresta de céu roxo, e a luz delas descia pela parede vermelha e batia nos rios, e os rios de ferrugem, à noite, eram pretos com reflexos de cobre.

No meio da ponte ele parou e abriu a caixa.

Quarenta e um frascos.

Eu soube antes de contar. Reconheci a luz. Âmbar, rosa, dourado, azul-acinzentado, verde-garrafa. O meu *Pai Por Acaso*. O meu *Verão na Casa de Campo*. A noiva de olhos trocados que um lorde de Prata tinha comprado na primeira noite — não, essa não; essa ele já tinha bebido. Mas havia outras noivas. Eu tinha costurado muitas noivas.

Ele estendeu a caixa para mim.

— Prometi que iam para o rio — disse. — São os quarenta e um que consegui reunir e guardar. Não são todos os que a senhora vendeu. Faça a senhora.

Fiquei olhando para os frascos.

Pensei em pegar um. Abrir. Respirar. Ver o que eu tinha feito, uma última vez, como quem olha uma fotografia antes de queimar. Pensei em guardar um, só um, o mais bonito, escondido na maleta, para lembrar. Pensei em Tobin, na mão aberta de Maren acenando para Brumavale, na menina Pim escondendo os dedos atrás das costas.

Peguei o primeiro frasco. *Marido Arrependido.* Âmbar e cinza.

E soltei por cima da corrente da ponte.

Caiu devagar, girando, brilhando, e bateu na água preta e vermelha lá embaixo, e quebrou. Eu ouvi o vidro quebrar. E por um instante a borra costurada se espalhou na corrente como uma mancha de óleo dourado, e brilhou, e se desfez, e o rio a levou.

Peguei o segundo.

Joguei os quarenta e um, um por um. Silvan segurou a caixa o tempo inteiro, sem dizer nada, sem me apressar. Quando eu parava, ele esperava. Quando um frasco demorava na minha mão, ele esperava. Quando, no trigésimo, eu tive de parar porque não conseguia enxergar direito, ele esperou também, olhando para o rio, para me dar a privacidade de não ser olhada.

O último foi um casamento de outono. Joguei. Quebrou. Brilhou. Sumiu.

A caixa ficou vazia.

Ficamos ali, os dois, apoiados na corrente da ponte, olhando a água levar o que restava. Lá em cima, as luas. Lá embaixo, os rios. No meio, o vento do desfiladeiro, que cheirava a ferro molhado e, muito de leve, a flores.

— Isso não desfaz nada — eu disse, por fim. — Eu sei que não desfaz. A conta continua. O Tobin continua.

— Eu sei.

— Então por que o senhor me deixou fazer?

Silvan Morcant fechou a caixa vazia. Pôs debaixo do braço. Olhou para mim, à luz das duas luas, com aqueles olhos de moeda que viam tudo, e disse a primeira coisa que eu ouvi dele que não tinha sido escolhida numa gaveta de facas:

— Porque a senhora precisava. E porque eu precisava ver se a senhora ia guardar um.

— E se eu tivesse guardado?

— Eu teria deixado. — Ele começou a voltar para o Forte. — E teria pensado diferente da senhora.

Eu fiquei na ponte mais um pouco, sozinha, com as mãos frias e vazias.

Não tinha guardado nenhum.

Foi a primeira coisa, desde que atravessei o Portão, de que eu tive orgulho. E detestei perceber como quarenta e um frascos quebrados podiam me fazer sentir melhor sem melhorar a vida de nenhum dos que eu tinha ferido.

CAPÍTULO DOZE

Lições de Etiqueta



— Em Sylvária — disse Silvan Morcant —, ninguém conta um sonho em voz alta.

Era a primeira lição, na primeira manhã, e ele a disse antes mesmo de eu me sentar.

Estávamos na biblioteca do Forte, a de cheiro de mofo, onde o feérico velho de óculos dormia em cima dos livros. Ele não estava lá naquela manhã. Havia só nós dois, uma mesa comprida de carvalho coberta de mapas e papéis, uma janela estreita por onde entrava a única hora de sol do desfiladeiro, e Quill, deitado debaixo da mesa, em cima dos meus pés.

— Por quê? — perguntei.

— Porque sonho contado é sonho oferecido. — Ele estava de pé, do outro lado da mesa, com as mãos apoiadas na madeira. — Se a senhora contar um sonho diante de um feérico, ele pode dizer *eu aceito* e tratar as suas palavras como uma oferta. Pode exigir que a senhora vá ao cartório, pode oferecer um preço, pode transformar uma conversa inocente numa disputa de contrato diante de toda a corte. Nenhum futuro muda de dono sem a assinatura de quem o tem. Mas é muito difícil não

assinar quando metade de um salão está esperando que a senhora assine.

Eu pensei nas manhãs da minha casa, antes. Na mesa da cozinha, com a minha mãe servindo o mingau e perguntando, como perguntava todos os dias: *com o que vocês sonharam?* Na Rosalind de sete anos contando, com a boca cheia, que tinha sonhado com um cavalo que falava. No meu pai rindo.

A gente contava os sonhos na mesa do café como quem conta o tempo que vai fazer.

— Em Brumavale todo mundo conta — eu disse.

— Em Brumavale não há feéricos ouvindo. — Ele empurrou um papel na minha direção. — Aqui há. Sempre. Nas paredes, nos jardins, nos bailes. Principalmente nos bailes. Há feéricos no Festival que passam a noite inteira circulando entre as oferendas só para ouvir uma delas dizer *sonhei*. Não diga. Nem brincando. Nem bêbada. Nem dormindo, se puder evitar.

— Como se evita falar dormindo?

— Não se dorme no Festival — disse ele, sério demais para um conselho impossível. — É o que eu recomendo.

— Vou fazer o possível. Entre uma noite sem dormir e outra, talvez encontre tempo para desmaiar.

Olhei para o papel. Era uma lista, escrita numa letra miúda, inclinada, muito firme. Regras. Dezenas delas. Organizadas por corte.

— O senhor escreveu isto hoje?

— Esta noite.

— Dormiu?

Ele não respondeu. Eu reconheci aquela maneira de não responder. Era a minha.

As lições ocuparam o dia inteiro. E o seguinte.

Corte de Ouro: estende-se a mão com a palma para cima, como quem oferece pão, e nunca se recusa nada que eles ofereçam na primeira vez; recusar na primeira vez é ofensa; na segunda, é esperteza. Corte de Prata: não se olha nos olhos de ninguém por mais de três respirações, porque eles leem; e nunca se responde a uma pergunta com outra pergunta, porque eles adoram e você perde. Corte de Cobre: nunca se aceita um presente sem perguntar o preço, nem uma flor, nem um copo d'água. Corte de Vidro: no salão deles, ninguém consegue mentir; não tente; se não quiser dizer a verdade, fique calada, e o silêncio será respeitado.

— E a Corte de Ferro? — perguntei, no fim do segundo dia.

Ele levantou os olhos do mapa que estava desenhando.

— A Corte de Ferro não tem regras para hóspedes. Nunca tivemos hóspedes.

— E com os outros? Como as outras cortes tratam a de Ferro?

— Não nos tocam. Não comem na mesma mesa. Não nos chamam pelo nome; chamam pelo cargo, *fiscal*, *guarda*, *Senhor de Ferro*. — Ele voltou a desenhar. — E sorriem muito. A senhora vai ver. É o que mais sorri que mais nos despreza.

Eu pensei em Garrick Fenn, debaixo do toldo verde, levantando a taça de vinho.

— Conheço o tipo.

— Eu sei que conhece.

O mapa que ele desenhava era do Palácio do Fuso. Ele não tinha planta nenhuma, nem livro, nem anotação. Desenhava de memória. Trinta anos guardando a porta de festas para as quais nunca foi convidado; trinta anos de corredores, escadas, salões, posições de guarda, horários de troca, portas que

rangem e portas que não rangem. Tudo dentro da cabeça dele, organizado como os relógios do meu pai, cada coisa no seu lugar.

Eu me inclinei por cima da mesa para ver. Era a torre que gira, desenhada por dentro, andar por andar, como uma concha cortada ao meio.

— Ele gira mesmo? — perguntei.

— Uma volta inteira por dia. Devagar. Quem está dentro não sente. Mas as janelas mudam de paisagem: de manhã você vê o lago, de tarde as montanhas, de noite as luas. — Ele tocou o centro do desenho com a ponta da pena. — Aqui, no coração da torre, está o Grande Tear. É onde a Tecelã trabalha. E embaixo dele, num cofre que nenhum de nós viu por dentro, o Frasco Primeiro.

— Como é ele?

Silvan ficou em silêncio um momento.

— Eu vi uma vez. Na última Renovação, há sete anos. De longe, do lugar onde a Corte de Ferro fica, que é perto da porta. — Ele largou a pena. — É pequeno. Menor que os frascos do Mercado. De um vidro verde-escuro, grosso, irregular, como os vidros que os humanos sopravam há quinhentos anos. A rolha é de cera preta. E a luz lá dentro…

Ele procurou a palavra.

— Não tem cor — disse por fim. — Todo sonho tem cor. Esse não. É como olhar para a água de um poço muito fundo. Você sabe que tem alguma coisa lá. Não sabe o quê.

Eu fiquei pensando naquilo. Uma luz sem cor. Nunca tinha costurado nada sem cor. Nunca tinha visto borra sem cor.

— Para falsificar isso — eu disse —, eu vou precisar de borra velha. Muito velha. Da mais velha que existir.

— Eu sei.

— Onde se acha borra de quinhentos anos?

Ele me olhou.

— Nas adegas de Cobre.

— Adegas?

— Os bancos de Cobre guardam sonhos que ninguém bebeu. Alguns há séculos. Como vinho. Quanto mais velhos, mais caros. Os nobres compram os mais antigos para beber em ocasiões especiais, como se bebe uma garrafa do ano em que alguém nasceu. — Ele fez uma pausa. — E os frascos vazios dos sonhos mais antigos não vão para o monte de lixo atrás do balcão. Ficam nas adegas. Empilhados. Ninguém joga fora frasco de quinhentos anos.

— Com borra no fundo.

— Com borra no fundo.

Um frasco de quinhentos anos, vazio, com borra no fundo, numa adega de banco feérico. Eu sorri pela primeira vez em três dias. Não consegui evitar.

— O senhor está me pedindo para roubar de um banco antes de roubar de um palácio.

— Estou pedindo para a senhora fazer as compras.



No terceiro dia, ele me pediu para ensinar.

Eu estava sentada no parapeito da janela da biblioteca, com o mapa do Palácio no colo, decorando a ordem das escadas, quando ele se aproximou e parou a um passo de distância. Era sempre a um passo. Nunca mais perto. Eu tinha começado a perceber.

— Me mostre como a senhora faz — disse ele.

— O quê?

— O ponto. O que eu não consigo ver.

Olhei para ele. Ele não estava brincando. Ele nunca brincava; se brincava, era tão seco que eu levava um minuto para perceber.

— Por quê?

— Porque eu passei dois anos tentando entender como a senhora faz. — Ele disse isso sem vergonha nenhuma, como quem admite que não sabe nadar. — Os meus escrivães abriram os quarenta e um frascos com lupa. Com sonda. Com ferro em brasa. Não acharam a costura. Eu quero ver.

Fiquei um momento sem saber o que dizer. Depois desci da janela, fui até a mesa e abri a maleta.

Ninguém nunca tinha me pedido para ensinar aquilo. Ninguém nunca tinha *sabido* que havia alguma coisa para ensinar. Durante seis anos o meu melhor trabalho, a coisa que eu fazia melhor do que qualquer pessoa viva, tinha sido uma coisa que eu escondia debaixo de uma toalha xadrez. E agora o homem que passou dois anos estudando as minhas fraudes e três luas vigiando a minha banca estava de pé ao lado da mesa, esperando, com as mãos nas costas, como um aprendiz no primeiro dia.

Abri um dos vidros de borra que eu tinha trazido. Deixei a luz subir. Os fiapos boiaram no ar da biblioteca, dourados, na única hora de sol do desfiladeiro.

E mostrei.

Mostrei como se escolhe um fiapo que conversa com outro. Como se enrola o primeiro na agulha de osso. Como se procura o segundo sem forçar. Como se passa a agulha por dentro dele devagar, devagar, até os dois esquecerem que um dia foram dois. Mostrei o ponto invisível, aquele que a minha mãe me ensinou numa barra de saia.

Ele não piscava. Ficou olhando as minhas mãos como olhava o mapa do Palácio: guardando cada movimento num lugar organizado da cabeça.

— Agora o senhor — eu disse.

— Eu?

— O senhor quer entender, não quer? Não se entende costura olhando.

Pus a agulha na mão dele. Na direita, a de carne.

Ele tentou. Os dedos dele eram longos e firmes e muito cuidadosos, e não sabiam nada. Seguravam a agulha como se fosse uma espada pequena. O fiapo fugiu na primeira tentativa. Na segunda, se desfez no ar com um suspiro de luz.

— Mais devagar — eu disse.

— Estou indo devagar.

— Está indo devagar como quem conta até dez antes de bater em alguém. Mais devagar que isso. Como quem… — procurei a palavra — como quem tira uma farpa do pé de uma criança.

Ele parou. Olhou para mim.

Depois tentou de novo. E dessa vez a mão dele mudou. Eu vi mudar. Ficou mais leve, mais lenta, menos certa de si. Era a mesma mão que tinha pousado na cabeça de Pim na ponte, no primeiro dia. A agulha encostou no fiapo e o fiapo se enrolou nela, obediente.

— Agora o segundo — eu disse, baixinho.

Ele procurou. Achou. Aproximou.

E errou o ângulo, só um pouco, e o fiapo começou a se desfazer, e eu pus a minha mão por cima da dele, sem pensar, para corrigir.

Foi só isso. A minha mão sobre a dele, os meus dedos guiando os dele meio centímetro para a esquerda, a agulha

passando por dentro do segundo fiapo, os dois se fundindo numa luz só, dourada, inteira.

Ele tinha conseguido. O primeiro ponto invisível da vida dele.

Nenhum de nós olhou para o ponto.

Eu estava olhando para as nossas mãos. A minha, pequena, cheia de calos de agulha, com a linha vermelha no pulso e o fio de cabelo cinza da minha irmã enrolado nela. A dele, grande, pálida, com veios de metal subindo do pulso para dentro da manga.

Era a mão direita. A de carne. Não era a do sonho.

Mesmo assim, eu tirei a minha mão como quem tira a mão do fogão.

— Pronto — eu disse, alto demais. — Assim.

Ele demorou um segundo para soltar a agulha. Depois a pousou na mesa, com cuidado, ao lado do vidro de borra.

— Obrigado — disse.

Era a primeira vez que eu o ouvia agradecer por alguma coisa que não sabia fazer sozinho. E a pessoa a quem agradecia era eu.



Na manhã do quarto dia de lições, eu o vi com Pim.

Eu tinha descido cedo, antes do sol, porque não conseguia dormir, e fui procurar a cozinha de Mabry pelo cheiro de pão. No caminho, passei pela porta entreaberta de uma sala pequena perto do pátio, uma espécie de enfermaria, com prateleiras de frascos de vidro e um cheiro forte de óleo e de ervas.

Silvan estava lá dentro, sentado num banquinho baixo demais para ele, com os joelhos quase no queixo. Pim estava

sentada numa mesa na frente dele, balançando as pernas. E ele segurava a mão direita dela, a dos dois dedinhos cinzentos, entre as duas mãos dele, e passava óleo neles. Devagar. Junta por junta. Massageando a pele onde ela terminava e o ferro começava, como quem tenta convencer a fronteira a não andar mais.

— Dói hoje? — perguntou ele.

— Um pouco — disse Pim. — Menos que ontem.

— Mentira.

— Um pouquinho de mentira — admitiu a menina.

Ele continuou passando óleo. Não disse nada. Mas eu vi, da porta, a boca dele se apertar.

— Senhor — disse Pim.

— Hum.

— A humana vai com o senhor para o Festival?

— Vai.

— Eu posso ir?

— Não.

— Por quê?

— Porque é perigoso.

— Mas a humana vai.

— A humana escolheu ir.

— E se eu escolher?

Silvan parou de passar o óleo. Ficou olhando para a mão pequena entre as dele.

— Você tem seis anos, Pim.

— Sete. Na lua que vem.

— Você tem quase sete anos. — Ele voltou a passar o óleo. — Não vai.

Pim fez um bico enorme e cruzou os braços, e ele pegou o braço dela de volta, com toda a paciência, e continuou.

Eu saí da porta antes que me vissem.

Não sei por que aquilo me incomodou. Ele estava certo. Uma menina de seis anos com dois dedos de ferro não tinha nada que fazer num baile de feéricos que desprezam a corte dela. Eu teria dito a mesma coisa. Eu teria dito exatamente a mesma coisa.

Foi por isso que me incomodou.



Naquela tarde, na biblioteca, ele me perguntou da minha irmã.

Não sei como chegamos lá. Estávamos estudando a sexta noite do Festival, a primeira no Palácio do Fuso, e ele explicava como as oferendas ficam de pé num círculo em volta do Grande Tear na última noite, cada uma oferecendo um sonho, e que era assim, como oferenda, que eu ia chegar a menos de três passos do Frasco Primeiro. Era esse o motivo de tudo. Era por isso que eu tinha de ser oferenda e não criada, nem costureira, nem convidada de um lorde qualquer. As oferendas ficam no círculo. Ninguém mais.

— E o que as oferendas oferecem? — perguntei. — Na última noite?

— Um sonho. Cada uma. Escolhido por ela mesma. Põem no Tear, e a Tecelã tece.

— Um sonho de verdade?

— De verdade.

— E depois?

— Depois a oferenda já não tem aquele futuro. A Tecelã recebe o sonho inteiro, não apenas o tributo.

— Então é uma venda.

— É uma cessão ritual. Precisa ser assinada diante do Tear.

— Pode chamar do que quiser. O preço continua sendo meu.

Ele não respondeu.

— A senhora vai ter de escolher um — disse ele. — Eu sei. Eu devia ter dito antes.

— Devia.

— Não disse porque a senhora não teria vindo.

— Não teria. — Afastei o mapa. — O senhor me fez atravessar a Cerca sem contar o preço inteiro. Quero o texto da cessão. Não um resumo. Cada palavra que vão pôr diante de mim.

— O documento fica com a Escrivã do Fuso. Não tenho uma cópia.

— Então vou ler cada palavra diante dela. E não confunda eu estar aqui com eu ter concordado em assinar. Não vou entregar um futuro porque o senhor precisa de três passos até um pedestal.

Ele não tentou me convencer. Enrolou o mapa. Eu fui até a janela e fiquei de costas para ele, olhando a parede vermelha do desfiladeiro. Eu podia não saber como a sétima noite terminaria. Mas não ia deixar que começasse com uma assinatura que eu não tivesse lido.

Foi ele quem falou primeiro.

— E a sua irmã? — perguntou. Simplesmente assim. Sem preparação. — Ela sabe para onde a senhora veio?

Eu não respondi logo.

— Não. Eu disse que vinha costurar.

— Por quê?

— Porque ela ia querer vir junto. Ou ia querer que eu não viesse. Ou ia vender mais alguma coisa para me impedir. — Ouvi a minha voz ficar dura. — A Rosa não sabe o que é

melhor para ela. Ela tem dezenove anos e acha que sabe tudo. Eu decido.

Silvan ficou me olhando.

Não disse nada. Não precisava. Eu ouvi o que eu tinha acabado de dizer no exato momento em que acabei de dizer, como se ouve uma panela caindo no chão de outra sala. *Ela não sabe o que é melhor para ela. Eu decido.*

Você tem quase sete anos. Não vai.

Pim tinha seis. Rosa tinha dezenove. E, mesmo assim, eu ainda esperava que a minha irmã obedecesse.

Eu olhei para ele. Ele olhou para mim. Por cima da mesa, do mapa do Palácio, dos vidros de borra, da agulha de osso, dos quatro dias de lições de etiqueta.

Nenhum dos dois disse nada.

Depois ele baixou os olhos para o mapa e disse, com a voz de sempre:

— A sexta noite. As oferendas entram pela porta leste.

E eu disse:

— Porta leste.

E continuamos.



Naquela noite eu fiquei sentada no parapeito da janela grande do meu quarto, com os joelhos dobrados, olhando o desfiladeiro.

Lá embaixo, no pátio pequeno ao lado da forja, alguém treinava sozinho com uma espada. Eu ouvia o barulho antes de ver: o assobio da lâmina cortando o ar, o arrastar de pés na pedra, uma respiração funda e regular. Depois a lua cor de mel passou pela fresta do céu, e eu vi.

Era ele. Sem capa, sem camisa, com a espada na mão direita. O lado esquerdo do corpo dele, do pescoço até a ponta dos dois dedos de ferro, era um mapa de metal: veios grossos como cordas descendo pelo braço, e, entre eles, placas lisas de ferro onde a pele já tinha desistido, no ombro, no cotovelo, nas costelas daquele lado. Brilhavam à luz da lua como se alguém tivesse derramado ferro derretido por cima dele e o ferro tivesse escolhido ficar.

Ele treinava com o braço esquerdo parado junto ao corpo. Não o usava. Não sei se não podia ou se não queria.

Eu fiquei olhando muito tempo.

Não pensei nele como o homem que tinha me chantageado. Não pensei nele como o homem que guardava a porta do Mercado. Pensei nele como o homem que sabia o nome de cento e trinta e oito estátuas, que tinha passado a noite em claro escrevendo regras para eu não morrer num baile, que passava óleo nos dedos de uma menina de seis anos todas as manhãs e que tinha dito *obrigado* uma vez, para mim, como quem diz uma palavra numa língua que esqueceu.

E que chamava de cuidado o direito de decidir pelos outros.

A parte que me assustou foi reconhecer a palavra. Eu também a usava em casa.

Lá embaixo, ele parou de treinar. Ficou parado no meio do pátio, com a espada abaixada, respirando. E levantou a cabeça. Para a torre mais torta. Para a janela grande.

Para mim.

Eu não me mexi. Ele também não.

Ficamos assim, olhando um para o outro, ele no fundo do desfiladeiro e eu no alto da torre, com a lua cor de mel no meio, por um tempo que eu não sei medir.

Depois ele virou as costas, pegou a camisa no chão e entrou.

Quill, deitado na colcha de retalhos atrás de mim, abriu os buracos de noite que tem no lugar dos olhos e ficou olhando para mim.

— Não começa — eu disse.

Ele fechou os olhos de novo. Mas eu juro que o rabo dele, aquele que nunca para, balançou uma vez.

CAPÍTULO TREZE

A Adega de Cobre



O BANCO DE Cobre mais antigo de Sylvária fica numa cidade chamada Moedeira, e a cidade inteira cheira a dinheiro.

Eu não sabia que dinheiro tinha cheiro. Em Brumavale, dinheiro cheira a suor, a bolso de avental, a mão de padeiro. Em Moedeira, cheira a metal polido, a cera de selo, a tinta fresca de contrato e a uma coisa doce e enjoativa por baixo de tudo, como flores deixadas tempo demais num vaso. Hollis disse que era o cheiro dos sonhos guardados. Que, quando se juntam muitos num lugar só, eles começam a cheirar como cheira uma estufa abandonada.

A cidade fica a dois dias a cavalo do Forte Ferrugem, para o norte, onde três rios se encontram e se dividem de novo em dezenas de canais. Tudo em Moedeira é ponte: pontes de pedra, pontes de madeira, pontes de cobre que ficaram verdes com o tempo, pontes cobertas com lojas dos dois lados. E no meio de tudo, numa ilha cercada de canais, o Banco.

Não tem outro nome. É o Banco, com letra maiúscula, como se não existisse outro no mundo. Um prédio enorme, redondo, de cúpula verde, com colunas de cobre na frente e uma

escadaria tão larga que dez carroças subiriam lado a lado. Em cima da porta, gravada no metal: SOB A BALANÇA, TODOS SÃO IGUAIS.

— É mentira — disse Hollis, olhando para a frase.

— Qual parte?

— A parte do *todos*.



O PLANO ERA de Silvan, e era simples do jeito que só as coisas muito perigosas conseguem ser.

Uma vez a cada estação, a Corte de Ferro tem o direito de fiscalizar as adegas do Banco. Está no Juramento, numa cláusula que ninguém lê, porque, em trezentos anos, nenhum fiscal-mor de Ferro ousou usar aquele direito. O Banco pagava o carvão das forjas, o óleo dos doentes e metade da comida que descia ao desfiladeiro. Fiscalizar Cobre era arriscar tudo isso. Todo mundo fingia que a cláusula não existia e fazia uma reverência na porta.

Desta vez, o fiscal-mor ia descer.

Ia descer com a capitã da guarda, dois guardas e uma escrivã humana contratada no Mercado da Fronteira para anotar o inventário, porque escrivães de Ferro são poucos e os de Cobre não são de confiança.

A escrivã humana era eu.

— Eles vão me reconhecer? — perguntei no caminho, na garupa de Hollis, pela décima vez.

— Ninguém olha para escrivã — disse Hollis, pela décima vez. — Ninguém olha para humana. Você é as duas coisas. Você é invisível.

Eu estava vestida de cinza, com um avental de couro de escrivã por cima, uma pasta de formulários debaixo do braço, a

pena enfiada no cabelo. O cabelo preso num coque apertado, que Hollis tinha feito com tanta força que eu sentia a pele da testa esticada. No bolso fundo do avental, enrolado num pano de lã, havia uma caixa pequena de madeira com divisórias. Dentro, seis frascos vazios de vidro verde-escuro, soprados por um vidreiro do Forte com as bolhas e os defeitos dos modelos antigos, a partir do desenho que Silvan fez de memória. Eu tinha envelhecido as rolhas, a cera e o vidro com fuligem e óleo, mas sabia que nenhum deles resistiria a uma comparação cuidadosa.

Era assim que se rouba de um banco. Não se tira nada. Troca-se.



O gerente do Banco se chamava Lorde Aurelio Vane, e era o feérico mais bem-vestido que eu já tinha visto.

Recebeu-nos no alto da escadaria, debaixo da frase sobre a balança, com um casaco cor de cobre bordado de moedas de verdade, que tilintavam quando ele se mexia. O cabelo era ruivo-escuro, quase marrom, preso numa trança com fios de ouro. E ele sorriu. Sorriu tanto que eu contei os dentes. Eram muitos, e muito brancos.

É o que mais sorri que mais nos despreza.

— Senhor de Ferro — disse ele, fazendo uma reverência funda, do jeito que os de Cobre fazem, procurando alguma coisa no chão. — Que honra inesperada. Que *alegria*. Trezentos anos sem uma visita às nossas humildes adegas, e eis que o próprio Senhor desce. A que devemos?

— À cláusula décima quarta do Pacto da Fronteira, incorporada ao Juramento de Ferro — disse Silvan.

— Ah. Sim. A décima quarta. — O sorriso não vacilou, mas os olhos ficaram menores. — Claro, claro. Nunca esquecemos a décima quarta. Fiscalização sazonal. Está tudo em ordem, naturalmente. O Senhor vai encontrar tudo em perfeita ordem.

— Então será uma visita curta.

Lorde Aurelio olhou para Hollis. Para os dois guardas atrás dela. E para mim, por último, de cima a baixo, com um olhar que passou por cima de mim como água passa por cima de uma pedra.

— Uma humana? — disse ele, com uma curiosidade educada, como quem pergunta se o cachorro de alguém morde.

— Escrivã — disse Silvan. — Do Mercado. Escreve rápido.

— Que moderno.

E não olhou mais para mim. Hollis tinha razão. Eu era invisível.



As adegas do Banco ficam embaixo da ilha. Abaixo dos canais. Desce-se por uma escada em caracol que parece não ter fim, de degraus de pedra gastos, com o ar ficando mais frio e mais úmido a cada volta, e aquele cheiro doce de flor podre ficando mais forte.

E então a escada termina, e começa a adega.

Eu tinha imaginado uma sala. Era uma cidade. Corredores de pedra escavada, de teto em arco, compridos como ruas, que se cruzavam e se perdiam no escuro. E nas paredes dos corredores, do chão até o teto, prateleiras. Prateleiras de madeira escura, cheias de frascos deitados, como garrafas numa adega de vinho. Milhares. Dezenas de milhares. Cada um com a etiqueta de papel de arroz pendurada no gargalo,

amarelada, e uma pequena placa de cobre pregada na prateleira com o ano.

E todos brilhando.

A adega era iluminada pelos próprios sonhos. Âmbar, rosa, dourado, azul-claro, verde-garrafa, cor de pão, em fileiras, em corredores, até onde o olho alcançava. Uma luz suave e mista, como a de um vitral de igreja, que pintava as paredes de pedra de todas as cores ao mesmo tempo.

Eu parei no último degrau e não consegui andar.

— Aqui ficam os não bebidos — disse Lorde Aurelio, com orgulho, abrindo os braços como quem apresenta um jardim. — Os nossos clientes mais distintos compram para guardar. Investimento. Alguns frascos destes valem mais hoje do que a cidade inteira de onde vieram.

Eu olhei para a placa de cobre na prateleira mais próxima. Dizia um ano de duzentos anos atrás. Olhei para o frasco embaixo dela, deitado, rosa-claro, quase branco, mexendo-se devagar como uma criança dormindo. Na etiqueta amarelada, numa letra antiga, dava para ler o começo da frase. *Segurar no colo…*

Alguém, duzentos anos atrás, tinha vendido *segurar no colo* alguma coisa. Um filho, talvez. Um neto. E o sonho estava ali, duzentos anos depois, ainda inteiro, ainda cheio, ainda mexendo-se. Nunca bebido. Guardado como uma moeda rara, esperando valorizar.

O futuro de alguém, numa prateleira, como vinho.

E aquela pessoa, duzentos anos atrás, tinha morrido sem nunca segurar no colo aquilo que sonhou.

Eu senti uma coisa subir pela garganta e engoli. Silvan, ao meu lado, não disse nada. Mas eu vi que ele também tinha parado. E que estava olhando para o mesmo frasco.

— Inventário — disse ele, com a voz completamente normal. — Escrivã. Comece pelos corredores do norte.



O TRABALHO DE escrivã de inventário é chato, e é por isso que ninguém presta atenção.

Eu andava pelos corredores com a pasta aberta, anotando números de prateleira e anos e contagens, enquanto os dois guardas de Ferro sondavam frascos ao acaso com as varas de ferro e Hollis andava atrás de mim com cara de quem queria estar em qualquer outro lugar. Silvan e Lorde Aurelio iam na frente, conversando sobre cláusulas e taxas com aquela educação venenosa que os feéricos usam quando se odeiam.

E eu procurava.

Eu sabia o que procurava. Silvan tinha me explicado no Forte: os frascos vazios dos sonhos mais antigos ficam no fundo, no corredor mais velho, o corredor chamado Antes do Pacto, onde os bancos guardam os frascos das primeiras vendas, de antes da Cerca, do Juramento e do Mercado da Fronteira. Ninguém vai lá. Ninguém bebe aqueles. São velhos demais, caros demais, sagrados demais. Ficam lá como relíquias.

Achei o corredor quando os outros estavam distraídos com uma prateleira de sonhos de viagem que um guarda tinha acabado de sondar. A luz de um dos frascos se encolheu com tanta força que o vidro estalou sem se partir.

Era mais estreito que os outros. Mais escuro. As prateleiras eram de uma madeira tão velha que tinha ficado preta, e os frascos nelas eram diferentes: menores, de vidro grosso e irregular, verde-escuro, com bolhas presas dentro, como os

vidros que os humanos sopravam antigamente. Igual ao que Silvan tinha descrito.

E a maioria estava vazia.

Não vazia de vazia. Vazia de bebida há séculos. No fundo de cada frasco, uma borra fina, quase sem brilho, de uma cor que eu não sabia nomear. Não era âmbar, nem rosa, nem verde. Era a cor que fica quando todas as cores se cansam. A cor da água de poço.

Não tem cor, ele tinha dito. *Como olhar para a água de um poço muito fundo.*

Meu coração começou a bater tão alto que eu achei que Hollis ia ouvir.

Olhei para trás. Hollis estava na entrada do corredor, de costas para mim, vigiando o corredor principal, com o lado de ferro do rosto virado para a parede. Ela sabia. Era para isso que ela estava ali.

Tirei a caixa de madeira do avental. Abri.

O primeiro frasco veio fácil. A etiqueta, não. O nó estava duro de quinhentos anos e o papel ameaçava se partir entre os meus dedos. Passei a unha por baixo do fio, soltei uma volta de cada vez e transferi a etiqueta para a cópia. A letra antiga ficou certa. O vidro, de perto, não: o original tinha uma bolha comprida junto ao gargalo; o meu tinha três pequenas.

Não havia como consertar isso ali.

Na terceira troca, ouvi passos. Parei com os dois frascos na mão, um de cada século. Hollis pigarreou na entrada, alto o bastante para parecer uma reclamação de guarda, e perguntou a alguém, no corredor principal, onde ficava o livro de inventário. Os passos seguiram atrás da voz dela. Só então respirei.

Fiz as outras três trocas mais depressa. Seis vezes: pegar o antigo, soltar a etiqueta sem rasgar, embrulhar o vidro verdadeiro, deitar a cópia no lugar, ajeitar a poeira. Quando terminei, uma prateleira parecia intocada a dois passos de distância. A um palmo, qualquer vidreiro competente veria que aqueles seis frascos não tinham envelhecido junto dos outros.

Minhas mãos não tremeram. Elas nunca tremem na hora. Tremem depois.

Fechei a caixa, enrolei no pano de lã e a escondi no fundo do avental. Eu tinha roubado seis relíquias. Não tinha apagado a diferença entre elas e as minhas cópias.

E, quando me virei para sair do corredor, havia alguém parado na entrada, ao lado de Hollis.

Lorde Aurelio Vane.



Ele não estava olhando para mim. Estava olhando para um dos guardas de Ferro, o mais novo, um rapaz magro de cabelo escuro que eu não conhecia, que estava parado no corredor principal com a sonda na mão e uma cara de quem acabou de ver um fantasma.

No chão, aos pés dele, um frasco quebrado.

Rosa. O rosa mais claro de todos. A luz que havia no frasco se espalhava pelas pedras como leite derramado, brilhando, e ia se apagando devagar, com um som baixinho, como alguém suspirando de longe.

— Ele quebrou — disse Lorde Aurelio. A voz estava calma, quase gentil. — Ele quebrou um *Segurar no Colo* do segundo século. Com a sonda.

— Eu não… — O rapaz olhou para a sonda. Olhou para Silvan. — Meu senhor, eu não encostei. Eu juro. Eu estava

passando a vara por cima, sem encostar, e ele simplesmente…

— Simplesmente pulou da prateleira? — Lorde Aurelio sorriu. — Os sonhos não pulam, rapaz.

Silvan tinha se aproximado. Estava de pé ao lado do guarda, olhando para os cacos no chão, com o rosto de pedra.

— Quanto vale? — perguntou.

— Esse? — Lorde Aurelio fingiu pensar. — Duzentos anos de envelhecimento. Rosa de colo, que é o mais raro. Comprador já reservado, uma dama de Prata que esperou três décadas por ele. — Ele suspirou. — Diria… a corte inteira de Ferro não tem como pagar. Teríamos de cobrar de outra forma. A cláusula de dano, naturalmente. O guarda responde pessoalmente.

— Pessoalmente como? — perguntei.

Saiu antes que eu pudesse impedir. Hollis me fuzilou com o lado de carne do rosto.

Lorde Aurelio olhou para mim pela primeira vez desde a escada. Olhou de verdade. E não gostou do que viu: uma escrivã humana fazendo perguntas.

— Pessoalmente — disse, devagar, como quem explica uma coisa a uma criança — significa que o rapaz paga com o que tem. E um rapaz de Ferro não tem ouro, escrivã. Tem a própria vida de trabalho. Vinte anos de serviço ao Banco, sem salário, sem escolher onde morar, sem poder ir embora. — Ele inclinou a cabeça. — O Banco sabe muito bem quanto vale a juventude de um rapaz.

O rapaz ficou branco. Mais branco que a parede.

Eu olhei para os cacos no chão.

E vi.

Não sei se mais alguém viu. Acho que não. Acho que só uma pessoa que passou seis anos raspando borra do fundo de

frascos com uma colher de osso teria visto. Mas eu vi.

O sonho derramado no chão estava se apagando em pedaços. Não de uma vez, como um sonho inteiro se apaga quando o frasco quebra. Em pedaços. Primeiro um, depois outro, depois outro. Como uma luz que não era uma luz só, mas várias, emendadas.

Como uma costura se desfazendo.

Era falso.

O *Segurar no Colo* do segundo século, reservado havia trinta anos para uma dama de Prata, no corredor mais caro do Banco mais antigo de Sylvária, era um falso. Borra costurada. E não era nem uma costura boa. Eu via os pontos se soltando no chão, um por um, grossos, apressados, feitos com linha de osso mal tensionada. Um aprendiz poderia ter feito aqueles pontos.

Alguém tinha trocado o verdadeiro. Há muito tempo, talvez. E tinha posto aquilo no lugar, e esperado que ninguém nunca abrisse. Ninguém abre um frasco de duzentos anos.

E agora o rapaz de Ferro ia pagar por ele com vinte anos ou com os próprios sonhos.

— Meu senhor — eu disse.

Todo mundo olhou para mim.

— Posso anotar o dano? — Levantei a pasta. Minha voz saiu tímida, humilde, de escrivã humana com medo. Eu sei fazer essa voz. — Para o inventário. Preciso descrever o frasco quebrado.

Silvan me olhou. Por um segundo, os olhos de moeda dele ficaram nos meus, e eu vi que ele entendeu que eu tinha visto alguma coisa. Não sabia o quê. Mas entendeu.

— Anote — disse ele.

Eu me ajoelhei ao lado dos cacos. Abri a pasta no chão. Tirei a pena do cabelo. E, enquanto fingia anotar, estendi a mão

esquerda e passei a ponta do dedo no que restava da luz rosa no chão.

Ela se desfez em três pedaços diferentes debaixo do meu dedo. Três cores. Um rosa de colo, um âmbar de casamento, um dourado de viagem. Costurados juntos para parecer um só.

— Lorde Aurelio — eu disse, ainda ajoelhada, ainda com a voz humilde. — O senhor poderia me dizer qual era o resultado central deste frasco? Para o inventário. Está na etiqueta, mas a etiqueta molhou.

Ele franziu a testa.

— *Segurar no colo a primeira neta.* É um sonho clássico.

Eu me levantei.

— Um sonho de colo pode ter casamento e viagem dentro — eu disse. — Mas a luz de um sonho verdadeiro não se separa em três pedaços presos por pontos de osso. — Mostrei o dedo, onde os fiapos ainda se desfaziam, cada um de uma cor, presos por um resto de linha. — Olhe aqui, senhor. Isto não são lembranças misturadas. São três sonhos costurados para parecer um.

Lorde Aurelio Vane parou de sorrir.

Foi a primeira vez que eu o vi sem sorrir, e o rosto dele sem o sorriso era muito mais velho do que eu imaginava.

— Você está dizendo — disse ele, baixo — que o Banco guardava uma falsificação no corredor do Segundo Século.

— Eu estou dizendo o que está no chão, senhor. — Eu abaixei a cabeça na medida exata. — Eu sou só uma escrivã. Mas lá no Mercado a gente aprende a ver essas coisas. Tem muito falsificador por lá.

Senti Hollis, atrás de mim, prender a respiração.

Lorde Aurelio olhou para mim. Para o chão. Para Silvan.

— Isso — disse ele — é uma acusação muito séria, vinda de uma humana.

— Não é uma acusação — disse Silvan.

Todos se viraram para ele.

Ele estava de pé no meio do corredor, com a capa escura e os veios de metal no pescoço brilhando de leve à luz de mil sonhos, e falava com a voz calma de sempre. Mas havia uma coisa nova nela. Uma coisa que eu não tinha ouvido antes.

— É um laudo — disse ele. — A escrivã trabalha para a Corte de Ferro. Está aqui sob a cláusula décima quarta. O que ela anota é o que a Corte de Ferro anota.

— Senhor de Ferro, com todo o respeito, é a palavra de uma humana contra…

— Contra o quê? — Silvan deu um passo. Só um. — Contra o seu inventário? Posso lacrar o corredor do Segundo Século e chamar os peritos de Vidro. Eles abrirão os registros, compararão os selos, as etiquetas, cada vestígio de costura. Não preciso destruir um sonho verdadeiro para provar que este era falso. Ou o senhor prefere que eu anote *frasco falsificado, origem desconhecida, encontrado durante fiscalização*, que a dama de Prata seja ressarcida pelo Banco e que a perícia comece apenas por este frasco?

O gerente do Banco ficou em silêncio por um longo tempo.

Era um feérico de Cobre. Fazia contas como eu faço. Eu vi as contas passando atrás dos olhos dele: quantos frascos falsos poderia haver no corredor; quantos compradores distintos; quantos reembolsos; quanto escândalo. E a do outro lado: um rapaz de Ferro, vinte anos de serviço, uns poucos sonhos ruins.

— Anote — disse ele por fim, com a voz seca. — *Frasco falsificado. Origem desconhecida.* O Banco agradece a diligência da Corte de Ferro.

— E o guarda?

— E lacre o resto do corredor — disse Silvan. — Até a perícia de Vidro, nenhum frasco do Segundo Século sai desta adega.

Lorde Aurelio apertou os lábios.

— O Banco não tem prova de que o guarda tenha tocado no frasco. E não vai cobrar vinte anos de serviço por uma peça que nem era autêntica. Está dispensado. — Ele deu as costas. Mas parou no primeiro degrau da escada e virou a cabeça só o suficiente para Silvan ouvir. — Espero que a Corte de Ferro tenha carvão suficiente para o inverno, meu senhor. Vamos revisar as suas linhas de crédito antes da próxima lua.

— Faça o que tiver de fazer — disse Silvan.

E eu entendi, olhando as costas do gerente subindo a escada, que a escolha que tinha acabado de salvar o Corin ia ser paga em carvão, em óleo e em comida, por gente do Forte que nunca ia saber por quê.



Saímos de Moedeira ao entardecer, pela ponte do norte, sem ninguém dizer uma palavra até a última casa ficar para trás.

O guarda novo, o de cabelo escuro, se chamava Corin. Cavalgava atrás de nós, e de vez em quando eu sentia o olhar dele nas minhas costas. Quando paramos para dar água aos cavalos num riacho, ele veio até mim, ficou parado na minha frente, abriu a boca, fechou, abriu de novo.

— Obrigado — disse, por fim.

E foi embora antes que eu respondesse, vermelho até as orelhas.

Hollis cuspiu na grama.

— Idiota — disse, olhando para mim. E depois, mais baixo: — Mas idiota útil.

Era quase um elogio. Eu guardei.

Silvan esperou até que os outros estivessem longe, cuidando dos cavalos. Então veio até a beira do riacho, onde eu estava sentada numa pedra com os pés na água fria, e parou a um passo de distância. Sempre a um passo.

— A senhora viu antes de ele quebrar? — perguntou.

— Não. Depois. Quando se apagou em pedaços.

— E se estivesse errada?

— Não estava.

— Mas se estivesse. — Ele não desviou os olhos. — Lorde Aurelio teria pedido a sua cabeça. Uma escrivã humana acusando o Banco. Eu não teria como defender.

— O senhor defendeu.

— Defendi depois que a senhora já tinha falado. — Ele fez uma pausa. — A senhora não me consultou.

— Não dava tempo.

— Não. — Ele olhou para o riacho. — Não dava.

Ficamos em silêncio. A água corria por cima dos meus pés, fria, limpa, transparente, a primeira água sem cor que eu via em Sylvária.

— O senhor poderia ter deixado o Corin pagar — eu disse. — Teria sido mais fácil. O senhor teria mantido a paz com o Banco. O Lorde Aurelio não ia estar odiando o senhor agora.

— O Lorde Aurelio sempre me odiou.

— Agora odeia mais.

— Agora odeia com motivo. É uma melhora. — Ele quase sorriu. Quase. — A senhora não viu, mas Hollis me fez sinal para interromper a senhora. Queria tirar o Corin dali, exigir uma perícia formal depois e evitar um confronto com o

gerente. Não queria sacrificá-lo. Mas teria deixado a falsificação fora do relatório até depois do Festival, para não pôr o plano em risco. — Ele se abaixou e pegou uma pedra lisa da margem, e ficou virando entre os dedos da mão direita. — Eu não deixei.

— Por quê?

Ele demorou a responder.

— Porque a senhora estava certa — disse. — E porque eu tinha dito que ia confiar na senhora para uma coisa muito maior do que um frasco quebrado. Se não confiasse agora, numa adega, não ia confiar no Palácio do Fuso. — Ele jogou a pedra no riacho. — E porque o Corin tem dezenove anos e uma mãe humana que costura para fora. Em Brumavale. — Ele se levantou. — A senhora talvez a conheça de vista.

E foi buscar o cavalo.

Eu fiquei na pedra, com os pés na água fria, pensando nas mulheres da Rua dos Tecelões. Nas janelas com manequins de vime. Nas costureiras que eu cumprimentava toda manhã sem saber o nome dos filhos delas.

Uma delas tinha um filho de cabelo escuro que eu tinha acabado de salvar sem pensar duas vezes. E cada um dos cento e trinta e oito guardiões da Guarda Parada tinha sido alguém assim, com uma rua, uma família, uma pessoa esperando. Quarenta e um deles tinham parado nos últimos seis anos. Os mesmos seis em que eu costurei os meus falsos.

No fundo do avental, a caixinha de madeira pesava contra a minha coxa. Seis frascos de quinhentos anos, verdes, grossos, com borra cor de poço no fundo.

Era a primeira vez que eu roubava de um banco. E, ao contrário do que costumava acontecer quando eu saía de um lugar com alguma coisa escondida, não conseguia decidir se tinha vencido.

Eu tinha falsificado uma identidade para entrar naquele banco. Tinha mentido, roubado e enganado meia dúzia de guardas. Mas o laudo que salvou o Corin era verdadeiro. A verdade sobre uma falsificação tinha servido para proteger alguém de Ferro, e eu ainda não sabia o que fazer com aquilo.

E havia mais uma coisa, que eu só pensei muito depois, já no escuro, na garupa da Hollis. Eu sabia quem teria pagado se tivessem achado aqueles seis frascos comigo. Não perguntei quem ia pagar quando descobrissem que eles tinham sumido.

CAPÍTULO CATORZE

O Relógio Quebrado



A borra de quinhentos anos não gosta de ser costurada.

Descobri isso na primeira noite depois de Moedeira, sozinha no quarto da torre torta, com a janela grande aberta para o desfiladeiro e as seis garrafinhas verdes enfileiradas em cima da mesa como soldados velhos. Abri a primeira com a ponta da faca, raspei o fundo com a colher de osso, e a borra subiu.

Subiu devagar, como fumaça num dia sem vento. Sem cor. Não era cinza, nem branca, nem transparente. Era a cor de uma coisa que já teve todas as cores e se cansou delas. Boiou acima da boca do frasco num fiapo fino, quieto, e ficou esperando.

Encostei a agulha.

E a borra se afastou.

Não se desfez, como os fiapos novos se desfazem quando a gente força. Se afastou. Recuou meio dedo, como um bicho velho que não quer carinho de estranho, e ficou boiando um pouco mais longe, ainda inteira, ainda quieta.

Tentei de novo. Mais devagar. Como quem tira uma farpa do pé de uma criança.

Recuou de novo.

Passei duas horas tentando. Mudei de agulha. Mudei de ângulo. Esquentei a ponta da agulha na vela, esfriei na água da bacia. Cantei baixinho, porque a minha mãe dizia que fio teimoso gosta de música. A borra de quinhentos anos ouvia tudo, paciente, e recuava.

No fim, cansada, com os olhos ardendo, fiz uma coisa que nunca faço: encostei a ponta do dedo nela.

E vi.

Não um sonho inteiro. Um pedaço de pedaço. Uma moça. Muito magra, de cabelo comprido e sujo, sentada num chão de terra batida, com as mãos no colo. Era inverno; eu sentia o frio na ponta do meu próprio dedo. Diante dela havia uma mesa, e atrás da mesa havia alguém que eu não via, e em cima da mesa havia um pão.

Um pão só. Escuro, redondo, pequeno.

A moça olhava para o pão como eu nunca vi ninguém olhar para nada.

E então ela disse *sim*, e a imagem acabou.

Tirei o dedo como quem tira a mão de uma panela. A borra recuou, fechou-se em si mesma e afundou de volta no frasco, como se tivesse se arrependido de mostrar.

Fiquei sentada na cadeira, no quarto escuro, com o coração batendo devagar e muito forte.

Quinhentos anos. Uma moça com fome. Um pão em cima de uma mesa.

Eu não sabia quem ela era. Não sabia o que tinha vendido. Talvez eu tivesse visto uma das primeiras vendas que o mundo já fez. Ou talvez fosse só o que aquela borra queria que eu acreditasse.

Silvan subiu à torre na segunda noite.

Bateu na porta duas vezes, do jeito dele, curto e exato, e esperou que eu dissesse *entra*. Nunca entrava antes. Nunca entrava em lugar nenhum antes de ser convidado; eu tinha começado a perceber isso também. Para um homem que decidia tudo por todo mundo, ele tinha uma educação estranha com portas.

Entrou. Olhou para a mesa: as seis garrafinhas verdes, a colher de osso, os vidros de borra nova, as agulhas espalhadas, os papéis cheios de desenhos de pontos que eu tinha inventado e riscado.

— Não está indo — disse ele. Não era pergunta.

— Não está indo — concordei.

Contei. Da borra que recua. Da agulha que ela não aceita. Não contei da moça e do pão. Não sei por quê. Acho que porque ainda não sabia o que aquilo queria dizer, e não queria que ele soubesse antes de mim.

Ele ouviu com aquela atenção total que dá a tudo, de pé, a um passo da mesa, com as mãos nas costas.

— Ela recusa a agulha — repetiu.

— Recusa tudo. Agulha de osso, agulha de prata, agulha de aço. Linha de osso, de seda, de cabelo. — Eu esfreguei os olhos. — É como se ela soubesse que eu sou falsificadora. Como se fosse velha demais para ser enganada.

— Talvez seja.

— Isso não ajuda.

— Não. — Ele quase sorriu. — Não ajuda.

E então fez uma coisa que eu não esperava. Puxou a outra cadeira do quarto, a de palha, que ficava ao lado da lareira, trouxe até a mesa e sentou. Do outro lado. A um passo e meio,

por causa da largura da mesa. Mas sentado. Na minha torre, à noite, na mesma mesa.

Ficamos um tempo em silêncio, olhando para as garrafinhas verdes.

E então ele enfiou a mão direita no bolso do colete e tirou um relógio.

Era um relógio de bolso. Redondo, de prata escurecida, com a corrente partida pendurada. A tampa estava amassada de um lado, como se tivesse levado uma pancada. Ele o segurou na palma, olhou para ele por um momento, e girou a coroinha entre o polegar e o indicador, devagar, três voltas, como quem dá corda.

O relógio não fez barulho nenhum.

Ele girou mais duas voltas. Nada.

Guardou de volta no bolso.

Eu já tinha visto aquele gesto. Em quatro dias, eu o tinha visto fazer aquilo três vezes. Na biblioteca, depois de uma lição. No pátio, olhando a única hora de sol. E agora. Tirar o relógio, dar corda, guardar. Sem olhar as horas. Não havia horas para olhar.

— Está quebrado — eu disse.

— Está.

— O senhor dá corda num relógio quebrado.

— Dou.

— Por quê?

Ele ficou em silêncio um pouco.

— Costume — disse por fim. — E porque um dia talvez alguém conserte, e ele vai estar com corda.

Eu estendi a mão por cima da mesa.

Não pensei. Fiz como faço com tudo que é de metal e tem mecanismo, desde os quatro anos de idade, sentada no chão da

oficina do meu pai: estendi a mão para ver.

Ele olhou para a minha mão. Depois tirou o relógio do bolso de novo e o pôs na minha palma.

Era mais pesado do que parecia. Prata boa, maciça, das antigas. A tampa amassada estava emperrada; precisei enfiar a unha na fresta e forçar com cuidado, do jeito que meu pai me ensinou, *nunca pela dobradiça, sempre pelo fecho*. Abriu com um estalo.

O mostrador era branco, de esmalte, com os números em algarismos finos e os ponteiros parados em quatro e dezessete. O vidro estava inteiro. Por baixo, através de uma janelinha no esmalte, dava para ver um pedaço das engrenagens: a roda de balanço parada, a mola espiral, e eu soube na hora, só de olhar, que a mola tinha saltado do pino. Era isso. Uma pancada, a mola saltou. Coisa de meia hora para um relojoeiro bom.

E então virei a tampa, para ver o lado de dentro.

E parei de respirar.

Gravadas na prata, pequenas, na letra que eu conhecia melhor do que a minha, duas letras e um pássaro.

J. L.

E, embaixo, uma andorinha de asas abertas.

Não sei quanto tempo fiquei olhando.

Lembro que o quarto ficou muito silencioso. Que a vela estalou. Que lá embaixo, no desfiladeiro, os rios vermelhos continuavam correndo com aquele barulho de chuva que não para. Que Quill, na cama, levantou a cabeça.

Lembro de passar o polegar por cima da andorinha. Era rasa, delicada, perfeita. Cada pena da asa marcada com um risco de buril tão fino quanto um cílio. Minha mãe desenhou

essa andorinha. Disse que andorinha sempre volta para casa. Meu pai a grava dentro da tampa de todos os relógios que passam pela mão dele, desde antes de eu nascer. Continua gravando até hoje, todo dia, sem saber por quê.

— Onde o senhor conseguiu isso? — perguntei. Minha voz saiu estranha. Fina, como de outra pessoa.

Silvan não respondeu logo. Estava olhando para mim. Para o meu polegar na andorinha.

— A senhora conhece essa marca — disse ele.

— É do meu pai.

Ele fechou os olhos por um instante. Só um.

— Eu imaginei — disse, quando abriu. — Quando a Odete disse o seu sobrenome, no Mercado. Lark. Eu imaginei. Mas não tinha certeza.

— Onde o senhor conseguiu isso?

Ele se recostou na cadeira de palha. Olhou para a janela grande, para o desfiladeiro escuro, para a fresta de céu roxo com as duas luas.

— Esse relógio era do Garven — disse. — O meu capitão. O primeiro da Guarda Parada que eu vi virar. Ele me deu na semana em que o ferro chegou ao coração dele, quando já não conseguia mais segurar nada. Disse: *dá corda todo dia, menino, para eu saber que você está acordado*. — Ele fez uma pausa. — Funcionou por vinte e cinco anos. Depois parou.

— E aí?

— E aí eu tentei consertar. Eu e todos os ferreiros do Forte. Não somos relojoeiros. No Forte não havia nenhum, e os de Aurea não aceitavam encomendas de Ferro. Devolveram o relógio sem abrir. Os feéricos quase não precisam de relógio; o tempo não passa para nós do jeito que passa para vocês. Mas os poucos que consertam não consertam para nós. — Ele olhou

para as próprias mãos. — Eu perguntei no Mercado, com cuidado, sem tirar o elmo, quem era o melhor relojoeiro da fronteira. Todo mundo disse o mesmo nome.

— O meu pai.

— O seu pai.

— O senhor foi a Brumavale?

— Fui. Uma noite fora da lua cheia. Atravessei o Portão com a mão, como a senhora viu. Fui de elmo, com um capuz por cima e luvas, e andei pela vila até a última casa antes do riacho. Era tarde. Havia uma luz na oficina. — Ele fez uma pausa. — Eu bati.

Eu imaginei. A Rua dos Relojoeiros à noite, com a neblina. A placa em cima da porta, *Consertamos o Tempo*, ainda com as letras novas. Um homem alto, de capuz e luvas, batendo na porta da minha casa.

Eu devia ter uns nove anos. Devia estar dormindo no sótão, com a Rosalind.

— Ele abriu — continuou Silvan. — Não perguntou quem eu era. Olhou para o capuz, para as luvas, para a minha altura, e soube. Todo mundo em Brumavale sabe. Ele soube e não fechou a porta. Disse: *entra, que está frio*.

Minha garganta fechou.

— Ele consertou na hora — disse Silvan. — Sentado na bancada, com a lupa no olho. Eu fiquei de pé, perto da porta. Levou meia hora. A mola tinha saltado. — Ele olhou para o relógio na minha mão. — E enquanto consertava, ele cantava.

— Cantava.

— Uma música. Baixinho, sem perceber. Uma cantiga sobre uma moça que pendura a camisa do noivo no varal para que o vento a leve até ele. — A voz dele ficou mais baixa. — Eu nunca tinha ouvido uma música humana inteira até aquela

noite. Fiquei ouvindo. Ele cantou três vezes. Quando terminou de consertar, gravou isso — ele apontou para a andorinha — e me devolveu, e disse: *pronto, agora ele volta para casa*. Eu perguntei quanto era. Ele disse: *o que o senhor achar justo*. — Silvan ficou em silêncio um momento. — Eu deixei ouro. Ouro de verdade, mordido. Ele riu e disse que era demais. Eu fui embora antes que ele devolvesse.

Eu estava chorando. Não sei desde quando. Estava chorando sem barulho nenhum, com o relógio aberto na palma da mão, e as lágrimas caíam no esmalte do mostrador e escorriam pelos números.

Ele cantava.

Eu sabia que ele cantava. Eu me lembrava, vagamente, de quando era muito pequena. Mas a lembrança tinha ficado tão gasta de tanto eu passar o dedo em cima, como o selo do frasco da Rosalind, que eu já não sabia se era lembrança ou se era vontade. Eu tinha começado a achar que tinha inventado.

E agora um feérico de olhos de moeda, no alto de uma torre de ferro do outro lado da Cerca, estava me contando que tinha ouvido. Três vezes. Numa noite de inverno. Que o meu pai tinha aberto a porta para um estranho de capuz e dito *entra, que está frio*.

— O relógio quebrou de novo — eu disse, com a voz molhada. — Por que o senhor não voltou?

Silvan demorou a responder.

— Voltei — disse. — Uns anos depois. Eu caí de um muro numa briga, a mola saltou de novo, e eu atravessei o Portão, pus o capuz por cima do elmo e as luvas e bati na mesma porta. — Ele olhou para a janela. — Ele abriu. Olhou para mim. Pegou o relógio, sentou na bancada, pôs a lupa no olho. E parou.

— Parou?

— Ficou olhando para o relógio aberto na mão dele. Para a andorinha. Por muito tempo. Depois me devolveu e disse: *tanto faz*. — Silvan fez uma pausa. — Não disse *não posso*. Não disse *volte amanhã*. Disse *tanto faz*. E ficou sentado.

Eu fechei os olhos.

— Eu conhecia aquilo — disse Silvan, baixinho. — Não de humanos. Dos meus. Do jeito que eles ficam nos últimos dias, quando o ferro chega ao peito. Ficam sentados. Não querem mais nada. — Ele se mexeu na cadeira. — Eu peguei o relógio e fui embora. Nunca mais voltei. Não tive coragem de ver de novo.

Ficamos em silêncio.

Lá fora, o vento do desfiladeiro passou pela janela grande e fez a chama da vela dobrar.

— Ele vendeu um sonho atrás do outro — eu disse, por fim, de olhos fechados. — Para salvar a minha mãe. Ela morreu três dias depois. E ele ficou cinzento.

— Eu sei.

— Como o senhor sabe?

— Porque eu sou o fiscal do Mercado, senhorita Lark. — A voz dele era muito suave. — Eu vi o seu pai sentar na mesa de Cobre na terceira noite daquela lua. Não sabia que era ele. Ele não me via; eu estava de elmo. Eu só vi um homem vendendo tudo, um frasco depois do outro, e pensei que era a pior coisa que eu já tinha visto no Mercado. — Ele fez uma pausa. — E vi uma menina escondida atrás da banca da Odete, olhando.

Eu abri os olhos.

Ele estava olhando para mim. Do outro lado da mesa, a um passo e meio, na luz da vela, com os veios de metal brilhando no pescoço e os olhos de moeda molhados.

Não sei se estavam molhados. Talvez fosse a luz.

— Eu não sabia que era a senhora — disse ele. — Até agora.



Ele foi embora pouco depois. Levantou-se, pôs a cadeira de palha de volta ao lado da lareira, exatamente onde estava. E estendeu a mão para o relógio.

Eu não devolvi.

— Deixa comigo — eu disse.

Ele parou com a mão no ar.

— Eu não sei consertar — eu disse. — Não direito. Meu pai nunca me deixou mexer em mola; dizia que mola de relógio é como gente brava, morde quem chega sem respeito. Mas eu sei o que está quebrado. E eu… — engoli — eu queria ficar com ele um pouco. Até o Festival. Depois eu devolvo.

Silvan olhou para o relógio na minha mão. Para a andorinha na tampa aberta. Para mim.

Depois baixou a mão.

— Dá corda todo dia — disse. — Para ele saber que a senhora está acordada.

E saiu, e fechou a porta sem barulho.

Fiquei sentada à mesa, no quarto escuro, com as seis garrafinhas verdes de quinhentos anos e um relógio de prata quebrado nas mãos. Girei a coroinha três vezes, devagar, como ele fazia. Não fez barulho nenhum.

Depois fiquei olhando para a andorinha até a vela apagar.

Pronto, agora ele volta para casa.

Só depois que a porta fechou foi que eu pensei direito.

Ele suspeitava desde o Mercado. Desde a primeira noite, quando a Odete disse o meu sobrenome. Tinha passado quase duas semanas ao meu lado, entre estradas, lições e corredores

daquele forte, me ensinando a fazer reverência, sabendo — ou quase sabendo — que tinha estado na minha casa, que tinha ouvido o meu pai cantar, que tinha me visto com doze anos escondida atrás da banca da Odete. E não tinha dito. Tinha guardado num daqueles lugares organizados da cabeça dele, como guardava o mapa do Palácio. Talvez por medo de usar o meu pai para ganhar a minha confiança. Talvez por medo de eu descobrir quanto ele já sabia de mim. As duas coisas ao mesmo tempo, imaginei. Era bem dele.

Quantas outras coisas ele sabia sobre mim e guardava assim?

Eu me lembrei do frasco vazio em cima da mesa da Odete, com a borra âmbar e prata no fundo. *Isso não é mais da sua conta, senhorita Lark. A senhora vendeu.* Ele tinha vivido uma noite inteira de alguma coisa minha que eu nem lembrava. E continuava sem me dizer o quê.

Naquela noite eu sonhei. Não sei com o quê. Acordei com o rosto molhado e uma música na cabeça, quatro notas subindo, duas descendo, uma volta e de novo. A cantiga da lavadeira.

E, em cima da mesa, a borra de quinhentos anos tinha subido sozinha do fundo de uma das garrafinhas verdes e estava boiando no ar, quieta, sem cor, enrolada em volta do relógio de prata como um gato que encontrou lugar para dormir.

CAPÍTULO QUINZE

A Corte de Ouro



Toda oferenda tem de ser apresentada em Aurea dez dias antes do Festival, e foi assim que eu conheci o príncipe que queria salvar o Mercado.

A regra está escrita num livro de capa dourada que ninguém lê, como quase todas as regras de Sylvária. A Corte de Ouro é a anfitriã das oferendas desde o primeiro Festival. É ela que as recebe, as registra, as veste e as hospeda nas noites das luas. O livro dizia que, ao fim, elas voltavam para casa com presentes. Era uma frase bonita num livro de capa dourada; ninguém me mostrou o registro de uma volta. O herdeiro de Ouro é chamado, por tradição, de Guardião das Oferendas. Tudo o que acontece com um humano oferecido passa pelas mãos dele.

— E ele é bom? — perguntei a Hollis, no caminho.

— Ele é de Ouro — disse Hollis, como quem diz *ele é um pássaro*.

— Isso quer dizer o quê?

— Quer dizer que é bom com quem ele acha que merece.

Silvan, na frente, não disse nada. Mas eu vi os ombros dele ficarem mais duros a cada légua.



A Corte de Ouro fica a dois dias de viagem do Forte Ferrugem, para o leste, e eu juro que, quando saímos do último bosque e vi Aurea pela primeira vez, achei que tinha morrido e que o céu era assim.

Campos de trigo. Até onde o olho alcançava, trigo maduro, dourado, alto como uma pessoa, ondulando com o vento como um mar. E o sol. Um sol enorme, mais quente que o nosso, que não queimava. No meio dos campos, colmeias: centenas de colmeias de palha trançada, e o ar cheio de abelhas que não picavam e que zumbiam num tom tão baixo e regular que parecia uma música. O cheiro era de pão saindo do forno, de mel, de terra quente.

E, no alto de uma colina, a cidade. Branca e dourada. Telhados de ouro de verdade, que brilhavam tanto que doía olhar. Torres finas, cheias de bandeiras amarelas com um sol bordado. Uma escadaria de mármore subindo a colina inteira, de cima a baixo, como uma cachoeira de pedra.

Era a coisa mais bonita que eu já tinha visto.

Depois de duas semanas no fundo de um desfiladeiro vermelho, com uma hora de sol por dia, era quase um insulto.

— Respira — disse Hollis.

— O quê?

— Você parou de respirar. Respira. — Ela olhava para a cidade com o lado de carne do rosto, e o lado de ferro estava virado para mim, por acaso, pela primeira vez. — Todo mundo de Ferro para de respirar na primeira vez que vê Aurea. Depois aprende a odiar.

— Por quê?

Hollis não respondeu. Mas eu vi o queixo dela. O lado de carne e o lado de ferro, os dois apertados.

Mais tarde eu entendi. Os canais que irrigavam aquele trigo tinham sido pagos com o ouro das vendas de sonhos. Os jardins que sustentavam as colmeias também. Até a beleza de Aurea tinha sido construída com os futuros dos outros. O sol, eu nunca descobri de onde vinha. Mas aprendi a desconfiar dele.



A Sala das Oferendas era um salão redondo no alto da torre mais alta de Aurea, todo de mármore branco, com uma cúpula de vidro amarelo que transformava a luz do dia em mel. No centro, um livro aberto num púlpito de ouro. Em volta, os nobres das cinco cortes, ou dos seus representantes, esperando para ver as oferendas de cada uma serem apresentadas e registradas.

Eu entrei atrás de Silvan.

E o salão ficou em silêncio.

Não foi um silêncio educado. Foi o silêncio de quando alguém derruba uma bandeja de taças numa festa. Todos os rostos se viraram ao mesmo tempo. Feéricos de Prata, de cabelo branco e olhos de moeda. Feéricos de Ouro, de pele dourada e túnicas amarelas. Feéricos de Vidro, pálidos, quase transparentes, com os olhos fixos e as mãos cruzadas. Feéricos de Cobre, com os casacos cheios de moedas penduradas. E todos olhando para o Senhor de Ferro, que nunca, em trezentos anos, tinha posto os pés na Sala das Oferendas com uma oferenda atrás dele.

Alguém riu. Baixinho. Uma risada de Prata, como um sininho.

Eu levantei o queixo.

Hollis tinha escolhido o meu vestido. Era cinza, de lã fina, simples, sem bordado, com uma faixa de veludo preto na cintura e o sininho da Corte de Ferro em prata no ombro. Por cima, o xale azul da minha mãe; eu tinha brigado com Hollis meia hora para usar. No cabelo, nada. No dedo médio da mão direita, o dedal de prata com a andorinha.

No meio daquela sala de ouro e mármore e cabelos brancos, eu parecia uma pomba que entrou num viveiro de faisões.

Era exatamente o que Silvan queria. *Todos os olhos vão estar na senhora. E ninguém vai olhar para as suas mãos.*

— A Corte de Ferro apresenta a sua oferenda — disse Silvan, parando diante do púlpito. A voz dele ecoou na cúpula. — Aveline Lark, de Brumavale. Por vontade própria.

O Mestre de Cerimônias, um feérico de Ouro muito velho, de barba branca até a cintura, olhou para Silvan por cima dos óculos. Olhou para mim. Molhou a pena no tinteiro de ouro, devagar, como quem espera que alguém o interrompa.

Ninguém interrompeu.

— *Aveline Lark* — repetiu, escrevendo. — *De Brumavale. Oferenda da Corte de Ferro.* — Ele parou. — *A primeira.*

E escreveu isso também.

O silêncio ficou mais fundo.

Foi durante os cumprimentos que eu o vi.

Depois do registro, a tradição manda que a oferenda seja apresentada aos representantes de cada corte, um por um, e que cada um diga uma frase de boas-vindas. É uma fila. Silvan ia na frente, dizendo os nomes; eu ia atrás, fazendo a reverência certa para cada corte, do jeito que ele tinha me

ensinado na biblioteca. Palma para cima para Ouro. Olhos baixos para Prata. Calada para Vidro. *Qual é o preço?* para Cobre, quando um deles me ofereceu uma flor de papel dourado — e o feérico de Cobre riu, satisfeito, e disse *nenhum, para você*, e eu aceitei, porque na segunda vez é esperteza.

E então chegamos aos de Prata.

Eram três. Duas damas de cabelo branco preso em tranças com fios de prata, e um homem entre elas, alto, com um pescoço longo demais para ser humano e o cabelo da cor da geada na grama às seis da manhã. Sem máscara.

Eu nunca tinha visto o rosto dele sem máscara.

Mas eu conhecia a boca. O queixo. O canto da boca que subia, testava a ideia de um sorriso e descartava.

E ele me conhecia.

Eu vi o momento exato em que ele me reconheceu. Os olhos prateados, inteiros, sem branco nenhum, como duas moedas, pararam no meu rosto e ficaram. Depois desceram para o dedal. Depois subiram de novo.

— Lorde Corvin, da Corte de Prata — disse Silvan, com a voz de sempre. Ele não sabia. Ele não podia saber.

Eu fiz a reverência de Prata. Olhos baixos. Contei as respirações. Uma. Duas.

— Senhorita Lark — disse Lorde Corvin, muito baixo, chegando perto demais, como todos os de Prata. — Já nos vimos?

Três. Eu levantei os olhos. Era a regra: não mais que três respirações. E não se responde pergunta com pergunta.

— Não, senhor — eu disse.

— Estranho. — Ele inclinou a cabeça, como um pássaro. Cheirava a jasmim-da-noite e a tédio. — Eu poderia jurar que

conheço o seu rosto. Todos os rostos que ele já teve, ao mesmo tempo.

O meu coração parou.

Quando a gente ama uma pessoa por anos, ela não tem um rosto só. Tem todos os rostos que já teve.

Ele lembrava. Ele lembrava da frase. Da banca da Odete, da noite de lua cheia, da noiva de olhos trocados. Do *Amor Eterno de Segunda Qualidade*, que ele tinha bebido inteiro, até o amanhecer, e que tinha se desfeito em três pedaços dentro dele, como o sonho falso no chão da adega de Moedeira.

Ao meu lado, Silvan ficou completamente imóvel. Ele não sabia de nada. Mas sentiu.

Lorde Corvin sorriu. Dessa vez, o sorriso de verdade. Aquele que era muito pior do que a ideia de sorriso.

— Bem-vinda a Sylvária, oferenda — disse ele, alto, para o salão ouvir. E depois, baixinho, só para mim, inclinando-se até que os lábios quase tocassem a minha orelha: — Guardarei o seu segredo, procuradora. Por enquanto. Em Prata, nós colecionamos segredos como vocês colecionam pão. — Uma pausa. — Na noite de Prata, guarde uma dança para mim. É quando conversaremos sobre o preço.

E se afastou, com as duas damas, numa nuvem de jasmim.

Eu continuei a fila. Fiz as reverências. Disse as frases. Não me lembro de nenhuma. Lembro só do coração batendo na garganta e da mão de Silvan, que, no fim da fila, quando ninguém estava olhando, encostou nas minhas costas, só um segundo, entre as omoplatas, muito leve, como quem diz *estou aqui*, e saiu.

O PRÍNCIPE ME encontrou no jardim das abelhas.

Eu tinha fugido da Sala das Oferendas na primeira oportunidade, com a desculpa de tomar ar, e descido uma escada qualquer, e saído numa varanda que dava para um jardim cercado de muros dourados, cheio de colmeias de palha e de flores amarelas, e de abelhas que zumbiam num tom baixo e regular. Sentei num banco de mármore e tentei respirar.

— Elas não picam — disse uma voz atrás de mim. — Não precisa ficar tão parada.

Virei.

Era um feérico de Ouro. Jovem, ou parecendo jovem, que com eles nunca se sabe. Alto, mas não tanto quanto Silvan. Cabelo da cor do trigo maduro, cacheado, solto até os ombros. Pele dourada, como se o sol de Aurea tivesse ficado guardado dentro dela. Olhos castanhos. Castanhos de verdade, quentes, como os de um humano. Usava uma túnica amarela simples, sem bordado nenhum, e estava com as mangas arregaçadas e as mãos sujas de terra.

Tinha um balde na mão.

— Desculpe — disse ele, pousando o balde. — Eu estava trocando a água das colmeias. Os jardineiros estão todos lá em cima, vendo a oferenda de Ferro. — Ele sorriu. Era um sorriso aberto, sem nada escondido atrás, do tipo que eu não via desde que saí de Brumavale. — Que imagino que seja a senhorita.

— Sou.

— Então todo mundo lá em cima está olhando para a porta por onde a senhorita saiu, e eu estou aqui conversando com ela. — Ele limpou as mãos na túnica, sem cerimônia nenhuma. — Ótimo. Eiran.

— Aveline.

— Eu sei. Eu li o registro. — Ele se sentou na outra ponta do banco, deixando um espaço grande entre nós, e olhou para as

colmeias. — E sei o que a senhorita está pensando: que o príncipe herdeiro de Ouro não troca água de colmeia.

Eu não estava pensando isso. Eu estava pensando que ele era o primeiro feérico que eu via com as mãos sujas.

— O senhor é o príncipe?

— Infelizmente. — Ele riu. — E Guardião das Oferendas, o que quer dizer que, daqui até o fim do Festival, a senhorita é minha responsabilidade. Sua comida, seu quarto, seus vestidos, sua segurança. — Ele parou de rir e me olhou. — Por isso eu vim. Queria perguntar uma coisa, sem o Senhor de Ferro por perto.

Eu fiquei imóvel.

— A senhorita veio por vontade própria? — perguntou Eiran.

Simples assim. Sem rodeio. Com aqueles olhos castanhos quentes, olhando direto nos meus.

— Sim — eu disse.

— Eu pergunto porque a Corte de Ferro nunca trouxe uma oferenda. Nunca. E porque eu conheço o Mercado da Fronteira, senhorita Lark. Conheço as dívidas, os atravessadores, os contratos que os humanos assinam sem ler. Conheço o que os de Ferro podem fazer com um humano que deve alguma coisa ao Mercado. — Ele baixou a voz. — Se a senhorita estiver sendo obrigada, de qualquer forma, por qualquer motivo, a Corte de Ouro pode recebê-la. Como oferenda nossa. Ou pode mandá-la de volta para casa hoje, numa carruagem, com escolta. Ninguém precisaria saber por quê.

Eu olhei para ele.

Ele estava falando sério. Não havia nada escondido atrás daquele sorriso. Eu, que passo a vida lendo rostos para saber

quanto cobrar, olhei bem e não achei nada. Ele estava me oferecendo uma porta aberta.

E ele tinha razão. Eu estava sendo obrigada. Pelos quarenta e um frascos, pelo relatório, pela ameaça do confisco. Silvan mesmo tinha dito: *é chantagem, e vai continuar sendo*.

Pensei em Tobin, com a mão aberta através da grade. Em Pim, escondendo os dedos atrás das costas. Na Guarda Parada.

Pensei na Rosalind, com a mecha cinza no travesseiro.

— Eu vim por vontade própria — repeti. — Obrigada, Alteza.

Eiran ficou me olhando mais um momento. Depois assentiu.

— Está bem. — Não insistiu. — Mas a oferta continua de pé. Até a última noite. É só me dizer.

— Por que o senhor se importa?

Ele olhou para as colmeias.

— Porque eu sou o Guardião das Oferendas — disse. — E porque eu tenho um asilo em Brumavale.

Eu pisquei.

— O asilo da Rua do Moinho?

— A senhorita conhece.

Claro que eu conhecia. Todo mundo em Brumavale conhecia. Uma casa grande e branca, perto do moinho, com um jardim cercado, onde moravam os cinzentos que não tinham família para cuidar deles. Gente que tinha vendido todos os sonhos e ficado sozinha. Lá eles comiam três vezes por dia, dormiam em camas limpas, tinham alguém que os lembrasse de tomar banho, de vestir o casaco no inverno, de sair do sol no verão. Ninguém sabia quem pagava. Diziam que era um nobre de Valmora.

Uma vez, no pior inverno, quando o meu pai esqueceu de comer por três dias seguidos, eu tinha ido até o portão do asilo

e perguntado se havia vaga. Não havia. Mas a moça da portaria me deu uma cesta de pão e disse para eu voltar na primavera.

— É seu? — perguntei.

— É do Mercado — disse Eiran. — Eu só assino os cheques. O dinheiro vem da taxa que a Corte de Ouro cobra sobre cada venda de sonho. Uma moeda em cada cem. — Ele me olhou. — Esse é o argumento que eu queria que a senhorita ouvisse, já que vai passar os próximos dias ouvindo o outro lado.

— Que argumento?

Ele se inclinou para a frente, os cotovelos nos joelhos, as mãos sujas de terra penduradas entre eles.

— Antes do Mercado, havia a Guerra dos Berços. A senhorita aprendeu na escola, imagino. Os feéricos entravam nas vilas humanas à noite e levavam as crianças do berço, para criar como suas, porque não sabiam sonhar e achavam que, com uma criança humana em casa, aprenderiam. E os humanos queimavam os bosques com ferro em brasa para se vingar. Morreram milhares. Dos dois lados. Por cem anos. — Ele falava baixo, sem drama. — O Mercado acabou com isso. Em vez de roubar, compramos. Em vez de queimar, vendem. É horrível. Eu sei que é horrível. Eu vejo os cinzentos do meu asilo todos os meses. Mas, senhorita Lark, desde que o Pacto firmou a paz, há trezentos anos, nenhuma criança foi roubada de um berço por uma corte de Sylvária.

Eu não respondi.

— E o Mercado paga coisas. Paga o asilo. Paga hospitais em Valmora. Paga as estradas entre as nossas terras e as suas. Paga o tratado que impede que as cortes entrem em guerra entre si. Se o Mercado fechasse amanhã — ele abriu as mãos —, não sei o que aconteceria. Ninguém sabe. Talvez nada. Talvez outra guerra.

— Então o senhor acha que está tudo certo.

— Não. — Ele me olhou, e os olhos castanhos estavam sérios. — Acho que está tudo errado e que não dá para consertar de uma vez. — Ele tirou do bolso da túnica um papel dobrado, sujo de terra numa ponta, e me mostrou. Era um esboço de lei, numa letra apressada, cheio de riscos. — Na Renovação dos Juramentos, eu vou propor à Tecelã que nenhum humano possa vender mais de três sonhos na vida inteira. Três. Que nenhuma assinatura de criança tenha validade, nem mesmo a dela. E que toda venda seja lida em voz alta diante de duas testemunhas que não ganhem nada com o negócio. — Ele hesitou. — É pouco. E, para Cobre votar comigo, eu prometi não mexer nas taxas do Banco por mais sete anos. Troquei uma reforma por outra. Mas é o que eu acho que consigo aprovar.

Eu olhei para o papel. *Lei das Três Vendas.* Embaixo, em letra menor: *nenhuma assinatura de criança; toda venda lida em voz alta diante de duas testemunhas*.

Pensei no meu pai, que vendeu todos.

Pensei na Hanna, com o menino no colo, perguntando quanto valia ver ele crescer.

Se essa lei existisse seis anos antes, onze anos antes, quantas pessoas de Brumavale ainda estariam querendo coisas?

— Três ainda é muito — eu disse.

— É. — Eiran guardou o papel. — Mas é menos do que todos. — Ele se levantou. — Eu não estou pedindo que a senhorita concorde comigo. Estou pedindo que, quando o Senhor de Ferro falar do Mercado como se fosse só um monstro, a senhorita lembre que tem gente comendo três vezes por dia na Rua do Moinho por causa dele.

E pegou o balde de volta, e foi trocar a água das colmeias, como se não fosse príncipe de nada.



Silvan me esperava no pátio dos cavalos, com Hollis. Os dois já estavam montados. O meu lugar na garupa de Hollis estava vazio, esperando.

Ele não perguntou onde eu tinha estado. Olhou para a minha cara, para as minhas mãos, para o caminho por onde eu tinha vindo, que dava para o jardim das abelhas.

— O príncipe — disse. Não era pergunta.

— Ele é gentil.

— Ele é. — Silvan virou o cavalo. — É o que o torna perigoso.

— Por quê?

Ele não respondeu logo. Saímos pelo portão de ouro de Aurea, descemos a escadaria de mármore e entramos nos campos de trigo, e o sol enorme, que não queimava, foi baixando atrás de nós, e as abelhas foram parando de cantar.

— Porque a gentileza dele é verdadeira — disse Silvan, por fim, sem virar a cabeça. — E porque ela custa menos para ele do que para qualquer outro. Ele pode ser gentil com cada humano que encontrar e continuar sendo o herdeiro da corte que mais lucra com o Mercado. Pode ter um asilo em Brumavale e canais de irrigação pagos com ouro de sonhos vendidos. — Ele fez uma pausa. — Eu não digo que ele mente. Ele não mente. Eu digo que ele nunca vai ter de escolher.

— E o senhor tem?

— Toda lua cheia.

Hollis, na minha frente, bufou.

— Ele te ofereceu uma carruagem para casa — disse ela, sem virar a cabeça. Não era pergunta. Ela tinha adivinhado. — Não ofereceu?

Eu não respondi.

— E você não aceitou.

— Não.

Hollis ficou em silêncio por um tempo comprido. O cavalo andava no trigo, que batia nos meus joelhos.

— Idiota — disse ela, por fim.

Não perguntei de quem ela estava falando. Hollis apertou as rédeas, como se o cavalo tivesse feito alguma coisa errada.

Atrás de nós, no alto da colina dourada, a torre mais alta de Aurea brilhava como uma vela. Em algum lugar lá dentro, numa sala de mármore com cúpula de vidro amarelo, havia um livro aberto num púlpito de ouro, e nele, numa letra antiga, estava escrito o meu nome. E, um pouco mais longe, num salão cheio de jasmim, um lorde de Prata guardava o meu segredo como quem guarda uma moeda para gastar depois.

Eu não sabia ainda quanto ele ia cobrar.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Placas de Ferro



Na noite da lua nova, eu acordei com um barulho que conhecia.

Não de Sylvária. De casa. Um barulho de metal raspando metal, devagar, regular, que subia pela torre torta e entrava pela janela grande junto com o vento do desfiladeiro. *Rrrsh. Rrrsh. Rrrsh.* Eu conhecia porque cresci com ele. É o barulho de uma lima. Meu pai usava para acertar a borda das engrenagens, à noite, quando achava que todo mundo dormia.

Fiquei deitada na colcha de retalhos, ouvindo.

Rrrsh. Rrrsh. Uma pausa. Uma respiração, funda, presa, como a de alguém segurando um gemido. *Rrrsh.*

Quill, nos meus pés, levantou a cabeça e virou os buracos de noite para a janela.

Levantei. Pus o xale azul por cima da camisola, calcei os sapatos de cores diferentes, que eu ainda não tinha trocado e já nem queria trocar, e desci a escada em caracol da torre no escuro, com a mão na parede de ferro fria.



O BARULHO VINHA da forja.

A forja do Forte Ferrugem fica no fundo do pátio pequeno, embaixo do Salão de Ferro, e é dela que sobem as chaminés que fazem as faíscas caírem do teto no jantar. De noite, os fornos ficam abafados, com as brasas cobertas de cinza, e o lugar todo brilha num vermelho baixo, como o interior de uma boca. Desde Moedeira, só um dos três ficava aceso, mesmo de dia. O carvão do Banco não tinha chegado na data de sempre, e o ferreiro de braço cinza começou a racionar sem que ninguém mandasse.

A porta estava entreaberta. Eu parei na fresta.

Silvan estava sentado num banco de ferreiro, perto do forno do meio, sem camisa, de costas para a porta. Tinha um balde de água ao lado, um pote de barro com óleo e um pano. E uma lima na mão direita.

Estava limando o próprio ombro.

O lado esquerdo das costas dele, que eu só tinha visto de longe, da janela, à luz da lua, era muito pior de perto. Os veios de metal desciam do pescoço, grossos como cordas, e se espalhavam pelas costas como as raízes de uma árvore. E entre eles, como eu tinha visto, havia placas. Placas lisas de ferro, do tamanho da palma da minha mão, onde a pele tinha deixado de ser pele. No ombro, no meio das costas, nas costelas.

Mas não eram só lisas. Algumas tinham bordas. Bordas ásperas, levantadas, como escamas de peixe que cresceram tortas, enfiadas na pele em volta. E em volta de cada borda, a pele estava vermelha, inchada, rachada.

Ele estava limando as bordas. Com a mão direita, torcendo o braço para alcançar o ombro esquerdo por cima, num ângulo que doía só de olhar. *Rrrsh.* A lima raspava o ferro novo, e o

ferro novo raspava a pele, e ele respirava fundo e preso a cada vez.

Eu devo ter feito algum barulho. Ele parou.

Não se virou.

— Volte para a cama, senhorita Lark.

— O que é isso?

— Volte para a cama.

Eu não voltei. Entrei. Fechei a porta atrás de mim.

Ele soltou o ar num suspiro comprido de quem já sabia que eu não ia obedecer. Pôs a lima no banco. Não pegou a camisa.

— É o ferro novo — disse ele, sem se virar. — Quando ele cresce, não cresce liso. Cresce assim, com borda. A borda entra na carne. Se não limar, ela vai entrando, e o ferro vai atrás, mais rápido. Se limar, ele fica liso, e anda mais devagar.

— Todos vocês fazem isso?

— Todos.

— Sozinhos? De noite?

Ele não respondeu.

Eu cheguei mais perto. Tão perto que dava para ver as gotas de suor descendo pelas costas dele, contornando as placas de ferro, desviando como água desvia de pedra. Algumas bordas estavam limadas, lisas, brilhando. Outras, no meio das costas, onde a mão dele não alcançava, continuavam ásperas, enfiadas, com a pele em volta quase roxa.

— O senhor não alcança essas — eu disse.

— Alcanço.

— Não alcança. Estão roxas.

Silêncio.

— Quem faz isso pelo senhor, normalmente?

Ele demorou.

— A Mabry, às vezes. Quando eu deixo.

— E quando não deixa?

Mais silêncio. O forno do meio estalou.

Eu peguei a lima do banco.

— Senhorita Lark…

— O senhor me deixou jogar quarenta e um frascos no rio porque eu precisava — eu disse. — Agora eu preciso disso. Fica parado.



Eu nunca tinha limado ferro na pele de ninguém. Mas tinha limado ferro a vida inteira, sentada no chão da oficina do meu pai, nas engrenagens que ele me deixava acertar quando eu tinha sete, oito, nove anos. *Sempre a favor da borda*, ele dizia. *Nunca contra. Contra, ela lasca. A favor, ela deita.*

Pus a mão esquerda espalmada nas costas dele, ao lado da primeira placa roxa, para segurar a pele no lugar. Ele estremeceu inteiro. Não de dor. Eu senti a diferença.

Depois encostei a lima na borda, a favor, e puxei. *Rrrsh.*

Ele não fez barulho nenhum. Mas os músculos das costas dele, embaixo da minha mão, ficaram duros como a ponte de correntes.

— Respira — eu disse. — Você está segurando a respiração. É pior.

Eu tinha dito *você*. Não *o senhor*. Não percebi na hora. Ele percebeu. Eu senti, embaixo da minha mão, as costas dele mudarem.

Respirou.

Puxei de novo. *Rrrsh.* A borda áspera foi deitando, ficando lisa, e a pele vermelha em volta parou de ser puxada. Passei o dedo por cima, como faço com as engrenagens, para sentir se

ainda tinha lasca. Estava lisa. Fria. E, logo ao lado, a pele dele era quente, quase febril.

Próxima.

Fiz todas. Onze, no meio das costas, nas costelas, embaixo da omoplata. Devagar. A favor da borda. Com a mão esquerda espalmada na pele quente e a direita limando o ferro frio, e a forja vermelha em volta, e o barulho baixo dos rios lá fora. Nenhum de nós falou. Só a lima. *Rrrsh. Rrrsh.* E a respiração dele, que agora soltava devagar a cada puxada, como eu tinha mandado.

Quando terminei, molhei o pano no óleo do pote de barro e passei por cima de tudo. Nas placas lisas. Na pele vermelha em volta. Nos veios. O óleo cheirava a erva amarga e a alguma coisa doce, como o óleo que ele passava nos dedos de Pim.

Ele estava com a cabeça baixa. Os cotovelos nos joelhos.

— Pronto — eu disse. E a minha voz saiu estranha, baixa demais.

Ele não se mexeu.

— Faz trinta anos — disse, muito devagar — que ninguém faz isso sem eu pedir.

Eu fiquei com o pano na mão, sem saber o que fazer com ele.

Foi aí que eu vi a mão.

A esquerda. A dos dois dedos de ferro. Estava apoiada no joelho dele, virada para cima, e eu, que tinha passado a semana inteira olhando para ela de propósito e sem querer, sabia de cor como ela era: o anelar e o mínimo de ferro até a raiz; os outros três de carne, com os veios subindo do pulso.

Agora o dedo do meio também era cinza. Até a primeira junta.

— Isso é novo — eu disse.

Ele olhou para a própria mão. Fechou-a, escondendo o dedo do meio entre os outros.

— É.

— Desde quando?

— Desde esta noite.

— Mas não teve Mercado. — Eu fiz a conta. Eu sempre faço a conta. — A última lua cheia foi a noite em que eu atravessei. Faz dezoito dias. O Tobin disse que piora depois do Mercado, três dias, e depois para. Por que o seu está piorando agora?

Ele não respondeu.

Eu olhei em volta. Para a forja. Para o banco, o balde, o pote de óleo. E para uma coisa que eu não tinha visto antes, no outro banco, perto do forno da direita: uma almofada pequena, de criança, bordada com um sininho torto. E, em cima dela, um laço de fita escura, desses que se usam para prender a ponta de uma trança.

Eu conhecia aquela fita. Pim usava uma igual.

— Ela estava aqui — eu disse. — A Pim. Agora há pouco.

Silvan fechou os olhos.

— O que o senhor fez?

— Senhorita Lark.

— O que o senhor fez com ela?

Ele abriu os olhos e me olhou. Por cima do ombro, com os olhos de moeda, à luz vermelha da forja. E eu vi que ele estava procurando um jeito de não me responder. Os de Ferro não mentem. Não porque não possam: porque juraram não mentir, e ele levava juramentos a sério demais. Estava decidindo se ficava calado.

E decidiu falar.

— Na lua nova — disse —, o Senhor de Ferro pode tomar a conta.

— Que conta?

— A da cláusula sétima. A dívida das fraudes. Ela é cobrada de todos os guardiões, sem escolha, sem ordem. A magia não sabe quem pagou o quê, a senhora lembra. Mas o Juramento tem outra linha. Que o primeiro guardião, o que assinou, ou o herdeiro dele, pode tomar para si uma parte do que cabe aos outros. — Ele olhou para a mão fechada. — Na lua nova. Uma vez para cada guardião. Pondo a mão em cima do ferro do outro e chamando. Só vem o que cresceu desde a última cobrança, antes de endurecer de vez; ferro antigo não se move. Quem já está na Cerca, eu não alcanço. E o que eu tomo fica em mim. Não posso devolver nem passar para ninguém.

— Chamando.

— O ferro vem. — Ele abriu a mão e mostrou o dedo do meio, cinza até a junta. — Não todo. Um pouco. O suficiente.

Eu olhei para a almofada de criança. Para a fita.

— Os dedos da Pim — eu disse.

— Estavam começando a subir para a mão. Na última lua, chegaram à junta do meio. Hoje voltaram para a primeira. — Ele fez uma pausa. — Ela dorme durante. Eu dou um chá da Mabry. Ela não sabe.

— E o senhor faz isso todo mês.

— Faço.

— Só com ela?

Ele não respondeu.

— Com quem mais? — Minha voz subiu. — Com o Tobin? Com a Hollis? Com o Corin, com a lavadeira da tiara, com o velho que não vira o pescoço? Com quantos?

— Com quantos eu consigo, numa noite, antes de não conseguir mais ficar de pé.

Eu fiquei olhando para ele. Sem camisa, na forja vermelha, com o pano de óleo ainda na minha mão e onze placas de ferro recém-limadas brilhando nas costas dele. Placas que eu tinha achado que eram dele. Que eu tinha achado que eram a conta *dele*.

Eram a conta de todo mundo.

Era por isso que o lado esquerdo dele estava pior do que o de tantos guardiões que eu tinha visto. O Juramento existia havia trezentos anos, mas Silvan o carregava no corpo havia trinta. O ferro que ele tomava dos outros não desaparecia: ficava nele. Até o de uma menina que ainda não tinha completado sete anos.

Ele não estava pagando só o que a magia lhe cobrava. Estava acrescentando ao próprio corpo uma conta que ninguém o tinha autorizado a tomar.

— Eles sabem? — perguntei.

Silêncio.

— A Hollis sabe que o senhor tira o ferro dela todo mês?

— A Hollis não deixa.

— E o senhor faz mesmo assim?

— Ela dorme. Como a Pim. A Mabry põe o chá no vinho dela na noite da lua nova. Ela acha que é o vinho de Aurea que dá sono. — Ele olhou para a mão esquerda. — Sei o que estou fazendo com ela. Não preciso que a senhora me diga.

Eu não sabia se ria ou se gritava. Fiz um pouco dos dois. Saiu um som estranho, que não era nenhum.

— O senhor decide por eles — eu disse.

— Decido.

— Sem perguntar.

— Sem perguntar.

— A Hollis te mataria se soubesse.

— Mataria. — Ele olhou para a forja. — E ia exigir que eu parasse. O que já tomei não posso devolver. O que vou tomar na próxima lua, posso escolher não tomar. Ela sabe disso. Por isso não me deixaria chegar perto. — Fez uma pausa. — Tenho medo do que acontece com o Forte se eu obedecer a ela. E tenho medo de que um dia ela descubra por que dorme tão bem nas luas novas.

Eu me sentei. No outro banco. Ao lado da almofada de criança. Com o pano de óleo no colo.

— Isso também é decidir por eles — eu disse, baixinho. — Mesmo que seja o senhor quem paga.

— Eu sei.

— Sabe e faz.

— Sei e faço. — Ele virou a cabeça e me olhou. — Igual à senhora, que sabia que a sua irmã queria ir para Valmora e prometeu um dinheiro que não tinha. Igual à senhora, que veio para cá sem contar a ela.

Eu abri a boca. Fechei.

Ele tinha razão sobre mim. Era isso que eu odiava. Mas havia uma diferença que não cabia na comparação dele: Hollis escolhera servir, lutar, arriscar o próprio corpo. Ele tirava dela a escolha enquanto ela dormia. Eu tinha mentido para Rosalind; ele misturava um chá ao vinho da capitã havia anos. Nenhuma das duas coisas virava cuidado só porque doía em quem decidia.

— É diferente — eu disse.

— É?

— Eu não pago com o meu corpo.

— Não. — Ele pegou a camisa do banco, finalmente, e a vestiu, cuidando para não esbarrar nas placas recém-limadas. — A senhora paga com o seu sono, com o seu dinheiro, com os seus dedos cheios de calo e com as suas mentiras. E com os seus quarenta e um frascos. — Ele abotoou a camisa. — Cada um paga com o que tem, senhorita Lark. A pergunta não é com o quê. A pergunta é se alguém deixou a gente pagar.

Eu não respondi.

Ele se levantou. Olhou para mim, sentada no banco, com o xale azul da minha mãe por cima da camisola, os sapatos de cores diferentes e o pano de óleo no colo.

— Obrigado — disse.

Era a segunda vez.

— Não precisa — eu disse.

— Preciso. — Ele foi até a porta. Parou com a mão no batente. — E, senhorita Lark.

— O quê?

— A senhora me chamou de *você*.

Eu fiquei vermelha até as orelhas. Senti o calor subir, e não havia nada que eu pudesse fazer, e ele estava olhando.

— Escapou — eu disse.

— Eu sei. — Ele abriu a porta, mas ficou no batente tempo suficiente para ver se eu desviava os olhos. — Pode escapar de novo.

E saiu.

Eu fiquei sentada na forja até as brasas ficarem cinza.

Depois peguei a almofada de criança, a do sininho torto, e a fita de trança de Pim, e levei comigo para a torre. Não sei por quê. Pus em cima da mesa, ao lado das seis garrafinhas

verdes de quinhentos anos e do relógio de prata quebrado com a andorinha na tampa.

Dei corda no relógio. Três voltas. Não fez barulho nenhum.

Depois fiquei sentada no parapeito da janela grande, com os joelhos dobrados, olhando o desfiladeiro escuro. Não havia lua sobre o desfiladeiro. Era a lua nova, e as outras, as de Sylvária, estavam todas do lado do céu que as paredes vermelhas escondiam. As estrelas pareciam mais perto, e o rio vermelho lá embaixo era só um barulho.

Pensei em Hollis dormindo com o chá da Mabry no vinho, sem saber que o seu senhor estava, naquele momento, tirando o ferro dela com a mão.

Pensei em Rosalind, em Brumavale, vendendo um sonho para pagar as minhas velas sem me contar.

Pensei em mim, atravessando um reino inteiro para não ter de subir uma escada e pedir desculpas.

E pensei em como era estranho que o homem que eu mais queria odiar fosse a única pessoa que já tinha olhado para mim e visto exatamente isso.

Na mesa, ao lado da almofada, a borra de quinhentos anos tinha subido de novo do fundo de uma das garrafinhas e estava boiando, quieta, sem cor.

Não estava enrolada no relógio desta vez.

Estava enrolada na fita de Pim.

CAPÍTULO DEZESSETE

Carta de Brumavale



A CARTA CHEGOU dentro da luva de Tobin.

Ele subiu a escada da torre torta no fim da tarde do décimo nono dia, bateu na porta com a mão boa e ficou parado na soleira, vermelho, sem saber o que fazer com os braços, como um menino que foi mandado entregar flores a uma moça e se arrependeu no caminho.

— A Odete mandou — disse. — Pela Cerca.

— Pela Cerca?

— Fiquei de serviço no Portão estes últimos dias. Quando estou lá, vou ver a Maren todas as tardes. — Ele baixou os olhos. — A Odete sabe. Vai até a grade de vez em quando para conversar comigo. Ontem me deu isto e disse: *para a menina Lark, e se você abrir eu arranco as suas orelhas, meio feérico ou não*. Trouxe na volta do turno.

Ele tirou a luva esquerda, a da mão doente, e lá dentro, dobrado em quatro e quente do calor da mão dele, havia um papel.

Eu peguei. Tobin desceu a escada correndo antes que eu dissesse obrigada.

Não era a letra de Rosalind. Era a letra redonda e torta de Marisol, que escreve como fala: rápido, sem ponto, com as frases se atropelando.



Avie,

Não sei se essa carta chega, a Odete jurou que chega e eu não tenho escolha a não ser acreditar numa velha de um olho só, então vamos lá.

A Rosa foi embora.

Calma. Lê até o fim antes de surtar, eu te conheço.

Ela não foi para Valmora. Foi para o lado de lá. Ontem de manhã apareceu uma carruagem dourada na porta da relojoaria, uma carruagem de verdade, com cavalo branco e um cocheiro de túnica amarela que parecia saído de um livro, e a vila inteira parou para olhar. A Rosa desceu a escada com uma mala e um maço de papel debaixo do braço e entrou. Eu cheguei correndo, com a sopa, e perguntei aonde ela ia, e ela me mostrou um papel com um selo de sol e disse que era um salvo-conduto da Corte de Ouro.

O papel tinha um segundo selo, pequeno, de ferro. O cocheiro disse que os guardas da Cerca têm ordem de abrir o Portão para quem leva esse papel, em qualquer noite.

Ela escreveu para eles, Avie. Para o príncipe de lá, o tal guardião não sei de quê. Escreveu uma petição sobre os contratos do Mercado, sobre as pessoas que vendem sem saber ler o que assinam, sobre as vírgulas que mudam o sentido das coisas. Disse que tinha escrito em agosto e que ninguém tinha respondido, e que na semana passada chegou a resposta: audiência marcada para o Festival. Na frente de todas as cortes. Ela vai falar.

Ela vai falar, Avie. A nossa Rosa. De trança torta.

Eu tentei segurar. Juro que tentei. Sentei na frente da carruagem. O cocheiro ficou olhando para a minha barriga sem saber o que fazer. A Rosa riu, a primeira vez que eu vi ela rir desde que você foi, e me deu um beijo, e disse: "Mari, sai da frente, você não cabe mais em lugar nenhum."

Ela está com aquela mecha. E os olhos estão mais cinzentos do que quando você foi, eu acho, mas pode ser a luz. Ela não vendeu mais nada depois que você foi, eu juro, eu fiquei em cima, eu e a Dona Ilsa. Mas não está igual. Está mais quieta. Menos briguenta. Você sabe que quando a Rosa para de brigar é que tem coisa errada.

Ela deixou um bilhete para você. Está aqui embaixo, ela me pediu para copiar igualzinho.

Seu pai está bem. Come. Abre a oficina. Ontem, quando a carruagem foi embora, ele saiu na porta e ficou olhando até ela sumir na curva. Ficou lá parado muito tempo. Depois entrou e disse "tanto faz". Mas ficou lá parado, Avie. Ele nunca fica parado olhando nada.

O bebê chuta tanto que eu acho que vai sair andando.

Volta.

Mari.

P.S.: O bilhete da Rosa:

"Fui dar o meu jeito. Não me espera para jantar. R."



Eu li a carta três vezes.

Na primeira, sentada na cama, com o coração batendo devagar.

Na segunda, de pé, andando de um lado para o outro do quarto redondo, com o coração batendo rápido.

Na terceira, eu já estava na escada.



Silvan estava na biblioteca, com Hollis, debruçados sobre o mapa do Palácio do Fuso. Os dois levantaram a cabeça quando eu entrei sem bater. Era a primeira vez que eu entrava em algum lugar sem bater desde que tinha chegado, e eu vi Hollis perceber.

Joguei a carta em cima do mapa.

— A minha irmã está vindo para o Festival — eu disse.

Silvan pegou a carta. Leu. Rápido, do jeito dele, uma vez só, guardando cada linha num lugar organizado da cabeça. Depois passou para Hollis, que leu mais devagar, mexendo os lábios.

— Uma petição — disse Silvan.

— Sobre contratos. Na frente de todas as cortes. — A minha voz estava alta demais e eu não conseguia baixar. — Ela tem dezenove anos. Está doente. Está com metade do cabelo cinza. Ela não sabe nada de Sylvária, não sabe as regras, não sabe que não pode contar sonho em voz alta, não sabe que não se olha para os de Prata mais de três respirações. Ela vai abrir a boca na frente da Tecelã e dizer que o Mercado é injusto, e algum feérico vai ouvir um sonho dela, dizer *eu aceito*, arrastar a minha irmã até uma mesa de Cobre e convencê-la a assinar alguma coisa antes que ela entenda o preço, e…

— Senhorita Lark.

— …e ela vai ver você. Vai ver nós dois. Vai me ver no salão, de vestido, como oferenda da Corte de Ferro. Ela acha que eu vim costurar! Ela vai perguntar, e eu não vou poder responder, e ela vai fazer o que sempre faz, que é descobrir, e…

— *Aveline.*

Parei.

Era a primeira vez que ele dizia o meu nome. Não *senhorita Lark*. Não *a senhora*. O meu nome. Do jeito que alguém o tinha

dito num sonho que eu não lembrava, como se fosse feito de alguma coisa frágil.

Hollis olhou para ele. Olhou para mim. E, muito devagar, enrolou a carta e a pôs em cima da mesa, como quem pousa uma coisa que pode explodir.

— Eu vou ver os cavalos — disse ela.

E saiu.



Ficamos sozinhos na biblioteca. Ele do lado de lá da mesa, eu do lado de cá. O mapa do Palácio entre nós.

— Eu preciso mandar ela de volta — eu disse, mais baixo. — Você conhece o príncipe. Escreve para ele. Diz que a petição tem de ser cancelada. Que é perigoso. Que ela está doente. Qualquer coisa.

— Não.

— Por quê?

— Porque se o Senhor de Ferro escrever ao Guardião das Oferendas pedindo para mandar embora uma peticionária humana de sobrenome Lark, dez dias antes do Festival, o príncipe vai querer saber por quê. E vai ler o registro outra vez. E vai ver o seu nome embaixo do dela. — Ele não levantou a voz. — E vai começar a fazer perguntas. E o príncipe é gentil, mas não é burro.

— Então escrevo eu. Como oferenda.

— A oferenda da Corte de Ferro escrevendo ao Guardião para afastar a própria irmã de uma audiência que ele mesmo concedeu. — Ele balançou a cabeça. — Ele já perguntou à senhora uma vez se a senhora estava sendo obrigada. A senhora quer que ele pergunte de novo?

Eu não respondi.

— Ele sabia — eu disse de repente. — No jardim. Ele leu o registro. Ele disse *eu li o registro*. Ele sabia que eu era Lark, de Brumavale, e que tinha uma petição de uma Lark de Brumavale na mesa dele. E não me disse nada.

— Não.

— Ele mentiu.

— Ele não mentiu. — Silvan apoiou as mãos na mesa. — Ele não contou. É diferente. Os de Ouro são muito bons nisso. Igual a mim. — Uma pausa. — Ou a sua irmã pediu a ele que não contasse.

Eu não tinha pensado nisso. Fiquei calada.

Eu olhei para ele.

— Igual a você — repeti.

— Eu também não contei à senhora que as oferendas oferecem um sonho. Até não ter mais jeito.

Fiquei calada. A raiva estava subindo pelo peito, quente, e eu não sabia mais para onde ela estava indo. Para o príncipe. Para Rosalind. Para Marisol, que não segurou. Para ele.

— Então o que eu faço? — Minha voz falhou. — Deixo? Deixo ela vir? Deixo ela entrar num palácio de feéricos com metade do cabelo cinza e uma pilha de papéis, sozinha, e falar na frente da Tecelã, e torço para não acontecer nada?

Silvan ficou um momento em silêncio. Depois disse, com aquela voz calma de quem escolhe uma faca na gaveta:

— A senhora trata a sua irmã exatamente como os nobres de Sylvária tratam os humanos.

Eu fiquei imóvel.

— Decidindo o que ela pode ou não escolher — continuou ele. — Achando que sabe o que é melhor para ela. Escondendo dela as coisas importantes para o bem dela. Ela escreveu uma petição em agosto. Em agosto, senhorita Lark. Sozinha.

Enquanto a senhora costurava. Ela achou um príncipe, escreveu para ele, foi ouvida, conseguiu uma audiência diante de todas as cortes de Sylvária. Eu não me lembro de outro humano que tenha conseguido uma audiência assim. E a primeira coisa que a senhora quer fazer é cancelar.

Doeu. Doeu como dói quando alguém aperta exatamente o lugar onde está o hematoma.

E eu fiz o que faço quando dói. Bati de volta.

— E você com a Hollis?

Ele parou.

— Você com a Hollis — repeti, e a minha voz era a mesma voz fria e calma da manhã em que falei com a Rosalind, a voz que escolhe as palavras pelo preço. — Você põe chá de sono no vinho dela e tira o ferro dela com a mão sem ela saber. Você decide pela Pim, pelo Tobin, por todo mundo naquele forte. E vem me dizer que eu trato a minha irmã como os nobres tratam os humanos? Você é o nobre, Silvan. Você é o Senhor de Ferro. Quer que eu vá lá fora agora e conte para a Hollis o que você faz na lua nova? Quer ver o que ela acha de alguém decidir por ela?

A porta da biblioteca estava aberta.

Eu me lembrei disso no meio da frase, tarde demais, e virei a cabeça. O corredor estava vazio. Hollis tinha ido aos cavalos, como disse. Não havia ninguém.

Mas poderia haver.

Silvan também olhou para a porta. Depois para mim. Não disse nada. Os olhos de moeda estavam muito quietos.

E eu percebi o que eu tinha acabado de fazer. Que eu tinha pegado a coisa que ele me deu na forja, no escuro, sem camisa, com o dedo do meio virando ferro — a única coisa que ele não

tinha contado a ninguém, nem à capitã dele — e usado como faca. Exatamente como fiz com a Rosalind. Pelo preço.

— Desculpa — eu disse.

Saiu antes que eu pudesse impedir. Foi a primeira vez que eu disse essa palavra em voz alta em muito tempo. Na carta para a Rosalind, eu tinha riscado.

Silvan ficou me olhando.

— Por quê? — perguntou. — A senhora disse a verdade.

— Disse para machucar.

— Eu também.

Ficamos em silêncio.

Lá fora, no pátio, ouvi Hollis xingando um cavalo. A voz dela subia pela escada, rouca e furiosa e viva.

— Não vou usar isso para machucar você outra vez — eu disse. — Mas a Hollis tem o direito de saber o que você põe no vinho dela. E acho que ela deveria ouvir isso de você.

Ele ficou um longo momento em silêncio.

— Eu sei — disse por fim. E se sentou na cadeira, devagar, como quem está muito cansado. — Eu sei há muito tempo.

Ficamos um tempo na biblioteca sem falar. Ele na cadeira. Eu de pé, encostada na estante, com os braços cruzados. A única hora de sol do desfiladeiro já tinha passado havia muito, e a luz que entrava pela janela estreita era cinza e fria.

— Ela vai estar no Palácio — eu disse, por fim. — Durante o Festival. Durante tudo.

— Vai.

— E se ela me reconhecer?

— Vai reconhecer. — Ele não suavizou. — A senhora é irmã dela. Ela vai reconhecer a senhora no primeiro baile, do outro

lado do salão, de costas, de cabelo preso. E a senhora vai ter de decidir o que dizer.

— E se ela estragar tudo?

— Talvez estrague. — Ele me olhou. — Ou talvez ajude. A senhora não sabe. Esse é o problema de deixar alguém escolher: a gente nunca sabe o final.

A gente nunca sabe o final.

Eu ri. Um riso curto e cansado.

— Eu leio a última página primeiro — eu disse. — De todo livro. Desde criança.

Ele ficou me olhando com uma expressão estranha.

— Eu sei — disse.

— Como você sabe?

— A Odete me contou. No Mercado, na noite em que eu fui à banca. Antes de a senhora voltar da Cerca. — Alguma coisa quase aconteceu no canto da boca dele. — Ela disse: *a menina lê o fim primeiro, para não se assustar. Cuidado com o que o senhor vai escrever nela.*

Eu não sabia o que dizer. Não disse nada.

— Eu posso pedir à Hollis que fique perto da sua irmã — disse ele, depois de um tempo. — Durante o Festival. Não para impedir nada. Só para estar perto.

Eu pensei. Pensei na Rosalind de trança torta entrando no Palácio do Fuso com uma pilha de papéis debaixo do braço, sozinha, no meio de feéricos que sorriem demais. Pensei na Hollis, com o lado de ferro do rosto virado para a parede, de pé atrás dela, como uma torre.

Eu sabia o que devia dizer. *Não. Deixa ela.*

— Sim — eu disse. — Por favor.

Ele assentiu.



Naquela noite eu escrevi uma carta para a Rosalind.

Escrevi na mesa da torre, à luz de uma vela, com as seis garrafinhas verdes e a almofada de Pim e o relógio de prata em volta. Escrevi três páginas. Contei tudo. O Mercado, os frascos falsos, a linha de osso, o fio de luz, o contrato com a linha doze, o Senhor de Ferro, a Guarda Parada, Maren acenando para a mãe, Tobin, Pim, o Frasco Primeiro, o plano. Contei que eu tinha vendido sem querer um futuro meu. Contei que o nosso pai tinha aberto a porta para um estranho de capuz numa noite de inverno e cantado a canção da mamãe três vezes.

Contei que eu estava com medo.

E, no fim, escrevi a palavra que eu tinha riscado no bilhete. Desta vez sem riscar.

Depois dobrei as três páginas em quatro e guardei no fundo da maleta, embaixo dos formulários em branco.

Não mandei. Se alguém abrisse aquela carta antes de Rosalind, teria nas mãos o bastante para nos condenar. Eu sabia disso; mesmo assim, tinha escrito tudo. Queria que minha irmã soubesse a verdade e, de algum jeito covarde, ainda queria escolher a hora em que ela a receberia.

Ia entregar pessoalmente, decidi. No Festival. Quando ela me reconhecesse do outro lado do salão.

Era mais uma coisa para amanhã. Mas, pelo menos, desta vez estava escrita.

CAPÍTULO DEZOITO

O Que o Frasco Não Faz



O BIBLIOTECÁRIO DO Forte Ferrugem se chamava Mestre Tavish e tinha quatrocentos e doze anos. Era o velho que dormia no fundo da biblioteca desde a minha primeira lição. Acordou no vigésimo primeiro dia, às três da tarde, quando eu derrubei um livro em cima do pé dele.

— Ai — disse ele, sem abrir os olhos.

— Desculpa! Desculpa, eu não vi que o senhor…

— Ninguém vê. — Ele abriu um olho. Era castanho, nublado, com a íris quase branca de velhice. — É a melhor coisa de ser velho na biblioteca. As pessoas acham que você é um móvel.

Ele se endireitou na cadeira, devagar, com estalos. Era pequeno, curvado, com uma barba branca e rala presa num laço de fita, e as duas pernas, por baixo do roupão cor de mostarda, eram de ferro até os joelhos. Os óculos, de aros de arame, estavam tortos no nariz. Ele os endireitou com um dedo de ferro.

— Você é a humana — disse.

— Sou.

— A oferenda.

— Sou.

— A que derruba livros. — Ele se inclinou e pegou do chão o livro que tinha caído no pé dele. Leu a lombada, aproximando muito do olho bom. — *Das Restituições*. Hum. — Ele me olhou por cima dos óculos. — Que leitura alegre para uma tarde de sol.

Eu tinha passado três dias naquela biblioteca. Desde a carta de Marisol. Lendo tudo o que encontrava sobre o Frasco Primeiro, sobre o Juramento, sobre o Mercado, sobre a Tecelã. Silvan tinha mostrado as estantes certas e me deixado sozinha, e eu tinha lido de manhã até a noite, com Quill dormindo nos meus pés e a vela queimando até o fim.

Era isso ou ficar no quarto pensando na Rosalind a caminho de Aurea numa carruagem dourada.

— O senhor sabe alguma coisa sobre isso? — perguntei. — Sobre restituições?

Mestre Tavish ficou me olhando com o olho bom.

— Sente — disse ele. — Você vai precisar estar sentada.

O que o Mestre Tavish me contou naquela tarde eu escrevi depois, na torre, numa folha de papel, com a letra mais firme que eu consegui fazer, para não esquecer nenhuma palavra. Ainda tenho a folha.

O Frasco Primeiro não cura ninguém.

Não devolve sonho nenhum.

É um registro. O registro da primeira venda que já existiu. Todo contrato do Mercado, desde então, é uma cópia dele, como as cópias que um escrivão faz de um documento antigo: mudam os nomes, mudam as frases, mas a língua é a mesma. Quem tiver o Frasco nas mãos e souber ler pode entender essa língua.

E, entendendo a língua, pode escrever um contrato ao contrário. Um contrato de restituição.

Mas um contrato de restituição só funciona se três coisas forem verdade ao mesmo tempo.

Primeira: o sonho ainda tem de existir. Cheio. Num frasco. Sem ter sido bebido. Sonho bebido é sonho acabado. Não há língua no mundo que traga de volta uma noite que já foi vivida.

Segunda: tem de haver o registro da venda. A etiqueta, o contrato, o livro de cobre. Sem registro, não há o que desfazer.

Terceira: alguém tem de pagar. Uma possibilidade do mesmo peso. Para cada futuro devolvido, um futuro entregue. A magia não dá nada de graça. Nem para trás.

Eu li isso para mim mesma, na torre, muitas vezes. Mas a primeira vez que ouvi foi da boca de um feérico de quatrocentos anos com as pernas de ferro, sentado numa biblioteca que cheirava a mofo, e a primeira frase em que eu pensei foi:

Sonho bebido é sonho acabado.

— O meu pai — eu disse.

Mestre Tavish esperou.

— O meu pai vendeu tudo. No Mercado. Faz onze anos. Para feéricos que compraram e… — Eu engoli. — E beberam.

— Provavelmente — disse o velho, com uma gentileza que eu não esperava. — Sonho vendido no Mercado da Fronteira raramente passa um ano sem ser bebido. Os de Cobre guardam os caros. Os comuns vão para a mesa. — Ele tirou os óculos. — Mas não precisa ficar no provavelmente, menina. As liquidações do Mercado chegam à fiscalização de Ferro. Estão nos livros lá de baixo. Podemos conferir.

Conferimos. Levou o resto da tarde. Ele subiu e desceu a escada da biblioteca com as pernas de ferro rangendo, trouxe

três livros de capa de couro do tamanho de um tampo de mesa, e procuramos juntos, página por página, à luz da janela estreita, a terceira noite daquela lua cheia de onze anos antes.

Estava lá. *Jonas Lark, relojoeiro, Brumavale.* Cada venda numa linha, com a frase da etiqueta, o comprador e, na última coluna, uma palavra só, carimbada em tinta cor de cobre.

Consumida.

Todas. Nenhuma tinha ficado num cofre.

Abrir uma relojoaria em Valmora. Ensinar o ofício às filhas. Dançar com Elena nas bodas de prata. Ver Elena envelhecer.

Comuns. Bebidos. Acabados. Alguém, em algum divã de veludo de alguma Casa de Sonhar, tinha passado uma noite inteira dançando com a minha mãe nas bodas de prata que ela nunca teve. E tinha acordado. E tinha pedido outro.

Eu não chorei. Achei que ia chorar e não chorei. Fiquei sentada na cadeira dura da biblioteca, com as mãos no colo, e senti uma coisa muito estranha: não dor, exatamente. Alívio. Um alívio horrível, como quando a gente finalmente recebe a notícia que já sabia que ia receber, e pode parar de esperar.

Eu tinha esperado onze anos. Desde que o vi sentado na mesa de Cobre. Uma parte de mim tinha esperado que, em algum lugar, de algum jeito, alguém pudesse desfazer.

A última coluna dizia que, para os sonhos do meu pai, o Frasco Primeiro chegaria tarde demais.

— Desculpe, menina — disse Mestre Tavish.

— Não é culpa do senhor.

— Não. — Ele tirou os óculos e limpou nas mangas do roupão. — Mas eu sou velho, e quando a gente é velho pede desculpa pelo mundo. Economiza tempo.

— E a minha irmã? — perguntei, depois de um tempo.

— Sua irmã?

Contei. O cartório de Mestre Halvard com licença de banco. A sala dos fundos com a cadeira de couro e o chá. O colhedor de Cobre com a campânula. O frasco vazio com o selo LIQUIDADO. *Morar com a Aveline numa casa de janela grande.*

E o outro. O que ela vendeu depois da briga. O que deixou a mecha cinza. O que ela não quis me dizer.

Mestre Tavish ouviu com os olhos fechados. Eu achei que ele tinha dormido de novo. Não tinha.

— Licença de banco — disse ele, no fim. — Então existe uma chance de não ter ido direto para uma taça.

Meu coração deu um salto.

— Como assim?

— Os cartórios com licença de banco vendem muito para as adegas de Cobre. Compram barato dos humanos, guardam, revendem quando o preço sobe. Alguns frascos ficam anos numa prateleira. Décadas. — Ele abriu o olho bom. — Mas banco também negocia com quem vai beber na semana seguinte. Não confunda uma chance com uma garantia, menina.

— Então o sonho da minha irmã…

— Pode estar numa prateleira de Moedeira agora. Ou de alguma outra cidade de Cobre. Cheio. Inteiro. — Ele ergueu um dedo de ferro. — *Pode.* Não garanto nada. Não sei nada. Sou um velho numa biblioteca.

Eu me levantei tão depressa que derrubei a cadeira.

Peguei a cadeira. Pus de pé. Sentei de novo. As minhas mãos estavam tremendo, e eu pus as duas embaixo das coxas para elas pararem.

Pode estar numa prateleira.

Eu tinha estado naquelas adegas. Tinha andado pelos corredores de pedra com a pasta de escrivã, com milhares de frascos brilhando em volta, âmbar e rosa e dourado e cor de pão. Tinha passado talvez a três passos do sonho da minha irmã, sem saber.

Primeira: o sonho ainda tem de existir. Cheio. Segunda: tem de haver o registro da venda. O cartório de Mestre Halvard tem o registro. A Rosalind tem o canhoto, com o selo de lacre. *Terceira: alguém tem de pagar. Uma possibilidade do mesmo peso.*

Eu tenho possibilidades. Eu nunca vendi nenhuma. Bom. Quase nenhuma.

— Você está fazendo contas — disse Mestre Tavish, olhando para mim. — Dá para ver daqui. Até com um olho só.

— Estou.

— Cuidado com as contas, menina. Elas sempre fecham no papel.



Silvan estava no pátio pequeno, com Pim, ensinando a menina a segurar uma espada de madeira com a mão esquerda, a boa, porque na direita os dedinhos cinzentos não fechavam direito em volta do cabo. Hollis assistia encostada na parede, de braços cruzados, com a cara de quem acha aquilo uma péssima ideia e não vai dizer.

Eu atravessei o pátio direto até ele.

— Você sabia? — perguntei.

Ele baixou a espada de madeira. Pim olhou para mim, depois para ele, depois para Hollis, que pegou a menina pelo ombro e disse "vem, vamos ver os cavalos" sem tirar os olhos de nós.

— Sabia o quê?

— Que o Frasco não devolve o que foi bebido.

Ele ficou em silêncio um instante.

— Eu suspeitava — disse. — Não sabia. Eu disse à senhora que não sabia.

— Você disse *pode ser só uma lenda*.

— Disse.

— Você sabia que o meu pai…

— Eu sabia que o seu pai vendeu no Mercado, na terceira noite de uma lua, há onze anos. — Ele não desviou os olhos. — E sabia que sonho de Mercado raramente dura um ano. Sim. Eu sabia que era muito provável. Não disse.

— Por quê?

— Porque a senhora não teria vindo.

Era a terceira vez que ele me dizia isso. Sempre a mesma frase. Sempre verdade.

Fiquei olhando para ele, no meio do pátio, com a espada de madeira de uma criança na mão e o dedo do meio da mão esquerda cinza até a primeira junta. Esperei a raiva vir. Ela veio. Mas veio menor do que eu esperava, e mais cansada, e misturada com outra coisa que eu não queria nomear.

— A minha irmã vendeu no cartório — eu disse. — Para um banco. Pode estar numa adega. Cheio.

Alguma coisa mudou no rosto dele.

— Pode — disse ele.

— E o seu juramento. A cláusula sétima. *Que este juramento só se desfaça pela mesma linha que o fez.* Se o Frasco é a primeira linha… — Eu respirei. — Então com ele dá para entender como desfazer. Não só a minha irmã. Você. A Pim. O Tobin. A Hollis.

— Talvez. — Ele não desviou os olhos. — Mas uma venda prende um futuro. O Juramento prendeu uma corte inteira. Não sei se a mesma restituição serve para os dois.

— E se dá para desfazer a cláusula sétima, dá para entender todas as outras. Todos os contratos do Mercado. Todas as etiquetas. Todas as vírgulas que mudam o sentido. — Eu falava rápido agora, como a Rosalind fala quando defende uma ideia no cartório. — A gente não ia só roubar um frasco. A gente ia roubar a *língua*. A língua que o Mercado usa para dizer aos humanos o que eles estão vendendo. Que o Fenn usa. Que o Mestre Halvard usa. Que o Lorde Aurelio usa.

Silvan não disse nada. Ficou me olhando. E eu vi, devagar, uma coisa acontecer no rosto dele que eu nunca tinha visto. Não era a parede de pedra. Não era a dor de quem vê de olhos abertos o que já viu de olhos fechados.

Era espanto.

— A senhora veio para cá — disse ele — para salvar o seu pai e a sua irmã.

— Vim.

— O seu pai não pode ser salvo.

— Não.

— E a senhora quer continuar.

— Quero.

— Por quê?

Eu olhei em volta. Para o pátio estreito, onde a luz chegava uma hora por dia. Para Hollis, encostada na parede do estábulo, com o lado de ferro do rosto virado para a pedra. Para Pim, segurando a mão de Hollis, com os dedinhos cinzentos escondidos. Para o velho de pescoço duro, que jogava dados no canto e roubava, e os rapazes deixavam.

— Porque eu passei seis anos costurando sonhos falsos para não ter de olhar para o Mercado — eu disse. — Achando que, se eu não vendesse os meus, eu estava do lado de fora. Que eu só estava tirando proveito dos restos. Que não era comigo. —

Eu engoli. — E era comigo o tempo todo. Era com o Tobin. Era com a Maren. Era com o meu pai, que eu achava que tinha escolhido livremente. Ele assinou. A magia chama isso de escolha; durante anos, eu também chamei. Mas, quando a alternativa era deixar a minha mãe morrer sem remédio, quanto cabia daquela escolha a ele?

Silvan ficou um longo momento em silêncio.

— A senhora quer derrubar o Mercado — disse ele, por fim.

— Eu não sei o que eu quero derrubar. — Eu passei a mão no rosto. — Eu quero entender a língua. Depois a gente vê.

— *A gente* — repetiu ele.

Eu fiquei vermelha. De novo. Estava ficando ridículo.

— Escapou.

— Eu sei — disse ele.

E ele sorriu.

Não a ideia de um sorriso. Não o canto da boca que sobe e desiste. Um sorriso. Pequeno, torto, inteiro, durou o tempo de uma respiração, e mudou o rosto dele de um jeito que eu não estava preparada para ver. Ficou mais novo. Ficou parecido com alguém que eu conhecia de algum lugar.

Do outro lado do pátio, Hollis soltou a mão de Pim, olhou para o céu como quem pede paciência aos deuses e entrou no estábulo, batendo a porta.



Naquela noite, na torre, eu fiz uma lista.

Eu faço listas quando não sei o que fazer. Ajuda a ver o tamanho das coisas. Escrevi numa folha nova, embaixo da folha com as palavras de Mestre Tavish:

Coisas que o Frasco Primeiro não faz: — Não traz o papai de volta. — Não desfaz nada sozinho. — Não é de graça.

Coisas que talvez faça: — Ensinar a língua. — Desfazer a cláusula sétima. — Devolver os sonhos da Rosa, se estiverem cheios numa adega, se houver registro, se alguém pagar. — Mostrar o que mais está escrito em todos os contratos.

Coisas que eu preciso: — Falsificar o Frasco. — Fazer a borra de quinhentos anos aceitar a agulha.

Parei. Olhei para as seis garrafinhas verdes na mesa. Para a borra sem cor que, nas últimas noites, tinha subido sozinha duas vezes: uma para se enrolar no relógio que o meu pai consertou cantando, outra na fita de trança de uma menina por quem alguém pagava todo mês com o próprio corpo.

Nunca no meu fio. Nunca nas minhas agulhas. Nunca nos meus sonhos falsos.

Só no que era verdadeiro.

Eu sabia o que aquilo queria dizer. Sabia desde a noite do relógio, e tinha guardado no lugar das coisas de amanhã. A borra de quinhentos anos não aceitava borra. Não aceitava costura. Não aceitava falsificação. Era velha demais para ser enganada.

Talvez aceitasse um sonho verdadeiro. Um sonho que ainda pudesse acontecer. E, se precisasse pertencer a quem fazia a falsificação, havia um nome que eu não queria escrever naquela lista.

O meu.

Escrevi embaixo da lista, em letra pequena:

— Um sonho verdadeiro. Meu.

E depois risquei, com dois traços, como tinha riscado o *desculpa* no bilhete para a Rosalind.

Mas, como no bilhete, dava para ler.

Debaixo da mesa, Quill se mexeu.

E foi então que eu me lembrei de uma coisa que o Mestre Tavish disse no fim da tarde, quando eu já estava na porta da biblioteca, com a folha de papel na mão. Ele tinha fechado os olhos de novo, e eu achei que estava dormindo, e ele disse, sem abrir, numa voz arrastada de sono:

— Que bonito, o seu.

— O meu o quê, Mestre?

— O seu sonho solto. — Ele bocejou. — Faz duzentos anos que eu não vejo um. A raposinha. Cuida bem dela.

E dormiu.

Eu fiquei na porta, com a folha na mão, olhando para o chão ao lado dos meus pés, onde Quill estava sentado, com o rabo enrolado nas patas, olhando para o velho com os buracos de noite que tem no lugar dos olhos.

Ninguém nunca tinha visto o Quill. Em onze anos. Ninguém.

Quill olhou para mim. E, pela primeira vez, eu tive a impressão de que ele estava com medo de que eu perguntasse.

Eu não perguntei. Ainda não.

Mas guardei. No lugar das coisas de amanhã, que estava ficando tão cheio que já não fechava.

CAPÍTULO DEZENOVE

Vestida para as Luas



Cada corte veste a sua oferenda para as sete noites do Festival, e a Corte de Ferro não tinha dinheiro para vestir ninguém.

Fiquei sabendo no vigésimo dia, na cozinha, por Mabry, que contou como quem conta que vai chover.

— Sete vestidos — disse ela, mexendo o caldeirão. — Um para cada lua. As outras cortes mandam fazer em Aurea, com as costureiras do príncipe, em seda de lá, que muda de cor com a música. Custa o que custa um cavalo. Cada um. — Ela bateu a colher na borda. — O Banco cortou o crédito depois de Moedeira. Não chegou carvão. Não chegou óleo. Chegou um bilhete do tal Aurelio dizendo que as contas da Corte de Ferro estão *sob revisão*. — Ela cuspiu no fogo, que chiou. — Revisão. Sei bem o que é revisão.

— E o Silvan?

— O Senhor disse que a oferenda vai de cinza. O mesmo vestido nas sete noites. — Mabry olhou para mim por cima do caldeirão. — Disse que a pobreza da Corte de Ferro não é segredo para ninguém, e que fingir seria pior.

Eu fiquei olhando para ela.

— Sete noites com o mesmo vestido cinza — eu disse. — Na frente de todas as cortes de Sylvária.

— Foi o que ele disse.

— No meio de sedas que mudam de cor com a música.

— Foi o que ele disse.

Eu pus a tigela de mingau na mesa.

— Mabry — eu disse. — Onde estão as tapeçarias velhas do Forte? As que não estão nas paredes?

Ela parou de mexer.

Depois sorriu. Era a primeira vez que eu via Mabry sorrir. Tinha três dentes a menos que a Viúva Odete e era muito mais assustador.

— No sótão da torre norte — disse. — Junto com as bandeiras velhas e o meu vestido de casamento.



LEVEI QUATRO DIAS.

Quatro dias e quatro noites, no quarto da torre torta, com a janela grande aberta e o vento do desfiladeiro entrando, rodeada de pilhas de pano velho que Hollis carregou do sótão da torre norte nas costas, xingando a cada degrau.

Tapeçarias de trezentos anos, com cenas de caça desbotadas e as cores comidas pelo sol que ali nunca bate, mas mesmo assim lindas, num azul de noite e num verde de musgo que nenhuma seda de Aurea tinha. Bandeiras de batalhas antigas, de lã cinza grossa, com a grade e o sininho bordados em fio de prata de verdade, que eu desfiz ponto por ponto e enrolei em carretéis. Cortinas de veludo preto da antiga sala do trono, que ninguém usava desde o bisavô de Silvan. Uma capa de pele de lobo que tinha sido de Garven. E o vestido de casamento de Mabry, de linho cru, amarelado, com uma barra de renda feita

à mão em Brumavale, sessenta e dois anos antes, que ela pôs na minha cama dobrado em quatro e disse *faz o que quiser com isso, menina, eu não vou casar de novo*.

E eu costurei.

Não sonhos. Pano. Pela primeira vez em seis anos, passei dias inteiros costurando roupa de verdade só porque queria, sem encomenda para disfarçar a outra profissão, sem esconder nada embaixo de toalha xadrez. E descobri que tinha esquecido como era bom. Que eu gostava. Que as minhas mãos sabiam fazer outras coisas além de enganar.

No fundo da maleta, o caderno de capa de pano onde eu desenhava desde os quatorze anos continuava fechado. Eu o abri uma vez, atrás de uma ideia de gola, e encontrei uma mesa de costura ao lado de uma janela grande, desenhada com tanto cuidado que cada gaveta tinha puxador. Fechei de novo. Tinha vestidos para terminar. A janela podia esperar.

Não fiz sete vestidos. Não dava tempo e não havia pano. Fiz um vestido que podia mudar de aparência sem deixar de ser cinza.

O vestido era cinza. Lã fina, das bandeiras, tingida mais escuro com casca de noz que Mabry ferveu, ajustado no corpo, com mangas compridas e a gola alta, como os da Corte de Ferro. Simples. Era a base. E, por cima dele, eu fiz sobrevestes, capas, faixas e mangas soltas, que se prendiam e se soltavam com colchetes escondidos, uma para cada noite.

Para a noite de Cobre, uma sobreveste de veludo preto da sala do trono, bordada nas bordas com o fio de prata das bandeiras, num desenho de balanças pequenas e moedas, de longe parecendo só um friso, de perto uma piada.

Para a noite de Prata, mangas longas e soltas de um tecido de tapeçaria azul-noite, com estrelas de linha de prata

espalhadas, que se mexiam quando eu levantava os braços.

Para a noite de Ouro, uma faixa larga de linho cru do vestido de Mabry, com a renda de Brumavale na borda, presa na cintura. Nada de dourado. Só a renda humana, feita à mão, no meio de um salão de trigo e mel.

Para a noite de Vidro, nada. O vestido cinza, nu, sem enfeite nenhum. Na corte onde ninguém mente, eu ia sem disfarce.

Para a noite de Ferro, uma capa. A capa de pele de lobo de Garven, desmanchada e refeita, com o forro de veludo preto e, por dentro, onde só eu ia ver, bordados com o fio de prata, cento e trinta e oito pontos pequenos, um para cada guardião da Guarda Parada.

Para as duas noites do Palácio, eu ainda não sabia. Deixei para o fim.

Hollis passava todas as tardes no meu quarto. Dizia que era para vigiar se eu não ia fugir pela janela. Sentava no chão, encostada na parede, com o lado de ferro do rosto virado para a pedra, e me via costurar sem dizer nada por horas. Às vezes me passava a tesoura sem eu pedir. Às vezes segurava o pano esticado enquanto eu bordava. Às vezes dormia.

No terceiro dia, ela falou.

— Ele virou ferro numa tarde de primavera — disse, do nada, sem levantar a cabeça. — O meu noivo. Chamava-se Bram. Estava rindo de uma piada minha, na Cerca, e a risada parou no meio. Ficou com a boca aberta. Está lá até hoje, o sexto da fila depois do Garven, com a boca aberta, rindo de uma piada de vinte anos atrás.

Eu parei a agulha.

— O meu rosto virou na mesma semana — continuou Hollis. — Metade. A outra metade está esperando a vez dela. — Ela passou o dedo de carne pela linha onde a pele vira ferro,

na têmpora. — Eu viro esse lado para a parede porque não quero que ninguém tenha pena. E porque, se eu olhar no espelho de frente, vejo um lado meu que ainda ri e um lado que já parou. E não sei qual dos dois é mais verdade.

A agulha ficou parada entre os meus dedos. Qualquer consolo que me ocorreu teria sido menor que a perda dela.

Voltei a costurar. Mas, quando terminei a capa de Garven, naquela noite, antes de pôr o último ponto de prata por dentro, chamei Hollis.

— Me mostra onde ele está — eu disse. — Na fila. O Bram.

Ela me olhou como se eu tivesse batido nela.

Depois se levantou, pegou a capa, abriu o forro e contou os pontos de prata com o dedo, devagar, um por um, até o sexto depois do primeiro. Pôs a ponta do dedo em cima dele.

— Esse — disse.

Eu bordei em volta daquele ponto uma florzinha. Pequena, de linha de prata, quase invisível. Ninguém ia ver. Só eu e Hollis.

Ela ficou olhando para a florzinha por muito tempo. Depois me devolveu a capa, voltou para o lugar dela no chão, encostou a cabeça na parede e fechou os olhos.

— Idiota — disse, muito baixinho.

Mas virou o rosto. Pela primeira vez, o lado de ferro ficou virado para mim.



Silvan veio na última noite, a da véspera da partida.

Bateu duas vezes, curto e exato. Esperou o *entra*. Entrou.

O quarto estava um caos. Pano para todo lado, carretéis, tesouras, alfinetes espetados na colcha de retalhos, a capa de Garven pendurada na janela grande como uma bandeira, as

sobrevestes estendidas em cima da cama, o vestido cinza num manequim que eu tinha montado com uma cadeira e duas almofadas. Eu estava sentada no chão, descalça, com a boca cheia de alfinetes.

Ele parou na porta e olhou em volta. Olhou para tudo, demoradamente, com aquela atenção total. As balanças bordadas no veludo preto. As estrelas de prata nas mangas azuis. A renda de Brumavale. A capa de Garven.

Não disse nada por muito tempo.

— Mabry me contou — disse, por fim.

Eu tirei os alfinetes da boca.

— Contou o quê?

— Que a senhora pediu as tapeçarias. — Ele chegou mais perto da capa de Garven, na janela. Pôs a mão direita no forro e o abriu. Viu os pontos de prata. Ficou imóvel. — Quantos são?

— Cento e trinta e oito.

Ele não contou. Não precisava. Ficou olhando para os pontos, com a mão aberta em cima deles, e eu vi o maxilar dele se mexer uma vez, duas.

— Eu disse que a oferenda ia de cinza — disse ele, com a voz baixa. — Que a nossa pobreza não era segredo.

— E vai de cinza. — Eu me levantei, espanando os fiapos da saia. — Olha. É tudo cinza por baixo. Não tem uma linha de seda de Aurea. Não tem uma moeda do Banco. É tudo pano velho do Forte. Tapeçaria do seu bisavô, bandeira de batalha, a capa do Garven, o vestido de casamento da Mabry. — Eu respirei. — A pobreza da Corte de Ferro não vai ser segredo para ninguém. Só vai ser bonita.

Ele se virou e me olhou.

E eu esperei o canto da boca. O quase-sorriso. A parede de pedra se fechando.

Não veio nada disso. Ele só ficou me olhando, na luz da vela, no meio do quarto cheio de pano, por tanto tempo que eu senti o rosto esquentar e não desviei os olhos.

— Eu trouxe uma coisa — disse ele, por fim. — Não sei mais se tem lugar para ela.

Tirou de baixo do braço um embrulho de couro. Me estendeu.

Eu abri.

Era um par de sapatos.

Sapatos de baile, de couro macio, feitos sob medida, com a ponta fina e o salto baixo, para quem não sabe dançar com par e precisa de chão firme. Costurados à mão, com um cuidado que eu reconheci de longe, porque eu sei reconhecer cuidado num ponto.

Um era cinza.

O outro era azul. O azul exato do xale da minha mãe.

Eu olhei para os sapatos. Olhei para os meus pés descalços. Lembrei dos sapatos que eu usava desde a noite do Fenn, quando saí de casa no escuro e peguei o que achei, um de cada cor, e que nunca troquei, primeiro por pressa, depois por teimosia, depois porque já eram meus.

— Você reparou — eu disse.

— Na primeira noite, na banca da Odete. — Ele olhou para os meus pés. — Pedi ao sapateiro do Forte. Ele perguntou se eu tinha certeza de que eram cores diferentes. Eu disse que tinha. — Uma pausa. — Achei que a senhora ia sentir falta.

Eu ri.

Não um riso de defesa, nem um riso de dor, nem aquele riso curto que eu uso no Mercado para enganar lorde de Prata. Um riso de verdade, de barriga, que veio lá de baixo e que eu não

consegui segurar, com os sapatos apertados contra o peito, no meio do quarto cheio de pano.

E ele riu também.

Foi curto. Rouco, como de quem não faz aquilo há muito tempo e esqueceu como era. Mas foi um riso. Eu ouvi. O Senhor da Corte de Ferro, de pé no meio do meu quarto, com a mão no forro da capa de Garven, rindo de um par de sapatos de cores diferentes.

Depois paramos. Os dois ao mesmo tempo. E ficou um silêncio diferente dos outros.

Ele estava a um passo de distância. Sempre a um passo. Mas eu tinha dado meio passo na direção dele sem perceber, com os sapatos no peito, e agora era meio.

Ele percebeu. Eu vi que percebeu. Os olhos de moeda desceram até o meio passo que faltava e subiram de novo.

E ele deu um passo para trás.

— Partimos ao amanhecer — disse, com a voz quase normal. — O Festival não é em cada corte, como a senhora pensou. É no Lago Parado, em volta do Palácio do Fuso. Cada corte monta um pavilhão na margem e recebe as outras na sua noite. — Ele fez uma pausa. — Inclusive Ferro. A quinta noite é nossa.

— A Corte de Ferro vai receber as outras cortes?

— Pela primeira vez em trezentos anos. Porque pela primeira vez trouxe uma oferenda. É a regra.

— E onde fica o pavilhão de Ferro?

— Não existe. Nunca existiu. — Ele olhou para a capa de Garven na janela. — Hollis está desmontando a ponte de correntes para levar. Enquanto estivermos fora, a balsa do fundo do desfiladeiro fará as travessias. Vai demorar o dobro para levar carvão, se o Banco se lembrar de mandar algum.

Eu abri a boca. Fechei.

— Boa noite, senhorita Lark — disse ele.

E saiu.

Eu fiquei de pé, no meio do quarto, com os sapatos no peito, ouvindo os passos dele descendo a escada em caracol.

Senhorita Lark. Depois de *Aveline*, na biblioteca. Depois de *você*, na forja.

Ele tinha recuado. Por mim ou por ele, eu não sabia. Mas tinha recuado do meio passo.

E eu, que leio a última página primeiro, não tinha a menor ideia do que vinha na próxima.



Partimos ao amanhecer do vigésimo quarto dia: eu, Silvan, Hollis, Tobin, Corin, mais seis guardas, Mabry numa carroça com caixas de comida e ervas, e três carroças com a ponte de correntes desmontada, as tapeçarias da sala do trono e todos os bancos do Salão de Ferro.

Pim ficou diante do portão do Forte, segurando a mão do velho de pescoço duro, olhando a gente ir.

Na manhã anterior, eu tinha descido à enfermaria antes de Silvan chegar para passar o óleo nos dedos de Pim, e encontrado a menina sentada na mesa, balançando as pernas, esperando.

— Você vai? — ela perguntou.

— Vou.

— Eu queria ir.

— Eu sei.

— Ele disse que não. Porque é perigoso. — Ela fez um bico. — Eu sei que é perigoso. Eu não sou boba.

Eu me sentei no banquinho baixo, aquele de onde Silvan passava óleo nos dedos dela, e olhei para ela.

— Você quer saber por que é perigoso? — perguntei. — De verdade? Não *porque sim*?

Pim parou de balançar as pernas. Fez que sim com a cabeça.

E eu contei. Não tudo. Mas o bastante. Que as outras cortes não gostam de Ferro. Que ninguém ia tocar nela, nem comer na mesa dela. Que iam olhar para os dedos dela. Que iam sorrir muito. Que ia ter gente lá esperando qualquer um falar uma coisa errada para dizer *eu aceito*. Que o Senhor de Ferro ia estar ocupado, e Hollis também, e eu também, e que ninguém ia poder ficar com ela o tempo todo.

Pim ouviu tudo, séria, com as mãos escondidas atrás das costas.

— Então é perigoso de verdade — disse ela, no fim.

— É.

— E ele não falou isso porque achou que eu era pequena demais para saber.

— Acho que sim.

Ela pensou.

— Eu não quero ir num lugar onde ninguém come na mesa da gente — disse, por fim. — Eu fico. — Fez uma pausa. — Mas você conta como foi, quando voltar?

— Conto.

— Tudo?

— Tudo.

Quando Silvan chegou à enfermaria para o óleo, Pim estava sentada na mesa, já de mão estendida.

— Eu não vou ao Festival — anunciou ela. — Eu decidi.

Ele parou na porta. Olhou para ela. Olhou para mim, no banquinho baixo.

Eu me levantei, cedi o banquinho e saí. Não disse nada. Ele também não. Mas, quando passei por ele na porta, ele inclinou a cabeça, muito pouco, do jeito curto e formal que tinha feito para a Viúva Odete no Mercado.

Como se eu fosse uma rainha, e não uma costureira descalça.



Chegamos ao Lago Parado ao entardecer.

A estrada desceu uma colina de grama prateada, e lá embaixo, de repente, estava ele: um lago enorme, redondo, liso como um espelho, tão parado que não tinha uma onda, uma ruga, nada. Refletia o céu inteiro. Era impossível saber onde terminava a água e começava o ar.

No meio do lago, numa ilha de pedra branca, estava a torre.

O Palácio do Fuso. Eu tinha passado duas semanas desenhando aquela torre por dentro, andar por andar, escada por escada. Ainda assim, não estava preparada. Era alta como uma montanha, fina como uma agulha, branca e prata, e girava. Devagar. Tão devagar que, se eu não estivesse olhando para uma janela em particular, nunca teria percebido. Mas a janela andou. E outra apareceu no lugar dela.

Em volta do lago, nas margens, havia pavilhões. Enormes, coloridos, cheios de luz. Um dourado, de seda amarela, com bandeiras de sol. Um prateado, todo de véus finos que se mexiam com o vento. Um transparente, de vidro, que refletia o pôr do sol como um diamante. Um de cobre, redondo, com cúpula verde, igual ao Banco de Moedeira em miniatura.

E, entre o pavilhão de vidro e o de cobre, um espaço vazio na margem. Grama pisada. Nada.

O lugar da Corte de Ferro.

Hollis, na garupa de quem eu ainda ia, porque nunca aprendi a montar e não ia aprender agora, olhou para o espaço vazio e não disse nada. Atrás de nós, as carroças rangiam com a ponte de correntes desmontada.

E então o sol terminou de se pôr, e o céu ficou roxo, e as luas começaram a aparecer.

A grande, branca. A prateada. A cor de mel. A azulada e fina como uma unha. E, uma depois da outra, as três que eu nunca tinha visto: uma verde-clara, uma rosada, uma tão escura que só se via pela borda de luz em volta, como um anel.

Sete.

Não estavam alinhadas ainda. Estavam espalhadas pelo céu como contas de um colar arrebentado. Mas eu senti, de algum jeito, que estavam se aproximando. Que na noite seguinte iam estar mais perto. E na outra, mais. Até que, na sétima, iam estar em fila, exatamente em cima da torre que gira.

O reflexo das sete luas apareceu no lago parado, perfeito, sem uma ruga. Sete luas em cima, sete luas embaixo, e no meio a torre branca, girando.

Eu nunca tinha visto nada tão bonito.

E foi aí que Hollis, na minha frente, ficou tensa. Inteira, de uma vez, como fica um cavalo de Ferro quando vê o Quill.

— Lá — disse ela, baixinho. — No pavilhão de Ouro. Na escada.

Eu olhei.

Na escada de mármore do pavilhão dourado, iluminada pelas lanternas de sol, uma moça humana descia devagar, com um maço de papéis apertado contra o peito e um vestido amarelo emprestado, grande demais para ela. O cabelo estava preso numa trança. Torta.

E, do lado esquerdo da testa, saindo da raiz e descendo até o queixo, uma mecha da largura de dois dedos, cor de cinza de lareira, que brilhava prata à luz das sete luas.

Rosalind.

Ela parou no último degrau. Levantou a cabeça. Olhou em volta, para o lago, para a torre, para as luas, com aqueles olhos que não deixam passar nada.

E olhou para a margem vazia entre o pavilhão de vidro e o de cobre. Para as carroças de Ferro. Para os cavalos pretos.

Para mim.

Do outro lado do lago, no escuro, de garupa num cavalo de Ferro, de vestido cinza e xale azul.

Eu vi o momento exato em que ela me reconheceu. Como se vê o momento exato em que um sonho tropeça.

Ela não acenou.

Ficou parada no último degrau da escada de mármore, com os papéis contra o peito, me olhando. E eu fiquei parada na garupa de Hollis, olhando para ela.

Sete luas em cima. Sete luas embaixo. A torre girando.

E eu, que sempre sei como as coisas terminam, não sabia nem a primeira palavra que ia dizer a ela.

AS SETE LUAS DE SYLVÁRIA



A Branca

A Prateada

A de Mel

A Azulada

A Verde

A Rosada

A Escura

A cada sete anos elas se alinham sobre o Palácio do Fuso,
e o Festival das Sete Luas começa.

ATO TRÊS

As Sete Luas



CAPÍTULO VINTE

Primeira Lua: Cobre



As oferendas dormem na Casa das Oferendas, e a Casa das Oferendas é de Ouro.

Eu não sabia disso até a manhã do primeiro dia do Festival, quando um pajem de túnica amarela apareceu no acampamento de Ferro, na margem vazia entre o pavilhão de vidro e o de cobre, e fez uma reverência para mim tão funda quanto a dos de Cobre, e disse que tinha vindo me buscar.

— Me buscar para onde?

— Para a Casa, senhorita oferenda. Todas as oferendas ficam sob a guarda do Guardião, do primeiro ao último dia do Festival. É a regra.

Eu olhei para Silvan. Ele estava a três passos, de pé ao lado da carroça da ponte de correntes desmontada, de braços cruzados. Não pareceu surpreso.

— Você sabia — eu disse.

— Sabia.

— E não disse.

— Achei que a senhora preferiria dormir longe de um acampamento sem barraca. — Ele olhou para o chão de grama pisada onde nós tínhamos passado a noite, enrolados em

capas, em volta de uma fogueira que Mabry alimentou com galhos secos, porque o carvão não tinha chegado. — Na Casa há camas.

— E há a minha irmã.

Ele não respondeu. Também não precisava. A Rosalind estava hospedada pela Corte de Ouro. A Casa das Oferendas era de Ouro.

Hollis, sentada em cima da carroça, mastigando uma maçã, disse sem olhar para ninguém:

— Eu vou junto.

— A Casa é só para oferendas — disse o pajem, nervoso.

— Eu sou a sombra da oferenda — disse Hollis, e pulou da carroça. — Diga ao seu Guardião que a Corte de Ferro manda a oferenda com sombra, ou não manda oferenda nenhuma.

O pajem olhou para o lado de ferro do rosto dela, que ela não virou para a parede, e engoliu.

— Eu… vou dizer.

A Casa das Oferendas era uma construção baixa e comprida de mármore branco, colada ao pavilhão de Ouro, com um jardim de colmeias na frente e um corredor de portas de madeira clara, uma para cada oferenda. Cinco portas. Uma para cada corte.

Nas outras quatro moravam as outras oferendas.

Conheci as outras quatro oferendas na hora do almoço. A sala tinha uma mesa comprida, cadeiras de espaldar dourado e criados de Ouro que sorriam o tempo todo enquanto nos serviam.

A de Ouro era uma moça chamada Tamsin, filha de pescador, de Valmora, de cabelo vermelho e sardas e uma

risada que enchia a sala. Tinha dezoito anos. Disse que tinha sido escolhida porque o Guardião visitou o porto dela e gostou da maneira como ela cantava enquanto remendava as redes.

A de Prata era um velho de oitenta e poucos anos chamado Ancel, poeta, de Calder, de barba branca e olhos azuis muito claros, que falava pouco e sorria muito, e que tinha vindo, disse, porque queria ver as sete luas antes de morrer.

A de Vidro era um homem grande e calado, ferreiro, que não disse o nome. Hollis descobriu depois que se chamava Dov e que era mudo de nascença. Tinha as mãos maiores que eu já vi e passou o almoço inteiro olhando para as próprias mãos em cima da mesa.

A de Cobre era uma menina. Dezesseis anos, de Brumavale. Eu a conhecia de vista: era a filha mais nova do tanoeiro da Rua das Turfeiras, a que vendia cestos na feira de domingo. Chamava-se Lissa. Ela me reconheceu antes de eu reconhecer ela.

— Você é a moça da banca da Odete! — disse, com a boca cheia de pão. — A que dança descalça na beira do Mercado!

Todo mundo na mesa olhou para mim.

— Sou — eu disse.

— Você também foi escolhida! — Lissa bateu palmas. — Que sorte a gente, hein? A minha mãe chorou tanto quando chegou a carta. Disse que eu ia voltar com um baú de presentes e que nunca mais a gente ia passar fome. — Ela riu. — O Banco vai me dar um dote, sabia? Para eu casar com quem eu quiser!

Eu olhei para ela. Para as bochechas vermelhas, a trança desfeita, o vestido de seda cor de cobre que mudava de tom quando ela mexia os braços.

Olhei para Tamsin, que ria. Para Ancel, que sorria. Para Dov, que olhava as mãos.

Na última noite, cada uma oferece um sonho verdadeiro. Escolhido por ela mesma. Assina diante do Tear.

Achei que nenhum deles sabia. A esperança estava no rosto de Lissa, na alegria de Tamsin, na maneira como Dov estudava as próprias mãos. Ancel continuava sorrindo em silêncio, e eu tomei aquele sorriso por ignorância. Eu não soube ler aquele sorriso. Preferi acreditar que todos eram tão ignorantes quanto pareciam.

— Que sorte a gente — eu disse a Lissa.

E sorri. Do jeito que eu sorrio para lorde de Prata.

Hollis, de pé atrás da minha cadeira, porque não deixaram ela sentar, pôs a mão no meu ombro. Só um segundo. A de carne.



A Rosalind não apareceu no almoço.

Nem à tarde. Perguntei a um criado; ele sorriu e disse que a peticionária humana estava na ala dos convidados, do outro lado do jardim, trabalhando com os escrivães do Guardião, e que não queria ser incomodada.

Pensei em ir lá. Pensei durante a tarde inteira, sentada na beira da cama do meu quarto de oferenda, que tinha lençóis de linho tão fino que pareciam água e uma janela que dava para o lago. Pensei em atravessar o jardim de colmeias e bater na porta dela.

Não fui. Ela tinha me visto na véspera, do último degrau da escada, e não tinha acenado. Ela sabia onde eu estava. Se quisesse falar, viria.

Esse é o problema de deixar alguém escolher, Silvan tinha dito. *A gente nunca sabe o final.*

Era insuportável.

Passei a tarde costurando o último colchete da sobreveste de Cobre, a de veludo preto com as balanças bordadas, para ter alguma coisa nas mãos. Hollis dormiu no chão, encostada na porta, para ninguém entrar sem passar por cima dela.



A PRIMEIRA NOITE do Festival é de Cobre, e o pavilhão de Cobre era o Banco de Moedeira inteiro, encolhido e posto na beira de um lago.

A mesma cúpula verde. As mesmas colunas de metal polido. Por dentro, um salão redondo, com o chão de mosaico desenhando uma balança enorme, e mesas compridas em volta, cheias de comida e de taças, e no meio, num estrado de cobre, uma bancada de leiloeiro.

Porque a diversão da noite de Cobre é um leilão.

Eu entendi isso na porta, quando entrei com as outras oferendas, enfileiradas, atrás do Guardião. Eiran ia na frente, de túnica dourada, sorrindo, cumprimentando todo mundo pelo nome. Atrás dele, nós cinco: Tamsin, Ancel, Dov, Lissa e eu. De vestidos de seda que mudavam de cor com a música, os outros quatro. De cinza e veludo preto, eu.

O salão inteiro olhou.

Eu senti o olhar como se sente o calor de uma lareira quando se abre a porta. Todos de uma vez. As damas de Prata de cabelo branco, os lordes de Ouro, os de Vidro transparentes. E os de Cobre, os anfitriões, com os casacos de moedas. Olharam para as sedas dos outros e depois para o meu veludo preto, e houve um murmúrio, e alguém riu, aquela risada de sininho, e depois o murmúrio mudou de tom quando eles chegaram perto o bastante para ver o friso de prata nas bordas.

Balanças. Moedas. Pequenas, perfeitas, bordadas com fio de bandeira de batalha.

Uma piada sobre os donos da casa, na roupa da oferenda da corte mais pobre de Sylvária.

Alguém parou de rir. Alguém começou a rir de outra coisa.

Lá no fundo, perto da porta, onde a Corte de Ferro fica em todas as festas, Silvan estava de pé, sozinho, de preto, sem nenhum enfeite além do friso de ferro trançado no colarinho. Ele olhou para as bordas do meu vestido. E eu vi o maxilar dele se mexer, uma vez, de um jeito que, se fosse em qualquer outra pessoa, eu diria que era alguém tentando muito não sorrir.

Lorde Aurelio Vane também viu. Estava no estrado de cobre, ao lado da bancada do leiloeiro, de casaco cheio de moedas. Viu as balanças bordadas. O sorriso dele não mudou nada. Mas os olhos ficaram menores.



O LEILÃO COMEÇOU depois do jantar.

Não eram sonhos de humanos, pelo menos não diretamente. Eram as raridades das adegas de Cobre: frascos antigos, sonhos de cem, duzentos anos, guardados para ocasiões especiais e trazidos para a noite de abertura do Festival como quem abre a garrafa mais cara da casa. O leiloeiro, um feérico de Cobre gordo e de voz fina, levantava cada frasco contra a luz e lia a etiqueta em voz alta, e os nobres das cortes davam lances em ouro, em graças, em favores.

Ver o primeiro neto nascer, do ano tal. Vendido para uma dama de Ouro.

Fazer as pazes com o irmão no leito de morte do pai. Vendido para um lorde de Prata, que chorou ao arrematar.

Ter uma casa de pedra com uma figueira no quintal. Vendido para Lorde Corvin, que olhou para mim do outro lado do salão enquanto levantava a mão.

Eu fiquei sentada na mesa das oferendas, com as mãos no colo, ouvindo os futuros de gente morta havia cem anos serem vendidos como vinho, e não comi nada.

Lissa, ao meu lado, achava tudo lindo. Batia palmas a cada lance. Tamsin também. Ancel, o poeta, tinha parado de sorrir. Dov olhava as mãos.

E então o leiloeiro largou o último frasco, enxugou a testa e disse, com aquela voz fina:

— E agora, como manda a tradição da Primeira Lua, as nossas queridas oferendas! — Ele abriu os braços na direção da nossa mesa. — Que cada uma suba ao estrado e conte às cortes reunidas, para alegria de todos, *com o que sonhou esta noite*!

Aplausos.

Eu fiquei gelada.

Em Sylvária, ninguém conta um sonho em voz alta.

Se a senhora contar um sonho diante de um feérico, ele pode dizer eu aceito e tratar as suas palavras como uma oferta. Pode exigir que a senhora vá ao cartório. Pode transformar uma conversa inocente numa disputa de contrato diante de toda a corte.

Uma tradição. A tradição da Primeira Lua era fazer as oferendas contarem os sonhos em voz alta, na frente de todas as cortes, para que qualquer um pudesse dizer *eu aceito*.

Eu olhei para o fundo do salão. Silvan estava imóvel. Não podia fazer nada. Era a festa de Cobre, a regra era de Cobre, e a Corte de Ferro fica perto da porta.

— Tamsin de Valmora! — chamou o leiloeiro.

Tamsin subiu, rindo, corada, de seda amarela. Ficou no estrado de cobre, olhando para todos aqueles rostos, e contou.

Contou que tinha sonhado com o mar, com um barco só dela, com uma vela branca, navegando até uma ilha onde nunca tinha ido.

E, antes que ela terminasse, um lorde de Cobre, numa mesa da frente, levantou a taça e disse, com a voz alta e alegre:

— Eu aceito!

O salão riu. Aplaudiu. O lorde se levantou e foi até o estrado. Chamou com dois dedos um escrivão de Cobre. O homem abriu um formulário, molhou a pena e escreveu, à vista de todos, a frase do resultado central: *Ter um barco só meu.* Depois pôs o contrato na mão do lorde, que o estendeu para Tamsin com uma reverência.

— Uma graça de saúde para a sua mãe, por um ano — disse o lorde. — E o barco é meu. É só assinar, querida.

Tamsin olhou para o papel. Olhou para o lorde. Olhou para Eiran, que estava de pé ao lado do estrado, sorrindo.

O sorriso de Eiran tinha mudado. Muito pouco. Ninguém teria notado. Eu notei.

Tamsin pegou a pena.

Eiran estava perto o bastante para pedir que ela lesse. Vi a mão dele se mexer, quase levantando. Depois ficar parada.

Foi Ancel, o velho poeta de Calder, quem se levantou da nossa mesa e disse, com uma voz que eu não sabia que ele tinha, firme e clara como um sino:

— Menina. Não se assina nada sem ler.

Silêncio.

Tamsin parou com a pena no ar.

— É uma festa — disse o lorde de Cobre, sem parar de sorrir. — Ninguém está obrigando ninguém, meu senhor poeta.

— Então não vai se importar que ela leia — disse Ancel.

O lorde olhou para Eiran. Eiran, como Guardião das Oferendas, era o único que podia dizer alguma coisa.

E Eiran disse, com aquela voz quente e gentil:

— É claro que ela pode ler. Leve o tempo que precisar, Tamsin.

Tamsin olhou para o papel. Leu. Eu vi os olhos dela andando pelas linhas, devagar, tropeçando nas palavras de contrato, nas vírgulas. Vi o momento em que ela chegou à frase do resultado central e entendeu o que ia perder.

Ela devolveu a pena.

— Obrigada, meu senhor — disse ela ao lorde de Cobre, numa voz pequena. — Acho que eu ainda quero o barco.

O salão riu de novo, mais baixo. O lorde de Cobre deu de ombros, guardou o papel e voltou para a mesa, como quem perdeu um lance num leilão.

E o leiloeiro, depois de um instante de silêncio estranho, disse:

— Ancel de Calder!

O velho poeta subiu ao estrado. Olhou para todos aqueles rostos. E disse, com aquele sorriso que tinha voltado:

— Eu sonhei que estava sentado nesta sala, cercado de gente muito bonita, e que nenhum de vocês sabia o meu nome.

Pausa.

— E acordei. — Ele fez uma reverência. — Obrigado pela atenção.

E desceu.

Alguém riu, sem entender. Alguém não riu, entendendo. Ninguém disse *eu aceito*, porque não havia nada para aceitar: o poeta tinha contado uma coisa que já era verdade.

Dov, quando chamaram, subiu, ficou de pé no estrado olhando para as próprias mãos, e desceu sem fazer um som.

Era mudo. Ninguém podia aceitar o que não foi dito.

Lissa subiu correndo, de seda cor de cobre, rindo. E eu me levantei.

Fui atrás dela. Até a beira do estrado. O leiloeiro abriu a boca para dizer que não era a minha vez, e eu fiz a reverência de Cobre, funda, procurando alguma coisa no chão, e disse, com a minha voz mais humilde de escrivã humana do Mercado:

— Perdão, senhor. Ela é da minha rua. Posso ficar perto dela? Ela é muito nova.

O leiloeiro olhou para Lorde Aurelio. Aurelio olhou para mim, para as balanças bordadas no meu vestido, e fez um gesto com a mão: *à vontade*.

Fiquei ao pé do estrado. Lissa, lá em cima, rindo, abriu a boca para contar o sonho.

E eu disse, alto o bastante para ela ouvir e baixo o bastante para mais ninguém:

— Lissa. Lembra da Hanna do moinho?

Ela parou. Olhou para mim.

Todo mundo em Brumavale lembrava da Hanna do moinho. Da viúva que tentou vender o futuro de ver o filho crescer. Tinha virado história de feira, contada baixinho, como se conta uma história de assombração.

O rosto de Lissa mudou. Devagar. Como muda o céu quando passa uma nuvem.

— Eu… — ela olhou para o salão cheio de rostos bonitos, sorridentes, esperando. — Eu sonhei com… com a minha mãe fazendo pão.

Era mentira. Eu vi que era mentira. Ela inventou na hora, uma coisinha boba, sem futuro nenhum dentro, porque a mãe dela fazia pão todo dia.

Ninguém disse *eu aceito*. Ninguém compra um sonho de pão que já existe.

O salão aplaudiu, educado, entediado. Lissa desceu do estrado tremendo e se agarrou no meu braço.

— Por que você me falou da Hanna? — sussurrou ela.

— Depois eu te conto — eu disse.

E percebi, no momento em que disse, que eu tinha acabado de usar a frase que mais odeio. *Depois.* Mais uma coisa para amanhã.

O leiloeiro olhou a lista.

— Aveline de Brumavale. Oferenda da Corte de Ferro.

Eu subi.

Fiquei no estrado de cobre, de veludo preto e balanças bordadas, olhando para todas as cortes de Sylvária. Lá no fundo, perto da porta, Silvan. Do lado do estrado, Eiran. Numa mesa da frente, Lorde Corvin, com o queixo apoiado na mão, me olhando com aqueles olhos de moeda e um sorriso de quem espera o melhor número da noite. No estrado, ao meu lado, Lorde Aurelio Vane, com o casaco de moedas.

— Com o que a oferenda de Ferro sonhou esta noite? — perguntou o leiloeiro.

Eu sorri.

— Sonhei que o Banco de Moedeira mandava o carvão da Corte de Ferro na data certa — eu disse.

O salão inteiro parou.

Depois, do fundo, alguém riu. Um riso rouco, de mulher, que eu conhecia. Hollis, encostada no batente da porta, ao lado de Silvan. Depois outro. Depois uma dama de Prata. Depois metade do salão, rindo, olhando para Lorde Aurelio, que estava parado no estrado ao meu lado com o sorriso congelado.

Ninguém disse *eu aceito*. Podiam ter dito; palavra não compra sonho nenhum sem a assinatura do dono. Mas só Aurelio podia mandar aquele carvão, e responder à provocação seria admitir, diante das cortes, que a entrega estava atrasada. Fingir que não ouviu também. Ele ficou com a escolha mais difícil: calar.

Eu fiz a reverência de Cobre, funda, procurando alguma coisa no chão. E desci.

Quando passei pela mesa da frente, Lorde Corvin levantou a taça para mim, muito devagar, como quem brinda a um adversário.



A Rosalind estava no meu quarto quando eu voltei para a Casa das Oferendas.

Sentada na beira da minha cama, de vestido amarelo grande demais, com o maço de papéis no colo e a trança torta caída sobre o ombro. A mecha cinza brilhava à luz da vela. Hollis, que tinha entrado na minha frente, parou na porta, olhou para ela, olhou para mim, e saiu sem dizer nada, fechando a porta.

Ficamos sozinhas.

— Você não veio costurar — disse a minha irmã.

— Não.

— Você é a oferenda da Corte de Ferro.

— Sou.

— Por quê?

Eu abri a boca.

Tinha uma carta de três páginas no fundo da minha maleta, embaixo dos formulários em branco. Tinha escrito tudo. O Mercado, os falsos, a linha de osso, o fio de luz, o contrato, o Senhor de Ferro, a Guarda Parada, o Frasco Primeiro. O pai

abrindo a porta para um estranho de capuz e cantando a canção da mamãe três vezes. Tinha escrito *desculpa* sem riscar.

Estava a três passos de mim, dentro de uma maleta de couro.

— Rosa…

— Não. — Ela levantou a mão. — Agora não.

— Mas você perguntou…

— Eu perguntei. E vi a sua cara. — Ela se levantou, apertando os papéis contra o peito. — Você ia me contar uma coisa enorme. Dá para ver. Você está com a cara da noite em que a mamãe morreu.

Eu fiquei imóvel.

— Eu tenho uma audiência na sexta noite — disse a Rosalind, muito calma, com aquela voz de cartório. — Diante de todas as cortes. Da Tecelã. Eu passei três meses escrevendo. Cada vírgula. Eu não posso pensar em você até lá. Não posso. Se eu pensar em você, eu não consigo pensar em mais nada, como sempre. — Ela respirou fundo, aquela respiração inteira, sem chiado. — Então agora não. Depois da sexta noite. Aí você me conta.

— Rosa, pode ser tarde…

— Para quem? — Ela me olhou. Os pontinhos cinza nos olhos castanhos dela pareciam mais numerosos. — Para você? Ou para mim?

Eu não respondi.

Ela passou por mim e abriu a porta. Hollis estava do lado de fora, encostada na parede. As duas se olharam. A minha irmã humana, de vestido emprestado e cabelo meio cinza. A capitã de Ferro, de rosto meio de metal.

— Você é a sombra dela? — perguntou Rosalind.

— Sou a sua, agora — disse Hollis. — Ordens.

Rosalind olhou para mim por cima do ombro. Eu vi que ela entendeu na hora. Ela sempre entende.

— É claro que é — disse, sem raiva nenhuma. Só cansaço. — É claro que você mandou alguém me vigiar.

E foi embora pelo corredor de portas claras, com a capitã da guarda de Ferro andando três passos atrás dela, em silêncio.

Eu fiquei na porta do meu quarto de oferenda, com lençóis que pareciam água e uma janela para o lago. Lá fora, as sete luas estavam um pouco mais perto umas das outras do que na véspera.

Fui até a maleta. Tirei a carta de três páginas. Fiquei olhando para ela.

Depois guardei de novo.

Depois da sexta noite.

Mais uma coisa para amanhã. Mas, desta vez, não fui eu que escolhi o depois.

CAPÍTULO VINTE E UM

Segunda Lua: Prata



O PAVILHÃO DE Prata não tinha paredes. Tinha véus.

Centenas deles, finos como teia, pendurados de um teto que eu não via, em camadas, uns atrás dos outros, brancos e prateados e cinza-claro, e todos se mexendo devagar com uma brisa que vinha do lago. Andar dentro do pavilhão de Prata era como andar dentro de uma nuvem. Você nunca via o salão inteiro. Via um pedaço, um rosto, uma mão com uma taça, e depois um véu passava na frente e o rosto sumia e outro aparecia.

E a música vinha de todo lado e de lugar nenhum.

Não havia músicos. Hollis me explicou depois que os de Prata fazem música com ecos: guardam o som de sonhos antigos, as vozes, os risos, as cantigas que alguém ouviu dormindo, e soltam no ar, misturados, como quem solta pássaros. Era a música mais bonita e mais triste que eu já ouvi. Às vezes, no meio dela, eu ouvia uma criança rindo. Às vezes, alguém chamando um nome que não era de ninguém ali.

E todos usavam máscaras.

Máscaras de prata martelada, finas como casca de ovo, iguais à que Lorde Corvin usava no Mercado. Na porta do

pavilhão, um pajem de cabelo branco entregava uma a cada convidado. Até às oferendas. Até a mim.

— A Segunda Lua é a noite dos véus — disse Eiran, que ia na frente, como Guardião, com uma máscara dourada que destoava de todas as outras. — Ninguém sabe com quem está falando. Ou finge que não sabe. É a noite em que as cortes dizem coisas que não diriam de rosto descoberto.

— Que perigoso — disse Tamsin, encantada.

— Muito — disse Eiran, e sorriu para mim por cima do ombro.

Eu pus a máscara.



Eu estava de cinza, com as mangas soltas de tapeçaria azul-noite e as estrelas de linha de prata espalhadas, que se mexiam quando eu levantava os braços. E com os sapatos novos.

O cinza e o azul.

Eu tinha passado a tarde inteira com eles nos pés, andando de um lado para o outro do quarto de oferenda, para amaciar o couro. Eram perfeitos. Serviam como se o sapateiro do Forte tivesse medido o meu pé dormindo. E eu tinha descoberto, olhando para eles no chão de mármore da Casa das Oferendas, que não sabia o que fazer com o fato de que alguém tinha reparado.

No pavilhão de Prata, ninguém reparou. Ninguém olha para os sapatos de uma oferenda de Ferro. Todo mundo olhava para as estrelas nas minhas mangas, que se mexiam como as de verdade, e para a máscara de prata no rosto de uma humana de cinza.

Eu fiquei perto de um véu, com uma taça de vinho cor de lua na mão, sem beber, olhando o salão através das camadas.

E procurando.

Não a Rosalind. Ela não tinha vindo; eu tinha perguntado a Hollis antes de sair, e Hollis tinha dito, com a cara de quem preferia estar na Cerca, que a peticionária estava trancada no quarto com os papéis e não ia sair, e que ela, Hollis, ia passar a noite sentada no chão do corredor, e que se alguém de Prata aparecesse com uma máscara para a irmã da oferenda ela ia enfiar a máscara num lugar onde não bate a luz das sete luas.

Eu procurava a porta.

Do lado leste do pavilhão de Prata, onde os véus terminavam, havia uma varanda que dava para o lago. E do outro lado do lago, a trezentos passos de água parada, estava a ilha do Palácio do Fuso. E na ilha, voltada para nós, a porta leste.

A porta das oferendas. Por onde, na sétima noite, eu ia entrar.

Silvan tinha me dito na biblioteca que, durante o Festival, a ponte da ilha era guardada por soldados de Vidro, e que eles trocavam de turno num ritmo que ninguém de fora conhecia. Que, da varanda de Prata, numa noite de máscaras, alguém com bons olhos e uma boa desculpa podia ficar o tempo que quisesse olhando a ponte sem que ninguém perguntasse por quê.

— Uma dança dá uma boa desculpa — tinha dito ele.

— Eu não sei dançar com par.

— Eu sei.

— Eu piso no pé dos outros.

— Eu sei. — Uma pausa. — Eu tenho dois pés de sobra.



Ele apareceu do meu lado entre um véu e outro, como se tivesse se formado do ar.

Eu o reconheci antes de ver o rosto. Não porque era alto, embora fosse; muitos de Prata são altos. Não pela máscara, que era igual a todas as outras. Reconheci pela mão. A esquerda, de luva preta, apoiada na beira do véu. Dois dedos da luva estavam retos demais, sem a curva natural de dedo de carne.

E pelo jeito de parar. A um passo. Exato.

— A senhorita dança? — perguntou ele, com aquela voz baixa sem eco.

As pessoas em volta se viraram. Não sabiam quem era; era a noite dos véus, ninguém sabia. Mas sabiam que era um homem de capa preta convidando a oferenda de cinza. Sabiam que a oferenda de cinza era de Ferro. E faziam as contas.

— Mal — eu disse.

— Então estamos empatados.

Ele estendeu a mão. A direita. A de carne, enluvada de preto.

Eu pus a minha em cima.



A dança da Segunda Lua se chama dança dos véus, e é muito simples, e eu errei tudo.

Os pares andam em círculo devagar, entre os véus, com a mão direita de um na cintura do outro e as mãos esquerdas juntas, erguidas na altura do ombro. A cada volta, passam por um véu, e o véu passa entre os rostos, e por um instante você não vê com quem está dançando. Depois o véu passa e o rosto volta. É isso. Andar, girar, véu, rosto. Uma criança aprenderia.

Pisei no pé dele na primeira volta.

— Desculpa.

— Um.

Pisei na segunda.

— Desculpa!

— Dois.

— Você está contando?

— A senhora disse que pisava. Eu queria saber quanto.

Na terceira volta eu não pisei. Por pura raiva. E na quarta, a mão dele na minha cintura apertou de leve, meio dedo, e me virou meio passo para a esquerda, e eu entendi de repente o que ele estava fazendo: estava me conduzindo para o lado leste. Para a varanda. Devagar, volta por volta, véu por véu, sem que ninguém percebesse.

— A ponte — disse ele, muito baixo, perto do meu ouvido. — Não olhe direto. Olhe por cima do meu ombro, quando eu girar.

Ele girou. Eu olhei.

Do outro lado do lago, a ponte de pedra branca que ligava a margem à ilha do Palácio. E na ponte, de pé, a cada vinte passos, uma figura alta, pálida, quase transparente, com uma lança de vidro. Sete. Contei sete.

— Sete — eu disse.

— Na última hora, eram nove.

— Então trocaram.

— Trocaram dois. Os do meio. — Ele girou de novo. — Conte quanto tempo até os outros.

Eu contei. Na cabeça, como conto as badaladas dos relógios do meu pai. Dançando. As canções de Prata duravam mais do que eu esperava: aquele eco de sonho parecia não querer terminar nunca. Um passo, um véu, um rosto. Um passo, um

véu, um rosto. Contei até mil e duzentos antes de ver dois soldados de Vidro saírem da porta da ilha e substituírem os dois da ponta.

— Mil e duzentos — eu disse. — Mais ou menos.

— Vinte minutos. — Ele não piscou. — Os do meio a cada hora. Os da ponta a cada vinte minutos. Os dois junto à porta…

— Ainda não trocaram.

— Ainda não.

Continuamos dançando. Eu já não pisava no pé dele. Não sei quando parei. Em algum momento, entre a contagem e os véus, os meus pés tinham aprendido o ritmo sozinhos, e a mão dele na minha cintura não precisava mais me conduzir, e eu me peguei girando no tempo certo, levantando a mão esquerda no tempo certo, os dois andando em volta um do outro no meio daquela nuvem de prata e música de sonhos alheios como se a gente tivesse feito isso a vida inteira.

Com par, sou um desastre.

Eu não estava sendo um desastre.

— Você está dançando — disse ele. Não era pergunta. Tinha um tom estranho na voz.

— Estou contando soldados.

— Está dançando enquanto conta soldados. — O véu passou entre nós. Quando passou, ele estava mais perto. — É diferente.

— Não é diferente.

— É. — A mão dele, na minha cintura, não apertou. Ficou. Só ficou ali, quente através do pano, e eu senti cada dedo. — A senhora dança como costura. Pensando em outra coisa. É quando a senhora faz melhor.

O véu passou de novo. E quando passou, os olhos dele estavam a um palmo dos meus, atrás da máscara de prata, e eu esqueci quantos soldados havia na ponte.

E pensei, muito claramente, sem querer: *eu quero que ele me beije.*

Não sei de onde veio. Sei. Veio de quatro semanas de biblioteca e de forja e de mingau, de um relógio quebrado e de um par de sapatos de cores diferentes, de cento e trinta e oito pontos de prata bordados por dentro de uma capa. Veio da mão dele parada na minha cintura sem apertar. Veio de um sonho que eu tinha vendido e não lembrava, e que o meu corpo lembrava por mim.

Ele parou de girar.

Ficamos parados no meio do salão de véus, com a música de sonhos alheios em volta, e os casais de máscara de prata passando por nós dos dois lados como água passa em volta de uma pedra.

Ele olhou para a minha boca. Eu vi. Durou um segundo.

E alguém tocou no meu ombro.



— A dança dos véus troca de par a cada canção — disse Lorde Corvin. — É a regra. Não é, Senhor de… — Ele parou, sorrindo. — Perdão. Esqueci que esta é a noite em que ninguém sabe quem é ninguém.

Ele estava sem a máscara.

Era o único no salão inteiro sem máscara. Segurava a dele na mão, pendurada pela fita, como quem segura uma taça vazia. O cabelo cor de geada, o pescoço comprido, os olhos de moeda. E o sorriso.

Silvan soltou a minha cintura. Devagar. Deu um passo para trás.

Um passo. Exato.

— É a regra — disse ele.

E sumiu atrás de um véu.

Lorde Corvin pegou a minha mão esquerda, ergueu na altura do ombro e pôs a outra mão na minha cintura, onde a de Silvan tinha estado. A dele era fria. Lisa como o lado de dentro de uma concha. Eu me lembrava daquela mão. Na minha testa, na banca da Odete, dizendo uma palavra que não é de língua nenhuma.

E começou a dançar.

Ele dançava perfeitamente. Muito melhor que Silvan. Eu pisei no pé dele na primeira volta, de propósito, com força.

Ele riu.

— Eu mereci essa — disse. — Mas só essa. A segunda eu cobro.

— O que o senhor quer?

— Que direta. — Ele me girou. Véu. Rosto. — Eu gosto disso nos humanos. Vocês não têm tempo para rodeios. Nós temos tempo demais.

— O que o senhor quer, Lorde Corvin?

Ele parou de sorrir. Não de uma vez. O sorriso foi desaparecendo devagar do rosto dele como a luz some de um frasco que alguém está bebendo.

— Eu quero de novo — disse ele.

— O quê?

— O seu falso. — A voz dele mudou. Ficou mais baixa, mais séria, sem nada de Prata nela. — O *amor de todos os rostos*. Eu bebi naquela noite, na primeira noite da lua cheia, no meu quarto em Prata, até o amanhecer. — Ele me girou, mas sem prestar atenção, só pelo hábito. — Você sabe o que é, senhorita procuradora, ter quatrocentos anos e nunca ter amado ninguém por mais de uma estação? Saber o rosto de todo mundo e nenhum rosto mudar?

Eu não respondi.

— Durante uma noite, eu amei uma mulher a vida inteira — disse Lorde Corvin. — Com olhos castanhos debaixo das macieiras e verdes na chuva. Ela tinha todos os rostos. E aí o sonho rasgou no meio. Em três pedaços. Eu senti os pontos se soltando. — Ele me olhou. — Foi a coisa mais cruel que alguém já fez comigo. E foi a melhor noite dos meus quatrocentos anos.

A música mudou. Uma criança riu em algum lugar, no eco.

— Eu quero inteiro — disse ele. — Uma vida inteira de amor. Sem costura que rasga. Você pega os sonhos verdadeiros, os de amor antigo, os das adegas, que eu compro. Os melhores. Eu pago o que for. E costura uma vida. Do primeiro encontro à última noite. Sem pontos que se soltam. Tudo verdadeiro. Tudo de gente que já vendeu, que já perdeu, que não vai perder nada a mais. — Ele inclinou a cabeça. — Você é a única pessoa no mundo que sabe fazer isso. Eu passei semanas procurando outra. Não existe.

Ele falava como se doze sonhos verdadeiros costurados virassem uma vida verdadeira. Mas retalho verdadeiro continua sendo retalho. Eu sabia onde as costuras cediam. Ele queria que eu prometesse que dessa vez não cederiam.

— E se eu não fizer?

— Então eu conto ao Guardião das Oferendas, diante das cortes reunidas, que a oferenda de Ferro é a falsificadora da banca da Odete. A dos olhos trocados. — Ele sorriu de novo. — E que o Senhor de Ferro, que é o fiscal do Mercado, sabia. E a trouxe para cá mesmo assim.

Eu fiquei gelada.

Não por mim. Por ele. Por Silvan. O fiscal-mor do Mercado, que tinha jurado proteger o Mercado contra fraudes, apresentando como oferenda da corte dele a maior falsificadora

da fronteira. Não seria um escândalo. Seria o fim da Corte de Ferro.

— Até a quinta noite — disse Lorde Corvin. — A noite de Ferro. Você me entrega o frasco na noite em que o seu Senhor receber as cortes no pavilhão dele. Não acha poético?

A música terminou.

Ele soltou a minha cintura. Fez uma reverência perfeita, de Prata, com a máscara pendurada na mão.

E, quando se endireitou, disse uma última coisa, quase sem mexer os lábios:

— E, senhorita procuradora. Em Prata nós colecionamos segredos. Eu tenho um do seu Senhor de Ferro também. Pergunte a ele o que ele prometeu à Tecelã, há trinta anos, na noite em que o pai dele morreu.

E foi embora entre os véus.



Eu achei Silvan na varanda leste.

Estava sozinho, encostado na balaustrada de prata, de costas para o salão, olhando o lago. Tinha tirado a máscara. Do outro lado da água, os soldados de Vidro na ponte continuavam em fila, pálidos, quase invisíveis. Os dois junto à porta da ilha ainda não tinham trocado.

Eu parei do lado dele. A um passo. Não por regra. Porque eu não sabia mais quantos passos eram seguros.

— O que ele queria? — perguntou Silvan, sem virar a cabeça.

Contei. Tudo. O falso. A vida inteira de amor costurada com sonhos verdadeiros das adegas. A ameaça. A quinta noite.

Ele ouviu de olhos fechados.

— Ele vai contar — disse, quando eu terminei.

— Eu sei.

— A senhora vai fazer?

— Não sei. — Eu olhei para o lago. — Ninguém perde nada novo. São sonhos de quem já vendeu. Já estão perdidos. Ele quer só costurar. — Eu ouvi a minha voz e soube que era a voz da Aveline de seis anos atrás, a que dizia *ninguém perde nada quando eu costuro borra*. — É um falso de luxo para um lorde que quer sentir uma coisa uma vez. É o que eu fazia toda noite.

— É.

— Não me diga o que fazer.

— Eu não ia dizer. — Ele abriu os olhos. — Dessa vez, a senhora decide.

Ficamos em silêncio. A música de ecos chegava até a varanda em pedaços.

Eu respirei fundo.

— Ele me disse mais uma coisa.

Silvan não se mexeu.

— Disse que tem um segredo seu. Que eu devia perguntar o que você prometeu à Tecelã, há trinta anos, na noite em que o seu pai morreu.

Eu esperei.

Esperei que ele risse, que dissesse *bobagem de Prata*, que dissesse *ele mente*. Os de Prata mentem. Todo mundo sabe. Esperei qualquer coisa.

Silvan Morcant ficou parado na balaustrada, com o rosto virado para o lago, e não disse nada.

Nada.

O silêncio se alongou até a música mudar dentro do pavilhão. Na ponte, os soldados continuavam de guarda. Parei de contá-los. Não queria saber a hora.

— Você não vai negar — eu disse, por fim.

— Os de Ferro não mentem.

— Não te pedi para mentir. Te pedi para negar. Se fosse mentira o que ele disse, você negaria.

Ele virou a cabeça e me olhou. E havia nos olhos dele uma coisa que eu não tinha visto antes, nem na forja, nem na torre do relógio. Uma coisa parecida com medo.

— Não posso responder isso agora — disse ele.

— Por quê?

— Porque, se eu responder agora, a senhora vai embora. E vai ter razão.

Eu fiquei olhando para ele.

E então eu entendi uma coisa. Uma coisa que estava na minha frente desde a noite da banca da Odete e que eu tinha guardado no lugar das coisas de amanhã porque não queria olhar.

— Lá dentro — eu disse. — No salão. Você ia me beijar.

Ele não desviou os olhos.

— Ia.

— E parou antes do Corvin chegar. Eu vi. Você já estava parando.

— Estava.

— Por quê?

Silvan Morcant olhou para mim por muito tempo. Depois olhou para a minha mão, apoiada na balaustrada, ao lado da dele. Para a linha vermelha no meu pulso. Para o dedal de prata da minha mãe no meu dedo.

— Porque não seria justo — disse ele, muito baixo. — Eu sei uma coisa que a senhora não sabe. Sobre a senhora. Sobre o que a senhora vendeu. Eu vivi uma noite inteira de uma coisa sua, e a senhora nem lembra o que foi. — Ele fechou a mão

esquerda, a dos dedos de ferro, na balaustrada. — Eu não vou beijar alguém que não sabe o que eu sei.

— Então me conta.

— Na noite de Vidro — disse ele. — Na quarta lua. No salão onde ninguém consegue mentir. A senhora pergunta, e eu respondo. Tudo o que a senhora perguntar.

— Tudo?

— Tudo o que for meu para responder.

Eu olhei para ele. Para o rosto pálido, os veios de metal no pescoço, os olhos de moeda.

Tudo o que for meu para responder.

Não *tudo*. Ele não ia mentir. Mas também não ia contar o que não fosse dele.

E o que ele tinha prometido à Tecelã, eu soube naquele momento, não era dele. Era de alguém mais.

— Duas noites — eu disse.

— Duas noites.

Voltei para dentro. Atravessei os véus. Não dancei mais com ninguém. Fiquei a noite inteira encostada num véu, com a taça de vinho cor de lua na mão, sem beber, ouvindo crianças rirem em sonhos que não eram delas.

E, quando a Segunda Lua terminou e as cortes começaram a ir embora pelas margens do lago, eu olhei para o céu e contei.

As sete luas estavam mais perto.

Eu também.

E não sabia se isso era bom.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O Príncipe



Na manhã depois da noite de Prata, havia uma caixa na porta do meu quarto.

Uma caixa comprida de madeira clara, como as de guardar garrafas de vinho, com divisórias por dentro. Em cima, um cartão de papel prateado, dobrado ao meio, com uma letra fina e inclinada:

Para a costureira. Os melhores que Cobre tinha. Até a Quinta Lua.
— C.

Abri.

Doze frascos. Âmbar. Todos âmbar. Um âmbar velho, fundo, quase cor de mel queimado, que eu só tinha visto nas adegas de Moedeira. Nas etiquetas amareladas, em letras antigas, frases que eu li uma por uma, sentada no chão do quarto, com a caixa no colo.

Envelhecer ao lado de Marta, na casa do moinho.

Ver o meu marido voltar da guerra.

Ser beijada na chuva pelo filho do ferreiro.

Dançar com a minha mulher no casamento da nossa neta.

Doze vidas de amor. Doze pessoas, cem, duzentos anos atrás, que tinham vendido a possibilidade de amar alguém até

o fim. Pessoas que, por causa daquelas assinaturas, nunca envelheceram ao lado de Marta. Nunca viram o marido voltar. Nunca foram beijadas na chuva.

E estavam ali, inteiras, cheias, na caixa de um lorde de Prata, esperando que eu as costurasse numa vida só para ele beber até o amanhecer.

Ninguém perde nada novo, eu tinha dito a Silvan na varanda. *Já estão perdidos.*

Fechei a caixa. Empurrei para baixo da cama, com o pé, como quem empurra uma coisa que morde.



O PAJEM DE túnica amarela veio às dez.

— O Guardião convida a oferenda de Ferro a caminhar no jardim das colmeias — disse ele, com a reverência funda de sempre. — Antes do almoço. Se a senhorita oferenda desejar.

— E se eu não desejar?

O pajem piscou. Ninguém nunca tinha respondido isso a ele.

— Então… o Guardião vai entender.

Eu fui. Claro que fui. Hollis estava no corredor da ala dos convidados, sentada no chão diante da porta da Rosalind, e não ia sair dali. Silvan estava no acampamento de Ferro, do outro lado do lago, montando com Tobin e Corin a ponte de correntes que ia virar pavilhão. E eu precisava saber uma coisa que só o príncipe podia me dizer.



EIRAN ESTAVA TROCANDO a água das colmeias outra vez.

Era um jardim menor que o de Aurea, cercado de muros dourados baixos, entre a Casa das Oferendas e o lago. Tinha umas vinte colmeias de palha, e flores amarelas, e as abelhas que não picam. Ele estava de túnica simples, mangas arregaçadas, com o mesmo balde. Quando me viu, largou o balde e limpou as mãos na túnica, como da outra vez.

— A senhorita veio.

— O senhor convidou.

— Eu convido muita gente. Pouca gente vem sem precisar de alguma coisa. — Ele sorriu. — A senhorita precisa de alguma coisa.

— Preciso.

— Então caminhemos.

Andamos pela beira do lago, devagar, entre as flores. Do outro lado da água, a torre girava. Eu contei as janelas sem querer.

— A minha irmã — eu disse. — O senhor sabia que ela era minha irmã. Quando conversou comigo em Aurea. Leu o registro. Sabia que havia uma petição de uma Lark de Brumavale na sua mesa.

— Sabia.

— E não me disse.

Eiran parou de andar. Olhou para o lago.

— Ela me pediu — disse ele.

Eu fiquei imóvel.

— Na carta da petição, em agosto — continuou o príncipe, com a voz calma. — No fim, depois de catorze páginas sobre vírgulas e cláusulas, havia um parágrafo pessoal. Escrito com outra tinta, como se tivesse sido acrescentado depois. Dizia: *Tenho uma irmã mais velha que vai tentar me impedir, por amor. Se Vossa Alteza conceder a audiência, peço que não conte a ela até que*

seja tarde demais para ela cancelar. — Ele me olhou. — Eu guardei esse parágrafo. Achei uma das coisas mais corajosas que um humano já me escreveu.

Por amor.

Eu olhei para a água parada do lago. O reflexo da torre girava lá embaixo, de cabeça para baixo.

Silvan tinha dito. Na biblioteca, depois da carta de Marisol: *ou a sua irmã pediu a ele que não contasse*. E eu não tinha querido pensar nisso. Tinha guardado no lugar das coisas de amanhã.

— A audiência dela é na sexta noite — disse Eiran. — No Palácio. Diante da Tecelã e das cinco cortes, antes da Renovação. Ela vai ter o tempo de uma vela para falar. Uma vela pequena. — Ele fez uma pausa. — Eu vou estar do lado dela. Vou apoiar a petição na Renovação, junto com a minha lei. É o que eu posso fazer.

— E a sua lei passa?

— Talvez. — Ele voltou a andar. — Cobre vota comigo se eu deixar as taxas do Banco como estão por sete anos. Prata vota contra, porque Prata vota contra tudo o que Ouro propõe. Vidro vota com a maioria. E Ferro… — Ele me olhou de lado. — Ferro nunca votou. Fica perto da porta.

— Ferro tem voto?

— Tem. Está no Pacto. Nunca usou. — Eiran sorriu, triste. — Ninguém pergunta a opinião dos cães de ferrugem.

Eu não disse nada. Mas guardei.

Andamos mais um pouco. Ele me mostrou uma colmeia nova, que tinha construído com as próprias mãos. Contou que tinha aprendido a cuidar de abelhas com uma humana de Valmora, havia cem anos, e que nunca tinha

esquecido o nome dela, e que todas as rainhas das colmeias dele levavam esse nome. Era um homem fácil de gostar. Era esse o problema. Silvan tinha razão sobre isso também.

— A Corte de Ferro está sem carvão — disse Eiran, do nada, olhando para as colmeias. — Eu sei. Todo mundo no Festival sabe, depois do seu sonho de ontem. Aurelio cortou o crédito.

— Cortou.

— Mandei separar vinte carroças de carvão dos depósitos que Ouro mantém aqui no lago. E óleo. E farinha. — Ele disse isso como quem diz que vai chover. — Pedi que levassem tudo ao acampamento de Ferro esta tarde.

Eu parei.

— Empréstimo do Banco?

— Não. Dos armazéns de Ouro. Sem juros, sem cobrança e sem assinatura.

Era capaz de oferecer vinte carroças sem exigir um nome num papel. E incapaz, até aquela manhã, de explicar um único papel às meninas que dormiam sob o teto dele.

— Por quê?

— Porque o inverno no desfiladeiro é longo. E porque a oferenda de Ferro está sob a minha guarda. — Ele me olhou. — E porque o Senhor de Ferro nunca pediria. Então eu não perguntei.

Então eu não perguntei.

Era uma gentileza enorme. Carvão para a forja que trabalhava com um forno só; óleo para os dedos de Pim; farinha para quem não tinha como comprá-la. Eiran não tinha perguntado antes de mandar, mas havia uma diferença que eu quase deixei escapar: Silvan ainda podia recusar as carroças. Hollis e Pim não tinham podido recusar o chá.

Continuei sem saber o que fazer com o jeito como aqueles homens decidiam pelos outros.

— Obrigada — eu disse. Em nome de Pim, do velho do pescoço duro, das lavadeiras. Não em nome de Silvan. Não era minha para agradecer em nome dele.

— Não é para a senhorita — disse Eiran. — É para eles.

— Eu sei.

Ficamos em silêncio. As abelhas zumbiam no tom baixo e regular delas.

E então eu perguntei a coisa que eu tinha vindo perguntar.



— Alteza — eu disse. — O senhor é o Guardião das Oferendas.

— Sou.

— Tudo o que acontece com uma oferenda passa pelas suas mãos.

— Tudo.

— Então o senhor sabe o que acontece na sétima noite.

Ele não respondeu logo. Continuou olhando para as colmeias. Mas o sorriso, aquele sorriso aberto sem nada escondido atrás, ficou parado no rosto dele como uma coisa que alguém esqueceu na mesa.

— Sei — disse.

— Cada oferenda oferece um sonho verdadeiro. Que ainda deseja. Assina uma cessão diante do Grande Tear. E perde aquele futuro para sempre.

— É a tradição.

— A Lissa sabe?

Silêncio.

— A Tamsin sabe? O Ancel? O Dov?

— O Guardião explica às oferendas na véspera — disse Eiran. — Na sexta noite. É a tradição. Sempre foi assim.

— Na véspera. — Eu ouvi a minha voz subir e não abaixei. — Quando elas já estão vestidas de seda de Aurea. Quando já desfilaram nos sete pavilhões. Quando a mãe da Lissa já está em Brumavale contando para a rua inteira que a filha vai voltar com um dote do Banco. Na véspera, Alteza. Quando já é tarde demais para dizer não sem envergonhar a família inteira diante de todas as cortes de Sylvária.

— Elas podem dizer não.

— Podem?

Ele ficou calado.

— Em quinhentos anos — eu disse —, quantas oferendas disseram não?

Eiran Aurea, Guardião das Oferendas, herdeiro da Corte de Ouro, o homem que trocava a água das colmeias com as próprias mãos e mantinha um asilo para os cinzentos de Brumavale, olhou para mim. E eu vi, nos olhos castanhos dele, quentes como os de um humano, o momento em que ele fez a conta. A conta que ele nunca tinha feito. Ou que tinha feito e guardado no lugar dele das coisas de amanhã.

— Nenhuma — disse ele, baixo.

— Porque quase nenhuma soube a tempo. E as que souberam tiveram de escolher com a vergonha de cinco cortes em cima delas.

— Porque todas aceitaram.

— Aceitar diante de todo mundo, sem uma saída de verdade, não é a mesma coisa que escolher livremente, Alteza. — Eu respirei. — O senhor está propondo uma lei que obriga toda venda de sonho a ser lida em voz alta diante de duas

testemunhas. E guarda para a véspera o contrato das oferendas que estão debaixo do seu próprio teto.

Ele recebeu aquilo como quem recebe um tapa. Não se mexeu. Não respondeu com raiva, nem com desculpa. Ficou parado no meio do jardim de colmeias, com as mãos sujas de terra penduradas ao lado do corpo, olhando para mim.

— A senhorita tem razão — disse, por fim.

Eu não esperava isso. Fiquei sem saber o que fazer com as mãos.

— Eu vou contar a elas — disse Eiran. — Hoje. Antes da Terceira Lua. Todas. — Ele hesitou. — Mas a senhorita precisa entender uma coisa. Se uma oferenda disser não, diante das cortes, na sétima noite, a Tecelã vai considerar uma ofensa à Corte que a apresentou. E à Corte de Ouro, que a guardou. E a Renovação inteira pode ser posta em dúvida. A minha lei. A petição da sua irmã. Tudo.

— Então o senhor prefere que elas não saibam.

— Eu prefiro que elas não *precisem* dizer não. — Ele passou a mão suja de terra pelo cabelo cor de trigo. — Há anos eu tento convencer a Tecelã a aceitar sonhos pequenos das oferendas. Sonhos que não custem nada. Um passeio, uma refeição. Ela recusa. Diz que uma oferenda que não dói não é oferenda.

Ficamos em silêncio.

— Conte a elas hoje — eu disse.

— Vou contar.

— E deixe que elas decidam o que fazer com isso.

Ele me olhou. Demorou um pouco para responder.

— A senhorita fala como quem já sabe o que vai oferecer.

Eu não respondi.

— E a senhorita? — perguntou ele. — Sabe o que assina na sétima noite? O Senhor de Ferro contou?

— Contou.

— Quando?

Eu poderia ter mentido. Eu minto bem. Mas estava cansada, e era de manhã, e havia abelhas.

— Tarde — eu disse.

Eiran assentiu, como quem confirma uma suspeita.

— A minha oferta continua de pé — disse ele. — Até a última noite. Uma carruagem para Brumavale. Com a sua irmã, se ela quiser. Sem precisar dizer a ninguém por quê.

— Eu sei.

— E ainda assim a senhorita não vai aceitar.

— Não.

— Posso perguntar por quê?

Eu olhei para o lago. Para a torre que girava. Para a margem do outro lado, entre o pavilhão de vidro e o de cobre, onde três figuras pequenas de preto levantavam, com cordas e correntes, uma estrutura de ferro que ainda não tinha forma de nada.

— Porque o senhor pode me dar uma carruagem para casa — eu disse. — E eu ainda não terminei o que vim fazer.



O CARVÃO CHEGOU à tarde, como ele disse. Vinte carroças com o sol de Aurea pintado nas laterais, descendo a colina de grama prateada em fila, até a margem vazia de Ferro.

Eu vi da janela da Casa das Oferendas. Vi Silvan parar de puxar a corrente. Vi ele ficar parado, de pé no meio da estrutura de ferro meio montada, olhando as carroças douradas chegarem. Vi Mabry sair da carroça dela, de avental,

de mãos na cintura. Vi o cocheiro da primeira carroça de Ouro descer, fazer uma reverência e entregar um papel.

Vi Silvan ler o papel.

Ficou muito tempo parado.

Depois virou a cabeça, devagar, e olhou para o outro lado do lago. Para a Casa das Oferendas. Para a minha janela.

Eu não me escondi.

E ele, do outro lado da água, fez uma coisa que eu nunca vou esquecer. Dobrou o papel. Guardou no bolso. E fez sinal para Tobin e Corin começarem a descarregar.

Aceitou.

O Senhor da Corte de Ferro, que nunca pediria, que preferia o próprio povo com um forno só a dever alguma coisa à Corte de Ouro, aceitou vinte carroças de carvão de um príncipe que ele achava perigoso porque nunca precisaria escolher.

Ele escolheu por eles. Pela Pim, pelo velho do pescoço duro, pelas lavadeiras. Engoliu o orgulho inteiro, ali, no meio da margem, na frente de todas as cortes, e aceitou.

Eu não tive coragem de perguntar, depois, quanto aquilo tinha custado a ele.



Mas perguntei outra coisa, no fim da tarde, uma hora antes da Terceira Lua, quando ele veio até a beira do jardim de colmeias. Ficou do lado de fora do muro dourado, porque a Corte de Ferro não entra nos jardins de Ouro. Eu fiquei do lado de dentro, porque no dia de festa as oferendas não saem da Casa sem a guarda de Ouro.

Ficamos assim. Um de cada lado de um muro baixo, da altura da minha cintura, com as luas ainda pálidas aparecendo no céu de fim de tarde, mais juntas que na véspera.

— Você aceitou — eu disse.

— Aceitei.

— Por quê?

— Porque a forja trabalha com um forno só há dez dias. — Ele olhou para as colmeias atrás de mim. — E porque a Pim ainda nem completou sete anos e o óleo dos dedos dela acabou anteontem.

Eu não disse nada.

— Ele foi ao jardim com você — disse Silvan. Não era pergunta.

— Foi.

— E ofereceu de novo a carruagem.

— Ofereceu.

Silêncio. As abelhas, dentro das colmeias, faziam um barulho baixinho, de quem está dormindo.

— Eu não sou de ninguém — eu disse. — Nem dele. Nem sua. Só para você saber.

— Eu sei. — Ele não desviou os olhos. — Nunca achei que fosse.

— Então por que essa cara?

Ele demorou a responder. Encostou a mão direita no muro dourado, do lado de fora, onde a Corte de Ferro pode encostar.

— Porque ele pode oferecer à senhora uma carruagem para casa — disse ele. — E eu só posso oferecer um roubo.

Eu fiquei olhando para a mão dele no muro.

Depois pus a minha do lado de dentro, em cima do mesmo muro, a um palmo da dele. Não encostei. Só pus.

— Eu não vim para cá pela carruagem — eu disse.

Ele olhou para as nossas duas mãos. Um palmo de pedra dourada no meio.

Não atravessou o palmo. Eu também não.

Mas ficamos assim, os dois, um de cada lado do muro, com as mãos em cima da pedra ainda quente do sol de Ouro, até o sol descer atrás da torre e os sinos do pavilhão de Ouro chamarem as oferendas para se vestir.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Terceira Lua: Ouro



Eiran cumpriu a palavra antes de o sol se pôr.

Reuniu as cinco oferendas na sala redonda da Casa, a das almofadas amarelas, depois que o muro do jardim de colmeias ficou para trás e antes de as camareiras chegarem com os vestidos. Mandou sair os pajens. Fechou a porta ele mesmo. E, de pé no meio da sala, com as mãos ainda com um pouco de terra debaixo das unhas, contou tudo.

O Grande Tear. A sétima noite. A cessão ritual. Um sonho verdadeiro, ainda desejado, entregue para sempre diante das cortes, com assinatura, como numa venda. O resultado escrito numa etiqueta e perdido. A Tecelã recebendo o sonho inteiro.

Contou devagar. Não enfeitou. Não usou a palavra *honra* nenhuma vez, e eu reparei, porque estava esperando.

Quando ele terminou, a sala ficou tão quieta que dava para ouvir as abelhas no jardim.

Lissa foi a primeira a se mexer. Tinha dezesseis anos e um vestido de seda cor de manteiga que o Banco tinha pagado, e as mãos dela, as mãos de filha de tanoeiro, com calos nos lugares certos, começaram a amassar a seda no colo, sem parar.

— Mas o dote — disse ela. — O homem do Banco disse que era só sentar e sorrir. Disse que a minha mãe ia receber o dote quando eu voltasse.

— Vai receber — disse Eiran. — O dote é verdadeiro.

— E o sonho?

Ninguém respondeu.

— Qual sonho? — insistiu Lissa, olhando de um para outro. — Eu tenho que escolher? Eu escolho? E se eu escolher um pequeno?

— A Tecelã não aceita sonho pequeno — disse Eiran, e eu vi quanto aquilo custou a ele. — Precisa ser um que a senhorita ainda deseje de verdade.

Tamsin, a ruiva de Valmora, ficou de pé. Não disse nada. Foi até a janela e ficou olhando o lago, com os braços cruzados, as costas retas como um mastro. Ela cantava remendando redes, eu tinha ouvido na primeira manhã. Não cantou mais naquele dia.

Ancel, o poeta, continuou sentado na almofada mais funda, com as mãos cruzadas em cima da bengala.

— Eu sabia — disse ele.

Todos olharam para ele.

— Perguntei antes de vir. — Ele sorriu, com os olhos azul-claros cheios de rugas. — Tenho oitenta e três anos, meninas. Quando um príncipe convida um velho poeta de Calder para ser convidado de honra, o velho poeta pergunta onde está a conta. — Ele bateu de leve com a bengala no chão. — Os futuros que eu ainda desejo cabem numa mão. Um deles eu dou de bom grado, se em troca eu vir as sete luas em fila. Já fiz as contas. Fiz as contas por mim.

Por mim. Ele disse isso olhando para Lissa, não para Eiran.

Dov, o ferreiro de Vidro, tirou do bolso uma lousinha e um toco de giz que carregava para tudo. Escreveu, com a letra grande e torta de quem aprendeu tarde. Virou a lousa para nós.

EU NÃO SABIA.

Apagou com a manga. Escreveu de novo.

AGORA SEI.

E guardou a lousa no bolso, e ficou olhando para as próprias mãos enormes, e eu não soube dizer o que ele estava pensando, nem naquele dia, nem nos outros.

Eiran explicou o resto. Que podiam recusar. Que ninguém ia arrastá-las até o Tear. Que, se recusassem diante das cortes, a Tecelã ia tomar aquilo como ofensa à corte que as apresentou. Disse tudo, até o fim, até a parte que fazia ele parecer pior.

Depois saiu. E, ao passar por mim na porta, inclinou a cabeça um pouco, como quem diz *pronto, está feito*, e eu inclinei a minha, como quem diz *eu vi*.



Lissa me achou no corredor, antes das camareiras.

— Aveline. — Ela me segurou pela manga, como se eu fosse o corrimão de uma escada. — Você é de Brumavale. Você entende de sonho. Todo mundo sabe que você trabalhava no Mercado. O que eu faço?

Eu olhei para ela. Para os dezesseis anos dela. Para a seda cor de manteiga amassada.

Eu sabia exatamente o que dizer. Sabia como se fala com uma menina assustada para ela fazer o que você acha certo. Eu tinha feito isso a vida inteira com a minha irmã. *Você não vai. Eu decido. Confia em mim.* As palavras estavam todas prontas na minha boca, em fila, como alfinetes.

E pela janela do corredor dava para ver o lago, e do outro lado do lago, a margem cinzenta de Ferro, e um homem de preto que tinha passado trinta anos decidindo pelo povo dele o que o povo dele aguentava.

Engoli os alfinetes.

— Eu não sei, Lissa.

Ela piscou.

— Mas você…

— Eu não sei o que você deve fazer. — Peguei as mãos dela, que ainda amassavam a seda. — Eu sei o que eu faria, e eu já errei muito fazendo isso pelos outros. Você pode ir embora. Você pode ficar. Você pode escolher um sonho e se arrepender, ou escolher e não se arrepender nunca. Mas agora você sabe. Ninguém vai poder dizer que escolheu por você.

— Isso não ajuda nada — disse Lissa, com a voz trêmula.

— Eu sei.

— Isso é horrível.

— Eu sei. — Apertei as mãos dela. — Se você quiser pensar em voz alta, eu escuto. A noite inteira, se for preciso. Só não vou pensar por você.

Ela me olhou por muito tempo. Depois soltou a seda e alisou o vestido com as duas mãos, como a mãe dela devia fazer com os aventais.

— Tá — disse ela. — Depois da festa. Você escuta.

— Escuto.

Ela foi para o quarto dela. Eu fiquei no corredor, com as mãos vazias, sentindo uma coisa estranha, uma coisa que eu não sabia nomear e que só muito mais tarde eu entendi o que era: era o que a gente sente quando para de segurar uma coisa que nunca devia ter segurado. Não é alívio. É frio nas mãos.



O pavilhão de Ouro era feito de seda amarela esticada sobre mastros dourados, e à noite, com as lâmpadas acesas dentro, brilhava na beira do lago como uma lanterna do tamanho de uma casa. Por dentro, o chão era coberto de almofadas e tapetes cor de trigo. Músicos tocavam flautas que soavam como vento num campo. Havia mesas de pão, de mel em favos, de frutas que eu não conhecia, cortadas em forma de estrelas.

E no centro, debaixo da cúpula de seda, havia uma árvore.

Não era uma árvore de verdade. Era feita de ouro, da altura de três homens, com galhos finos e retorcidos que se abriam para todos os lados. E dos galhos pendiam frascos.

Centenas de frascos. Pendurados por fitas, como frutas. Âmbar, azul-claro, verde-garrafa, dourado, cor de pão. Rosa. Muitos rosa. A luz das lâmpadas passava por eles e jogava sobre as almofadas manchas de todas as cores, que se mexiam devagar quando a seda do teto respirava com o vento do lago.

— A Colheita — disse Silvan, baixo, ao meu lado.

A Corte de Ferro tinha chegado do jeito de sempre: por último, perto da porta, sem ser anunciada. Silvan de preto. Tobin e Corin de cinza atrás dele. Hollis estava com Rosa, entre os convidados de Eiran, onde podia vigiar a peticionária sem afastá-la da festa.

Eu estava de amarelo-pálido, com a faixa do vestido de casamento de Mabry em volta da cintura e a renda de Brumavale no decote. Mabry tinha passado a tarde inteira mexendo nos meus cabelos e reclamando que o vapor do lago desmanchava qualquer cacho. Quando eu entrei, umas três damas de Ouro olharam a faixa e depois se olharam entre si.

Renda de humano. Velha. Barata. Eu ergui o queixo e deixei olharem.

— Que colheita? — perguntei.

— Na noite de Ouro, a corte oferece a cada convidado um sonho das adegas. — Silvan não olhava para a árvore. Olhava para a porta. — Cada um escolhe o seu, como quem colhe uma fruta. À meia-noite, todos bebem juntos. E passam o resto da noite deitados nas almofadas, vivendo.

— Todos?

— Todos os que quiserem. Quase todos querem.

— E você?

— A Corte de Ferro não colhe.

— Por quê?

Ele demorou.

— Porque eu bebi um sonho na vida — disse, ainda olhando para a porta. — Foi o bastante.

Eu senti aquilo entrar em algum lugar debaixo das minhas costelas e ficar lá. Um sonho na vida. Eu sabia qual. Eu sabia que ele tinha comprado o meu lote, e que no meu lote havia um sonho verdadeiro meu, e que eu não lembrava o que era. Eu sabia que ele sabia. E eu tinha prometido a mim mesma que ia esperar até a noite de Vidro, porque ele tinha prometido me responder lá, onde ninguém pode mentir.

Faltava uma noite.

Eu não perguntei.

A ÁRVORE FICAVA no meio de tudo, e era impossível não chegar perto dela. Eu cheguei. As oferendas tinham um lugar de honra no tapete em volta do tronco dourado, e o Mestre de Cerimônias velho de barba branca nos levou até lá e

nos fez sentar, as cinco, como enfeites. Lissa do meu lado, de manteiga. Tamsin muda. Ancel olhando para cima, para os frascos, com uma cara de quem lê um poema.

Eu também olhei para cima.

E comecei, sem querer, a ler as etiquetas.

É um vício de quem trabalhou seis anos numa banca do Mercado. Você vê um frasco, os seus olhos procuram a etiqueta. Você vê a etiqueta, a sua cabeça faz a conta: quem vendeu, quanto pagaram, quanto tempo de vida aquilo tirou de alguém.

Ter uma casa com horta, em Calder.

Ganhar a corrida de barcos da festa de verão.

Aprender a ler.

Casar-se com Tomas, o filho do moleiro.

Ver a filha Ada se casar.

Muitos rosa. Muitos frascos cor-de-rosa, de filhos. Estavam pendurados mais baixo, nos galhos mais fáceis de alcançar, porque eram os mais procurados. Eu sabia disso. No Mercado também era assim. Sonho de mãe é dos que mais aparecem, Fenn tinha dito. E dos que mais se vendem.

Ver o filho Peter aprender a andar.

Ver a filha Nell crescer.

Ver o filho Teo crescer.

Eu parei de respirar.

Era um frasco rosa como os outros, pendurado por uma fita amarela, num galho baixo, do lado esquerdo do tronco, a menos de dois braços da minha cabeça. A etiqueta era nova, branca, sem nenhuma mancha de tempo. A letra não era a de Pell, o escrivão do Fenn. Era a letra miúda e certinha de um cartório. E embaixo da frase, em letra menor:

Cartório Halvard, Brumavale. Lua da colheita.

Ver o filho Teo crescer.

Eu fiquei olhando para aquilo até as letras se desmancharem.

Na lua que vem, a gente pensa, eu tinha dito a ela, com doze coroas frias na palma da mão dela. *E na outra?*, ela tinha perguntado. *A gente pensa na outra.*

E na outra lua eu não estava lá. Eu estava em Sylvária, aprendendo a fazer reverência para lordes de Prata.

O Fenn não tinha esperado a lua seguinte. Eu tinha humilhado o Fenn no tapete dele, diante do Mercado inteiro, e alguém precisava pagar por isso. Não ia ser eu. Ele devia ter cobrado a dívida do moinho inteira, de uma vez, na semana seguinte. Doze coroas pagam um mês de juros. Não pagam um moinho. Hanna tinha descido a rua até o cartório de Mestre Halvard, onde a sala dos fundos tinha licença de banco, onde a minha irmã tinha vendido a janela grande. E tinha assinado. Com um X, provavelmente, porque não sabia escrever. E o sonho tinha viajado numa caixa forrada de palha até as adegas de Moedeira, porque sonho de cartório com licença de banco vai para as adegas, e das adegas tinha vindo para cá, numa encomenda da Corte de Ouro para a Colheita do Festival.

Três semanas. Só três semanas.

— Aveline? — sussurrou Lissa. — Você está branca.

Eu me levantei.

Não pensei. Levantei como quem levanta para pegar uma criança que vai cair da escada. A minha mão já estava subindo para o galho baixo, para a fita amarela, e eu ia arrancar aquele frasco de lá e esconder dentro da manga, e depois eu via, depois eu dava um jeito, eu sempre dou um jeito…

Uma mão chegou antes da minha.

Era uma dama de Ouro. Jovem, para uma feérica, com espigas de trigo de verdade trançadas no cabelo cor de mel e um vestido tão fino que parecia feito de luz. Ela desamarrou a fita amarela com dois dedos, delicada, e segurou o frasco rosa contra a lâmpada, admirando a cor.

— Esse — disse ela, para ninguém. Para si mesma. — Esse eu quero.

E me viu ali, de pé, com a mão no ar.

— Oh. — Ela sorriu. Um sorriso gentil, sem nada de mau. — A oferenda queria este? Perdão. Mas as oferendas não colhem, querida. Vocês não sabem beber.

— Esse sonho… — Minha voz saiu estranha. — Esse sonho é de uma mulher da minha rua.

A dama olhou para o frasco. Para mim. Inclinou a cabeça, curiosa, como quem ouve um passarinho dizer uma palavra.

— Então você deve ter orgulho dela — disse. — É um sonho lindo. Dá para ver pela cor.

E foi embora com ele, para as almofadas do outro lado da árvore, segurando o frasco com as duas mãos contra o peito, como se segurasse uma coisa viva.

Eu não fiz escândalo.

Quero que fique registrado, porque eu pensei em fazer. Pensei em atravessar o pavilhão, arrancar o frasco das mãos dela, gritar diante das cinco cortes que aquilo era o filho de uma viúva de Brumavale, que o menino se chamava Teo, que tinha três anos e bochechas vermelhas e dormia segurando a linha do pulso de estranhos. Pensei em quebrar o frasco no chão, porque um sonho quebrado pelo menos não é bebido.

E pensei em Corin, acusado no lugar de quem quebrou um frasco nas adegas de Moedeira. E no pajem de túnica amarela que ia levar a culpa por um frasco faltando na árvore da Colheita. E na minha irmã, do outro lado do pavilhão, entre os convidados de Eiran, com a audiência dela marcada para a sexta noite, e a petição dela diante das cortes, e uma irmã escandalosa de Ferro a três noites de distância.

E num frasco quebrado no chão, que não volta para ninguém. Um sonho quebrado não é devolvido. É só perdido de outro jeito.

Então eu fiz a coisa mais difícil que fiz naquele Festival até ali.

Eu me sentei de novo.

Lissa me olhou. Eu não sei o que ela viu na minha cara. Ela não perguntou nada. Só pôs a mão dela, a mão de calos, em cima da minha, em cima do tapete, e deixou lá.

À meia-noite, os sinos do pavilhão de Ouro tocaram. E a corte inteira bebeu.

Foi um barulho pequeno. Isso é o que eu mais lembro. Centenas de rolhas saindo de centenas de frascos quase ao mesmo tempo, um *póc* pequeno, educado, como gotas de chuva caindo num telhado de vidro. E depois um suspiro, longo, de muitas bocas. E depois os feéricos de Ouro e de Prata e de Cobre e de Vidro se deitaram nas almofadas, devagar, com os frascos vazios nas mãos, os olhos fechados, os rostos virados para cima.

E sorriram.

Todos eles. Um sorriso que eu nunca tinha visto num rosto de feérico, um sorriso sem cálculo, sem nada por trás. Sorriso

de quem está vivendo.

A dama do trigo no cabelo estava deitada a uns vinte passos de mim, do outro lado da árvore. Eu via o rosto dela entre os galhos dourados. Os lábios dela se mexiam. Ela estava falando com alguém. Com alguém pequeno, porque ela inclinava o rosto um pouco para baixo, como a gente faz para falar com criança.

Eu fiquei olhando para ela o resto da noite.

Eu não sei o que ela viu. Ninguém sabe o que o outro vê dentro de um sonho bebido. Mas eu imaginei. Eu não consegui não imaginar. O Teo aprendendo a andar no chão de terra do moinho. O Teo caindo no rio e alguém pulando atrás. O Teo com sete anos, com dez, com catorze, mais alto que a mãe, com a voz mudando, os ombros largos do pai moleiro. O Teo com quinze anos, de pé na porta azul descascada da Rua dos Tecelões, dizendo *mãe, eu vou para Valmora*.

Talvez a dama do trigo estivesse vendo alguma coisa parecida. Talvez fosse uma vida completamente diferente, com outras palavras, outros lugares. Eu não podia saber. Só sabia que, até o amanhecer, ela viveria uma possibilidade de ver Teo crescer que a própria mãe não podia mais viver.

E Hanna estava em Brumavale. Dormindo, provavelmente, na casa do moinho, com o filho do lado. Sem saber que naquela noite alguém, numa terra que ela nunca ia conhecer, estava vivendo os quinze anos do filho dela. Sem lembrar, nem, que um dia tinha querido aquilo. Quem vende esquece que quis.

O Teo ia crescer, claro. Ninguém tira a vida de uma criança numa venda. Ele ia crescer e virar homem.

E o frasco agora estava vazio. Nem o Frasco Primeiro, nem um preço igual, devolveriam à Hanna o que tinha sido bebido.

Mas a mãe dele não ia estar olhando.



Silvan me achou no fim da noite, quando os primeiros feéricos já estavam acordando, confusos, com as faces molhadas, procurando os frascos vazios nas almofadas como quem procura uma coisa que caiu do bolso.

Ele não disse nada. Parou do meu lado, no tapete de honra, onde nenhum convidado de Ferro devia parar, e ficou de pé.

— A mulher da sua rua — disse, depois de muito tempo.

Eu não perguntei como ele sabia. Ele sempre sabia.

— Hanna — eu disse. — Viúva do moleiro. Mora na casa da porta azul, no fim da Rua dos Tecelões. O menino é o Teo. Tem três anos. Na noite em que eu atrapalhei a venda dela, ele dormiu segurando a minha linha vermelha.

Silvan ficou quieto.

— Ninguém aqui sabe o nome dela — eu disse. — Ninguém aqui sabe nenhum nome. Eles bebem o nome junto.

— Hanna — repetiu ele, devagar, como quem guarda uma coisa num bolso de dentro. — E o Teo.

Olhei para ele.

— Agora duas pessoas sabem — disse ele.

Eu não chorei naquele pavilhão de seda, na frente das cinco cortes deitadas nas almofadas com o rosto molhado. Guardei o choro para quando não precisasse mais segurar o corpo em pé.

Mas encostei o ombro no braço dele. No braço esquerdo, o de ferro. Só um pouco. Diante de todo mundo, embora não houvesse ninguém acordado para ver.

E ele não se afastou.



Antes de amanhecer, eu fiz a outra coisa.

A carta estava na minha maleta desde o Forte. Três páginas. Tudo. O Mercado, a linha de osso, o Fenn, as falsificações, os frascos jogados no rio, a Guarda Parada, o Frasco Primeiro, o golpe, o pai, a mamãe, a noite em que eu segui o papai até a mesa de Cobre. E *desculpa*, sem riscar. Escrito duas vezes, porque na primeira eu achei que ela ia achar que era mentira.

Eu tinha guardado a carta para entregar pessoalmente. Para explicar enquanto ela lesse. Para ver a cara dela em cada linha e corrigir o rumo da conversa se precisasse, como quem corrige um ponto torto. Eu tinha guardado a carta, percebi, para continuar decidindo por ela até a última vírgula.

Atravessei a ala dos convidados no escuro, ainda de amarelo-pálido.

Hollis estava sentada no chão do corredor, diante da porta da Rosa, com as costas na parede, a espada atravessada no colo, os olhos abertos. Ela me viu chegar e não se levantou.

— Ela está dormindo — disse, rouca. — Chegou da festa faz uma hora. Bebeu suco de pera. Riu de alguma coisa que o príncipe disse. Brigou com uma dama de Cobre sobre a cláusula de alguma coisa e ganhou.

Eu quase ri.

— Quero deixar uma coisa no quarto dela.

Hollis olhou para o envelope na minha mão. Grosso. Três páginas dobradas.

— Ela vai saber que fui eu que deixei você entrar.

— Vai.

— E vai ficar furiosa comigo.

— Vai.

Hollis pensou. O lado de ferro do rosto dela estava virado para mim; a luz do corredor passava por ele e ficava fosca, como luz de inverno.

— Vai logo — disse ela.

O quarto da Rosa era pequeno, amarelo como tudo em Aurea. Ela dormia de lado, de costas para a porta, como dormia em casa, com um braço pendurado para fora da cama e a trança desfeita no travesseiro. A mecha cinza aparecia mesmo no escuro. Na mesinha, uma pilha de papéis com a letra dela, cheia de setas e emendas. A petição.

Eu não acordei a minha irmã.

Pus o envelope em cima da pilha de papéis, onde ela ia ver quando acordasse. Tinha escrito, na frente, com a minha letra:

Rosa. Isto é tudo. Leia quando quiser. Depois da sexta noite, ou antes, ou nunca. Você decide. — A.

Fiquei olhando para ela dormir um pouco mais do que devia. Ela respirava sem tosse. A graça do Lorde de Prata ainda estava valendo, até o próximo degelo. Pelo menos isso.

Depois saí. E fechei a porta devagar, para não fazer barulho.

Hollis me olhou do chão.

— Você não pediu para ela ler — disse.

— Não.

— Você, que pede para todo mundo fazer tudo.

— Eu sei.

Hollis ficou um tempo calada. Depois fez uma coisa que eu nunca tinha visto ela fazer: bateu duas vezes com a mão no chão do corredor, do lado dela, como quem chama um cachorro ou uma amiga.

Eu me sentei.

Ficamos as duas ali, encostadas na parede, diante da porta fechada da minha irmã, sem dizer nada, até a luz do lago ficar cinza nas janelas.

E depois, quando o dia veio, eu chorei. Baixinho. Pela Hanna. Pelo Teo. Pela minha irmã do outro lado da porta. Pelo

meu pai e pela mesa de Cobre. Por todas as rolhas fazendo *póc*, como chuva.

Hollis não disse nada. Mas também não foi embora.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Quarta Lua: Vidro



O PAVILHÃO DA Corte de Vidro não tinha paredes que escondessem nada.

Era feito de lâminas de vidro grosso, encaixadas umas nas outras em ângulos estranhos, como um cristal de gelo crescido do chão da margem. De fora, à noite, com as velas acesas lá dentro, dava para ver tudo: cada convidado, cada taça, cada mão que encostava em outra mão. De dentro, dava para ver o lago inteiro, a ilha, a torre girando, as sete luas no céu, agora quase em fila. Os de Vidro diziam que era o único pavilhão do Festival onde ninguém precisava de espião. Eu achei que era o mais assustador de todos.

Porque lá dentro, ninguém consegue mentir.

Eu tinha aprendido isso no Forte, na primeira semana, entre as lições de reverência. *Nos salões de Vidro, a mentira não sai da boca. A palavra falsa gruda na língua como mel frio. Mas o silêncio é respeitado. Ninguém é obrigado a responder.* Eu tinha anotado no caderno: *Vidro = calar é permitido.* E tinha sublinhado duas vezes, porque calar é a única coisa que eu sei fazer quase tão bem quanto mentir.

Entrei de vestido nu.

Era o vestido de baixo, o cinza de lã de bandeira tingida com casca de noz, sem sobreveste, sem faixa, sem renda, sem nada. Para Vidro, eu tinha dito a Hollis no Forte, a gente vai como é. Hollis tinha achado aquilo a coisa mais besta que já tinha ouvido. Mas, quando eu entrei no pavilhão de Vidro com o meu vestido de lã cinza, entre damas de Prata com vestidos de luz e lordes de Ouro com casacos de fio de trigo, uma senhora de Vidro de cabelos brancos e olhos quase transparentes se virou para me olhar, e fez uma reverência pequena. Só para mim. A primeira que alguém de outra corte tinha feito para a oferenda de Ferro naquele Festival.

Silvan, atrás de mim, viu. Não disse nada. Mas eu senti que ele viu.



Fazia um dia inteiro que eu não falava com ele direito.

Depois da noite de Ouro, depois de chorar no corredor com Hollis até a luz ficar cinza, eu tinha dormido a manhã inteira. Quando acordei, havia um bilhete embaixo da minha porta, na letra pequena e reta dele.

Esta noite eu respondo. — S.

Só isso. Eu passei a tarde inteira olhando para aquele bilhete. Dobrando e desdobrando. Até o papel ficar mole nas dobras.

E a carta continuava em cima da pilha de papéis da minha irmã. Hollis me contou, no fim da tarde, que a Rosa tinha acordado, tinha visto o envelope, tinha lido a frente, tinha ficado parada um tempão, e depois tinha posto o envelope fechado dentro da pasta da petição, sem abrir, e saído para encontrar o príncipe.

— Sem abrir — repeti.

— Fechado. — Hollis deu de ombros. — Mas levou junto.

Eu não sabia se aquilo era bom ou ruim. Fiquei a tarde inteira sem saber. É estranho, quando você para de decidir pelos outros: não sobra nada para fazer com a ansiedade. Ela fica lá, sem trabalho, mordendo.



A NOITE DE Vidro era a mais quieta do Festival.

Não havia leilão, nem baile, nem árvore de frascos. Os de Vidro serviam água fria em taças finíssimas e pão sem sal, e tocavam uma música feita com dedos molhados passando na borda de copos de cristal, um som longo e redondo que parecia vir de dentro da cabeça da gente. As conversas eram poucas e baixas. As outras cortes, lá dentro, falavam com cuidado, escolhendo as palavras como quem escolhe onde pisar num rio congelado. Os de Prata quase não falavam. Lorde Corvin estava num canto, de máscara outra vez, com uma taça de água intocada na mão, e quando me viu entrar, ergueu a taça para mim, um brinde mudo, e não abriu a boca a noite inteira. Os doze frascos de amor continuavam debaixo da minha cama. E a Quinta Lua era amanhã.

Eu entendi por quê. Ninguém de Prata arrisca uma pergunta num lugar onde a resposta precisa ser verdadeira. Nem a própria.

Dov estava no tapete das oferendas, com o melhor casaco que a Corte de Vidro tinha conseguido fazer caber nos ombros dele. Na noite da corte dele, ele era o anfitrião das oferendas. Quando nos sentamos, ele tirou a lousinha do bolso e escreveu uma coisa e virou para nós quatro:

AQUI EU FALO IGUAL A VOCÊS.

Lissa riu, a primeira risada dela desde a conversa com Eiran. Ancel bateu de leve no ombro enorme dele. Tamsin não riu. Mas olhou para Dov como quem olha um barco que acabou de passar por uma onda grande.

E foi aí que a minha irmã atravessou o pavilhão.



Eu a vi chegar de longe, porque no pavilhão de Vidro tudo se vê de longe. Vestido amarelo emprestado. Trança refeita, ainda torta. A pasta da petição debaixo do braço. Atrás dela, a dois passos, Hollis.

Rosa parou na frente do tapete das oferendas. Na frente de mim.

Em volta, as conversas foram diminuindo, como diminui o barulho de um rio quando a gente entra numa casa. Não era sempre que uma humana convidada da Corte de Ouro parava diante da oferenda escandalosa de Ferro. Damas de Prata viraram o rosto um pouco. Um lorde de Cobre baixou a taça. Eiran, do outro lado, perto de uma lâmina de vidro, parou de falar com quem estava falando.

— Achei uma carta sua — disse Rosa. A voz dela saiu firme. Firme de verdade, sem tremer nem tossir.

— Eu sei.

— Ainda não li.

— Eu sei.

Ela olhou para os lados. Para o vidro das paredes. Para os de Vidro, quietos, com as taças de água na mão. E eu vi a minha irmã fazer o que ela faz com as cláusulas no cartório: encontrar a frase que vale.

Ela tinha vindo até ali, na noite de Vidro, de propósito. No único lugar de Sylvária onde eu não podia mentir para ela.

— Avie — disse ela, alto, na frente de todas as cortes. — Por que você está aqui?

O pavilhão inteiro ficou em silêncio.

Eu abri a boca.

Senti a mentira que eu quase disse grudar na língua como mel frio. Eu podia responder *sou a oferenda de Ferro*: era verdade, e o vidro deixaria a frase passar. Podia dizer *vim por você*: também era verdade. Mas a Rosa não tinha perguntado o que eu era, nem por quem eu tinha vindo. Tinha perguntado por quê. Eu podia me esconder numa verdade pela metade, como sempre fiz, ou dizer que estava ali para roubar o Frasco Primeiro da Grã-Rainha, com o Senhor de Ferro, diante das cinco cortes. Isso eu não conseguiria dizer ali. E a meia resposta, dessa vez, eu não quis usar. Não com ela.

Calar é permitido.

Eu fechei a boca.

Fiquei olhando para a minha irmã, na frente de todo mundo, sem dizer nada. Um silêncio, na noite de Vidro, não é um silêncio qualquer. Todo mundo ali sabia o que ele queria dizer. *Existe uma resposta. E ela não pode ser dita aqui.*

Rosa me olhou por muito tempo.

— Foi o que eu pensei — disse, baixinho. Não com raiva. Com uma coisa pior que raiva, que eu não sabia o nome e que me deu vontade de arrancar a minha própria língua grudada.

Ela se virou e foi embora. Hollis foi atrás, a dois passos. Ao passar por mim, Hollis me olhou de lado, e o olhar dela dizia uma coisa só: *você está ferrada, humana*.

Eu estava.

Do outro lado do pavilhão, Corvin ergueu de novo a taça de água. E de novo não disse nada.



Silvan me levou para a câmara de acordo uma hora depois.

Os de Vidro, que vivem de auditar contratos, têm em todos os salões umas salinhas redondas para negociação. Câmaras de acordo. Qualquer convidado pode pedir uma. São feitas do mesmo vidro do resto, transparentes por todos os lados, mas o vidro é grosso de um jeito especial e não deixa passar nenhum som. Quem está do lado de fora vê tudo e não ouve nada. Quem está dentro não pode mentir, como em qualquer salão de Vidro.

Era o lugar mais exposto e mais secreto do mundo ao mesmo tempo. Silvan pediu uma a um auditor de Vidro com uma palavra só, e o auditor nos levou até ela, e fechou a porta, e se afastou.

Lá dentro havia duas cadeiras e uma mesa pequena com uma jarra de água. Eu não me sentei. Ele também não.

Do outro lado do vidro, as cortes andavam, bebiam, conversavam em silêncio, como peixes num aquário. Algumas cabeças se viraram para nós. Depois desviaram. Eu me lembrei da regra de Prata: não olhar nos olhos de ninguém por mais de três respirações. Eu olhei para Silvan por bem mais que três.

— Você disse que respondia — eu disse. — Aqui. Onde não dá para mentir.

— Disse.

— Então eu pergunto.

— Pergunte.

Eu tinha passado um dia inteiro escolhendo a pergunta, e na hora ela saiu como saiu.

— O que havia no meu sonho?

Ele não desviou os olhos.

— A etiqueta dizia: *Casar-se com o Senhor da Corte de Ferro, no Salão de Ferro, e ver o ferro recuar*. — A voz dele saiu sem nenhum esforço, e eu entendi que, naquela sala, não precisava fazer força para dizer a verdade; só para calar. — Estava escrita no seu lote. Na linha doze. Em letra antiga cor de cobre. A senhora assinou o lote inteiro sem ler.

Eu tinha imaginado muitas coisas. Durante quatro semanas, eu tinha imaginado. Um sonho de dinheiro. Um sonho de vingança. Um sonho bobo, de criança. O meu sonho do ateliê, até, embora eu soubesse que esse não, porque eu ainda queria o ateliê, e quem vende esquece.

Não tinha imaginado aquilo.

— Casar — eu disse.

— Casar.

— Com você.

— Com o Senhor da Corte de Ferro. — Uma pausa. — Que sou eu.

Eu me sentei. As pernas resolveram por mim.

— Conta — eu disse. — Tudo.

E ele contou.

— Comprei o lote do Fenn na segunda noite daquela lua — disse ele, de pé, do outro lado da mesa. — Porque havia três luas que eu vigiava a banca da Odete, e eu sabia que a costura era sua, e eu queria ver o seu trabalho de perto. Abri os frascos no Forte, um por um. Onze eram falsos. Bons. Os melhores que eu já tinha visto. — Uma sombra de alguma coisa passou pelo rosto dele. — O décimo segundo era verdadeiro. Eu vi a linha doze. Vi a letra cor de cobre. Vi o meu

título escrito num contrato de sonho humano. Não entendi. Então eu bebi.

— Você bebeu.

— Naquela mesma noite. Na biblioteca do Forte. Sozinho. — Ele olhou para as próprias mãos. — Eu nunca tinha bebido um sonho. Nunca, na vida. Eu não gosto do que eles fazem com quem bebe. Mas eu precisava saber o que um sonho humano estava fazendo com o meu nome.

Lá fora, do outro lado do vidro, uma dama de Prata riu sem som.

— E o que você viu?

Ele demorou. Não porque estivesse procurando uma mentira; ali dentro não dava. Estava procurando as palavras certas, que é outra coisa.

— O Salão de Ferro — disse. — Com as flores brancas nas mesas e as faíscas caindo da grade do teto. Do jeito que ele é. A senhora entrou pela porta do fundo. De vestido cinza. Não sei de quê. De lã. Os guardas estavam todos lá, de pé, e não eram estátuas. A Hollis tinha o rosto inteiro. O Tobin, a Pim. Garven. — A voz dele mudou um pouco no nome. — A senhora andou até mim. Eu estendi a mão esquerda, a de ferro. A senhora pegou. Eu disse uma coisa que eu não lembro, e a senhora riu, e disse *sim*. E, enquanto a senhora dizia *sim*, o ferro recuou da minha mão.

Ele abriu a mão esquerda em cima da mesa. Os dois dedos de ferro. O do meio, cinza até a primeira junta.

— Primeiro os dedos. Depois o pulso. Depois o braço. Eu senti. Senti a pele voltando. Eu não sinto a pele desse braço há quase trinta anos, Aveline. E naquela noite eu senti. Senti a sua mão na minha. Morna.

Eu não conseguia falar.

— Depois houve uma vida — disse ele, mais baixo. — Uma noite que pareceu uma vida. A senhora no Forte. Uma janela grande. Um ateliê em algum lugar do Forte, com tecido para todo lado. A Pim crescida. A senhora rindo de mim na mesa do jantar porque eu não sei contar piada. A senhora brava comigo por alguma coisa que eu tinha decidido sozinho. Muitas vezes. — Uma coisa parecida com um sorriso. Não chegou a ser. — Muitas vezes brava. E eu do lado de lá da mesa, com o braço inteiro de pele, pensando que, em trezentos anos de Juramento, ninguém da minha corte tinha visto uma coisa dessas.

Ele parou. Olhou para mim. E disse a frase que eu ia ouvir de novo dentro da minha cabeça muitas, muitas noites depois.

— Eu já vivi uma vida inteira com você. Uma noite só. — Uma pausa. — E você vendeu.



Eu fiquei muito tempo sem dizer nada.

Do outro lado do vidro, as cortes continuavam passando. Um lorde de Ouro olhou para dentro, curioso, viu a minha cara, e desviou depressa, como quem vê alguém se vestindo.

— Por isso você veio me buscar — eu disse, finalmente. Minha voz estava estranha. — Na terceira noite. Por isso você sabia o meu nome.

— Eu já sabia o seu nome. Sabia havia três luas. — Ele se sentou, enfim, na outra cadeira. — Vim buscá-la porque, naquela noite, pela primeira vez em trezentos anos, alguém da Corte de Ferro viu o ferro recuar. Mesmo num sonho. Mesmo num futuro que já tinha sido vendido e que, por causa disso, nunca mais vai acontecer. — Ele olhou para a mão. — Humanos sonham com a própria vida. Com gente que

conhecem. A senhora sonhou um futuro inteiro com um homem que tinha visto uma vez sem elmo, de longe, com a mão numa grade. Eu queria saber que tipo de pessoa é capaz de sonhar uma coisa dessas.

— E descobriu?

— Descobri que é uma pessoa que lê a última página primeiro. — Ele não sorriu. — E que vendeu essa sem ler.

Aquilo doeu. Doeu porque era verdade, e porque ali dentro ele não podia ter dito por crueldade, só porque era verdade.

— Esse futuro… — eu comecei.

— Está fechado. — Ele disse com cuidado, como quem pousa uma coisa quebrada na mesa. — Para sempre. Nós dois nunca vamos nos casar no Salão de Ferro. E o ferro nunca vai recuar daquele jeito. Eu sei disso desde a primeira noite. Não vim buscá-la para reabrir nada. Isso não se reabre.

Nós dois nunca vamos nos casar. Ele disse aquilo como quem lê uma cláusula. E eu senti uma coisa absurda, que eu não tinha direito nenhum de sentir por um futuro de que eu não lembrava: senti que alguém tinha me roubado. E que a ladra tinha sido eu.

— Você viu tudo — eu disse. Agora a voz saiu mais alta. Do lado de fora ninguém ouvia; eu podia gritar. — Você me viu dizer *sim*. Você viu o meu ateliê. Você me viu brava, me viu rir, me viu… — Parei. — E eu não lembro de nada. Nada. Você me conhece de uma vida inteira, e eu conheço você de quatro semanas. Você sabia disso tudo quando me ensinou a fazer reverência. Quando eu lixei as suas costas na forja. Quando você me deu aqueles sapatos. — A minha voz quebrou. — Você me viu dizer *sim* e me deixou achar que eu estava escolhendo alguma coisa.

— A senhora estava escolhendo.

— Como eu vou saber?

Ele não respondeu logo.

— Não sabe — disse, enfim. — Nem eu. — Ele apoiou os cotovelos na mesa. Parecia cansado de um jeito que não era do ferro. — Eu não confio no que eu vi naquele frasco, Aveline. Os feéricos não sonham. O que eu senti naquela noite era seu, não meu. Era um sonho humano, com desejo humano, com amor humano, e eu vivi aquilo de empréstimo. Desde então eu não sei o que, em mim, é meu e o que é sobra daquele frasco. — Uma pausa. — Não quero que a senhora ache que é destino. Não é. É só uma coisa que foi possível uma vez, e foi vendida.

— E o que você sente?

Eu perguntei antes de pensar. Ali dentro. Onde ele não podia mentir.

Ele podia calar. Calar é permitido.

Não calou.

— Que eu preferia ter conhecido a senhora sem ter bebido nada — disse ele. — Que eu preferia não saber como é a sua mão na minha antes de a senhora decidir me dar a mão. — Ele me olhou. — E que, desde aquela biblioteca, cada vez que a senhora escolhe alguma coisa na minha frente, eu me pergunto se estou vendo a senhora ou o sonho. E toda vez é a senhora. Toda vez é pior que o sonho. Mais difícil. Mais brava. — Uma pausa. — Melhor.

Eu não consegui respirar direito.

E então, porque eu sou eu, porque eu leio a última página primeiro, porque eu tinha prometido a mim mesma, eu fiz a outra pergunta.

— O Corvin disse uma coisa no baile — eu disse. — Que eu perguntasse a você o que você prometeu à Tecelã, há trinta anos, na noite em que o seu pai morreu.

O rosto dele mudou. Não muito. O suficiente.

— Eu prometi responder tudo o que fosse meu para responder — disse ele.

— E isso não é seu?

— Não é só meu. — Ele não desviou os olhos, e eu entendi que ele estava escolhendo cada palavra com uma precisão desesperada, porque cada uma tinha de ser verdade. — Há trinta anos, na noite em que meu pai morreu, as cortes de Prata e de Cobre iam repartir a Corte de Ferro entre si. Eu tinha vinte e poucos anos, nenhum aliado e um exército pequeno demais para impedir a partilha. A Tecelã ofereceu reconhecer o meu nome e manter a minha corte inteira. Em troca, eu prometi uma coisa a ela. Assinei. O contrato tem uma cláusula de silêncio. Se eu disser o que prometi, não sou eu quem paga. É o meu povo.

Era verdade. Eu senti que era verdade, do jeito que a gente sente frio. Nenhuma palavra tinha grudado.

— E você já pagou?

— Ainda não.

— Tem alguma coisa a ver comigo?

Silêncio.

Eu esperei. Do outro lado do vidro, a música de dedos molhados nos copos de cristal continuava, longa e redonda, e eu não ouvia, mas via os músicos de Vidro mexendo os dedos, e era como se a música estivesse acontecendo em outro mundo.

— Quando eu fiz essa promessa — disse ele, enfim —, a senhora ainda não tinha nascido.

— Não foi isso que eu perguntei.

Silêncio.

Ele podia ter dito *não*. Se fosse verdade, ali dentro, ele teria dito *não*, e a palavra teria saído fácil, sem grudar em nada.

Ele não disse *não*.

Eu me levantei. A cadeira arrastou no chão de vidro, e lá fora ninguém ouviu, mas umas três cabeças se viraram.

— Aveline. — Ele também se levantou. — Eu não vou cumprir essa parte.

Eu parei com a mão na porta.

— Isso eu posso dizer aqui dentro — disse ele. — E a senhora sabe que, se não fosse verdade, não teria saído.

Eu sabia.

Era verdade. Ele não ia cumprir. Ele acreditava nisso inteiro, com o corpo todo, porque ali dentro a palavra tinha saído limpa.

Mas acreditar não é a mesma coisa que conseguir. E havia uma promessa assinada com a Tecelã, com uma cláusula de silêncio, que tinha alguma coisa a ver comigo, e que eu não podia saber o que era. E havia um homem que tinha vivido uma vida inteira comigo numa noite, e que sabia de mim coisas que eu nunca ia saber de mim mesma.

E eu tinha sido honesta com ele. Eu tinha contado o pior de mim. A linha de osso, o pai, a mesa de Cobre. Eu tinha deixado ele ver.

Ele tinha visto mais. Muito mais. E continuava guardando.

— Obrigada por responder — eu disse, sem me virar. — Tudo o que era seu.

E saí da câmara de acordo, para o pavilhão cheio de gente que tinha visto tudo e não tinha ouvido nada, e atravessei o vidro, e saí para a margem do lago.

Ele não veio atrás.

Do lado de fora, as sete luas estavam quase em fila sobre a torre do Palácio. Faltavam três noites. E pela primeira vez desde que eu tinha atravessado a Cerca, eu não sabia se queria estar ali quando elas se alinhassem.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

O Esconderijo



Eu não fui para a Casa das Oferendas.

Devia ter ido. Uma oferenda de Ferro andando sozinha pela margem do lago, no meio da noite de Vidro, de vestido de lã cinza, sem sombra e sem guarda, era exatamente o tipo de coisa que Silvan tinha passado quatro semanas me ensinando a não fazer. Mas eu estava com raiva, e quando eu estou com raiva eu ando. Andei pela margem, longe dos pavilhões, entre os juncos altos que cresciam na beira da água parada, até a música de copos molhados ficar fina como um mosquito atrás de mim.

E fui parar, sem querer, perto da ponte.

Bom. Sem querer. Quero ser honesta, já que a noite era de Vidro. Uma parte de mim sabia muito bem para onde as minhas pernas estavam indo.

A ponte saía da margem norte e atravessava o lago até a ilha do Palácio do Fuso, comprida, de pedra branca, com arcos baixos que mergulhavam na água sem fazer ondas. Na noite de Prata, dançando nos braços de Silvan, eu tinha contado os soldados de Vidro em cima dela. Sete. Os das pontas trocavam

a cada vinte minutos; os do meio, a cada hora; os dois da porta da ilha, a cada duas horas.

Naquela noite, os dois da porta não estavam lá.

Eu parei entre os juncos e fiquei olhando. Contei de novo. Cinco soldados na ponte. A porta da ilha, lá no fim, com duas lanternas acesas e ninguém debaixo delas.

Pensei na noite de Vidro, no pavilhão cheio de soldados e nobres da corte deles. Talvez os dois tivessem sido chamados para alguma cerimônia. Talvez houvesse outros do lado de dentro. A única coisa de que eu tinha certeza era que não estavam onde deviam estar. E eu queria tanto que fosse uma chance que preferi não perguntar se podia ser uma armadilha.

Uma porta sem ninguém. Numa noite em que eu não tinha nada a perder, porque já tinha perdido tudo nas últimas três horas: a irmã, o sonho, o homem.

Eu sei. Eu sei o que eu devia ter pensado. Quem paga se eu for pega? A Corte de Ferro. Silvan. A Pim, no Forte, sem carvão. A minha irmã, com a audiência na sexta noite.

Eu não pensei em nada disso.

Tirei os sapatos, o cinza e o azul, e escondi entre os juncos. E desci para a lama da margem, onde os arcos da ponte encostavam na água.



Por baixo, a ponte era outra coisa.

Por cima, pedra branca e lisa, bonita, para os convidados verem. Por baixo, vigas. Vigas velhas de madeira escura, grossas como troncos, presas nos arcos com grampos de bronze, e entre elas, a uma altura de dois palmos da água, um caminho estreito de tábuas que algum carpinteiro de séculos

atrás tinha deixado para consertar o que precisasse ser consertado.

Era um caminho de ladrão. Eu reconheço um caminho de ladrão. Subi nas tábuas, de pés descalços, segurando a saia com uma mão e as vigas com a outra, e comecei a andar no escuro, por baixo dos pés dos cinco soldados de Vidro que eu ouvia andando em cima, devagar, lá no alto.

Eu tinha dado uns trinta passos quando alguém, mais à frente, no escuro, disse:

— A senhora tirou os sapatos.

Eu quase caí no lago.

Ele estava sentado numa das vigas, uns dez passos adiante, com as costas num arco e as pernas encolhidas. De preto. No escuro, eu só via o brilho fosco do lado esquerdo do pescoço dele, onde os veios de ferro pegavam a luz das luas que vinha da água.

— Você — eu sussurrei. — O que você está fazendo aqui?

— O mesmo que a senhora. — A voz dele estava muito calma. — Contei os soldados da porta às onze. Às onze e meia não estavam mais. Achei que a senhora ia contar também.

— Você me seguiu.

— Cheguei antes. — Uma pausa. — Não dá para seguir alguém indo na frente.

Eu fiquei parada nas tábuas, com a saia na mão e a raiva inteira subindo de novo pela garganta, sem poder gritar, porque cinco soldados de Vidro andavam em cima das nossas cabeças.

— Eu não quero você aqui — sussurrei.

— Eu sei.

— Vá embora.

Ele ficou um instante parado. Depois se levantou da viga, devagar, curvado por causa do teto baixo da ponte, e deu um passo para trás, na direção da margem.

— Está bem — disse. — Vim ver a entrada antes da Renovação. Não vou impedir a senhora de continuar. E não vou atrás, se a senhora não quiser.

Eu olhei para o túnel escuro à frente. Para as vigas. Para a água parada a dois palmos dos meus pés descalços. Eu estava com raiva dele. Não precisava me afogar para provar.

— Espere.

Ele esperou.

— Você conhece o Palácio por dentro. Eu não.

— Conheço o salão do Tear e os corredores por onde deixam a Corte de Ferro passar. O que fica embaixo, não.

— E se pegarem a gente junto?

— Eu digo que entrei primeiro. Porque entrei. E respondo pela minha parte. — Uma pausa. — A senhora está com raiva de mim, e tem razão. Eu fico com a raiva. Não precisa largar ela para eu ir junto.

Eu podia voltar. Podia seguir sozinha. Podia aceitar ajuda sem perdoar ninguém.

— Você vai na frente — eu disse. — E não fala comigo.

— Não falo.

Ele foi na frente. Não falou.

A ponte terminava num paredão de pedra, na base da ilha, e no paredão, logo acima da linha da água, havia uma grade de bronze, velha, verde de tempo, grande o bastante para um homem passar curvado. A água do lago entrava por ela devagar, sem fazer barulho, e sumia lá dentro.

Silvan encostou a mão esquerda na grade. Era bronze, não ferro; o dom dele não servia. Mas os grampos que a prendiam na pedra eram de ferro velho, e quando ele fechou os dedos de ferro em volta de um, o grampo gemeu baixinho e se abriu como uma flor murcha.

— Os do Fuso nunca acharam que alguém viria pela água — disse ele, baixo. Eu olhei feio. — Desculpe. Eu disse que não falava.

Passamos pela grade. Do outro lado, um túnel baixo, com um canal de água no meio e uma calçada estreita de cada lado. E um barulho.

Um barulho que eu conhecia de antes de saber andar.

Tique.

Pausa.

Taque.

Era o barulho de uma engrenagem enorme virando um dente. Depois outro. Depois outro. Devagar, regular, como o coração de um bicho do tamanho de uma montanha.

Eu parei.

— É a máquina — sussurrei, esquecendo que não ia falar com ele. — A torre gira. Uma volta por dia. Alguma coisa tem de girar a torre.

— A água — disse ele, também baixo. — Alguma corrente debaixo da ilha. Move uma roda.

— Uma roda não. Uma roda, um eixo, uma coroa e um escapo. — Eu já estava andando de novo, mais depressa, seguindo o barulho. — Senão ela girava rápido demais. Tem alguma coisa segurando. Tem de ter.

O túnel se abriu de repente numa sala redonda, e eu parei de andar.

Era o coração do Palácio do Fuso.

Uma sala enorme, escavada na rocha da ilha, iluminada por lâmpadas de óleo presas nas paredes. No centro, uma roda d'água tão grande que a parte de cima sumia no escuro do teto, movida pela corrente de um canal subterrâneo que cruzava a ilha. O lago parecia parado lá em cima; ali embaixo a água corria. Da roda saía um eixo horizontal, grosso como uma árvore antiga, que movia uma coroa de engrenagens em torno de uma coluna central de pedra, imóvel. Dezenas. Centenas. De bronze, de madeira, de pedra, umas do tamanho de uma carroça, outras do tamanho de uma moeda, encaixadas umas nas outras subindo pelas paredes, sumindo no teto, girando cada uma no seu ritmo. E no meio delas, regulando tudo, uma âncora de bronze balançando de um lado para o outro, presa a uma roda dentada.

Tique. Taque.

Um escapo. Igual ao de um relógio de bolso. Do tamanho de uma casa.

Eu fiquei ali, de pés descalços na pedra fria, com a boca aberta, olhando para aquilo como a Lissa tinha olhado para a seda cor de manteiga. O meu pai teria chorado. O meu pai, antes, teria chorado de felicidade diante daquela sala.

— A senhora entende isso — disse Silvan, baixo, atrás de mim. Não era pergunta.

— Entendo. — Eu engoli. — O eixo da roda gira. Mas aquela coluna não. — Apontei para o centro imóvel, cercado pelas engrenagens que faziam a torre avançar. — A torre gira em volta dela. O Cofre fica onde?

— Embaixo do Grande Tear. No centro.

— Dentro da parte que não gira. — Meu coração acelerou. — Então a porta do Cofre fica parada enquanto os corredores da torre passam diante dela. Cada corredor só se alinha uma

vez por dia. Não precisamos derrubar uma porta: precisamos descobrir quando ela aparece.

Ele ficou em silêncio.

— Por isso ninguém nunca roubou nada do Cofre do Fuso — eu disse. — Não precisa de guarda na porta. Precisa só saber a hora.

— E a hora é…

— Não sei. Teria de ver o mostrador. Deve ter um. Toda máquina dessas tem um lugar onde alguém confere se está certa.

E foi aí que a mulher entrou na sala.



Silvan me puxou pelo braço antes de eu ver de onde ela vinha. Puxou com força, para trás de uma engrenagem do tamanho de uma carroça, encostada na parede, que girava tão devagar que parecia parada. Entre os dentes dela e a rocha da parede havia um vão. Estreito. Muito estreito. Do tamanho de duas pessoas, se as duas pessoas não respirassem.

Nós entramos no vão.

Eu de costas para a rocha. Ele de frente para mim, de costas para a engrenagem. A um palmo dos ombros dele, os dentes de bronze passavam, devagar, cada um do tamanho da minha mão. *Tique.* Um dente. *Taque.* Outro.

Pelo espaço entre dois dentes, eu vi a mulher.

Era humana.

Velha, magra, de vestido de lã cinza como o meu, com um avental de couro sujo de graxa e uma lata de óleo na mão. Andava devagar entre as engrenagens pequenas, parando em cada uma, pingando óleo nos eixos com um cuidado perfeito,

como o meu pai pingava nos relógios. Cantarolava. Uma coisa sem melodia, sem começo nem fim. Só barulho de boca.

E era cinza.

A pele. O cabelo, preso num coque. As mãos. Os olhos, quando ela virou o rosto na direção da lâmpada, eram da cor de água de lavar louça. Era cinzenta como o meu pai, como os velhos do asilo da Rua do Moinho, como nenhuma outra pessoa que eu já tinha visto do lado de cá da Cerca.

Uma humana cinzenta. Lubrificando a máquina do Palácio do Fuso, no meio da noite, sozinha.

Eu senti a mão de Silvan no meu pulso. Não sei se ele quis me segurar ou se quis se segurar.

— Quem é ela? — sussurrei, sem som. Só a boca.

Ele não respondeu. Mas eu vi, na cara dele, a meio palmo da minha, que ele também não sabia. E que tinha medo de saber.

A mulher pingou óleo numa engrenagem pequena. Depois em outra. Depois veio na nossa direção.

Parou do outro lado da engrenagem grande. Do outro lado dos dentes. Tão perto que, se ela olhasse pelo vão certo, ia nos ver.

Ela ficou ali, cantarolando, pingando óleo no eixo da engrenagem que girava a um palmo das costas de Silvan. Eu sentia o cheiro do óleo. Sentia a respiração dele no meu cabelo, presa, curta. Sentia o corpo inteiro dele encostado no meu, do peito aos joelhos, porque não havia outro jeito de caber naquele vão, e sentia o lado esquerdo dele, o de ferro, frio através do pano, e o direito, quente.

Tique.

Um dente de bronze passou raspando a manga do casaco dele. Prendeu no pano. Puxou.

Ele não se mexeu. O dente puxou mais, o casaco esticou no ombro dele, e eu vi que, se ele não se mexesse, o próximo dente ia pegar o braço, e se ele se mexesse, a mulher ia ouvir.

Ele não se mexeu.

O pano rasgou. Um barulho pequeno, seco.

A mulher parou de cantarolar.

Eu parei de respirar.

E aí o pior aconteceu: o rasgão do casaco deixou o ombro esquerdo dele de fora, e o dente seguinte encostou no ferro. Ferro contra bronze. Um guincho fino, metálico, como um prego num prato.

A mulher virou a cabeça.

Eu fiz a única coisa que me ocorreu.

Puxei o Silvan pela gola, para baixo, para o meu lado, para longe dos dentes. Ele veio. Os dois escorregamos pela rocha até o chão do vão, encolhidos, embolados, a cabeça dele contra o meu ombro, o meu braço por cima das costas dele. O dente seguinte passou por cima de nós, no lugar onde o ombro dele tinha estado, e mordeu o ar.

A mulher olhou para a engrenagem por um bom tempo.

Depois pingou óleo nela. Duas gotas. No ponto exato onde o ferro tinha guinchado.

— Tanto faz — disse, para ninguém.

E foi embora, cantarolando, pela outra porta.

Nenhum de nós se mexeu por muito tempo.

Ficamos ali, no chão do vão, encolhidos entre a rocha e a engrenagem, com os dentes de bronze passando por cima, *tique*, *taque*, a cada respiração. A cabeça dele estava no meu ombro. O meu braço estava por cima das costas dele, e a minha

mão estava aberta em cima da omoplata esquerda, a de ferro, que o casaco rasgado tinha deixado de fora. Eu sentia as placas debaixo da palma. As mesmas que eu tinha limado na forja, uma noite de lua nova, havia dez dias.

— Ela disse *tanto faz* — eu sussurrei.

— Eu ouvi.

— Era humana.

— Era.

— O que uma humana cinzenta está fazendo no Palácio da Tecelã?

Ele levantou a cabeça do meu ombro. Devagar. E ficou com o rosto a um palmo do meu, no escuro do vão, com a luz da lâmpada passando entre os dentes da engrenagem e riscando o rosto dele de listras.

— Eu não sei — disse ele. E eu soube que era verdade, embora ali não fosse Vidro. — Juro que não sei, Aveline. Em quatro Festivais, a Corte de Ferro nunca passou da porta do salão do Tear. Nunca desceu aqui. Eu não sabia que havia humanos no Palácio. — Uma pausa. — Eu nunca perguntei.

Ninguém pergunta o que acontece depois.

Ficamos calados. A engrenagem passou mais três dentes.

— Eu estou com raiva de você — eu disse.

— Eu sei.

— Ainda.

— Eu sei.

— Você sabe coisas de mim que eu nunca vou saber. Você me viu casar com você. Você tem uma promessa com a Tecelã que tem a ver comigo e não pode me contar o que é. — Minha voz tremeu. — E eu vim até aqui, por baixo de uma ponte, descalça, para fugir de você. E você estava aqui. Antes.

— Eu estava aqui antes — concordou ele.

— Por quê?

Ele demorou. A luz da lâmpada passou de uma listra para outra no rosto dele.

— Porque é aqui que vai acontecer — disse. — No dia da Renovação. E eu queria ver o lugar antes. Para saber onde a senhora vai estar. Onde vai ser perigoso. — Uma pausa. — Para saber onde eu fico.

— Onde você fica?

— Entre a senhora e o que vier.

Eu fechei os olhos.



O QUE EU disse depois, eu disse de olhos fechados. Foi mais fácil.

— No baile de Prata, eu quis que você me beijasse.

Ele ficou imóvel.

— Você não beijou porque sabia uma coisa que eu não sabia — eu continuei. — Disse que não seria justo. Agora eu sei. Sei do sonho. Sei da etiqueta. Sei do *sim*. — Abri os olhos. — E sei que você ainda esconde uma coisa. Sei que tem a ver comigo. Sei que você não vai me contar, nem que eu pergunte, nem que estejamos num salão de Vidro. E sei que você jurou que não vai cumprir, e acredito que você acredita.

— Aveline…

— Deixa eu terminar. — A minha mão continuava aberta nas costas dele, em cima das placas. Eu não tirei. — Eu passei a vida inteira decidindo pelos outros sem contar tudo. A minha irmã. O meu pai. A Hanna. Achando que eu sabia o que era melhor. E hoje eu fiquei uma hora com raiva de você por fazer exatamente isso comigo. — Respirei. — Eu não vou deixar você

decidir por mim se eu posso ou não querer você. Nem por justiça. Nem por proteção. Isso é meu.

Ele não disse nada. A respiração dele tinha mudado.

— Eu não sei tudo — eu disse. — Nunca vou saber tudo. Você também não sabe tudo de mim, embora ache que sabe. Mas eu sei o bastante para escolher. E estou escolhendo assim mesmo. De olho aberto.

— Isso é o que a senhora quer? — disse ele, muito baixo. — Sabendo o que sabe?

— Sabendo o que eu sei. E o que eu não sei.

Ele me olhou. As listras de luz passavam no rosto dele, no ritmo dos dentes.

— Então decida — disse ele.

E eu decidi.



Não foi como eu tinha imaginado. Eu já tinha imaginado, quero confessar. Muitas vezes, nas últimas semanas, em lugares onde não devia: no mapa do Palácio, na forja, no meio de uma lição de reverência. Nas minhas imaginações, era sempre ele quem se inclinava, devagar, e eu fechava os olhos e esperava.

Fui eu.

Fui eu que tirei a mão das costas dele e pus no rosto dele, no lado de pele, e depois, de propósito, deslizei os dedos para o outro lado, para onde os veios de ferro subiam pelo pescoço até o queixo. Ele prendeu a respiração quando eu toquei o ferro. Ninguém toca o ferro de um guardião. As outras cortes não tocam os de Ferro. Nem os de Ferro, às vezes, se tocam.

Eu toquei. E puxei o rosto dele para mim.

A boca dele estava fria por fora e quente por dentro, e ele beijou como fazia tudo: com cuidado, devagar, como quem não sabe se tem direito, como quem conserta uma coisa que pode quebrar. Por um segundo, só por um segundo, ele ficou parado, deixando que eu fizesse, como se ainda estivesse esperando eu desistir.

Eu não desisti.

E então ele parou de esperar.

A mão direita dele subiu para o meu cabelo. A esquerda, a de ferro, ficou um segundo no ar, sem saber onde podia pousar, e eu peguei aquela mão com a minha e a pus na minha cintura, em cima da lã cinza. Os dedos de ferro estavam frios através do pano. Eu não me importei. Ele fez um som baixo, no fundo da garganta, que eu senti mais do que ouvi, e me beijou de novo, mais fundo, menos cuidadoso, como quem deixou de pedir licença ao mundo, e o mundo que esperasse.

Atrás dele, os dentes de bronze passavam, *tique*, *taque*, a um palmo da cabeça dele. Eu não ouvia mais.

Quando paramos, foi para respirar. Ficamos de testa encostada, no chão de pedra, dentro de um vão de engrenagem, no coração de uma máquina que girava a torre da Grã-Rainha, com uma humana cinzenta em algum lugar lá dentro pingando óleo e dizendo *tanto faz*.

— Isso não muda nada — eu disse, sem fôlego. — Eu ainda estou com raiva.

— Eu sei. — A voz dele estava rouca. — Eu fico com a raiva também.

— Você não pode ficar com tudo.

— Eu posso tentar.

E eu ri. No chão, no escuro, com o coração disparado. Ri baixinho, contra a boca dele, e ele não sorriu, mas encostou a

testa com mais força na minha, e fechou os olhos, e ficou assim.



Saímos antes da troca da guarda. Pelo mesmo caminho: túnel, grade, vigas, juncos. Ele fechou o grampo de ferro da grade de novo com a mão esquerda, e o grampo gemeu e se fechou como se nunca tivesse sido aberto. Eu achei os meus sapatos entre os juncos, o cinza e o azul, molhados de sereno.

Não achamos o mostrador. Não vimos a porta do Cofre. Não sabíamos a hora. Tudo o que tínhamos descoberto naquela noite era que o Cofre não girava, que havia uma humana cinzenta no Palácio, e que eu sabia beijar o Senhor da Corte de Ferro.

Como plano de roubo, era um fracasso completo.

Só no meu quarto, já com a luz do dia entrando pela janela da Casa das Oferendas, sentada na cama para tirar a lama dos pés, foi que eu olhei para o meu pulso esquerdo.

E vi que estava nu.

A linha vermelha. A linha de algodão vermelho que me lembrava, todo dia, do pão de mel fiado da Dona Ilsa. A dívida pequena e sagrada. E, enrolado nela desde Brumavale, o fio de cabelo cinza da minha irmã. Não estavam mais lá. Nem um, nem outro.

Eu procurei no vestido. Na cama. Nos sapatos. Na maleta. Não estava em lugar nenhum.

E então eu lembrei de uma coisa. Do vão da engrenagem. Do meu braço por cima das costas dele, e do dente de bronze passando, a um palmo, mordendo o ar no lugar onde o ombro dele estava. Da minha mão subindo para o rosto dele. Do meu pulso passando perto, muito perto, daqueles dentes.

A minha linha vermelha estava no coração do Palácio do Fuso. Enrolada numa engrenagem da Grã-Rainha. Um fio de algodão humano, vermelho, barato, com um fio de cabelo cinza enrolado nele, numa máquina onde só havia bronze, óleo e uma mulher cinzenta que não via cor nenhuma.

Eu fiquei sentada na cama, com o pé sujo de lama na mão, olhando para o meu pulso.

E a primeira coisa que eu pensei não foi *alguém vai achar*. Foi pior. Foi: *agora eu não tenho mais nada que me lembre o que eu devo*.

A segunda coisa que eu pensei foi: *alguém vai achar*.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Rosalind



A PRIMEIRA PESSOA que bateu na minha porta naquela manhã não foi a minha irmã.

Foi Lissa.

Eu ainda estava sentada na cama, com o pé sujo de lama na mão e o pulso nu, quando ouvi as batidinhas. Três, rápidas, de quem tem medo de acordar alguém e mais medo ainda de não acordar. Abri. Ela estava no corredor de camisola, com um xale de Ouro por cima, os olhos inchados.

— Você disse que escutava — disse ela.

Eu tinha dito. Na tarde de Ouro, no corredor, segurando as mãos dela. *Depois da festa. Eu escuto. A noite inteira, se for preciso.* E depois da festa eu tinha passado a noite olhando uma dama de trigo no cabelo beber o filho de outra mulher, e depois tinha ido chorar no corredor da minha irmã. E na noite seguinte eu tinha ido beijar o Senhor de Ferro dentro de uma máquina.

Duas noites. A Lissa tinha esperado duas noites.

— Eu disse — falei. — E não escutei. Desculpa, Lissa.

Ela ficou parada na porta, surpresa, como se ninguém nunca tivesse pedido desculpas para ela antes. Talvez ninguém

tivesse. Filha de tanoeiro da Rua das Turfeiras não costuma receber pedido de desculpas de ninguém.

— Entra — eu disse. — Agora eu escuto.

Ela entrou. Sentou na ponta da cama, longe dos meus pés de lama. E começou a falar, depressa, de tudo de uma vez: da mãe, do dote, do pai que bebia, dos três irmãos pequenos, do vestido de manteiga, do homem do Banco que tinha dito *só sentar e sorrir*. E então abriu a boca para dizer os sonhos dela, um por um, para eu ajudar a escolher, e eu pus a mão na boca dela.

— Aqui não — eu disse. — Contar não vende nada, mas alguém pode estar escutando, dizer *eu aceito* e arrastar você para uma disputa de contrato. Sem assinatura, ninguém leva seu futuro. Não dê a eles a chance de pressionar você.

Ela arregalou os olhos por cima da minha mão.

— Fala do que você tem medo — eu disse, e tirei a mão. — Do que você quer, você guarda. Por enquanto.

Ela falou do que tinha medo. Demorou uma hora. Eu não disse quase nada. Eu, que sempre tenho alguma coisa para dizer, fiquei sentada na cama, com o pé de lama esquecido no colo, ouvindo uma menina de dezesseis anos pensar em voz alta. Foi a coisa mais difícil que eu fiz naquele Festival. Mais difícil do que me sentar de novo debaixo da árvore da Colheita.

No fim, ela enxugou o nariz no xale de Ouro.

— Eu ainda não sei o que vou fazer — disse.

— Tudo bem.

— Mas eu sei uma coisa. — Ela se levantou. — Eu não quero que ninguém escolha por mim. Nem o homem do Banco. Nem a minha mãe. Nem você.

— Nem eu — concordei.

Ela me olhou de um jeito estranho. Depois me deu um abraço desajeitado, de lado, rápido, e saiu correndo pelo corredor de camisola antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

Eu fiquei olhando para a porta aberta.

E foi pela porta aberta que a minha irmã entrou.



Rosa não bateu. Nunca bateu, a vida inteira. Em casa ela entrava no meu quarto do jeito que entrava na cozinha, como se o mundo inteiro fosse um cômodo só e a porta fosse uma sugestão.

Estava de vestido amarelo emprestado, amassado, o mesmo da noite de Vidro. Não tinha dormido. A trança estava desfeita pela metade. E na mão direita ela trazia o envelope, aberto, com as três páginas dobradas para fora, amassadas de tanto serem lidas.

Atrás dela, no corredor, Hollis. Que olhou para mim, olhou para a Rosa, e fechou a porta por fora sem entrar.

A minha irmã ficou parada no meio do quarto.

— Eu li — disse ela.

Eu pus o pé no chão. Devagar. Como quem desce de uma escada no escuro.

— Você disse *depois da sexta noite*.

— Eu disse. — Ela ergueu o queixo. — E mudei de ideia. Eu posso mudar de ideia. É meu, o *depois*. Não é seu.

Ela tinha razão. Era dela.

Rosa olhou para as páginas na mão dela. Depois para mim.

— Seis anos — disse ela.

— Seis anos.

— Seis anos de linha de osso. De frasco falso. De noiva de olho trocado. — A voz dela estava calma, calma demais, a calma das cláusulas. — Eu sabia, Avie. Não tudo. Mas eu sabia que costureira não paga xarope de casca-de-prata com bainha. Eu sabia que você saía nas noites de Mercado com a caixa de veludo. Eu não sabia do Fenn. Não sabia do lote. Não sabia da Guarda Parada. — Ela respirou. — Não sabia que tinha gente virando ferro por causa da minha tosse.

— Não foi por causa da sua tosse.

— Foi por causa do dinheiro do meu xarope.

— Foi por minha causa — eu disse. — Eu escolhi. Você não sabia. A culpa é minha.

— Eu sei que a culpa é sua! — A calma rachou. — É isso! É *sempre* sua! A culpa, a dívida, a decisão, o segredo, o sacrifício. Tudo é seu. Você pega tudo para você e não deixa nada para ninguém. Nem a culpa você divide, Aveline!

Eu fiquei calada.

— Você seguiu o papai — disse ela, mais baixo. — Na noite em que ele vendeu tudo. Você tinha doze anos e seguiu ele até a mesa de Cobre, e viu, e voltou para casa, e nunca me contou. Onze anos. Você me deixou crescer achando que ele ficou cinzento de tristeza, de luto, de qualquer coisa. Você sabia que ele tinha vendido a vida inteira por causa da mamãe, e guardou para você.

— Você tinha oito anos.

— Eu tinha oito anos *naquela noite*. — Ela sacudiu as páginas. — Eu tenho dezenove agora. Em que ano você ia me contar? Quando eu fizesse trinta? Quando você morresse e eu achasse um bilhete numa lata?

Eu não respondi. Não tinha resposta. *Calar é permitido*, pensei, e senti vergonha de pensar isso, porque ali não era

Vidro, ali era a minha irmã.



Rosa se sentou na cadeira da escrivaninha. De repente. Como se as pernas tivessem desistido.

— E agora o Frasco Primeiro — disse ela, olhando para o chão. — Você veio roubar o Frasco Primeiro. Da Tecelã. Na sétima noite. Na frente de todas as cortes.

— Vim.

— Eu passei três meses escrevendo catorze páginas. — Ela riu, um riso feio, sem graça nenhuma. — Três meses, Avie. Copiando contrato no cartório do Halvard de dia e lendo o Pacto da Fronteira de noite, com a vela que você pagava com frasco falso. Achei uma brecha. Uma brecha *legal*. Escrevi para o Guardião das Oferendas, que era a única pessoa em Sylvária que eu achei que ia ler. Ele leu. Me deu uma audiência. Na sexta noite, diante da Tecelã e das cortes, eu tenho o tempo de uma vela para pedir a mudança de uma frase. Uma frase. Se aceitarem, ela entra nos contratos na Renovação da noite seguinte. — Ela ergueu os olhos. — E a minha irmã veio roubar a lei inteira.

— Que frase?

Ela me olhou como se eu tivesse perguntado a cor do céu.

— Você não sabe da minha petição.

— Não.

— Você atravessou a Cerca, se apresentou como oferenda, aprendeu a dançar com lordes de Prata e planejou roubar a Grã-Rainha, e não sabe qual é a minha petição.

— Você não me contou.

— Você não perguntou!

Isso me atingiu no meio do peito. Porque era verdade. Em quatro noites de Festival, eu tinha pedido a ela que conversasse comigo, que me ouvisse, que voltasse para casa, que tomasse cuidado. Eu não tinha perguntado nenhuma vez o que ela tinha vindo fazer.

— Qual é a frase, Rosa? — perguntei.

Ela demorou. Depois tirou da pasta, que estava debaixo do braço, uma folha só. Não as catorze páginas. Uma folha, com uma frase no meio, escrita com a letra mais bonita dela, a letra de cartório.

Toda proposta de venda de sonho ficará sete dias em reserva, sem transferência de possibilidade nem corte do fio. O comprador poderá adiantar o preço. A cessão só valerá com nova assinatura do vendedor ao fim do prazo; na desistência, devolve-se apenas o adiantamento, sem juros.

Eu li duas vezes.

— A magia obedece ao que foi assinado — disse Rosa, baixinho. — Por isso não estou tentando desfazer uma venda já feita. Para isso ainda seriam necessários o Frasco Primeiro e o preço de uma possibilidade equivalente. Minha cláusula vem antes. A primeira assinatura registra a proposta e permite o adiantamento, mas não vende o sonho. O escrivão não corta o fio. Só depois de sete dias a pessoa assina a cessão, se ainda quiser. Se desistir, devolve o dinheiro adiantado, sem juros. — Ela tocou a folha. — Sete dias para a pessoa acordar no dia seguinte, olhar para o filho e pensar *o que foi que eu ia fazer*. Sete dias antes de perder. Não sete dias para recuperar o que já perdeu.

Eu pensei na Hanna. Na porta azul descascada. Na casa do moinho. Num X assinado num cartório, numa manhã qualquer, e numa mulher acordando no dia seguinte com uma

sensação de que tinha esquecido alguma coisa importante e sem saber o quê.

Sete dias.

Se essa regra existisse quando a Hanna desceu até o cartório, o sonho do Teo teria ficado com ela por sete dias. Tempo para duvidar. Para procurar ajuda. Para decidir se queria mesmo assinar outra vez.

— Rosa — eu disse. A voz não saiu direito. — Isso é…

— Eu sei o que é. — Ela guardou a folha na pasta. — É pouco. Não salva quem já vendeu. Não salva o papai. Não me salva. Mas, se passar, nenhum Fenn poderá sair de um cartório autorizado levando o futuro de uma viúva assustada na mesma noite em que ela aceitou o preço.

Fiquei olhando para a minha irmã. A menina de pulmão fraco que eu carregava no colo quando ela tossia. A menina que eu tinha proibido de ir a Valmora, de trabalhar, de se cansar, de crescer.

Ela tinha achado, sozinha, à luz de uma vela paga com frasco falso, um jeito de usar a letra do Pacto contra a pressa do Banco. Talvez outros já tivessem pensado nisso. Nenhum tinha conseguido uma audiência para obrigar as cinco cortes a ouvir.

— Você é a pessoa mais inteligente que eu conheço — eu disse.

— Eu sei. — Ela não sorriu. — É por isso que eu estou com tanta raiva.

Ficamos um tempo caladas. Ela na cadeira. Eu na cama. A luz do lago subindo pela janela.

— Tem mais uma coisa na carta — eu disse, enfim. — Na terceira página. No fim.

— Eu sei. Eu li.

— Eu pedi desculpas.

— Duas vezes. Eu contei. — Ela olhou para a página amassada. — Por me chamar de igual ao papai. Por dizer que eu sou boa em vender coisas. Por retirar Valmora.

— Por tudo — eu disse. — Por ter feito você vender mais um sonho naquela noite.

E então a minha irmã levantou a cabeça e me olhou com uma cara que eu nunca tinha visto nela. Uma cara de adulta. De alguém que mora no próprio corpo.

— Você não me *fez* vender nada.

— Rosa…

— Você me feriu, Avie. — A voz dela estava firme. — Você me feriu muito. Você disse a pior coisa que podia dizer, sabendo que era a pior. Eu nunca vou esquecer. Mas a decisão de vender foi minha. Eu desci até o cartório. Eu sentei na sala dos fundos. Eu assinei. Ninguém me empurrou. Nem você. — Ela respirou. — Se você levar isso também, se você levar até a minha decisão para você, aí sim eu não perdoo nunca.

Eu fiquei olhando para ela.

Era a mesma coisa que eu tinha dito para a Lissa uma hora antes. *Ninguém vai poder dizer que escolheu por você.* E agora a minha irmã estava dizendo para mim, e eu entendi, de um jeito que eu não tinha entendido com a Lissa, quanto aquilo podia doer. Deixar alguém ser dono da própria escolha é deixar que a escolha seja ruim. E não pegar para você.

— Tá — eu disse. Minha voz tremeu. — É sua.

Ela assentiu.

E então disse a coisa que eu não esperava.

— Não foi um sonho naquela noite. — Ela olhou para as mãos. — Nem dois. Foram quatro, Avie. Desde a primavera.



O QUARTO FICOU muito quieto.

— Quatro — repeti.

— A mecha. — Ela tocou a mecha cinza do lado esquerdo, sem olhar. — Você achou que era grande demais para duas vendas. Eu vi você achar, na cozinha, naquela noite. Você estava certa. Era grande demais.

— Quais?

Rosa ficou calada um tempo. Depois falou, sem me olhar, contando nos dedos, como quem lê uma lista de compras.

— Na primavera, quando o xarope acabou e você estava com febre e não podia costurar. *Ver o mar.* — Primeiro dedo. — Uma semana depois, porque o primeiro não deu. *Dançar com o papai na festa da colheita.* — Segundo dedo. Ela engoliu. — Ele ainda sabe os passos. Se alguém pede, ele se levanta. Eu queria que fosse ele a me chamar, como fazia antes. Achei que nunca mais ia acontecer. Mas o cartório aceitou, porque ainda era uma possibilidade minha. E agora não é.

Eu fechei os olhos.

— Em agosto, a janela grande. Você sabe essa. — Terceiro dedo. — E naquela noite. Depois da briga.

Ela parou.

— Rosa.

— Naquela noite eu desci até o Halvard com raiva, Avie. Com tanta raiva que eu não enxergava a rua. E o escrivão perguntou o que eu queria vender, e eu pensei na coisa que mais ia doer em você se você soubesse. — Ela abriu o quarto dedo. Devagar. — *Ver a Aveline se casar.*

Eu não consegui respirar.

— Eu queria Valmora mais do que queria te ver casar — disse a minha irmã, com a voz muito baixa e muito firme. — Naquela noite, eu queria. Isso é horrível, e é meu. Eu sei que vendi porque tenho a cópia do contrato. A frase está lá, com a minha assinatura. Mas não lembro de ter desejado aquilo. Posso ler e imaginar o que eu teria sentido. Lembrar, não lembro.

Eu pensei no Salão de Ferro. Nas flores brancas nas mesas. Nas faíscas. Numa etiqueta que dizia *casar-se com o Senhor da Corte de Ferro*, vendida sem ler. Num homem que tinha visto o meu *sim* num frasco e dito *esse futuro está fechado para sempre*.

E agora a minha irmã. Fosse com quem fosse, fosse onde fosse, a minha irmã não ia estar lá.

Duas portas fechadas. Uma vendida por mim, sem ler. Outra vendida por ela, lendo cada letra.

— Eu não sabia que você ia ficar assim — disse Rosa. A voz dela falhou. — Eu achei que você ia ficar com raiva. Não… assim.

— Assim como?

— Com essa cara. Como se fosse você que tivesse perdido.

Eu ri. Não sei de onde veio. Um riso molhado, horrível.

— Eu perdi, Rosa. Você vendeu a coisa que você mais queria ver. E eu perdi a possibilidade de você olhar para mim naquele dia e saber, com os próprios olhos, que eu tinha escolhido alguém.

Ela me olhou.

E então, depois de quatro noites de Festival, de uma travessia, de uma briga na cozinha, de quatro sonhos e de uma carta de três páginas, a minha irmã se levantou da cadeira, atravessou o quarto, se sentou na cama do meu lado, em cima

da colcha, ao lado do meu pé sujo de lama, e encostou a cabeça no meu ombro.

Do jeito que fazia quando tinha oito anos e tossia.

Eu não a abracei. Fiquei com medo de abraçar e ela ir embora. Fiquei só parada, com a cabeça dela no meu ombro, sentindo o cheiro de papel e de tinta de cartório no cabelo dela, que era o cheiro dela desde os catorze anos.

— Os sonhos de cartório com licença de banco vão para as adegas — eu disse, baixinho, depois de um tempo. — Um bibliotecário de quatrocentos anos me disse. Às vezes ficam lá, cheios. Anos. Ninguém bebe.

Ela não se mexeu.

— Pode ser que estejam numa prateleira em Moedeira agora. Os seus quatro. Pode ser.

— Pode ser — disse ela.

— Eu não estou prometendo nada.

— Eu sei. — Ela suspirou contra o meu ombro. — Você aprendeu.



Ela foi embora uma hora depois. Tinha a audiência na sexta noite e ia passar o dia inteiro com o príncipe, ensaiando, porque o tempo de uma vela pequena é muito pouco tempo para mudar trezentos anos de contratos.

Na porta, ela parou. Olhou para o meu pulso esquerdo. Franziu a testa.

— Cadê a sua linha?

— Perdi.

— A do pão de mel?

— Perdi ontem. — Eu não disse onde. — O seu fio de cabelo estava enrolado nela.

Rosa olhou para o meu pulso por um bom tempo. Depois abriu a pasta da petição. As catorze páginas estavam presas com uma fita. Uma fita fina de algodão vermelho, das que os cartórios usam para amarrar processos. Ela desamarrou a fita. Mediu no meu pulso. Cortou com os dentes, como a mamãe cortava linha.

E amarrou no meu pulso esquerdo. Dois nós. Apertados.

— Vinte e sete pães — disse ela, sem me olhar. — Eu lembro da conta. A Dona Ilsa me contou que você apagou dois.

Eu não consegui dizer nada.

— E agora você me deve uma conversa inteira — disse Rosa. — Sem carta. Sem segredo. Depois da sexta noite. — Ela fechou a pasta. As catorze páginas estavam soltas agora, sem fita. — E Avie?

— Hum.

— Se você for pega roubando o Frasco Primeiro, a minha petição morre junto. — Ela abriu a porta. Hollis estava do lado de fora, encostada na parede, fingindo não ter escutado nada. — Então não seja pega.

E foi embora pelo corredor, com a pasta debaixo do braço e as catorze páginas soltas lá dentro, e Hollis a dois passos atrás dela.

Eu fiquei sentada na cama, olhando para a linha vermelha nova no meu pulso.

Era mais fina que a antiga. De outro vermelho, mais escuro, cor de lacre. Não tinha nenhum fio de cabelo cinza enrolado nela.

Mas tinha sido amarrada pela minha irmã.

E eu ia passar a noite seguinte inteira, a noite de Ferro, a noite em que tudo ia mudar, puxando aquela linha com o

polegar, por hábito, sem perceber, como quem confere se uma coisa importante ainda está lá.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Quinta Lua: Ferro



Silvan contou à Hollis antes do meio-dia.

Eu não devia ter visto. Tinha atravessado a margem com a caixa de Corvin nos braços, os doze frascos âmbar tilintando nas divisórias, para perguntar a Silvan o que ele achava que eu devia fazer com eles. Ia perguntar *achava*, e não *decidia*. Tinha ensaiado no caminho.

Encontrei o acampamento de Ferro no meio do trabalho. A ponte de correntes do Forte, desmontada em pedaços e trazida em seis carroças, estava sendo erguida na margem cinzenta entre o pavilhão de Vidro e o de Cobre: dois pilares de ferro cravados no chão, e entre eles as correntes, esticadas no alto, cruzadas e recruzadas como os fios de um tear, formando um teto. Corin e Tobin, no alto de escadas, penduravam as tapeçarias do Salão de Ferro entre as correntes. Mabry, embaixo, gritava com os dois.

E, no fim da margem, perto da água, Silvan e Hollis.

Eu parei com a caixa nos braços. Não precisei chegar perto para entender. Era o jeito de Hollis estar de pé. Muito reta. Muito parada. Com a mão de carne apertando o punho da espada, sem tirá-la da bainha. E Silvan na frente dela, de cabeça

descoberta, com as mãos abertas ao lado do corpo, como quem mostra que não tem nada nelas.

Ele estava contando. Eu soube na hora. Ninguém fica parado daquele jeito para ouvir outra coisa.

Fiquei onde estava. Atrás de um monte de tábuas, com a caixa. Não por curiosidade. Por medo de que, se eu me mexesse, ele parasse.

Ele não parou.

Eu não ouvi as palavras. Ouvi a voz de Hollis quando ela finalmente falou, porque Hollis não sabe falar baixo quando está ferida.

— *Desde quando?*

Uma resposta curta. Que eu não ouvi.

— *Trinta anos?* — A voz dela rachou no meio, como uma panela de ferro que esfria rápido demais. — Trinta anos de chá no vinho? Trinta anos me fazendo dormir como uma criança de colo, para você vir de noite pôr a mão em mim?

Silvan disse alguma coisa.

— Não. *Não.* Não diz que era para me proteger. — Ela deu um passo para a frente. Ele não recuou. — A Pim nem tem sete anos. A Pim, eu entendo. Eu teria feito igual com a Pim. Eu tenho cento e quarenta anos, Silvan. Eu escolhi a guarda. Eu escolhi o Portão. Eu escolhi a Cerca. Eu escolhi o ferro, sabendo o que era o ferro. — Ela bateu com a mão de carne no peito, em cima do coração. — E o Bram virou estátua rindo de uma piada *minha*. Eu tinha o direito de pagar a minha parte. Era a única coisa que eu ainda podia fazer por ele.

Silêncio.

— Devolve — disse Hollis.

Eu vi Silvan balançar a cabeça. Devagar. Uma vez.

— Não dá. — Ela riu, um riso horrível, com o lado de ferro do rosto virado para o lago e o de carne virado para ele. — Claro que não dá. Você tirou de mim a escolha e a conta. As duas. E nem uma nem outra volta.

Ela soltou o punho da espada.

E, em vez de bater nele, como eu tinha certeza de que ela ia fazer, Hollis se virou e foi embora.

Passou pelo monte de tábuas. Passou por mim. Parou.

Olhou para a caixa nos meus braços. Depois para a minha cara. E eu vi, no olho de carne dela, o instante exato em que ela entendeu.

— Você sabia — disse.

Calar não era permitido ali. Não era Vidro. Era pior.

— Sabia.

— Desde quando?

— Desde a lua nova. Dez dias.

— Dez dias. — Hollis olhou para mim como se eu fosse uma desconhecida. Talvez fosse. — Dez dias você sentou do meu lado. No corredor da sua irmã. Você chorou no meu ombro, humana.

— Eu disse a ele que você tinha o direito de saber. Que tinha de ouvir dele.

— E isso te deixa limpa?

— Não.

— Não. — Ela concordou com a cabeça. — Não deixa.

E foi embora pela margem, na direção do pavilhão de Ouro, onde a minha irmã estava, para fazer o trabalho que tinha prometido fazer. Não correu. Hollis nunca corre. Andou reta, com as tranças ruivas balançando nas costas, e não olhou para trás nenhuma vez.

Silvan continuava na beira da água. Quando cheguei perto dele, ele não se virou.

— Você contou — eu disse.

— Contei.

— O que você disse a ela?

— Que eu mandava a Mabry pôr o chá no vinho dela e no leite da Pim. Que tomava a conta das duas enquanto dormiam. Que achava que estava salvando. — Ele não desviou os olhos do lago. — E que achar não me dava o direito de escolher por elas.

— Por quê? Hoje?

Ele olhou para o lago.

— Porque hoje eu vou ler o nome do Bram diante das cortes — disse. — E não ia conseguir ler com ela na frente sem ela saber.

Eu fiquei do lado dele. A caixa de Corvin pesava nos meus braços.

— Ela não vai perdoar você.

— Não hoje.

— Talvez nunca.

— Talvez. — Ele fechou a mão esquerda, a de ferro. — Mas agora é ela quem decide. Não eu.

Eu só perguntei dos frascos de Corvin uma hora depois, sentada numa das tábuas, vendo Tobin e Corin pendurarem a última tapeçaria.

— Eu não vou fazer — disse. — Já sei que não vou. Só queria que você soubesse antes dele.

Silvan estava sentado na tábua ao lado, a um palmo. Olhou para a caixa no meu colo.

— Ele vai contar.

— Talvez. Talvez não. Em Prata eles não gastam segredo à toa. Segredo gasto não vale mais nada. — Eu passei a mão na tampa da caixa. — Mas se contar, conta. Eu não vou costurar a vida de doze pessoas mortas numa colcha para um lorde de quatrocentos anos se cobrir até o amanhecer. Não vou. Mesmo que eles já tenham perdido. Mesmo que ninguém perca nada novo. — Eu respirei. — Ele não quer um sonho. Ele quer ser amado. Isso eu não sei costurar.

Silvan ficou um tempo calado.

— Se ele contar diante das cortes — disse, enfim —, eu me levanto e confirmo.

Eu me virei para ele.

— O quê?

— Que a senhora era a falsificadora da banca da Odete. Que eu sabia. Que eu a trouxe mesmo assim. E por quê. — Ele não desviou os olhos. — A Guarda Parada. A cláusula sétima. Os quarenta e um frascos no rio. Tudo.

— Isso acaba com a Corte de Ferro.

— A Corte de Ferro está acabando de qualquer jeito. Cento e trinta e oito estátuas. Um forno só, até ontem. — Ele olhou para o pavilhão de correntes. — Se é para acabar, que acabe dizendo a verdade, e não com um lorde de Prata cochichando no ouvido do Guardião.

— E o Frasco? E o plano?

— Aí não haverá plano. — Ele disse aquilo com calma. — A senhora volta para casa numa carruagem de Ouro, com a sua irmã. O Eiran vai garantir. Ele é decente. É a única coisa de que eu tenho certeza sobre ele.

Fiquei olhando para ele.

— Você está me dizendo que prefere perder tudo a eu costurar aqueles frascos.

— Estou dizendo que a senhora decidiu não costurar. — Uma pausa. — E que eu fico do lado de quem decidiu.

Eu abaixei os olhos para a caixa. Doze frascos âmbar. Doze vidas de amor de gente que tinha morrido sem viver.

— Obrigada — eu disse.

— Não agradeça. — Ele se levantou. — A senhora ainda tem um vestido para vestir.



O pavilhão de Ferro ficou pronto quando o sol encostou nas montanhas.

Eu não sei como descrever. Tento desde aquela noite, e nunca consigo direito.

As outras cortes tinham pavilhões de seda, de véu, de vidro, de cobre. O de Ferro era uma ponte. Uma ponte de correntes velhas, deitada de lado, erguida no alto entre dois pilares, e debaixo dela, o chão de terra da margem coberto com os tapetes gastos do Salão do Forte. As tapeçarias pendiam das correntes, roídas de traça nas bordas, com cenas de batalhas que ninguém mais lembrava: cavalos pretos, guardiões de ferro, a Cerca sendo erguida. Os bancos compridos do Salão estavam em fila, com as mesas na frente.

E nas mesas, flores brancas.

Eu não tinha pedido. Juro que não tinha pedido. A ideia tinha sido da Pim, que nem estava ali: antes de Tobin partir do Forte, ela lhe pedira flores brancas para as mesas. Mabry levou o pedido a sério. Mandou Corin colher as florzinhas que cresciam entre os juncos, na beira do lago, e as pôs em potes de

barro, um em cada mesa. Eram flores à toa, de margem de lago. Mas eram brancas.

E na ponta da margem, onde o pavilhão encostava na água, Tobin e Corin tinham montado a forja portátil do acampamento. Com o carvão de Ouro. Corin batia num pedaço de ferro em brasa, de propósito, sem fazer nada com ele, só para bater, e as faíscas subiam, e o vento do lago levava as faíscas para dentro do pavilhão, por entre as correntes do teto, e elas caíam devagar, sobre as mesas, sobre as flores, sobre os tapetes, e se apagavam antes de tocar em qualquer coisa.

Uma chuva de faíscas. Num salão de ferro. Com flores brancas nas mesas.

Eu estava na entrada, de capa nos ombros, quando entendi o que estava vendo.

Silvan estava do outro lado do pavilhão. Tinha acabado de chegar. Parou entre os bancos, debaixo da chuva de faíscas, e olhou para as flores, e olhou para o teto de correntes, e olhou para a forja. E depois olhou para mim, na entrada, e ficou parado.

Eu atravessei o pavilhão. Devagar. As faíscas se apagavam antes de me alcançar. Um fiapo de cinza morna pousou no meu cabelo.

Parei na frente dele.

— Não é o Salão de Ferro — eu disse. — É uma ponte.

Ele não respondeu logo. Os olhos dele estavam muito claros.

— Eu sei — disse.

— Eu não fiz de propósito.

— Eu sei. — Uma pausa. — Foi a Pim. E a Mabry. E o Corin.

— Não é o sonho.

— Não. — Ele olhou para o teto. Uma faísca caiu no ombro dele e se apagou no pano preto. — É outra coisa.

Ficamos ali, debaixo das faíscas, um diante do outro, sem nos tocar, enquanto Mabry gritava com alguém sobre o pão.



Eu vesti a capa de Garven naquela noite.

A capa de pele de lobo, refeita, cinza-escura, comprida até o chão, que o capitão Garven, o primeiro que Silvan se lembrava de ter visto virar ferro, tinha usado nos invernos do desfiladeiro, e que eu tinha forrado por dentro com veludo preto e cento e trinta e oito pontos de prata. Um ponto por guardião. Em fila, de cima para baixo, do ombro esquerdo até a barra. E, em volta do sexto ponto depois de Garven, uma florzinha bordada, tão pequena que só quem soubesse ia ver.

Por fora, era só uma capa de pele velha. Por dentro, era uma lista.

As cortes vieram. Vieram porque não tinham escolha; a Quinta Lua é de Ferro desde o Pacto, e quem não comparece ofende o Pacto. Vieram tarde, em grupos, como gente que visita um parente pobre por obrigação. Os de Ouro, curiosos. Os de Prata, de máscara outra vez, rindo baixinho atrás das mãos. Os de Cobre, com Lorde Aurelio à frente, fazendo contas com os olhos de cada correia, cada tapete gasto, cada flor de beira de lago. Os de Vidro, silenciosos, olhando tudo, como sempre.

Ninguém se sentou nos bancos de Ferro. As outras cortes não comem na mesma mesa que os de Ferro. Ficaram de pé, em grupos, nas bordas do pavilhão, debaixo das tapeçarias roídas, longe das mesas.

Até Eiran chegar.

Ele entrou com a minha irmã ao lado. Olhou o pavilhão inteiro, as correntes, as faíscas, as flores. Olhou os grupos de pé

nas bordas. Depois atravessou o pavilhão, foi até o banco mais próximo da mesa de Silvan, e se sentou.

Sentou num banco de Ferro. Diante de cinco cortes.

E a minha irmã se sentou do lado dele.

Durante um segundo inteiro, ninguém respirou. Depois, uma senhora de Vidro de cabelos brancos e olhos quase transparentes, a mesma que tinha feito reverência para mim na noite de Vidro, atravessou também e se sentou. E depois dela, outro de Vidro. E depois, um lorde jovem de Ouro, vermelho até as orelhas. E depois, devagar, como água achando caminho, outros.

Não todos. Prata ficou de pé. Cobre ficou de pé.

Mas metade do pavilhão se sentou nos bancos de Ferro naquela noite. Pela primeira vez em trezentos anos.

Mabry serviu mingau de aveia com mel em tigelas de barro. E pão de mel. Pão de mel de Brumavale, como o da Dona Ilsa, que ela tinha passado a tarde inteira assando na forja portátil, com a farinha das carroças de Ouro e o mel das colmeias de Eiran. Eu vi uma dama de Ouro morder um pedaço e parar de mastigar, de olhos arregalados, como quem descobre uma coisa.

Eu ri. Sozinha, na ponta da mesa, de capa de lobo, com as faíscas caindo no meu cabelo. Ri porque era pão de mel. Só isso.



Silvan se levantou depois do mingau.

Não houve anúncio. A Quinta Lua sempre pertencera a Ferro, mas, nos outros Festivais, ninguém se demorava à mesa daquela corte. Silvan não tinha uma tradição de discurso para seguir. Só se levantou da cabeceira da mesa, de preto, com o

casaco remendado no ombro onde o dente de bronze tinha rasgado, e as conversas foram parando, uma por uma, até sobrar só o barulho da forja.

Corin parou de bater.

— A Corte de Ferro não tem música — disse Silvan. A voz dele não era alta, mas debaixo do teto de correntes ela ia longe. — Não tem dança, nem árvore, nem leilão. Tem uma coisa só para oferecer às cortes na noite dela. — Ele olhou para mim. — Os nomes.

Eu me levantei.

Fui até o meio do pavilhão, debaixo das faíscas, onde todos podiam me ver. E abri a capa.

Por dentro, o veludo preto. E os cento e trinta e oito pontos de prata, em fila, brilhando na luz da forja.

Ninguém disse nada. Os de Prata pararam de rir.

— Arno — disse Silvan.

Eu toquei o primeiro ponto, no ombro esquerdo. O primeiro guardião que virou ferro, trezentos anos antes, no inverno seguinte ao Juramento.

— Wil. Senna. Dace. Orla. — Eu tocava os pontos, um por um, descendo pela capa. Ele leu os de trezentos anos atrás, que ninguém vivo tinha conhecido, com o mesmo cuidado com que leria os outros. Quando chegou a Garven, a voz dele não mudou. Mas eu toquei o ponto mais devagar. — Garven. Edda. Hal. Tamsel. Ivo. Nils. — Uma pausa. — Bram.

Eu toquei o ponto da florzinha.

E do outro lado do pavilhão, na borda, de pé, encostada num pilar de ferro, com a espada no quadril e o rosto de ferro virado para a gente, Hollis fechou o olho de carne.

Não saiu. Ficou. De pé, de olho fechado, encostada no pilar, até o fim.

Silvan leu os cento e trinta e oito, do primeiro ao último. Sem papel. De cor. Demorou muito. Ninguém se mexeu. Quando ele chegou nos últimos, nos quarenta e um dos últimos seis anos, a voz dele ficou mais devagar, e eu sabia por quê, e ele sabia que eu sabia, e eu toquei cada ponto sem tirar os olhos dele.

— Maren — disse ele, no fim. A irmã de Tobin. A que virou ferro acenando para a mãe.

Tobin, ao lado da forja, abaixou a cabeça.

— Esses são os guardiões que pagaram, em carne, pelas fraudes que atravessaram o Mercado nos últimos trezentos anos — disse Silvan. — Pelo Juramento que nós assinamos e que todas as cortes aqui presentes renovam, a cada sete anos, na sétima noite. — Ele olhou para os grupos de pé. Para Lorde Aurelio. Para os de Prata. — Eu não peço nada. Só queria que, uma vez, alguém os ouvisse pelo nome.

E se sentou.

O silêncio durou muito.

Quem quebrou foi a minha irmã. Ela se levantou do banco, do lado do príncipe, e disse, alto, com a voz de cartório:

— *Que este juramento só se desfaça pela mesma linha que o fez.*

Todo mundo se virou para ela.

— É a última linha da placa do Juramento — disse Rosa. — No pilar esquerdo do Portão da Lua. Em Brumavale. Eu passei por ela a vida inteira e nunca tinha lido até o mês passado. — Ela olhou para Silvan. Depois para mim. — Eu só queria que ela também fosse ouvida.

E se sentou de novo.

Eu fechei a capa. Com as mãos tremendo.

Lorde Corvin veio buscar o frasco à meia-noite.

Eu estava na beira do lago, longe da forja, com a caixa de madeira clara nos pés. Ele chegou sem máscara, dessa vez. Parou a um passo. Olhou para a caixa. Olhou para mim.

— Não está costurada — disse.

— Não.

Ele inclinou a cabeça. Esperou. Os de Prata sabem esperar.

— Eu não vou fazer, Lorde Corvin. — Peguei a caixa e estendi para ele. — São doze vidas de doze pessoas que nunca viveram o que está aí dentro. Eu não vou costurar as doze numa só para o senhor beber até o amanhecer e depois acordar com a cara molhada procurando o frasco nas almofadas.

Ele não pegou a caixa.

— Você sabe o que eu posso fazer.

— Sei.

— E ainda assim.

— E ainda assim. — Eu continuei com a caixa estendida. Os meus braços doíam. — O senhor me disse no baile que nunca amou ninguém por mais de uma estação. Que conhece o rosto de todo mundo e nenhum rosto muda. Eu acredito. Mas não é um sonho que o senhor quer, milorde. Um sonho acaba no amanhecer. O senhor quer alguém que continue lá de manhã. — Respirei. — Isso eu não sei costurar. Ninguém sabe.

Corvin ficou muito tempo olhando para mim. O rosto dele, sem máscara, era bonito do jeito de todos eles, difícil de olhar. E não mudou nada. Nem um músculo.

Depois pegou a caixa.

— Que pena — disse, baixinho. — Você seria uma espiã extraordinária.

— Eu sou costureira.

— É. — Ele ajeitou a caixa debaixo do braço. — É isso que é uma pena.

E foi embora pela margem, na direção do pavilhão de Prata, com doze vidas de amor tilintando debaixo do braço.

Eu não sabia o que ele ia fazer. Não sabia se ia contar, nem a quem, nem quando. Fiquei na beira do lago, de capa de lobo, com os braços vazios, sentindo aquele frio nas mãos que a gente sente quando para de segurar uma coisa que nunca devia ter segurado.

Quando me virei, Silvan estava a dez passos, na sombra de um pilar. Tinha visto tudo.

Não disse nada. Só esperou eu chegar perto.



Pela tradição, na noite da corte que a apresentou, a oferenda dorme sob o teto dessa corte. Eiran tinha me explicado no primeiro dia. Era a única noite do Festival em que eu não dormiria na Casa das Oferendas.

O teto da Corte de Ferro, naquela margem, era uma tenda de lona encerada atrás do pavilhão de correntes. A tenda de Silvan. Mabry tinha arrumado uma cama de campanha para mim num canto e outra para ele no outro canto, com um biombo de tapeçaria velha no meio, e tinha olhado para os dois com a cara de quem sabe exatamente para que servem biombos e exatamente quanto eles duram.

As cortes foram embora depois da uma. A forja apagou. Tobin e Corin foram dormir nas carroças. A margem ficou quieta, com as sete luas quase alinhadas sobre a torre, e a água do lago parada, refletindo todas.

Eu entrei na tenda primeiro. Tirei a capa de Garven, dobrei e pus em cima da arca, com o forro de pontos de prata para

cima. Fiquei olhando para ela.

Ouvi ele entrar atrás de mim.

— Você leu os cento e trinta e oito de cor — eu disse, sem me virar.

— Leio todas as noites.

— Todas as noites?

— Antes de dormir. — Uma pausa. — Faz quarenta anos.

Eu me virei.

Ele estava parado na entrada da tenda, com a lona caindo atrás dele. Tinha tirado o casaco. Estava de camisa, com a manga esquerda arregaçada, e o braço de veios e placas de ferro aparecia, frio, à luz da lamparina. O braço que, num sonho, tinha virado pele inteira. Ele não escondeu. Ficou parado, deixando eu olhar.

— A minha irmã disse a última linha da placa — eu falei. — Na frente de todo mundo.

— Disse.

— Eu não sabia que ela tinha lido.

— Ela lê tudo. — Ele quase… não. Ele não sorriu. — É de família.

Eu atravessei a tenda. Parei na frente dele. Perto. Perto como no vão da engrenagem, só que agora havia espaço, havia uma tenda inteira de espaço, e eu não usei nenhum.

— O biombo da Mabry — eu disse.

— Eu vi.

— Ela acha que não vai durar.

— A Mabry tem oitenta e um anos — disse ele, muito baixo. — Ela raramente erra.

Eu pus a mão no peito dele, em cima da camisa. Do lado direito. Depois, devagar, de propósito, passei para o esquerdo,

onde as placas de ferro começavam debaixo do pano, frias, e o coração batia por baixo delas, rápido, mais rápido que o meu.

— Eu ainda estou com raiva de você — eu disse.

— Eu sei.

— Um pouco menos.

— Eu percebi.

— E ainda sei que você esconde uma coisa. — Olhei para ele. — E estou escolhendo assim mesmo. Outra vez. De olho aberto.

Ele pôs a mão direita no meu rosto. Devagar, como quem pede.

— Então escolha devagar — disse. — Eu esperei uma vida inteira. Posso esperar o resto da noite.

Eu escolhi depressa.



Não houve nada de devagar no primeiro beijo daquela noite. Houve no resto.

Ele me beijou como na engrenagem e depois parou de beijar como na engrenagem, como se tivesse entendido que agora havia tempo, que não havia nenhuma humana cinzenta pingando óleo a um palmo da nossa cabeça. A boca dele desceu pelo meu queixo, pelo pescoço, e eu senti a respiração dele mudar quando encontrou o lugar debaixo da orelha que eu não sabia que existia. Eu agarrei a camisa dele com as duas mãos. Ele riu, baixinho, contra a minha pele. Era um riso que eu nunca tinha ouvido nele, baixo, sem defesa nenhuma, e foi ali, contra o meu pescoço, no escuro, e eu guardei aquele som num lugar onde ninguém nunca ia poder comprar.

Os laços do vestido de Ferro eram nas costas. Eu tinha feito assim de propósito, semanas antes, numa outra vida, por um

motivo que eu não quis admitir nem para mim mesma. Ele desfez um por um. Devagar. Com a mão direita. A esquerda ficou parada no ar outra vez, sem saber se podia, e outra vez eu peguei aquela mão e a pus na minha pele, nas minhas costas nuas, e ele prendeu a respiração quando os dedos de ferro encostaram.

— Está frio — disse ele, rouco.

— Eu sei.

— A senhora vai…

— Silvan. — Eu segurei o rosto dele. — Se você me chamar de *senhora* mais uma vez esta noite, eu vou embora pelo buraco da lona.

Ele ficou parado. Depois encostou a testa na minha.

— Aveline — disse.

Só isso. Meu nome. E ninguém nunca tinha dito o meu nome daquele jeito, como se fosse uma palavra difícil numa língua antiga, que ele tinha passado a vida inteira aprendendo a pronunciar.

Eu tirei a camisa dele. Vi o lado esquerdo inteiro, sem pano nenhum. As placas que eu tinha limado na forja, nas costas, e as do ombro, do cotovelo, das costelas, e os veios grossos subindo pelo pescoço, e a pele de carne que restava entre eles, branca, cheia de cicatrizes finas onde o ferro novo tinha crescido com borda áspera e alguém tinha limado sozinho, de noite, trinta anos de noites. Eu pus a boca numa dessas cicatrizes. Ele fez um som que não era palavra.

Ele me deitou na cama de campanha da Mabry, que rangeu de um jeito tão escandaloso que nós dois paramos, olhamos para ela, e rimos ao mesmo tempo, sem fôlego, como duas crianças pegas fazendo arte. E depois paramos de rir.

Ele me olhou como se o mundo inteiro tivesse ficado do lado de fora da lona.

Eu tinha passado a vida segurando tudo. A caixa de veludo, a conta do pão, a tosse da minha irmã, a cara certa para cada lorde, a mentira certa para cada fiscal. Até o meu corpo eu segurava: os ombros duros, a respiração contada, as mãos sempre ocupadas com alguma coisa. Naquela noite, debaixo da boca dele, eu senti tudo isso se soltar, ponto por ponto, como uma costura que alguém desfaz com cuidado, de uma ponta à outra, sem rasgar o pano. E não deu medo. Era uma coisa que eu queria sem fazer a conta do preço. E que não me cobrava nada.

Ele também se soltou. Eu senti o instante. Até ali ele me tocava como quem pede licença a cada palmo, a mão de ferro sempre um pouco suspensa, a respiração presa. Então eu disse o nome dele no ouvido dele, só o nome, e alguma coisa nele cedeu. Ele me puxou com as duas mãos, a de carne e a de ferro, sem perguntar ao mundo se podia, e me beijou como quem passou trinta anos de inverno do lado de fora e acabou de achar a porta aberta. Eu ri contra a boca dele, de surpresa e de vitória. Ele mordeu de leve o meu lábio para me calar. Eu parei de rir.

Há coisas daquela noite que não conto. São nossas. Mas vou contar que o ferro era frio e a pele era quente e eu aprendi as duas coisas com as mãos, com a boca, com o corpo inteiro, até não saber mais qual era qual. Que ele perguntava. Toda vez. Com a voz, ou com as mãos paradas, esperando. E toda vez eu dizia que sim.

E que, num momento, com a lamparina quase apagando e as sombras das luas passando na lona da tenda, ele me olhou, de cima, com o cabelo preto caindo na testa e os olhos de prata

tão abertos que eu via a luz da lamparina dentro deles, e disse, muito baixo, como quem confessa um crime:

— Não estava no sonho.

— O quê?

— Isto. — A mão dele, a de ferro, no meu rosto. Fria. Firme. — Não estava. Nada disto. — Ele engoliu. — É só nosso.

Eu puxei o rosto dele para baixo.



Acordei antes dele, perto do amanhecer.

O biombo da Mabry tinha caído em algum momento da noite. Ninguém lembrava quando. Estava deitado no chão da tenda, com a tapeçaria virada para baixo, e eu ri sozinha, baixinho, com a cara no ombro dele.

Ele dormia de lado, virado para mim, com o braço esquerdo, o de ferro, por cima da minha cintura. Pesado. Frio. Eu não tirei.

Fiquei olhando para ele dormir. O rosto sem a ruga entre as sobrancelhas, que eu achava que fazia parte dele. A boca um pouco aberta. Os cílios pretos. Uma faísca apagada, um fiapo de cinza da forja, preso no cabelo dele desde a noite anterior.

Tirei a cinza com cuidado. Ele não acordou.

E pensei, com o polegar puxando a linha vermelha nova no meu pulso, por hábito, que faltavam duas noites. Que na sexta a minha irmã ia falar diante da Tecelã. Que na sétima eu ia roubar a coisa mais vigiada de Sylvária. Que havia um lorde de Prata em algum lugar daquela margem, com doze vidas de amor debaixo do braço e um segredo meu na boca. Que havia uma linha vermelha minha enrolada numa engrenagem do Palácio. E que o homem que dormia do meu lado tinha uma

promessa assinada com a Tecelã, com cláusula de silêncio, que tinha alguma coisa a ver comigo.

Eu sabia tudo isso. Sabia o bastante para ter medo de todas as últimas páginas.

E, pela primeira vez na vida, eu não quis ler nenhuma.

Fechei os olhos. E dormi mais um pouco, embaixo do braço de ferro, até a luz do lago entrar pela lona.

CAPÍTULO VINTE E OITO

O Olho de Vidro



Mabry não disse nada sobre o biombo.

Ela entrou na tenda com duas tigelas de mingau quando a luz do lago já estava alta, viu a tapeçaria caída no chão, viu a cama de campanha do outro canto sem nenhuma dobra no lençol, viu a minha cara, e pôs as tigelas em cima da arca, ao lado da capa de Garven.

— Oitenta e um anos — disse, para ninguém. — Raramente erro.

E saiu.

Silvan já tinha ido. Tinha deixado, em cima do meu travesseiro, um pedaço de papel com a letra pequena e reta dele:

Fui ao Palácio, com os fiscais, ver o caminho da procissão. Volto antes da sexta noite. — S.

E embaixo, numa letra mais apertada, de quem acrescentou depois de pensar muito:

Continua não estando no sonho.

Eu li três vezes. Depois dobrei o bilhete e guardei no corpete, do lado de dentro, onde ninguém mete a mão sem eu sentir.

Comi o mingau sentada na cama. E, por hábito, tirei da maleta o relógio de Garven. O relógio de prata com a andorinha na tampa, que o meu pai tinha consertado duas vezes e que, desde a queda de um muro, não dava mais um passo. Eu dava corda nele todo dia desde o Forte. Três voltas. Ele nunca fazia barulho nenhum.

Abri a tampa de trás. A mola estava lá, enrolada, com a ponta de fora solta do pino, no lugar onde tinha saltado. Eu sabia disso desde a torre do Forte. Sabia o que estava quebrado. Só nunca tinha tido coragem. *Mola de relógio é como gente brava*, o meu pai dizia. *Morde quem chega sem respeito.*

Mas eu tinha visto, na véspera, uma máquina do tamanho de uma montanha segurar uma torre inteira com um escapo que balançava devagar, sem pressa, sem medo. E tinha dormido com a mão em cima de placas de ferro que ninguém tocava. Naquela manhã, eu estava com pouco medo de coisas que mordem.

Peguei a agulha mais fina do estojo, a de bordar seda. Encostei na ponta solta da mola. E empurrei, devagar, com respeito, o mínimo, um fio de cabelo de cada vez, até a ponta encostar no pino.

A mola mordeu. Abriu um risco no meu polegar, fino, que encheu de sangue. Eu não soltei a agulha.

A ponta entrou no pino. Fez um clique pequeno, de coisa que volta para casa.

Tique.

Eu prendi a respiração.

Taque.

O relógio de Garven, que o meu pai tinha consertado cantando a cantiga da lavadeira, que tinha voltado para casa e parado, que tinha passado anos no bolso de um homem que

não sabia consertá-lo e não queria jogá-lo fora, começou a andar no meu colo. Pequeno. Regular. Como o eco de uma máquina muito maior, debaixo de uma torre muito longe.

Acertei a hora aproximada pela sombra dos pilares de ferro na margem. Mais tarde, conferiria o relógio pela badalada do Fuso. Dei corda. Doze voltas, como o meu pai ensinava, nem uma a mais, que estraga a mola.

E chorei um pouco em cima do mingau, o que a Mabry, se tivesse visto, ia dizer que estragava o mingau.

O Cofre não gira. A torre gira em volta. Basta saber a hora.

Eu não sabia a hora. E tinha uma noite e um dia para descobrir.



Fui à Corte de Vidro porque a Corte de Vidro é a única de Sylvária que responde quando a gente pergunta.

Eu tinha aprendido isso também, entre as lições de etiqueta, mas só entendi naquela manhã. Nos salões de Vidro ninguém mente, e por isso, com o tempo, os de Vidro perderam o costume de esconder. Não contam tudo. Ninguém conta tudo. Mas, se alguém pergunta como uma coisa funciona, eles explicam. Sempre explicaram. Ninguém pergunta, só isso. Em Sylvária, perguntar é admitir que não se sabe, e nenhuma corte gosta de admitir.

Eu sou costureira de Brumavale. Admito que não sei as coisas o tempo inteiro.

O pavilhão de Vidro, de dia, era outra coisa. Com o sol batendo nas lâminas, ele soltava arco-íris por toda a margem, nos juncos, na água, nos pés de quem passava. Lá dentro, os auditores de Vidro trabalhavam em mesas compridas, de avental cinza-claro, com lupas presas na testa, conferindo

contratos para a Renovação. Ninguém falava. Só se ouvia o barulho de penas e de papel.

A senhora de cabelos brancos estava no fundo, numa mesa sozinha. A que tinha feito reverência para mim na noite de Vidro. A que tinha sido a primeira de outra corte a se sentar num banco de Ferro.

Ela me viu chegar e tirou a lupa da testa.

— A oferenda de Ferro — disse. A voz era fina e clara, como a música de dedos molhados nos copos. — A da capa com os nomes.

— Aveline Lark.

— Clarys. Mestra do Olho. — Ela não se levantou, mas indicou o banco do outro lado da mesa. — Sente-se. Você veio perguntar alguma coisa.

— Como a senhora sabe?

— Você está com cara de pergunta desde a noite de Vidro. — Ela cruzou as mãos em cima dos papéis. Eram mãos muito velhas, muito finas, e as unhas eram transparentes como o resto dela. — Pergunte.

Eu me sentei. E perguntei a coisa mais perigosa que eu podia perguntar, do jeito mais inocente que eu sabia.

— Como funciona o Olho de Vidro?



Mestra Clarys me olhou por um tempo.

Os olhos dela eram quase sem cor. Não cinzentos como os dos humanos que venderam tudo; transparentes, como água muito limpa num copo, com um anel prateado em volta. Eu tinha a sensação de que ela via através de mim, até o banco do outro lado.

— Faz trezentos anos que eu cuido do Olho — disse ela. — Em todo esse tempo, você é a terceira pessoa que me pergunta como ele funciona.

— Quem foram as outras duas?

— Uma foi uma oferenda, há duzentos anos. Uma menina de Calder. Queria saber se doía.

— Doía?

— Não. — Ela fez uma pausa. — O Olho não dói. O que vem antes dele, sim.

Eu não perguntei quem era a segunda. Ela também não disse.

Mestra Clarys se levantou. Era mais alta do que parecia sentada. Atravessou o pavilhão entre as mesas dos auditores, sem fazer barulho, e eu fui atrás. No fundo, atrás de uma lâmina de vidro mais grossa que as outras, havia uma mesa coberta com um pano cinza.

Ela tirou o pano.

O Olho de Vidro era uma lente.

Uma lente redonda, do tamanho de uma roda de carroça, grossa no meio e fina nas bordas, feita de um vidro tão antigo que já tinha ficado levemente amarelado, como as etiquetas dos frascos de quinhentos anos. Estava presa num aro de prata, com dois pinos de cada lado, e por ela, quando eu me inclinei, vi a margem do lago lá fora, os juncos, a água, a torre, tudo maior, tudo mais perto, tudo nítido de um jeito que dava vertigem.

Dov estava sentado no chão, ao lado da mesa, de pernas cruzadas, olhando para o Olho como quem olha uma fornalha acesa. Quando me viu, tirou a lousinha do bolso e escreveu:

EU AJUDEI A POLIR O ARO.

E sorriu. Eu nunca tinha visto Dov sorrir.

— O ferreiro tem mãos boas — disse Mestra Clarys. — Pedi que ele me ajudasse. Ele é da minha corte este ano, e o aro é de prata, não de ferro. — Ela passou o dedo pela borda do vidro. — O Olho foi feito no tempo do Pacto, para uma coisa só. Ver a origem.

— A origem de quê?

— Dos sonhos. Todo sonho verdadeiro sai de alguém. E, enquanto não é bebido, ele continua preso a esse alguém por um fio. Um fio que ninguém vê. — Ela tocou o centro da lente. — Pelo Olho, se vê.

— E na sétima noite…

— Na sétima noite, cada oferenda fica diante do Grande Tear e entrega o seu sonho. O sonho sai do peito da oferenda, como sai do peito de quem vende no Mercado, e entra num frasco novo, de vidro branco. E esse frasco passa diante do Olho. — Ela me olhou. — Se o fio do sonho for até a oferenda que o entregou, o Olho mostra o rosto da oferenda, na luz, em cima do Tear. Todos veem. A Tecelã aceita. A Escrivã assenta a cessão no livro do Tear. — Ela fez um gesto vago com a mão transparente. — A permanência das oferendas vai para outro livro, o do Anexo. Coisa de escrivão. Vidro confere os dois.

Eu não perguntei que Anexo era aquele. Estava pensando no rosto em cima do Tear. Só no dia seguinte eu ia entender que tinha deixado passar a frase mais importante da manhã.

— E se não for?

— Se a oferenda tentar entregar um sonho que não é dela. Um sonho comprado, ou trocado, ou um sonho de outra pessoa costurado para parecer seu. — A voz dela não mudou. — Então o Olho mostra outro rosto. O rosto de quem sonhou de verdade. Na frente de todas as cortes.

Eu senti as minhas mãos ficarem frias.

— Já aconteceu?

— Uma vez. Há trezentos anos. — Ela cobriu o centro da lente com a mão aberta. — Uma oferenda de Cobre tentou entregar um sonho que tinha comprado no Mercado, para não perder um dela. A Tecelã ficou muito ofendida.

— E o que aconteceu com ela?

Mestra Clarys tirou a mão do vidro.

— Ficou no Palácio — disse.

Não disse mais nada. E eu não perguntei, porque lembrei de uma mulher cinzenta de avental de couro, cantarolando sem melodia, pingando óleo numa engrenagem e dizendo *tanto faz*.

— E o Frasco Primeiro? — perguntei. Tentei que a voz saísse a mesma. Saiu. Eu minto bem até quando não estou mentindo. — O Olho olha o Frasco também?

— O Frasco não tem fio.

— Não?

— O sonho do Frasco Primeiro foi bebido. Ou cedido. Ou perdido. Ninguém sabe. Faz quinhentos anos que ninguém sabe. O que ficou dentro dele não é um sonho, é a borra de um sonho. A língua de onde os contratos nasceram. Não tem fio para ninguém. — Ela inclinou a cabeça. — Nós não submetemos o Frasco ao Olho. O Olho é para as cessões. Mesmo que alguém o pusesse diante da lente, não apareceria um rosto de origem: só a luz sem cor, presa no vidro verde.

Pelo Olho, o Frasco não entrega o rosto de dono nenhum.

Eu não respirei.

— Então como se sabe que é ele? — perguntei. — Que é o verdadeiro?

Mestra Clarys me olhou de um jeito que eu não soube ler.

— Pelo vidro. Verde-escuro, grosso, soprado à mão, cheio de bolhas pequenas, como só se soprava antes do Pacto. Pela rolha de cera preta, com o selo da primeira escrivã. Pela luz, que não tem cor e que se mexe devagar, como água de poço fundo quando alguém joga uma pedra lá embaixo. — Ela fez uma pausa. — E pelas mãos. A Escrivã tira o Frasco do Cofre, leva-o ao pedestal e o recolhe depois da Renovação. Há uma exceção à custódia: a Tecelã põe a mão sobre o vidro, no fim, para selar os Juramentos. Fora esse gesto da Rainha, ninguém mais toca no Frasco. A corrente de custódia atravessou quinhentos anos.

— Então o que garante que é ele são as mãos da Escrivã.

— E os olhos de quem está em volta. — Mestra Clarys sorriu, muito de leve. — A Escrivã é a única que o transporta e o recolhe. Enquanto ele descansa no pedestal, ela registra as cessões à mesa, a poucos passos. Cinco cortes inteiras ficam olhando para o Frasco durante uma hora. Ninguém consegue trocá-lo diante de cinco cortes inteiras.

— Uma hora?

— O tempo da Renovação. — Ela voltou a cobrir o Olho com o pano cinza. — A porta do Cofre fica na coluna do meio, a que não gira. O corredor da procissão só passa diante dela uma vez por dia, quando a torre gira, e fica diante dela o tempo de uma vela pequena. Uma hora, mais ou menos. A Escrivã tira o Frasco quando o corredor chega. Tem de devolvê-lo antes de o corredor passar. Se não devolver, a porta fica do outro lado da torre até a noite seguinte, e o Frasco passa um dia inteiro fora do Cofre. — Ela alisou o pano. — Isso nunca aconteceu. E o corredor não espera ninguém. Gira com a torre, cheio ou vazio. Depois da porta do Cofre, a ponta dele encosta em outras portas, por poucos minutos cada. Portas de serviço. Coisa de criado.

Eu não disse nada. Por dentro, eu fazia a conta, como o meu pai fazia com as engrenagens dos relógios: uma volta por dia, vinte e quatro horas, quinze graus por hora, uma porta de um palmo e meio de largura num eixo de… Não. Não importava a conta. Importava a hora.

— E quando o corredor chega na porta? — perguntei. — A que horas?

Mestra Clarys me olhou.

E eu vi, nos olhos sem cor dela, que ela sabia exatamente por que eu estava perguntando.

Ela podia ter calado. Era o direito dela. Calar é permitido, mesmo para quem não mente.

— Quando a sétima lua, a escura, a do anel, passa pelo meio da torre — disse ela. — À meia-noite do Fuso. O corredor chega à porta um pouco antes. A Escrivã entra quando ouve o sino. Sai com o Frasco quando o sino para. — Ela fez uma pausa. — O sino do Fuso toca doze vezes. É por ele que a Escrivã marca o começo da procissão.

E então disse uma coisa que eu ia demorar a entender.

— Você perguntou como funciona, Aveline Lark. Eu respondi. Em Vidro, nós achamos que quem pergunta tem o direito de saber. — Ela pôs a lupa de volta na testa. — Eu estarei lá amanhã. Se vir uma irregularidade, registrarei. Não lhe prometi silêncio. O que cada um faz com o que sabe é por conta de cada um. E das consequências.

— Por que a senhora está me dizendo isso?

— Porque você foi a única pessoa em trezentos anos que entrou num salão de Vidro vestida como é. — Ela voltou para a mesa dela. — E porque ontem, num banco de Ferro, eu ouvi cento e trinta e oito nomes que eu nunca tinha ouvido. — Ela se sentou e pegou a pena. — Faz trezentos anos que eu olho pelo

Olho. Nunca tinha pensado em quem paga pelos contratos que ele confirma.

Ela começou a escrever. Não olhou mais para mim.

Eu entendi que a conversa tinha terminado.

Dov, do chão, me olhou. Escreveu na lousinha. Virou para mim.

VOCÊ VAI FAZER ALGUMA COISA.

Não era pergunta. Eu não respondi. Ele apagou com a manga, escreveu de novo, e virou.

EU NÃO VI NADA.



Saí do pavilhão de Vidro com as pernas moles e a cabeça cheia de engrenagens.

Fui até a beira do lago, longe dos pavilhões, e me sentei num tronco caído entre os juncos, e fiz o que eu sempre faço quando preciso pensar direito: tirei do bolso da saia um pedaço de papel e um toco de carvão, e desenhei.

Não um vestido. Uma torre. Uma torre redonda, girando. Um eixo no meio. Uma porta no eixo. Um corredor que passa diante da porta uma vez por dia. Um sino que toca doze vezes. Uma Escrivã que entra quando o sino começa e sai quando o sino para. Um pedestal ao lado do Tear. Cinco oferendas em círculo, a menos de três passos do pedestal. Um Olho de Vidro do tamanho de uma roda de carroça, apontado para cada oferenda, uma de cada vez, enquanto o sonho dela sai do peito e entra num frasco branco. E o rosto da oferenda aparecendo em luz, enorme, em cima do Tear, e cinco cortes inteiras olhando para cima.

Olhando para cima.

Eu parei o carvão no papel.

Cinco cortes inteiras, olhando para ele durante uma hora, tinha dito Mestra Clarys. *Ninguém consegue trocar uma coisa diante de cinco cortes inteiras.*

Mas cinco cortes inteiras não olham para o Frasco durante uma hora. Ninguém olha para nada durante uma hora. Na hora da Renovação, as cortes olham para o que brilha. E o que brilha, na sétima noite, não é uma luz sem cor num vidro verde.

É o rosto de uma oferenda, em luz, em cima do Tear, enquanto ela perde o sonho que mais queria.

Cinco vezes. Cinco rostos. Cinco momentos em que ninguém, em cinco cortes inteiras, está olhando para o pedestal.

Eu fiquei olhando para o desenho por muito tempo.

E desenhei, em cima de um dos cinco rostos, um pequeno X. O meu.

Porque a única pessoa que pode estar a menos de três passos do Frasco Primeiro no instante em que todo mundo olha para cima é a oferenda cujo rosto está lá em cima. E para o meu rosto aparecer lá em cima, em luz, o sonho que eu entregasse tinha de ser verdadeiro. Meu. Com o fio indo até mim. Senão o Olho mostraria outro rosto, e eu ia ficar no Palácio, pingando óleo nas engrenagens, dizendo *tanto faz*.

Um sonho meu. Inteiro. Que eu ainda quisesse.

E havia a borra. A borra de quinhentos anos, na caixa de couro da minha maleta, que recuava da minha agulha como um bicho velho. Que tinha subido sozinha e se enrolado no relógio de Garven quando eu sonhei com a cantiga do meu pai. Que tinha se enrolado na fita de trança da Pim. Que só se mexia diante de coisas amadas, coisas verdadeiras. Eu tinha

escrito naquela noite, na biblioteca do Forte, e riscado: *a borra só vai aceitar um sonho verdadeiro meu*.

Duas coisas. Um sonho meu para o Olho. Um sonho meu para a borra.

E eu só tinha um sonho que valia isso.

Eu sabia qual era. Sabia desde a biblioteca. Sabia desde antes, desde os doze anos, desde as noites em que eu desenhava vestidos na margem dos contratos do cartório. Uma porta de madeira com o meu nome pintado em cima. Uma vitrine com um vestido de noiva. Uma mesa comprida, com tecido para todo lado, e luz entrando por uma janela grande, e gente entrando para encomendar, e ninguém, nunca, entrando para comprar um futuro.

Um ateliê honesto.

Eu dobrei o desenho. Guardei no bolso. E fiquei sentada no tronco, olhando para a água parada do lago, sem conseguir pensar em mais nada.

Ainda faltava escolher. Ainda faltava dizer a frase em voz alta, para mim mesma, com as palavras exatas que um escrivão escreveria numa etiqueta. Ainda faltava decidir se eu era capaz.

Mas saber o nome do preço não era o mesmo que aceitar pagá-lo. Eu conseguia desenhar a porta. Ainda não conseguia me ouvir assinar uma frase que a tiraria de todos os meus amanhãs. Pela primeira vez, a última página estava diante de mim e eu não tinha coragem de virá-la.

Quando voltei para a tenda de Ferro, no meio da tarde, havia um pajem de túnica amarela na porta.

Não o de sempre. Um mais velho, de cara séria, sem reverência funda.

— O Guardião das Oferendas pede que a oferenda de Ferro compareça ao jardim das colmeias — disse ele. — Agora.

— Agora? O Senhor de Ferro ainda não voltou do Palácio.

— O Guardião pede que a oferenda venha sozinha. — O pajem fez uma pausa. — Ele disse para dizer à senhorita que não é sobre abelhas.

Eu senti o chão mudar debaixo dos pés, como na noite em que o Fenn disse *doze*.

Puxei a linha vermelha nova do pulso, por hábito. E segui o pajem pela margem, na direção do pavilhão de Ouro, com um desenho de uma torre dobrado no bolso e um X em cima de um rosto.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

O Aviso



Eiran não estava trocando a água das colmeias.

Estava sentado no banco de pedra do meio do jardim, de túnica de festa, com as mãos limpas, sem terra nenhuma debaixo das unhas. Era a primeira vez que eu o via sem fazer nada. E em cima do banco, ao lado dele, em cima de um lenço branco dobrado, havia uma coisa pequena e vermelha.

Eu reconheci de longe. A gente reconhece as próprias coisas de longe.

O pajem me deixou na entrada do jardim e foi embora. As abelhas zumbiam. O sol de Ouro batia nos muros dourados. E eu atravessei o caminho de pedra até o banco, sem pressa, como se fosse uma visita qualquer, porque é assim que se anda até a forca quando se é de Brumavale.

— Sente-se, senhorita Lark — disse Eiran.

Eu me sentei na outra ponta do banco. A coisa vermelha ficou entre nós dois, em cima do lenço.

A minha linha. A linha de algodão vermelho, desbotada, com os dois nós velhos de sempre, e com um fio de cabelo cinza, fino, enrolado nela três vezes. Estava suja de graxa preta

numa ponta, e esticada, como se alguém a tivesse desenrolado com cuidado de um eixo.

— Os auditores de Vidro inspecionam a máquina do Fuso na véspera da Renovação — disse Eiran. — A cada sete anos. É a tradição. Hoje de manhã, a criada que lubrifica as engrenagens do salão de baixo achou isto enrolado num eixo. Entregou ao auditor que estava ao lado dela, porque é o que ela faz com tudo o que não é da máquina.

Eu não disse nada.

— Algodão humano. Tingido com raiz de garança, como se tinge em Brumavale. E um fio de cabelo humano, cinza. — Ele não olhava para mim. Olhava para as colmeias. — Os únicos humanos dentro do Palácio são os criados do Fuso. Os criados do Fuso não usam cor nenhuma. Dizem que preferem assim. Então quem deixou isto lá embaixo tinha cor e tinha cabelo cinza.

Eu pensei na mulher da engrenagem. Ele chamava de preferência a mesma falta de vontade que eu tinha visto no meu pai. Mas não era essa a conta que ele queria fazer.

— Ou tinha cor e andava com o cabelo cinza de alguém — eu disse.

Ele virou a cabeça e me olhou.

— Foi o que eu pensei, depois — disse. — Primeiro, eu pensei na sua irmã.

O meu coração parou.

— A senhorita Rosalind amarra as petições com uma fita assim — disse Eiran. — Vermelha, de cartório. E tem uma mecha cinza do lado esquerdo. Eu a chamei aqui hoje de manhã, antes da senhorita. Mostrei isto. Perguntei se era dela.

— E ela?

— Ela olhou para a linha durante muito tempo. — Ele fez uma pausa. — E disse: *Não é minha, Alteza.* E não disse mais nada. Nenhuma palavra. Eu perguntei de quem era. Ela ficou calada. Perguntei se ela sabia. Ela ficou calada. Ela não mentiu para mim, senhorita Lark. Eu percebi isso. Só não respondeu.

Calar é permitido.

Eu fechei os olhos por um segundo.

— E aí eu lembrei — disse Eiran — que, quando a senhorita chegou a Aurea, havia uma linha vermelha no seu pulso esquerdo. Velha, desbotada. Eu reparei porque achei bonito: uma humana se apresentando à Corte de Ouro de vestido cinza e com uma linha de algodão no pulso, sem nenhum ouro. — Ele olhou para o meu pulso. Para a linha nova, cor de lacre, com os dois nós apertados da minha irmã. — Ontem à noite, no pavilhão de Ferro, enquanto o Senhor de Ferro lia os nomes, a senhorita tocava os pontos da capa. E a linha do seu pulso era outra.

Eu não tirei a mão de cima do joelho. Não escondi o pulso. Não adiantava mais.

— A minha irmã amarrou essa ontem de manhã — eu disse. — Com a fita da petição dela. Porque eu tinha perdido a minha.

— No Palácio.

Eu não respondi.

Eiran assentiu, como quem confirma uma conta que não queria que fechasse.

— Há mais uma coisa — disse ele. — Na noite de Vidro, os dois soldados da porta da ilha deixaram o posto por quase uma hora. Receberam uma ordem escrita para comparecer ao pavilhão de Vidro. A ordem tinha um selo de Prata. — Ele me olhou. — Ninguém em Prata admite ter mandado. E os

soldados de Vidro registraram o selo que viram, com a descrição exata, antes de entregar a ordem aos auditores.

Eu senti a nuca gelar. *Eu queria tanto que fosse uma chance que preferi não perguntar se podia ser uma armadilha.*

— O selo pode ter sido falsificado — disse Eiran. — Os soldados registraram o que viram no papel, não a mão que deu a ordem. Mas alguém queria aquela porta aberta naquela noite. E queria ver quem passava por ela.



Ficamos um tempo sem falar. Uma abelha pousou no lenço branco, andou em volta da linha vermelha, e foi embora.

— Não foi só isto — disse Eiran, por fim. — Ontem à noite, depois que a senhorita devolveu uma caixa de frascos a Lorde Corvin na beira do lago, Lorde Corvin veio me procurar.

Eu senti o estômago descer.

— Ele me vendeu um segredo — continuou o príncipe. — Disse que a oferenda de Ferro é a falsificadora da banca da Viúva Odete, em Brumavale. A dos olhos trocados. Que o Senhor de Ferro sabia. E que eu, como Guardião das Oferendas, ia querer saber antes de todo mundo.

— E o senhor comprou.

— Comprei.

— Com o quê?

Ele demorou.

— Com uma emenda da minha lei. — A voz dele estava muito calma. — A Lei das Três Vendas tinha uma cláusula que proibia as cortes de comprar sonhos de cartório pelas adegas sem passar pelo Mercado. Prata compra assim há duzentos anos. Retirei a cláusula da proposta hoje de manhã. Em troca,

Corvin me deu o segredo. E prometeu não dizê-lo a mais ninguém.

— Ele vai cumprir?

— Acredito que vá. Em Prata, segredo vendido não se vende duas vezes. Perde o valor. — Eiran olhou para as mãos limpas. — Mas não posso garantir que ele não tenha contado antes, nem que outra pessoa não saiba. Comprei o silêncio que ele podia me oferecer, senhorita Lark. Não comprei certeza. O segredo agora é meu. Eu paguei por ele com uma parte da única lei que eu consegui escrever em sete anos.

Eu olhei para ele. Para o príncipe de Ouro, de túnica de festa, sentado num banco de pedra no meio das colmeias que ele mesmo cuidava, sem nenhuma terra debaixo das unhas.

— Por quê? — perguntei. — Por que comprar? O senhor podia ter deixado ele contar. Podia ter me entregado à Tecelã hoje de manhã, com esta linha no lenço. Ninguém ia achar ruim. O senhor seria o Guardião que descobriu a falsificadora.

— E a sua irmã teria a audiência cancelada — disse ele. — E a petição dela morreria. E a minha lei também, porque fui eu que trouxe a senhorita Rosalind até aqui. E o Senhor de Ferro seria julgado diante das cortes, e a Corte de Ferro seria repartida entre Prata e Cobre, como quase foi há trinta anos. — Ele balançou a cabeça. — Eu não comprei o segredo para usar, senhorita Lark. Comprei para ninguém usar.



Eu não esperava aquilo. Eu esperava a forca, e ele estava me dando uma coisa que eu não sabia o nome.

— Então por que me chamou?

— Porque eu não posso deixar a senhorita fazer o que veio fazer.

Ele disse aquilo sem levantar a voz. Do jeito que tinha dito *a senhorita tem razão*, três dias antes, naquele mesmo jardim.

— Eu não sei exatamente o que é — continuou. — Não quero saber. Uma falsificadora de sonhos, apresentada como oferenda pelo fiscal-mor do Mercado, descendo escondida às engrenagens do Fuso dois dias antes da Renovação dos Juramentos. Eu não preciso de mais um fio para saber para onde a linha vai. — Ele me olhou. — A senhorita veio tocar no Frasco Primeiro.

Eu não respondi. Ali não era Vidro. Eu podia ter mentido. Podia ter dito *não, Alteza, eu me perdi procurando a cozinha*, e ele ia saber que era mentira, e ia fingir que não sabia, porque era educado.

Fiquei calada.

— Faz quinhentos anos que aquele frasco não sai do Cofre a não ser por uma hora a cada sete anos — disse Eiran. — Ninguém sabe direito o que ele é. Ninguém sabe o que acontece se ele sumir. Os contratos do Mercado nasceram dele. Talvez continuem valendo. Talvez não. Talvez cada venda de sonho dos últimos quinhentos anos se desfaça de uma vez. Talvez nenhuma. Talvez a Tecelã adoeça. Talvez as cortes acordem no dia seguinte sem nenhum pacto entre elas. — A voz dele baixou. — A senhorita sabe o que havia antes do Pacto.

— A Guerra dos Berços.

— A Guerra dos Berços. Feéricos levando crianças. Humanos queimando bosques com ferro. — Ele olhou para as colmeias. — Eu nasci no último ano dela. A minha mãe me escondeu num celeiro de trigo durante um incêndio. Eu ainda sinto o cheiro quando sonho… — Ele parou. Sorriu, triste. — Quando eu *lembro*. Nós não sonhamos. Eu esqueço.

Fiquei calada.

— Eu sei o que eu sou, senhorita Lark — disse ele. — Sou o homem que tenta consertar a casa sem derrubar a parede onde ela se apoia. É lento. É covarde, às vezes. A senhorita me mostrou isso há três dias, com as oferendas, e tinha razão. Mas eu não vou deixar ninguém derrubar a parede com todo mundo dentro. Nem a senhorita. Nem por um bom motivo.

— O que o senhor fez?

Ele não desviou os olhos.

— Hoje de manhã, depois de falar com a sua irmã, fui ao Palácio falar com a Escrivã do Fuso e com a Mestra do Olho. Não disse o seu nome. Não disse o nome de ninguém. Disse que havia um risco. Que alguém podia tentar alguma coisa na Renovação. Que eu, como Guardião das Oferendas, pedia que tomassem cuidado.

— E elas?

— A Escrivã vai sair do Cofre com dois auditores de Vidro, um de cada lado. — Ele falou devagar, como quem quer que eu decore. — Durante a hora inteira da Renovação, os dois vão ficar de pé ao lado do pedestal, de costas para o Grande Tear. Olhando só para o Frasco. Não vão olhar para as oferendas, nem para o Olho, nem para os rostos em cima do Tear. Só para o Frasco. A hora inteira.

De costas para o Tear.

Olhando só para o pedestal.

Eu senti o desenho dobrado no meu bolso, com o X em cima de um rosto, virar papel à toa. Cinco momentos em que ninguém, em cinco cortes inteiras, está olhando para o pedestal. Agora havia dois que estavam. Dois auditores de Vidro treinados para vigiar provas, de costas para o espetáculo,

olhando para a única coisa que eu precisava que ninguém olhasse.

— A senhorita entende por que eu estou dizendo isso — disse Eiran.

— Para eu desistir.

— Para a senhorita saber. — Ele se inclinou para a frente, com os cotovelos nos joelhos. — Eu não vou mentir para a senhorita, nem esconder o que eu fiz. Esconder foi o meu erro com as oferendas, e com a sua irmã, e eu não quero repetir. Agora a senhorita sabe exatamente o que vai encontrar. E pode escolher sabendo.

Eu olhei para ele por muito tempo.

Era a mesma coisa que eu tinha dito para a Lissa. Que a minha irmã tinha dito para mim. *Ninguém vai poder dizer que escolheu por você.* E agora o príncipe de Ouro estava me dando aquilo, de presente, embrulhado no aviso mais perigoso que eu já tinha recebido.

— O senhor é a melhor pessoa desta margem, Alteza — eu disse.

Ele piscou. Não esperava.

— E amanhã — continuei —, cinco pessoas vão ficar diante do Grande Tear e perder o sonho que mais querem, na frente de todo mundo, para manter uma parede de pé. Uma delas tem dezesseis anos e veio por um dote. Uma tem oitenta e três e veio ver as luas. E o senhor vai estar lá, de túnica de festa. E vai aplaudir.

Eiran não respondeu logo.

— Vou — disse, por fim. Não abaixou os olhos. — Vou estar lá. E vou aplaudir. E vou voltar para Aurea e passar mais sete anos tentando que a Tecelã aceite sonhos pequenos. — Uma pausa. — É o que eu sei fazer.

— Eu sei — eu disse. — É por isso que o senhor é a melhor pessoa desta margem. E é por isso que não basta.



Ele dobrou o lenço branco com a minha linha dentro. Devagar. Em quatro. E estendeu para mim.

Eu fiquei olhando.

— É sua — disse ele.

— É uma prova.

— É uma linha de algodão com um fio de cabelo da sua irmã. — Ele continuou com a mão estendida. — Os auditores de Vidro me entregaram porque achei que era de uma convidada de Ouro, e porque eu disse que era assunto meu. Eles não mentem, mas também não perguntam o que não precisam saber. — Uma pausa. — A prova eu já tenho. Está aqui. — Ele bateu com o dedo na têmpora. — Isto aqui é seu.

Eu peguei o lenço. Estava morno do sol.

— A carruagem continua de pé — disse Eiran, levantando-se. — Esta noite, depois da audiência da sua irmã. Ou amanhã de manhã. Com ela, se ela quiser. Ninguém vai perguntar por quê. Eu garanto a passagem pelo Portão.

— E se eu não for?

Ele ajeitou a túnica de festa. Olhou para as colmeias. E disse uma coisa que eu ia lembrar na sétima noite, no pior momento, quando eu menos esperasse lembrar.

— Então, na sétima noite, eu vou estar onde o Guardião das Oferendas deve estar. Ao lado das oferendas. — Ele me olhou. — De todas elas.

E foi embora pelo caminho de pedra, sem olhar para trás, com as mãos limpas balançando ao lado do corpo.



Silvan voltou do Palácio pouco antes do pôr do sol.

Eu estava esperando na margem, na frente do pavilhão de correntes, com o lenço dobrado no bolso. Vi ele chegar pela ponte, de preto, entre os fiscais de Ferro, e vi pela cara dele, a vinte passos, que ele sabia.

Ele parou na minha frente.

— Eu estava lá quando ela achou — disse, antes que eu falasse. — A criada do óleo. No salão de baixo. Tirou a linha do eixo com dois dedos, sem pressa, e entregou ao auditor de Vidro, como quem entrega um parafuso que sobrou. Ele ergueu contra a luz. — Ele fechou a mão esquerda. — E eu fiquei parado. Não disse nada. Não podia dizer nada sem dizer tudo.

— O Eiran sabe — eu disse.

— Imaginei.

— O Corvin vendeu para ele. Ontem à noite. Ele comprou com uma emenda da lei dele. Para ninguém usar.

Silvan ficou quieto. Eu vi a notícia atravessar a cara dele, devagar, e virar uma coisa complicada. Não gostava de dever nada a Eiran. Já devia vinte carroças de carvão. Agora devia isto.

— E os auditores — continuei. — Dois, ao lado do pedestal, de costas para o Tear. A hora inteira. Só olhando para o Frasco.

— Eu sei. Vi a ordem da Escrivã antes de sair. — Ele olhou para a torre, do outro lado do lago. As sete luas já começavam a subir, quase em fila. — Foi o Eiran.

— Foi. E me contou. Ele mesmo. Na minha cara.

— Ele é decente. — Silvan disse aquilo como quem cospe uma pedra. — Eu disse que era a única coisa de que eu tinha

certeza.

Ficamos lado a lado, olhando a torre.

— Era um bom plano — eu disse. — O do X em cima do rosto. Todo mundo olhando para cima.

— Era.

— Não serve mais.

— Não.

Eu tirei o lenço do bolso. Desdobrei. Mostrei para ele a linha velha, suja de graxa, com o fio cinza da minha irmã enrolado três vezes. Ele olhou para ela e depois para o meu pulso, para a linha nova cor de lacre.

— A Rosa disse ao Eiran que não era dela — eu contei. — E não disse mais nada. Ficou calada. Por mim.

Silvan olhou para mim.

— A sua irmã também sabe calar — disse.

— É de família. — Eu dobrei o lenço de novo. — Silvan. Se eu desistir agora, eu vou para casa numa carruagem de Ouro com ela, amanhã de manhã. E você volta para o Forte com a Corte de Ferro inteira. E o Eiran guarda o segredo para sempre. E ninguém se machuca.

— Ninguém mais — disse ele.

— Ninguém mais. — Eu concordei. — Fora os cento e trinta e oito. E os próximos.

Ele não respondeu.

— A Mestra Clarys me disse uma coisa hoje de manhã — eu falei. — Que quem pergunta tem o direito de saber. E que o que cada um faz com o que sabe é por conta de cada um. E das consequências. — Olhei para a torre. — O Eiran me deu a mesma coisa. Me disse tudo. Para eu escolher sabendo.

— E a senhora escolheu.

Não era pergunta.

— Eu escolhi no capítulo um — eu disse. — Só estou relendo.

Silvan olhou para mim, sem entender a frase, e depois entendendo. E a ruga entre as sobrancelhas, que tinha sumido de manhã, dormindo, voltou inteira.

— Então precisamos de outro plano — disse ele.

— Precisamos. — Eu guardei o lenço. — E precisamos de uma coisa que eu ainda não sei qual é, para fazer dois auditores de Vidro, treinados para não piscar diante de uma prova, desviarem os olhos de um frasco durante o tempo de um suspiro.

Atrás de nós, do outro lado do lago, o sino do Fuso tocou uma vez, chamando as cortes para a sexta noite. A noite das audiências. A noite da minha irmã.

Eu puxei a linha cor de lacre no pulso. Por hábito.

E fomos.

CAPÍTULO TRINTA

Sexta Lua



Atravessamos a ponte em procissão, as cinco cortes e as cinco oferendas, quando o sino do Fuso parou de tocar.

Eu tinha andado por baixo daquela ponte, descalça, duas noites antes. Agora andava por cima, de sapatos, um cinza e um azul, com o vestido cinza e, por cima, o xale azul da minha mãe. Para as noites do Palácio eu não tinha feito nada. Não precisava. *Leva o xale azul*, o meu pai tinha dito, sem saber por quê. *Do lado de lá venta.* Por baixo das tábuas de pedra branca, eu sabia, havia vigas escuras e um caminho de ladrão. Ninguém mais naquela procissão sabia. Eu senti uma coisa pequena e feia de orgulho, e me envergonhei, e continuei andando.

Os sete soldados de Vidro estavam em seus lugares. Os dois da porta também.

A porta da ilha se abriu. E nós entramos no Palácio do Fuso.



Eu tinha visto o coração da torre. Não tinha visto a cara.

Por dentro, o Palácio era uma escada. Uma escada larga, de mármore branco, que subia em espiral encostada na parede redonda, e no meio da espiral, um vazio enorme, um poço de ar e de luz, até o teto lá no alto, tão alto que parecia outro céu. Nas paredes, janelas compridas. E por cada janela, uma paisagem diferente: numa, o lago com os pavilhões; na seguinte, os campos de trigo de Aurea; na outra, montanhas espelhadas que eu nunca tinha visto; na outra, o desfiladeiro vermelho do Forte Ferrugem, longe, minúsculo, com as torres tortas. E as paisagens mudavam devagar, enquanto a gente subia, porque a torre girava.

Eu sentia o giro nos pés. Um tremor leve, regular, que vinha lá de baixo. *Tique. Taque.* Ninguém mais parecia sentir.

No meio da subida, num patamar, encostado na parede, havia um disco de bronze do tamanho de uma mesa, com um ponteiro só. Em volta, sete arcos gravados, cada qual com o desenho de uma porta do salão de cima. O arco da porta da procissão era dividido em riscos miúdos, um para cada minuto de passagem; terminava três riscos antes da marca de uma hora. Ninguém olhava para ele. Era coisa de serviço. Um mostrador de conferência, como os que o meu pai pregava atrás dos relógios de torre para ver se andavam certo. O mostrador que eu não tinha achado na máquina estava ali, à vista de todo mundo, onde ninguém olha.

Parei um instante, fingindo ajeitar o sapato azul. Tirei do bolso o relógio de Garven. Olhei o ponteiro de bronze; olhei o meu. E fiz a conta que o meu pai me ensinou a fazer de cabeça, contando dentes de engrenagens que eu não via.

O arco da porta da procissão começava na meia-noite, como a Mestra Clarys tinha dito. Contei os riscos duas vezes.

Cinquenta e sete. E o ponteiro de bronze, contra o relógio do meu pai, andava no passo de um risco por minuto.

Cinquenta e sete minutos. Três minutos a menos que a hora de que todo mundo falava. Três minutos que os convidados não contavam, porque para eles a hora da cerimônia era a hora anunciada pelo sino, não a que estava escondida nas marcas de serviço.

Guardei o relógio e continuei subindo.

No alto da escada, uma porta de madeira escura, do tamanho de três homens. E atrás dela, o salão do Grande Tear.

Era redondo como tudo no Fuso. O chão era de pedra preta, polida até virar espelho, e refletia o teto, que era uma cúpula de vidro com as sete luas lá em cima, quase em fila, vistas tão de perto que dava para ver as manchas na superfície de cada uma. Em volta do salão, encostados na parede, bancos de pedra em degraus, como num teatro, onde as cortes se sentavam, cada uma no seu lado. Ouro a leste, Prata a nordeste, Vidro a noroeste, Cobre a oeste. Ferro perto da porta. Como sempre.

E no centro do salão, o Tear.

Eu não sei como descrever o Grande Tear de um jeito que alguém que não viu acredite. Era um tear como o da Marisol, como o de qualquer tecelã de Brumavale: duas traves, uma em cima e uma embaixo, e os fios esticados entre elas. Só que era do tamanho de uma casa, e as traves eram de um metal que não era ouro nem prata, e os fios eram de luz. Fios finíssimos de luz, de todas as cores, âmbar e rosa e azul-claro e verde-garrafa e cor de pão, descendo do alto da cúpula, de algum lugar que eu não via, aos milhares, e entrando no Tear, e virando um pano.

Um pano de luz. Que crescia devagar, linha por linha, e descia pela trave de baixo, e se dobrava no chão de pedra preta, e se espalhava em volta do Tear como uma cauda de vestido de noiva que não acabava nunca.

Eu levei um tempo para entender o que eram os fios.

O fio da Rainha. Depois que um sonho vendido entra no frasco, e antes de o frasco seguir para o comprador, o escrivão de Cobre corta com uma tesoura de prata um fio de luz. O tributo da Tecelã. Eu tinha visto aquilo mil vezes no Mercado, na mesa de Cobre. Um fio fino, de um palmo, que sumia no ar quando a tesoura cortava. Eu nunca tinha pensado para onde ia.

Vinha para cá. Todos. De todas as vendas, de todas as mesas, de todos os cartórios, de toda a fronteira. Desciam do teto e entravam no Tear e viravam pano.

Ao lado do Tear, a três passos, havia um pedestal de pedra branca, baixo, vazio. Do outro lado, a três passos também, um suporte de prata com uma lente redonda do tamanho de uma roda de carroça, coberta com um pano cinza. O Olho.

E sentada diante do Tear, de costas para nós, com as mãos indo e vindo entre os fios de luz, havia uma mulher.

Ela se virou quando a última corte se sentou.

Eu esperava uma coisa terrível. Não sei o quê. Uma rainha de pedra, uma bruxa de conto, uma beleza que doesse. Ela era só uma mulher. De vestido simples, cor de linho cru, com as mangas arregaçadas como as de uma tecelã que trabalha, e as mãos um pouco vermelhas de fio. E o rosto…

O rosto mudava.

Não de repente. Não como uma máscara caindo. Mudava como muda a água de um rio quando a gente olha: você olha, e é um rosto; pisca, e é outro; e não houve um instante em que um virou o outro. Era uma senhora de cabelo branco preso num coque. Era uma mulher de quarenta anos, morena, com uma ruga funda entre as sobrancelhas. Era uma menina de rosto redondo e sardento. Era uma mulher que parecia a minha mãe, e eu parei de respirar, e pisquei, e não era mais.

— Bem-vindos à sexta noite — disse a Tecelã.

A voz não mudava. Era sempre a mesma. Calma, baixa, quente, como a voz de alguém que acabou de pôr uma criança para dormir e não quer acordá-la.

— É a noite em que eu escuto — disse ela. — Amanhã, eu falo. Hoje, quem tiver algo a me pedir, peça.

Eu olhei para o rosto dela outra vez. Uma senhora. Uma mulher magra de olhos fundos. Uma moça.

Uma moça muito magra, de rosto sujo, com o cabelo grudado na testa e os lábios rachados, olhando para alguma coisa que não estava ali. Com fome. Uma fome tão antiga que tinha virado parte do rosto.

Eu já tinha visto aquele rosto.

Nas adegas de Moedeira. Quando eu toquei a borra de quinhentos anos com a ponta da agulha, e a borra recuou, e por um instante eu vi uma moça faminta, num chão de terra, dizendo *sim* diante de um pão.

Pisquei. A Tecelã era uma senhora de coque outra vez, sorrindo para o salão.

Ao meu lado, Silvan ficou rígido. Eu não sei se ele viu. Não perguntei. Guardei a moça faminta no lugar das coisas de amanhã, e a mão de Silvan encostou na minha, embaixo do xale, um segundo, e foi embora.



Os criados do Fuso entraram com as jarras de água.

Eram humanos. Todos. Uma fila deles, homens e mulheres, velhos e menos velhos, de lã cinza e avental de couro, carregando jarras de prata e bandejas de taças, andando entre os degraus das cortes, servindo água sem dizer nada. Andavam devagar e sem barulho. Serviam sem errar uma gota.

E eram cinzentos.

Todos. A pele, o cabelo, os olhos. Cor de água de lavar louça. Cor do meu pai. Eu contei: vinte e três. Vinte e três humanos cinzentos, servindo água às cortes de Sylvária no salão da Grã-Rainha, e nenhum feérico olhava para eles. Não por crueldade. Do jeito que ninguém olha para uma cadeira.

Eu vi a mulher da engrenagem. A velha da lata de óleo, agora com uma jarra de prata na mão. Ela passou pelo banco das oferendas e serviu água a Lissa, que agradeceu, e a mulher não respondeu.

Do meu outro lado, Ancel parou de respirar.

Eu senti. Ele estava sentado ao meu lado, com a bengala entre os joelhos, o poeta de oitenta e três anos que tinha vindo ver as sete luas. E quando a mulher da jarra passou na frente dele, ele ficou completamente parado. Depois a mão dele, a de pele fina e manchada, apertou a bengala até os nós dos dedos ficarem brancos.

A mulher apoiou a jarra com o polegar esquerdo dobrado para dentro da palma, um gesto desajeitado que parecia antigo. Ancel apertou a bengala.

— Wenna — disse ele.

Baixinho. Quase sem voz.

A mulher parou. Virou o rosto cinzento para ele, devagar. Olhou para ele com olhos de água de lavar louça.

— Água, senhor?

Ancel não respondeu. Ela encheu a taça dele, com cuidado perfeito, sem errar uma gota. E seguiu, na fila, para a próxima oferenda.

— Wenna — repetiu Ancel, mais baixo ainda, para ninguém.

Eu peguei a mão dele. Ele deixou.

— Quem é ela? — sussurrei.

Ele demorou muito. A bengala tremia entre os joelhos dele.

— Wenna Hale, de Calder — disse, sem olhar para mim. Olhava para as costas cinzentas da mulher, que se afastava. — Oferenda da Corte de Prata, há sessenta e três anos. Tinha vinte anos. Ia casar comigo na primavera. — Ele engoliu. — Disseram à mãe dela que ela tinha ficado na corte. Com honras. Convidada do Fuso, até a Renovação seguinte. Depois, que tinha preferido ficar. Que estava feliz. Que mandava lembranças. — A voz dele falhou. — Eu esperei sete anos. Depois esperei mais. Depois me casei com outra, e enterrei a outra, e fiquei velho. E quando o príncipe de Prata me convidou para ser oferenda, eu perguntei onde estava a conta. E perguntei, também, se ela ainda estava aqui.

— Eles disseram?

— Disseram que todas as oferendas antigas ficam no Palácio, como convidadas. — Ele riu, um riso sem nada dentro. — Convidadas.

Eu olhei para a fila de lã cinza. Vinte e três. Vinte e três convidadas.

Ficou no Palácio, Mestra Clarys tinha dito, sobre a oferenda de Cobre que tentou enganar o Olho. E eu tinha achado que era um castigo.

Talvez não fosse castigo. Talvez fosse o destino comum das que ficavam. Eu ainda não sabia quantas tinham conseguido sair.

Não sei como a Tecelã tirava o resto. Não sei se era uma cláusula, se era a hospitalidade, se era o tempo. Não sei se pedia um sonho por lua, ou se eles mesmos davam, um por um, até não sobrar nada para dar e ninguém lembrar mais de querer ir embora. Eu não sabia. Só sabia que uma oferenda entrava no Fuso com um sonho a menos, e que sessenta e três anos depois servia água às cortes sem reconhecer o homem com quem ia se casar.

E que, na noite seguinte, a Lissa ia entrar.

E a Tamsin. E o Dov. E o Ancel, que tinha vindo procurar a noiva e ia ficar com ela, do jeito que ela estava agora.

E eu.

Do outro lado do salão, no banco de Ouro, Eiran olhava para a fila de criados com uma expressão que eu não consegui ler. Não sei se ele sabia. Não sei se tinha se perguntado. *Ninguém pergunta o que acontece depois.* Eu tinha achado que isso era uma frase. Era um modo de vida.

Antes das audiências, a Escrivã do Fuso chamou as oferendas.

Era uma feérica alta, de cabelo preto preso numa trança que ia até o chão, com uma tesoura de prata pendurada no cinto. Tinha dois livros na mesa ao lado do Tear: um grande, de capa de couro escuro, e um mais fino, de capa cinza. Abriu o cinza. E leu os nossos nomes, um por um, sem levantar os olhos. Cada um de nós se levantou do banco ao ouvir o seu.

— Tamsin, de Valmora. Oferenda da Corte de Ouro, sob a hospitalidade do Fuso, conforme o Anexo.

— Ancel, de Calder. Oferenda da Corte de Prata, sob a hospitalidade do Fuso, conforme o Anexo.

— Dov, ferreiro. Oferenda da Corte de Vidro, sob a hospitalidade do Fuso, conforme o Anexo.

— Lissa, de Brumavale. Oferenda da Corte de Cobre, sob a hospitalidade do Fuso, conforme o Anexo.

— Aveline Lark, de Brumavale. Oferenda da Corte de Ferro.

E fechou o livro.

Houve um murmúrio pequeno no banco de Cobre, como o de alguém que acha um erro numa conta. A Escrivã não levantou os olhos. Eu notei a diferença do jeito que se nota um ponto que falta numa bainha, sem saber ainda o que ela ia desmanchar. Guardei.

Depois ela abriu o livro grande. E as audiências começaram.

A Escrivã lia o nome de cada peticionário, e o peticionário descia até o meio do salão, e falava, enquanto uma vela pequena queimava num castiçal ao lado do Tear. Quando a vela apagava, acabava. A Tecelã ouvia, com as mãos no colo, os rostos mudando, e não dizia nada. No fim de cada uma, só inclinava a cabeça.

Um lorde de Cobre pediu que a taxa sobre os sonhos de viagem fosse reduzida. Uma dama de Prata pediu a guarda de um lago que outra dama de Prata também queria. Um velho de Vidro pediu que um espelho antigo fosse devolvido à família dele. Eu não ouvi quase nada. Ouvia o tique-taque debaixo dos pés, e via vinte e três costas cinzentas, e esperava.

Até que a Escrivã leu:

— Rosalind Lark, de Brumavale. Humana. Peticionária pela graça do Guardião das Oferendas. Sob a hospitalidade do Fuso

até que a sua petição seja decidida.

Eu fiquei gelada.

Sob a hospitalidade do Fuso.

A mesma frase que a Escrivã tinha lido no livro cinza, uma hora antes. Quatro vezes. Não cinco.

A minha irmã desceu os degraus do banco de Ouro com a pasta debaixo do braço. De vestido amarelo emprestado, passado agora, com a trança refeita e, por milagre, reta. A mecha cinza aparecia no meio do cabelo castanho. Ela não olhou para mim. Desceu, atravessou o chão de pedra preta, que refletia os pés dela, e parou no meio do salão, na frente do Tear, na frente da mulher cujo rosto mudava.

E fez uma reverência de Ouro. Perfeita. Palma para cima.

Alguém tinha ensinado a ela. O Eiran, ou a Hollis, ou ninguém. Talvez ela tivesse aprendido sozinha, olhando. Ela aprende tudo olhando.

A Escrivã acendeu a vela.

Rosa não abriu a pasta.

Eu esperava que ela lesse. As catorze páginas, cheias de setas e emendas. Ela não leu. Deixou a pasta fechada debaixo do braço e falou de cor, olhando para a Tecelã, com a voz de cartório.

Falou da magia que obedece ao que está escrito. Do contrato que vale mesmo que a pessoa não entenda tudo. Das viúvas que vendem numa noite de lua e acordam no dia seguinte com a sensação de ter esquecido alguma coisa. Dos cartórios com licença de banco, que mandam os frascos para as adegas antes que a pessoa tenha tempo de chorar. Não falou de Hanna. Não falou do Teo. Mas eu sabia que ela tinha ouvido falar, em

Brumavale, porque todo mundo lá sabia da viúva do moinho, e eu vi a Hanna em cada frase.

E então disse a frase. A única. A da folha de cima.

— *Toda proposta de venda de sonho ficará sete dias em reserva, sem transferência de possibilidade nem corte do fio. O comprador poderá adiantar o preço. A cessão só valerá com nova assinatura do vendedor ao fim do prazo; na desistência, devolve-se apenas o adiantamento, sem juros.* — Ela fez uma pausa. — Peço que Vossa Majestade inclua esta cláusula em todos os contratos do Mercado, na Renovação de amanhã. É só isso. Uma cláusula. A magia vai obedecer. Não custa nada a ninguém, a não ser a pressa.

A vela estava na metade.

O salão estava em silêncio. Eu olhei para os bancos. Os de Cobre se mexiam, inquietos, porque a pressa era exatamente o que fazia o dinheiro deles. Os de Prata sorriam atrás das mãos. Os de Vidro escutavam, imóveis. Os de Ouro olhavam para Eiran.

A Tecelã inclinou a cabeça. Era uma senhora de coque. Era uma mulher morena. Era uma menina sardenta.

— E quem devolve o adiantamento, menina? — perguntou ela, com a voz quente. — Se a vendedora já o gastou em xarope?

Eu senti aquilo no estômago. *Xarope.* Ela sabia. Ela sabia de onde a minha irmã vinha, do que a minha irmã tinha vendido, para que tinha vendido.

Rosa não piscou.

— Às vezes, ninguém, Majestade. E então ela assina, como assinaria hoje. Sete dias não curam a fome. Mas, se o dinheiro ainda existir, ou se alguém a ajudar a devolvê-lo, ela poderá

desistir antes de perder o futuro. Hoje essa escolha acaba no instante da primeira assinatura.

A Tecelã ficou olhando para a minha irmã por muito tempo.

E os rostos dela pararam de mudar.

Por um instante, só por um instante, ficou um rosto só. Eu não sei qual era. Estava longe. Mas era um rosto que olhava para a minha irmã com uma coisa que não era bondade nem maldade. Era interesse. O interesse de uma tecelã que acha, no meio de um monte de linha embolada, um fio de uma cor que nunca viu.

— Que cabeça organizada — disse a Tecelã, baixinho. — Você lê contratos como quem lê a palma de uma mão.

— Leio, Majestade.

— Leu o seu?

Silêncio.

— O registro da sua audiência — disse a Tecelã, com doçura. — *Sob a hospitalidade do Fuso até que a sua petição seja decidida.* Você leu?

A vela tremeu. Estava quase no fim.

E a minha irmã, no meio do salão, diante de cinco cortes inteiras, olhou para a Grã-Rainha de Sylvária e disse:

— Li, Majestade. Três vezes. Antes de assinar.

A vela apagou.

A Tecelã inclinou a cabeça. Como em todas as outras.

— Amanhã eu decido — disse. — Com as cortes. Na Renovação.

E se virou para o Tear. E as mãos dela voltaram a ir e vir entre os fios de luz.

Rosa fez outra reverência de Ouro e voltou para o banco do príncipe, sem pressa, com a pasta fechada debaixo do braço. Não olhou para mim. Mas quando passou pelo banco das oferendas, a mão dela, a que não segurava a pasta, se abriu e se fechou duas vezes, rápida, do lado da saia. Era o sinal que a gente fazia quando éramos pequenas, na missa da colheita, quando uma queria dizer à outra *eu sei, eu sei, depois a gente conversa*.

Eu fiz o sinal de volta. Com a mão debaixo do xale, onde ninguém via.

Ela leu, eu pensei. *Leu três vezes antes de assinar.* E assinou mesmo assim. Sabendo que, se a petição não fosse decidida, ela ficaria sob a hospitalidade do Fuso. Sabendo, talvez, o que a hospitalidade do Fuso fazia com os convidados.

E a petição só ia ser decidida na Renovação. Na sétima noite. Na hora em que o Frasco Primeiro saísse do Cofre.

Na hora em que eu ia roubá-lo.

Eu olhei para o pedestal vazio ao lado do Tear. Depois para a minha irmã, no banco de Ouro, com a pasta no colo. Depois para Silvan, ao meu lado, que olhava para a mesma coisa que eu e tinha feito a mesma conta.

Se o Frasco sumisse e alguém percebesse, a Renovação parava. Se a Renovação parasse, nada era decidido. Se nada fosse decidido…

— Silvan — sussurrei.

— Eu sei.

— Se for descoberto antes do fim…

— Eu sei. — A voz dele estava muito baixa. — Então não pode ser descoberto antes do fim.

As cortes saíram depois da meia-noite. Silvan ficou para trás, na porta do salão, com os fiscais de Ferro, para ver uma última vez o lugar do pedestal. O fiscal-mor do Mercado tem um papel na Renovação: fica de pé ao lado do pedestal, com o selo de fiscalização na mão, e, quando a Tecelã renova o Juramento de Ferro, é ele quem carimba a renovação. Ao lado do Frasco. A um palmo.

Eu sabia disso desde o Forte. Era parte do plano desde o começo. O que eu não sabia, até aquela noite, era que ia haver dois auditores de Vidro ao lado do pedestal, um de cada lado, olhando para o Frasco, sem piscar, a hora inteira.

Esperei por ele na ponte, do lado de fora, encostada no parapeito de pedra branca, olhando para o lago.

Pensei na moça faminta. Na borra de quinhentos anos que recuava da minha agulha como bicho velho. Que tinha subido sozinha, duas vezes, e se enrolado em coisas amadas. No relógio do meu pai, quando eu sonhei com a cantiga. Na fita de trança da Pim. Coisas que alguém amava muito.

E pensei no Frasco Primeiro. Na luz sem cor, que se mexe devagar, como água de poço fundo quando alguém joga uma pedra lá embaixo. Na mesma borra. Mais velha que a das adegas, talvez. Mas a mesma.

Se a borra das adegas subia em direção ao que era amado…

O que a borra do Frasco Primeiro faria, se um sonho muito amado passasse a três passos dela? Um sonho tão amado que fosse a coisa mais preciosa de quem o sonhou. Arrancado do peito de alguém, diante do Grande Tear, numa linha de luz, a caminho de um frasco branco.

Ela ia subir. Eu tinha quase certeza. Ia se esticar para fora do vidro verde, através da cera, através de tudo, na direção daquele sonho, do jeito que tinha subido para o relógio.

E dois auditores de Vidro, que não piscam e não olham para mais nada, estariam olhando exatamente para o Frasco quando isso acontecesse. E iam ver a luz sem cor se esticar para fora dele, como um braço. E os olhos deles, como os olhos de qualquer pessoa no mundo, iam seguir a luz. Até o fim do braço. Até o sonho. Até a oferenda.

O tempo de um suspiro.

Silvan chegou à ponte. Parou do meu lado. Eu não me virei.

— Eu acho que sei como — eu disse.

Ele esperou.

— Mas vai custar uma coisa — eu disse. — E eu ainda não estou pronta para dizer em voz alta o quê.

Ele não perguntou. Ficou do meu lado, no parapeito, olhando o lago, com a mão esquerda, a de ferro, encostada na pedra a um palmo da minha, como no muro das colmeias.

Dessa vez eu atravessei o palmo.

Pus a minha mão em cima da dele. Em cima do ferro frio. E deixei lá, enquanto as sete luas, lá em cima, chegavam mais perto umas das outras, quase encostando, quase em fila, faltando uma noite só.

CAPÍTULO TRINTA E UM

O Preço da Falsificação



Eu contei às outras oferendas antes do café.

Não pedi licença a ninguém. Nem a Eiran, nem a Silvan. Bati nas quatro portas da Casa das Oferendas quando o sol ainda estava baixo sobre o lago, e chamei os quatro para a sala redonda das almofadas amarelas, e fechei a porta eu mesma, como Eiran tinha feito três dias antes.

E contei o que eu tinha visto. Os vinte e três criados cinzentos do Fuso. A fila de lã cinza. A mulher da jarra de prata. *Convidadas do Fuso até a Renovação seguinte*. Contei que não sabia como a Tecelã tirava o resto. Que não sabia se era cláusula, ou tempo, ou outra coisa. Contei o que eu sabia e o que eu não sabia, separado, do jeito que a minha irmã separa as cláusulas.

Não disse o que eles deviam fazer. Não disse o que eu ia fazer.

Quando terminei, Ancel estava de olhos fechados.

— É verdade — disse ele, sem abrir os olhos. — A mulher da jarra se chama Wenna Hale. Era a minha noiva.

Lissa pôs a mão na boca. Tamsin, que estava de pé na janela de novo, se virou. Dov não se mexeu. Depois tirou a lousinha

do bolso e não escreveu nada nela. Ficou só segurando, como quem segura a mão de alguém.

— Vocês sabem o que eu sei — eu disse. — Agora vocês decidem.

E saí da sala, e deixei os quatro lá dentro, e fechei a porta. E fiquei encostada nela do lado de fora, com o coração batendo forte, porque era a coisa mais difícil do mundo não voltar lá para dentro e dizer à Lissa *você não vai*.

Eu não voltei.



Fui para a tenda de Ferro com a maleta.

Silvan não estava. Tinha ido com os fiscais conferir o selo de fiscalização, o grande, de ferro, que ele ia usar para carimbar a renovação do Juramento na sétima noite, e que passava sete anos guardado numa caixa de madeira forrada de feltro no Forte. Mabry estava do lado de fora, mexendo um caldeirão, e não me perguntou nada.

Eu abri a maleta em cima da cama de campanha.

Os seis frascos verdes das adegas de Moedeira. Os do Primeiro Século. Vidro grosso, irregular, cheio de bolhas pequenas, soprado à mão quinhentos anos antes, quando ainda não havia Pacto nem paz. Cinco tinham borra no fundo: uma camada fina de luz sem cor, parada, como água de poço numa noite sem vento. O sexto eu tinha limpado no Forte, para servir de corpo.

Eu sabia como o Frasco Primeiro era. Tinha visto o desenho de Silvan no primeiro dia, na biblioteca, e Mestra Clarys tinha confirmado tudo: verde-escuro, grosso, bolhas pequenas, rolha de cera preta com o selo da primeira escrivã, luz sem cor que se mexe devagar.

O vidro eu tinha. A borra eu tinha.

A cera, eu tinha guardado das bocas dos próprios frascos: restos de cera preta, rachada, de quinhentos anos, com marcas gastas de um selo. Eu tinha passado noites no Forte juntando os pedaços com a ponta da agulha, como quem monta um vaso quebrado. O selo era uma balança dentro de um círculo, com uma linha cruzando os pratos. A marca da primeira escrivã de Cobre, que tinha selado tudo o que se vendeu naquele século. O vidreiro do Forte tinha feito, a partir do meu desenho, um sinete de ferro com a mesma balança. Ferro, para a Corte de Ferro. Era quase uma piada.

Faltava uma coisa só.

A luz parada tinha de se mexer.

Tirei da maleta o caderno de capa de pano que eu carregava desde os catorze anos.

Ninguém sabia dele. Nem a Rosa. Era um caderno pequeno, grosso, com as páginas amareladas, cheio de desenhos feitos a carvão, a lápis, a tinta de cartório roubada. Vestidos. Mangas. Golas. Uma vitrine. Uma porta de madeira com uma placa em cima, e na placa, em letras que foram mudando com os anos, cada vez mais caprichadas, o meu nome. Uma mesa comprida. Rolos de tecido nas paredes. Uma janela grande. Uma moça de avental, que era eu, atendendo uma senhora de chapéu. Uma noiva de Brumavale experimentando um vestido. A Marisol, grávida, sentada numa cadeira, rindo.

Eu abri o caderno na página do meio. A da porta.

E segurei, com a outra mão, um dos frascos verdes com borra, perto da página.

Não aconteceu nada.

Eu fechei os olhos. E pensei no ateliê. Não no desenho; no ateliê. No cheiro de tecido novo. No barulho da tesoura grande cortando linho na mesa comprida. Na luz da janela grande caindo em cima de um vestido de noiva meio pronto, e eu de joelhos no chão com a boca cheia de alfinetes, ajustando a barra. Numa noiva que entrava pela porta e não queria comprar o futuro de ninguém, só um vestido. Numa placa com o meu nome. Numa vida em que eu nunca mais precisaria de linha de osso.

O frasco esquentou na minha mão.

Eu abri os olhos.

A borra tinha subido. Pelo vidro, por dentro, devagar, como uma coisa viva que acorda e se estica. Subiu até a boca do frasco e se encostou no vidro, do lado em que estava o caderno. Do lado em que estava a porta com o meu nome. E começou a se mexer. Devagar. Em círculos. Como água de poço fundo quando alguém joga uma pedra lá embaixo.

Exatamente como a luz do Frasco Primeiro.

Eu fiquei olhando, com o frasco na mão e o caderno no colo, até os meus braços doerem.

Depois fiz o teste do outro lado. Fechei o caderno, guardei, e pensei em outras coisas. Coisas que eu queria, também. Dançar descalça de novo no fim do Mercado. Ver a Rosa em Valmora, de beca. Ver o meu pai cantar a cantiga da lavadeira inteira, até o fim, sabendo de onde ela vinha. Coisas boas. Coisas verdadeiras.

A borra tremeu um pouco. Mexeu, uma vez, como quem se vira na cama. E desceu de volta para o fundo, parada.

Não bastava.

Não era que eu não quisesse aquelas coisas. Era que a borra de quinhentos anos não se mexe por qualquer querer. Ela tinha

subido para o relógio do meu pai na noite em que eu sonhei com a cantiga, e para a fita de trança da Pim, e para nada mais. Ela sabia, de algum jeito que eu não entendia, a diferença entre o que a gente quer e o que a gente é.

O ateliê era o que eu era. Desde os doze anos. Desde a noite em que eu segui o meu pai até a mesa de Cobre e voltei para casa jurando que nunca, nunca ia vender um futuro meu. O ateliê era o futuro que eu tinha guardado de todos os outros. O único que eu nunca tinha deixado nem a Odete ver.

Eu pus o frasco de volta na maleta, e a borra desceu, e parou.

E fiquei sentada na cama de campanha da Mabry, com o caderno fechado no colo, sabendo.



O PLANO ERA simples, depois que eu entendi. Os bons planos são.

Na sétima noite, cada oferenda fica diante do Tear e entrega o sonho, que sai do peito numa linha de luz e entra num frasco branco, e passa diante do Olho. Quando chegasse a minha vez, eu ia entregar o ateliê. A linha de luz ia sair do meu peito e passar a três passos do pedestal.

E a borra do Frasco Primeiro podia subir. Podia desenhar, além do vidro, um braço de luz na direção do meu sonho. A borra das adegas só tinha subido por dentro, diante do caderno; projetar-se para fora era uma aposta. Talvez a luz do Frasco fosse mais forte, porque era mais velha. Talvez não fizesse nada. Eu não sabia.

Os dois auditores de Vidro estariam olhando para o Frasco. Se vissem uma luz sair dele, teriam de decidir, num instante, se a seguiam para descobrir a origem da anomalia ou se

obedeciam à ordem de continuar olhando para o vidro. Eu precisava que os dois escolhessem a primeira coisa. Um único olhar que ficasse no pedestal bastaria para nos condenar.

O tempo de um suspiro.

Nesse suspiro, Silvan, ao lado do pedestal, com o selo de fiscalização na mão e a caixa do selo aberta aos pés, trocaria o Frasco Primeiro pelo meu. Com a mão esquerda, firme como só o ferro dele era. Mas o ferro também feria encantamentos; se os dedos tocassem o vidro na hora errada, podiam fazer a luz desaparecer antes da troca.

E a borra do meu frasco, a das adegas, também estaria a três passos do meu sonho. E também ia subir. E ia se mexer, depois, devagar, em círculos, como a do verdadeiro. Talvez guardasse um vestígio da luz do meu sonho — não um pedaço do futuro, que teria sido entregue inteiro, mas o eco da passagem dele — e continuasse se mexendo depois. Eu não sabia por quanto tempo: um minuto, uma hora, talvez menos.

Eu não sabia. Não tinha como testar. Era a primeira falsificação da minha vida que eu ia entregar sem saber se ia se desfazer.

E era, também, a única que eu ia pagar eu mesma.



Silvan voltou no meio da tarde, com a caixa do selo debaixo do braço.

Me achou sentada na cama de campanha, com o caderno fechado no colo e um pedaço de papel na mão. Parou na entrada da tenda.

— A senhora disse que ia custar uma coisa — disse.

— Disse.

— E agora sabe o quê.

— Sei.

Ele pôs a caixa do selo em cima da arca, ao lado da capa de Garven. Depois veio e se sentou na outra ponta da cama de campanha, que rangeu, e nenhum de nós riu dessa vez.

Eu contei. Tudo. A borra que subiu. A que não subiu. O braço de luz. Os olhos dos auditores. O suspiro. A troca. Contei com a voz firme, como a minha irmã contou a petição, porque se eu deixasse a voz tremer ele ia ouvir o resto.

Ele ouviu o resto mesmo assim.

— Que sonho? — perguntou.

Eu estendi o papel para ele.

Eu tinha escrito com a minha letra mais caprichada, a de etiqueta, do jeito que um escrivão de Cobre escreveria. Tinha levado uma hora. Eu sei quanto as palavras importam numa etiqueta: frase vaga fecha mais caminhos do que a gente imagina.

Primeiro, por hábito, eu tinha escrito uma frase estreita. *Abrir um ateliê de costura com o meu nome na porta.* Uma frase de falsificadora. Se um dia eu tivesse um ateliê com o nome de outra pessoa na porta, a magia não ia ter o que cobrar. Segurei o frasco das adegas perto do papel e pensei naquela frase com toda a força que eu tinha.

A borra não se mexeu.

Ela não se mexia por cláusula. Se mexia pelo que era amado. E o que eu amava não era uma placa. Risquei a frase. Embaixo dela, escrevi a outra, a inteira, a que fechava todos os caminhos de uma vez, sem brecha nenhuma. A borra subiu antes de eu terminar a última palavra.

Ter o meu próprio ateliê de costura.

Silvan leu. A frase riscada e a de baixo. Ficou muito tempo olhando para o papel.

— Não — disse.

— Silvan.

— Não. — Ele pôs o papel na cama, entre nós, como quem põe uma coisa que queima. — Escolha outro. Qualquer outro. Eu tento a troca mesmo com os auditores olhando. Tenho anos de prática em fazer coisas que ninguém vê. Se me pegarem, que me peguem. Não vou pedir isso da senhora.

— Se você for pego, a Renovação para.

— Eu sei.

— E se a Renovação parar, a petição da Rosa não é decidida. E ela fica sob a hospitalidade do Fuso. Ela leu três vezes antes de assinar, Silvan. — A minha voz subiu. — Ela vai servir água às cortes. Daqui a sessenta anos, alguém vai dizer *Rosalind* e ela vai perguntar *água, senhor?*

Ele fechou a mão esquerda.

— Então outro sonho.

— Eu testei. Os outros não bastam. A borra não sobe. — Eu respirei. — Tem de ser o que eu mais amo. Senão não funciona.

Ele olhou para mim. E eu vi, na cara dele, o instante em que ele entendeu que eu tinha razão. E vi o que aquilo fez com ele.

— Eu vi esse ateliê — disse ele, muito baixo.

Eu parei.

— No sonho. Na biblioteca do Forte. — Ele não desviou os olhos. — Havia tecido para todo lado. Rolos encostados na parede, até o teto. Uma mesa comprida, com marcas de tesoura. Uma janela grande. A senhora de joelhos no chão, com a boca cheia de alfinetes, brigando comigo porque eu tinha pisado na barra de um vestido de noiva. — A voz dele não mudou. Só ficou mais baixa. — Havia uma placa na porta. Eu não li o que estava escrito. Não deu tempo. O sonho acabou antes.

Eu não consegui falar.

— A senhora vai esquecer que quis — disse ele. — Vai continuar sabendo que entregou, porque o contrato fica. Mas vai esquecer como era querer. Como o seu pai. Como a sua irmã com a janela grande. — Ele olhou para o caderno no meu colo. — Esse caderno vai virar um caderno de desenhos de outra pessoa.

Ele tinha voltado a me chamar de *senhora*. Desde a noite de Ferro, só fazia isso quando estava com medo. Eu deixei.

— Eu sei.

— E ainda assim.

— E ainda assim. — Eu peguei o papel de volta. Dobrei. — Você me disse ontem que ficava do lado de quem decidiu. Eu decidi.

Ele ficou calado por muito tempo. Lá fora, Mabry mexia o caldeirão, e o barulho da colher de pau no ferro era o único som do mundo.

— Fico — disse ele, enfim. Como quem assina uma coisa com a mão que dói. — Fico do lado.

Eu respirei.

— Mas eu tenho um pedido — disse ele.

— Qual?

Ele pegou o caderno do meu colo. Devagar, pedindo com os olhos antes de tocar. Eu deixei. Ele abriu na página do meio, a da porta, com o meu nome na placa, e ficou olhando.

— Deixa isto comigo — disse ele. — Depois. Quando a senhora não lembrar mais por que desenhou.

— Para quê?

— Para alguém lembrar. — Ele fechou o caderno, com cuidado, e segurou com as duas mãos, a de carne e a de ferro.

— A senhora esqueceu o Salão de Ferro, e eu lembro. Vai esquecer o ateliê. Eu lembro também. Eu já lembro.

Eu olhei para ele. Para o Senhor da Corte de Ferro, sentado na ponta de uma cama de campanha que rangia, segurando um caderno de capa de pano cheio de vestidos como quem segura uma coisa sagrada.

— Você vai lembrar por mim — eu disse.

— Vou.

Não consegui chorar. Pus a mão em cima das mãos dele, em cima do caderno, e fiquei.



Fui procurar a Hollis no fim da tarde.

Ela estava no corredor da ala dos convidados, sentada no chão diante da porta da minha irmã, como sempre. Quando me viu chegar, não se levantou e não falou nada.

Eu me sentei do lado dela. Ela não chegou para o lado. Eu também não.

— Eu não vim pedir desculpas — eu disse. — Eu sei que não adianta.

— Não adianta.

— Eu vim pedir uma coisa.

Hollis riu, curto, pelo nariz.

— Claro que veio.

— Não é para mim. Nem para ele. — Eu olhei para a porta fechada. — Amanhã de madrugada, depois da Renovação, pode ser que a gente precise sair do Palácio muito depressa. E pode ser que a minha irmã esteja lá dentro, sob uma cláusula que diz que ela é convidada do Fuso até a petição dela ser decidida. E pode ser que alguma coisa dê errado.

Hollis ficou quieta.

— Se der errado — eu disse —, eu preciso de alguém que tire a Rosa de lá. Não importa o que aconteça comigo. Nem com ele.

Hollis virou a cabeça e me olhou. O olho de carne. Castanho, cansado.

— Você está me pedindo para escolher — disse ela.

— Estou.

— Você. Que nunca deixa ninguém escolher nada.

— Eu estou aprendendo — eu disse. — Devagar. Mal. Mas estou.

Ela olhou para a porta da minha irmã por muito tempo.

— Ela me ensinou a jogar um jogo de cartório — disse Hollis, de repente. — Ontem à noite, depois da audiência. Com as folhas da petição. Você esconde uma vírgula numa cláusula e o outro tem de achar. Ela achou todas as minhas. Eu não achei nenhuma das dela. — Uma pausa. — Ela riu de mim. Faz vinte anos que ninguém ri de mim na minha cara.

Eu não disse nada.

— Pela menina — disse Hollis, enfim. Seca. — Não por vocês.

— Pela menina — eu concordei.

— E isso não quer dizer nada.

— Não quer dizer nada.

Ela voltou a olhar para a frente. Eu me levantei. E, quando eu já estava indo, ela disse, sem virar a cabeça:

— Humana.

Eu parei.

— A florzinha. Na capa. No ponto do Bram. — A voz dela estava muito rouca. — Foi você que bordou?

— Fui.

Hollis não disse mais nada. Mas, quando eu saí do corredor, ela tinha virado o rosto para a parede. O lado de carne.



À NOITE, SOZINHA no meu quarto da Casa das Oferendas, eu fiz a última coisa.

Peguei o sexto frasco verde, o limpo. Despejei nele a borra dos outros cinco, com uma colher de prata, como quem despeja mel. A luz sem cor escorreu pelo vidro e se juntou no fundo, numa camada só, mais grossa, parada. Ficou do tamanho certo. Do tamanho do desenho de Silvan.

No fundo do vidro, a luz parada se inclinou de leve para o lado da janela. Para o lado do lago, da ilha, da torre que girava lá longe. Como uma planta de vaso que procura o sol. Eu achei que eram as luas, quase em fila do lado de fora. Não pensei mais nisso.

Derreti a cera preta na chama da vela. Fechei a boca do frasco. Esperei esfriar um pouco. E apertei o sinete de ferro com a balança e a linha cruzada, contando até sete.

Quando tirei o sinete, o selo estava perfeito. A borra, porém, tinha se retraído enquanto o ferro tocava a cera. Só voltou ao fundo quando afastei o sinete. Guardei aquilo na memória.

Fiquei olhando para o frasco na palma da minha mão. Verde-escuro. Grosso. Bolhas pequenas. Cera preta. Uma balança dentro de um círculo. Uma luz sem cor, parada no fundo, esperando.

Era a melhor falsificação que eu já tinha feito. Era a última que eu ia fazer. E ainda não estava pronta. Faltava o que só ia acontecer no salão do Tear, a três passos do pedestal, no instante em que eu entregasse a coisa que eu mais amava.

Embrulhei o frasco num pedaço de feltro e levei até a tenda de Ferro, no escuro, pela margem. Silvan estava acordado, sentado na arca, com a caixa do selo aberta nos joelhos. Eu pus o frasco embrulhado na mão dele. Ele abriu o feltro, olhou, não disse nada. Depois guardou o frasco no compartimento estreito sob o forro de feltro. A tampa desse compartimento corria de lado, como uma gaveta rasa; ele a abriu e fechou uma vez, medindo o alcance da mão esquerda, e só então fechou a caixa.

Eu voltei para a Casa das Oferendas antes que alguém me visse.

Na mesa do meu quarto, deixei o caderno de capa de pano. Aberto na página do meio. Na porta com a placa. Fiquei olhando para o desenho até a vela acabar, tentando guardar como era querer aquilo. O cheiro de tecido novo. A tesoura grande. A luz da janela.

Eu sabia que não ia adiantar. Ninguém guarda o querer. Depois da assinatura, nem a lembrança de ter querido fica: fica um contrato, e um caderno de desenhos que parece de outra pessoa. Como o desenho de um pão para quem nunca sentiu fome.

Mas eu tentei. Até a vela apagar.

E no escuro, com a mão em cima da página, eu disse a frase em voz alta. Baixinho. Uma vez. Para ver como soava antes de ser de outra pessoa.

— *Ter o meu próprio ateliê de costura.*

Soou como uma coisa minha.

Ainda.

ATO QUATRO

O Preço de um Futuro



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Sétima Lua



A MINHA IRMÃ entrou no meu quarto antes de o sol nascer, sem bater, com um livro de capa cinza debaixo do braço e tinta até o pulso.

— Você não dormiu — eu disse.

— Você também não. — Ela largou o livro em cima da minha cama, por cima das minhas pernas. — Lê.

— Rosa, são cinco horas da manhã.

— Lê, Avie.

Era uma cópia. Não o livro da Escrivã, que ninguém tira do Fuso, mas uma das cópias que cada corte recebe a cada sete anos para conferir os contratos antes da Renovação. Ouro guardava a sua numa tenda de arquivo atrás do pavilhão amarelo, e a peticionária do Guardião das Oferendas tinha o direito de consultar qualquer coisa que o Guardião pudesse consultar. A minha irmã tinha consultado tudo. A noite inteira, pelo jeito.

Na capa, em letras de cobre gastas: *Anexo das Oferendas ao Pacto da Fronteira.*

— Ontem à noite — disse Rosa, sentando na ponta da cama —, a Escrivã chamou as cinco oferendas. Quatro com a fórmula

inteira. *Sob a hospitalidade do Fuso, conforme o Anexo.* Você, sem. Você ouviu?

— Ouvi.

— E não perguntou por quê.

— Eu ia perguntar.

— Você nunca pergunta. Você deduz. — Ela abriu o livro numa página marcada com uma fita de cartório. A última fita vermelha que ainda tinha. — Então eu perguntei. Para o livro.

A página era curta. Uma cláusula só, na língua velha de Cobre, que a minha irmã tinha decifrado com a ajuda de um glossário do arquivo e copiado embaixo, na letra dela, em palavras de gente:

As cortes que apresentarem oferenda ao Festival das Sete Luas obrigam-se, por adesão expressa de cada corte apresentadora, a manter as suas oferendas sob a hospitalidade do Fuso, da cessão até a Renovação seguinte.

E embaixo, quatro assinaturas. Quatro selos. Um sol, uma lua crescente, um olho dentro de um losango, uma balança com uma moeda.

E um quinto espaço, em branco.

Eu fiquei olhando para aquele espaço em branco por muito tempo.

— Ferro nunca apresentou oferenda — disse Rosa, baixinho. — Em trezentos anos. Então ninguém nunca precisou da assinatura de Ferro neste Anexo. O espaço ficou lá. Esperando.

— O Pacto geral não obriga todas as cortes?

— Foi o que o escrivão de Cobre disse hoje às três da manhã, na tenda do arquivo. — Ela fez uma careta. — Um sujeito de óculos redondos que não precisa deles. Disse que, como Ferro assinou o Pacto há trezentos anos, assinou tudo o que veio pendurado nele. Eu mostrei a ele estas quatro palavras. *Por*

adesão expressa. — Ela bateu o dedo manchado de tinta na linha. — Expressa, Avie. Não presumida. Não pendurada. Cada corte tinha de assinar o Anexo por conta própria. Quatro assinaram. A quinta nunca foi chamada.

— E ele?

— Ficou vermelho. Disse que era uma omissão.

— E é?

— É. — A minha irmã ergueu os olhos para mim, e havia neles uma coisa que eu conhecia, que eu tinha visto no espelho a vida inteira, nas noites em que uma costura impossível dava certo. — Ferro não se recusou a assinar, Avie. Ninguém jamais pediu a assinatura.

Eu não consegui dizer nada por um tempo.

— Isso quer dizer… — comecei.

— Quer dizer uma coisa só. — Rosa levantou um dedo, a professora de cartório. — Que, depois da cessão, ninguém pode exigir que você fique no Fuso como as outras. A sua corte não assinou a prisão que as outras chamam de hospitalidade. Só isso. — Ela abaixou o dedo. — Não quer dizer que você pode fazer o que quiser lá dentro. Se você fizer alguma coisa errada na frente da Tecelã, continua sendo errada. O Anexo não perdoa crime. Só não te prende por ser oferenda.

— Rosa…

— Eu sei o que você vai fazer. Estava na carta. — Ela fechou o livro. — Eu não vou pedir para você não fazer. Eu só queria que, se você sair viva, ninguém pudesse te segurar lá dentro com uma frase.

Eu peguei a mão dela. A mão manchada de tinta, com um calo de pena no dedo do meio.

— E você? — eu disse. — Você também está sob a hospitalidade do Fuso. Você assinou. Leu três vezes.

— Li.

— Então vai embora hoje. Agora. O Eiran ofereceu uma carruagem. Vai com ela para Brumavale antes da Renovação, e o resto…

— O resto eu deixo para você resolver? — Ela tirou a mão da minha. Sem raiva. Com cuidado, como quem tira a mão de uma panela quente. — Eu tenho uma votação hoje à noite, Avie.

— A votação acontece sem você.

— A votação acontece *por causa* de mim. — Ela se levantou. — Se a peticionária fugir na manhã da Renovação, a Tecelã não sela nada. Cobre vai dizer que a humana teve medo da própria cláusula. Prata vai rir. E, daqui a sete anos, ninguém vai lembrar que alguém um dia escreveu catorze páginas sobre a pressa do Banco.

— E se der errado?

— Aí cada uma responde pelo que escolheu. — Ela pôs o livro cinza debaixo do braço. — É assim nos contratos. Devia ser assim nas irmãs.

Ela foi até a porta. Parou.

— Eu ainda estou com raiva de você — disse, sem se virar.

— Eu sei.

— Um pouco menos.

Era o que eu tinha dito ao Silvan na tenda, duas noites antes. Ela não tinha como saber. Eu quase ri.

— E eu de você — eu disse.

Ela abriu e fechou a mão esquerda duas vezes, depressa, do lado da saia. *Depois a gente conversa.*

E foi.

Não houve abraço. Ainda não havia reconciliação. Houve uma porta fechando e uma irmã indo trabalhar.

Eu fiquei sentada na cama com o espaço em branco do Anexo na cabeça, e pensei que talvez fosse assim que as irmãs adultas se despedem: sem resolver nada, deixando a conta aberta, confiando que vai haver um *depois* para fechar.



As túnicas chegaram ao meio-dia.

Quem trouxe foi uma criada do Fuso. Uma mulher cinzenta, de meia-idade, com o cabelo cinzento preso numa rede e os braços carregados de pano branco. Entrou na sala redonda da Casa das Oferendas sem bater, deixou cinco túnicas dobradas em cima das almofadas amarelas, uma para cada um, e foi embora sem dizer nada, sem olhar para ninguém, do mesmo jeito que tinha entrado.

Lissa ficou olhando para a porta por onde ela saiu.

— Ela era uma de nós? — sussurrou.

Ninguém respondeu.

As túnicas eram de linho branco, sem costura aparente, compridas até os pés, com mangas largas e um cordão de prata na cintura. Lindas, do jeito que as coisas do Fuso são lindas. E não tinham bolso nenhum. Nenhuma prega onde esconder uma agulha. Nenhuma bainha dupla. Eu procurei, por hábito, com a ponta dos dedos, como procuro em todo pano que me cai na mão. Nada. A túnica de uma oferenda não guarda nada além da oferenda.

Era a primeira vez em seis anos que eu saía para um serviço sem a minha caixa de veludo.

Não. Eu me corrigi. Não era mais um serviço de falsificadora. Era o último risco que eu corria como falsificadora.



Levei para a tenda de Ferro tudo o que não cabia na túnica.

Silvan estava sentado na arca, com a caixa do selo aberta nos joelhos, conferindo pela décima vez a gaveta rasa debaixo do forro de feltro. Quando me viu entrar, fechou a caixa.

Eu pus em cima da arca, ao lado dela, uma coisa de cada vez.

O xale azul da minha mãe, dobrado.

O relógio de Garven, com a andorinha na tampa, dando as horas certas.

E o caderno de capa de pano.

Ele olhou para o caderno. Depois para mim.

— Você pediu para guardar — eu disse. — Para depois. Esta é a última hora em que eu ainda sei por que desenhei cada página. Prefiro que esteja com você antes.

Ele não pegou logo. Ficou um tempo com as mãos paradas em cima dos joelhos. Depois pôs a mão de carne em cima da capa de pano, só a mão, sem levantar o caderno.

— Fica comigo — disse.

— O relógio também. Você conta por mim. Eu conto de cabeça, mas preciso de alguém que não se distraia.

— Cinquenta e sete minutos.

— Cinquenta e sete. Do primeiro toque do sino.

Ele guardou o relógio no bolso de dentro do casaco, do lado esquerdo. Do lado do ferro. Depois entregou o xale e o caderno a Tobin, que já preparava os alforjes dos cavalos para a saída. Os dois ficariam a salvo da túnica sem bolsos e do Palácio.



Ensaiamos a troca três vezes, com um frasco comum do acampamento, cheio de água colorida com casca de noz.

A caixa do selo ficava no chão, aberta, aos pés dele. O selo grande de ferro, na mão direita. A mão esquerda descia para firmar a caixa, como quem ajeita uma coisa que escorregou, e os dedos de ferro abriam a gaveta rasa, de lado, sem barulho. O frasco do pedestal saía para a gaveta por cima do feltro. O frasco da gaveta subia para o pedestal. Tudo no tempo de um carimbo: o selo erguido, o selo descendo, o selo apertado contra o papel do Juramento, contando até sete.

Na primeira vez, ele derrubou a água colorida.

Na segunda, fez certo, mas a caixa rangeu.

Na terceira, fez perfeito. E eu peguei o frasco falso de verdade, o das adegas, que estava na gaveta, para pôr no lugar do comum, e senti a borra lá dentro recuar.

Recuar. Como tinha recuado da minha agulha nas adegas de Moedeira. Como tinha recuado do sinete de ferro quando eu fechei a cera.

Os dedos de ferro dele tinham passado a um dedo do vidro.

— Ela não gosta do ferro — eu disse.

— Nada que é sonho gosta. — Ele olhou para a mão esquerda. — Eu sei. O ferro estraga encantamento. É para isso que ele serve.

— Então você não pode encostar.

— Pelo feltro. — Ele mostrou a mão esquerda envolvendo sozinha um frasco pequeno por cima do pano, sem encostar o ferro no vidro. A direita continuava erguida, segurando o selo. — Assim. Um frasco de cada vez, sem a ajuda da outra mão. Mas, se o feltro correr, ou se eu errar o tempo…

— A luz apaga na frente de todo mundo.

— Ou recua. — Ele fechou a caixa. — Não sei o que um auditor de Vidro faz quando vê a luz do Frasco Primeiro recuar diante do selo de Ferro. Nunca aconteceu.

Ficamos olhando para a caixa fechada.

— Silvan — eu disse. — Quero saber uma coisa. Não do que você prometeu. Do que acontece se você não cumprir.

Ele levantou os olhos.

— Você disse, na câmara de Vidro, que se você contar o que prometeu, quem paga é o seu povo. E se ela cobrar? Se ela cobrar hoje, na frente de todo mundo, e você disser não?

Ele demorou. Mas não era a demora de quem procura uma mentira. Era a de quem confere se pode dizer uma coisa sem dizer outra.

— A promessa tem duas cláusulas — disse, enfim. — A do silêncio, que cai sobre o meu povo. E a do cumprimento, que cai sobre mim.

— Cai como?

Ele não respondeu. Olhou para a mão esquerda. Para os dois dedos de ferro, para o do meio, cinza até a primeira junta.

Eu entendi.

— Então você não vai dizer não — eu disse. — Promete.

— Não posso prometer isso.

— Silvan.

— Eu não minto para você. — A voz dele estava muito calma. — Nem quando não estamos em Vidro. Se ela cobrar hoje, eu ainda não sei o que vou fazer. Sei o que eu quero fazer. São coisas diferentes, e você me ensinou a não confundir as duas.

Eu me sentei do lado dele na arca. Encostei o ombro no braço dele. No esquerdo.

— Isso não é justo — eu disse.

— Não é.

— Eu ia dar um ateliê. Você ia dar um carimbo. Não era essa a conta.

— Nunca é a conta que a gente faz. — Ele encostou a cabeça na minha, de leve. — Você me disse isso uma vez, na forja. Que cada um paga com o que tem.

— Eu disse outra coisa. Eu disse: *a pergunta é se alguém deixou a gente pagar.*

— Então estou perguntando. — Ele não se mexeu. — Você deixa?

Eu fechei os olhos.

Lá fora, Mabry mexia o caldeirão, e Tobin e Corin discutiam sobre os cavalos. Eu tinha combinado com eles na véspera: depois da meia-noite, os cavalos pretos selados, na margem de Ferro, debaixo dos juncos, perto do lugar onde a ponte encosta na água. *Se der certo, a gente sai andando pela ponte. Se der errado, a gente sai por baixo.* Tobin tinha me pedido que repetisse o caminho por baixo da ponte, até os juncos. Repeti. Naquela noite, ninguém podia estar esperando no lugar errado.

— Deixo — eu disse, enfim. — Não porque eu queira. Porque é seu.

Ele soltou o ar. Eu senti o peito dele descer contra o meu ombro.

Ficamos assim até o sino do Fuso tocar a primeira vez, longe, chamando as cortes.

Hollis me encontrou na porta da Casa das Oferendas, quando eu já estava de túnica branca.

Não falou nada sobre a túnica. Olhou para os meus pés descalços (as oferendas entram no salão do Tear descalças, para

que nenhum sapato de corte nenhuma pise o pano de luz) e para as minhas mãos vazias.

— O caminho — disse. Só isso.

Eu contei. Baixinho, depressa, encostada no batente. A escada dos criados, que desce do salão do Tear até a máquina. A sala da roda. A grade de bronze com os grampos de ferro, logo acima da água. As tábuas debaixo da ponte. Os juncos. Tobin e Corin com os cavalos.

— Se der errado — eu disse —, é por ali. Não pela ponte.

Hollis guardou aquilo do jeito que guarda tudo: sem anotar, sem repetir, com o olho de carne fixo num ponto do batente.

— E a menina? — perguntou.

— A menina decide. — Eu engoli. — Você leva, se ela quiser ir. Se não quiser…

— Se não quiser?

— Aí você decide o que você faz.

Hollis me olhou. Demorou um pouco.

— É a primeira coisa sensata que você me diz desde Brumavale — disse.

E foi embora para o pavilhão de Ouro, para o lado da minha irmã, a dois passos, como sempre.

As sete luas estavam em fila quando atravessamos a ponte.

Não quase. Em fila. Uma em cima da outra, no céu sobre a torre do Fuso, da branca lá no alto até a escura, a sétima, que não tinha luz nenhuma, só um anel fino de prata em volta, como a borda de uma moeda vista de lado. E a torre girava embaixo delas, devagar, e parecia que as luas estavam

penduradas num fio que saía do topo da torre e subia até o fim do céu.

Ninguém falava na procissão. Nem os de Prata.

Entramos no salão do Tear descalços, as cinco oferendas, em fila, atrás da Escrivã. O chão de pedra preta estava frio. O pano de luz se espalhava em volta do Tear, mais comprido que na véspera, e nós andamos por um caminho estreito no meio dele, entre dobras de luz âmbar e rosa e verde-garrafa, com cuidado para não pisar. Eu pisei. Sem querer, no fim, num canto de luz rosa. Não senti nada. Só um calor leve na sola do pé, como pisar em pedra que passou o dia no sol.

Nos fizeram parar em círculo em volta do Tear. A três passos dele. De um lado, o pedestal de pedra branca, vazio. Do outro, o Olho de Vidro, já sem o pano cinza, apontado para o centro do círculo, com a lente amarelada brilhando à luz das sete luas que entrava pela cúpula. Ao lado do Olho, uma mesa baixa com uma bandeja de prata. Na bandeja, cinco frascos vazios de vidro branco.

E, diante do Tear, de costas para nós, com as mãos indo e vindo entre os fios, a Tecelã.

As cortes se sentaram nos bancos em degraus. Eu procurei, sem virar a cabeça, só com os olhos. Ouro a leste: Eiran, de branco e dourado, e ao lado dele a minha irmã, de amarelo, com a pasta no colo. Atrás dela, a dois passos, de pé, Hollis. Prata a nordeste: Corvin, sem máscara. Vidro a noroeste: Mestra Clarys não estava no banco. Cobre a oeste: Aurelio Vane, fazendo contas com os olhos.

Ferro perto da porta.

Silvan não estava no banco de Ferro. Estava de pé, ao lado do pedestal vazio, a três passos de mim, de preto, com a caixa do selo aos pés e o selo grande de ferro na mão direita. O fiscal-

mor do Mercado, no lugar onde o fiscal-mor do Mercado fica na Renovação há trezentos anos. Não olhou para mim. Eu não olhei para ele.

Mas eu sabia que, no bolso de dentro do casaco, do lado esquerdo, o relógio de Garven, consertado pelo meu pai, estava andando.



O sino do Fuso começou a tocar.

Era um som que eu nunca tinha ouvido de dentro da torre. De fora, à noite, era um sino. De dentro, era o próprio salão vibrando, o chão, as paredes, a cúpula, como se a torre inteira fosse o bronze. Senti no peito. Senti nos dentes.

Primeira badalada.

Comecei a contar de cabeça, do jeito que contava as badaladas dos relógios do meu pai, deitada no chão da oficina.

A Escrivã do Fuso atravessou o salão até uma porta estreita na parede oeste, atrás do Tear, uma porta que eu nunca tinha reparado. Tinha uma grade de ferro na frente, uma grade antiga, de barras grossas, a única coisa de ferro que eu tinha visto no salão do Tear. A Escrivã tirou do cinto uma chave comprida e abriu a grade. Do outro lado, um corredor descia, em curva, para dentro da coluna do meio. O corredor da procissão.

Os dois auditores de Vidro entraram atrás dela. Um de cada lado.

Um deles era Mestra Clarys.

A grade ficou aberta. O corredor engoliu os três.

Segunda badalada. Terceira.

Eu olhei para a mesa da Escrivã, ao lado do Tear. Para o livro grande de couro escuro, aberto. Para o tinteiro. Para a vela

grossa que alguém tinha acendido num castiçal de prata, a vela da Renovação, que ia arder durante toda a leitura dos contratos e se consumir antes de a Tecelã pôr o último selo.

Quarta. Quinta. Sexta.

Do outro lado do círculo, Lissa tremia. Tamsin olhava para a cúpula, para as luas, com os lábios apertados. Dov segurava a lousinha contra o peito, fechada. Ancel estava de olhos fechados, com as mãos cruzadas em cima da bengala, e eu vi que ele não estava rezando. Estava escutando. Na fila de criados cinzentos encostada na parede leste, com as jarras de prata nas mãos, havia uma mulher velha que segurava a jarra com o polegar esquerdo dobrado para dentro da palma.

Sétima. Oitava. Nona.

O corredor devolveu os três.

A Escrivã vinha na frente, com as duas mãos fechadas em concha diante do peito, como quem carrega um passarinho. Mestra Clarys à esquerda dela. O outro auditor, um feérico jovem de Vidro, de olhos claros, à direita. Os dois não olhavam para nada além das mãos da Escrivã.

Décima. Décima primeira.

A Escrivã parou diante do pedestal. Abriu as mãos.

E pôs no pedestal de pedra branca, a três passos de mim, o Frasco Primeiro.

Décima segunda badalada.

O salão parou de vibrar. O último toque fechava o primeiro minuto desde a primeira badalada; o relógio já corria.

Era pequeno. Menor do que eu tinha imaginado em quatro semanas de desenhos, menor do que o desenho de Silvan fazia parecer. Eu tinha acertado as medidas do falso,

guardado naquele instante na gaveta rasa da caixa do selo, debaixo do feltro, a um palmo do pé dele. Cabia na palma de uma criança. Vidro verde-escuro, grosso, irregular, cheio de bolhas pequenas presas lá dentro desde o dia em que alguém soprou aquele vidro com a boca, quinhentos anos antes. Uma rolha de cera preta, rachada, com um selo gasto: uma balança dentro de um círculo, com uma linha cruzando os pratos.

E a luz.

Sem cor. Mexendo-se no fundo do vidro em círculos, como água de poço fundo quando alguém joga uma pedra lá embaixo. Igual à das adegas. Igual à que eu tinha despejado com uma colher de prata, na véspera, no sexto frasco verde.

Quase igual.

Porque, enquanto eu olhava, vi a luz do Frasco Primeiro se inclinar, de leve, no fundo do vidro. Não para mim. Não para Silvan. Para o lado do Tear. Para as costas da mulher de vestido cor de linho cru, que tecia sem se virar.

Como uma planta de vaso que procura o sol.

Eu senti a nuca gelar. Lembrei do frasco falso no meu quarto, na véspera, inclinado para a janela, para o lado da torre. *Eu achei que eram as luas.*

Não eram as luas.

Silvan, a três passos, não se mexeu. Mas eu vi o polegar dele apertar o cabo do selo de ferro.

Os dois auditores de Vidro se posicionaram, um de cada lado do pedestal, de costas para o Tear, de frente para o Frasco. Mestra Clarys à direita. O jovem à esquerda. Olhos fixos no vidro verde.

A Escrivã foi para a mesa. Abriu o livro do Tear numa página em branco. Molhou a pena.

E a Tecelã, diante do Tear, parou as mãos entre os fios de luz e se virou para nós. Era uma mulher de cabelo branco. Era uma menina sardenta. Era alguém que eu não conhecia.

— Bem-vindos à sétima noite — disse ela, com a voz de quem acabou de pôr uma criança para dormir. — A noite em que tudo se renova.

No bolso de dentro do casaco do Senhor de Ferro, a três passos de mim, o relógio do meu pai tinha começado a contar cinquenta e sete minutos.

Eu contava junto, de cabeça, sem mexer os lábios.

Um.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

A Falsificação Impossível



A Escrivã chamou as oferendas na mesma ordem da véspera. Ouro, Prata, Vidro, Cobre. Ferro por último. Como sempre.

— Tamsin, de Valmora. Oferenda da Corte de Ouro.

Tamsin deu três passos para dentro do círculo, até o espaço vazio entre o pedestal e o Olho. Descalça, de túnica branca, com o cabelo ruivo solto nas costas. A Escrivã se levantou da mesa com um dos frascos brancos da bandeja na mão e parou na frente dela.

— A oferenda da Corte de Ouro cede, diante do Grande Tear, o seguinte resultado central — disse a Escrivã, e esperou.

Tamsin não disse nada.

Ficou olhando para a Escrivã. Depois para a cúpula, para as sete luas em fila. Depois para o banco de Ouro, onde as damas de trigo no cabelo esperavam com a paciência de quem já viu isso muitas vezes.

E então ela cantou.

Não muito. Uma frase. Quatro ou cinco notas, baixinhas, de uma canção de remendar redes que eu tinha ouvido nas primeiras manhãs na Casa das Oferendas e que ela não cantava

desde o dia em que Eiran contou o que era a sétima noite. Quatro notas, num salão onde ninguém canta. Foi tão inesperado que até a Tecelã inclinou a cabeça.

Tamsin parou de cantar.

— Não — disse.

A palavra caiu no chão de pedra preta e ficou lá.

A Escrivã não se mexeu. Olhou para o banco de Ouro. A recusa de uma oferenda é uma ofensa à corte que a apresentou; quem a apresentou responde. Eiran se levantou do banco com o rosto muito sério.

— Ouro responde pela recusa — disse.

A Tecelã olhou para Tamsin por um tempo. Era uma mulher morena. Era uma senhora.

— Registrado — disse, por fim, com a voz calma. — A oferenda volta para casa sem o que lhe prometeram.

Tamsin voltou para o seu lugar no círculo. Os pés dela deixaram duas marcas úmidas no chão de pedra. Ela não olhou para ninguém. Mas, quando passou por mim, eu ouvi que ela ainda cantarolava, bem baixinho, sem abrir a boca.

— Ancel, de Calder. Oferenda da Corte de Prata.

O velho poeta entrou no círculo apoiado na bengala, devagar, porque não tinha outro jeito de andar. A Escrivã esperou. Ele não precisou que esperassem muito.

— Voltar a Calder — disse ele, com a voz clara, de quem lê poesia em voz alta há sessenta anos — e terminar os meus dias na minha casa.

A Escrivã escreveu a frase na etiqueta do frasco branco. Depois abriu o livro do Tear diante dele e lhe estendeu a pena.

Foi aí que a fila de criados cinzentos se mexeu. Uma das criadas veio da parede leste com a jarra de prata, para encher o copo d'água da mesa da Escrivã, como fazia, imagino, em cada cerimônia, havia sessenta anos. Passou a dois passos de Ancel. Segurava a jarra com o polegar esquerdo dobrado para dentro da palma.

Ancel olhou para ela.

Ela não olhou para ele. Encheu o copo. Não errou uma gota. Voltou para a parede.

Ancel ficou olhando para as costas dela enquanto assinava. Não olhou para o papel nenhuma vez. Assinou sem olhar, com a letra de quem escreveu a vida inteira e não precisa mais ver as próprias mãos para fazer isso.

A assinatura brilhou.

E do peito dele, por baixo da túnica branca, saiu uma linha de luz. Fina, dourada, cor de viagem, cor de estrada de volta para casa, e entrou no frasco branco que a Escrivã segurava, como um fio que entra numa agulha. Ancel fechou os olhos. Não de dor. De alguma coisa que eu não soube nomear.

Antes de fechar o frasco, a Escrivã tirou do estojo uma tesoura de prata. Cortou um fio finíssimo da luz dourada. O fio subiu para o Tear, e o sonho continuou cheio dentro do vidro. Só então ela fechou o frasco e o pôs diante do Olho de Vidro.

E em cima do Tear, no ar, enorme, feito de luz, apareceu o rosto de Ancel. Velho, enrugado, de olhos claros, olhando para lugar nenhum. As cortes murmuraram. A Tecelã olhou para o rosto no ar e inclinou a cabeça.

— Aceito.

O rosto sumiu. O frasco branco voltou para a bandeja, ao lado do Olho.

Ancel abriu os olhos. Olhou para a parede leste, onde a mulher da jarra estava parada, de olhos baixos, na fila dos cinzentos. Encostou a bengala no chão. E ficou ali, no círculo, do lado de Wenna Hale sem que ela soubesse, como tinha ficado sessenta e três anos do lado de cá de uma espera.

Eu não sei se ele ainda lembrava por que queria tanto voltar a Calder. Imagino que não. Mas sabia por que tinha vindo.



— Dov. Oferenda da Corte de Vidro.

Dov entrou no círculo com a lousinha na mão.

E eu, que tinha jurado a mim mesma que ia ficar calada, que ia deixar cada um escolher, que ia aprender, eu senti a minha boca se abrir sozinha. O impulso antigo. O de sempre. O que segurava a Rosa pelo braço na beira do riacho quando ela tinha cinco anos.

— Dov — sussurrei. Ele estava a dois passos. — Você não precisa…

Ele se virou para mim. Tirou o giz do bolso. Escreveu, com a letra grande e torta, e virou a lousa para mim, só para mim:

EU SEI O QUE VOU PERDER. NÃO É VOCÊ QUEM VAI PERDER POR MIM.

Eu fechei a boca.

Ele apagou com a manga, escreveu de novo e me mostrou:

MEU FILHO VAI ESTUDAR EM VIDRO. É A TROCA.

Depois virou a lousa para a Escrivã. Já tinha escrito a frase do outro lado, em casa, com tempo, para não errar nenhuma letra.

TER UMA FORJA MINHA, COM O MEU NOME NO MARTELO.

A Escrivã leu em voz alta. Escreveu na etiqueta. Estendeu a pena.

Dov assinou. A linha de luz que saiu do peito dele era cor de brasa, grossa, firme, e entrou no frasco branco sem tremer. A Escrivã cortou um fio com a tesoura de prata; o fio subiu para o Tear, e o sonho continuou cheio. Passou o frasco diante do Olho. O rosto de Dov apareceu em cima do Tear, largo, de sobrancelhas grossas, e eu vi uma coisa que nunca tinha visto naquele rosto: ele estava sorrindo. Um sorriso pequeno, de quem fez uma conta difícil e chegou ao resultado que queria.

— Aceito — disse a Tecelã.

Dov voltou para o seu lugar. Passou por mim. Não olhou. Mas tocou de leve no meu ombro com a mão enorme, uma vez, como quem diz *está tudo bem*, e eu entendi que ele não estava me consolando. Estava me ensinando.



— Lissa, de Brumavale. Oferenda da Corte de Cobre.

Lissa deu três passos para dentro do círculo e parou.

Tinha dezesseis anos. Estava descalça, de túnica branca, com o cabelo trançado por alguém que não era a mãe dela. Tremia tanto que eu via a túnica tremer.

— A oferenda da Corte de Cobre cede, diante do Grande Tear, o seguinte resultado central — disse a Escrivã.

Lissa olhou para o banco de Cobre. Para Lorde Aurelio Vane, de casaco de moedas, que a olhava de volta com a cara de quem acompanha um investimento. Depois olhou para mim. Eu não fiz nenhum sinal. Nenhum. Fiquei olhando para ela com as mãos abertas ao lado do corpo, para ela ver que estavam vazias.

Ela entendeu.

— Não — disse Lissa. A voz falhou na primeira vez. Ela engoliu e disse de novo, mais alto: — Não.

Lorde Aurelio se levantou do banco de Cobre.

— O Banco de Moedeira — disse ele, com a voz macia de quem nunca precisou gritar — não paga dote a uma oferenda que envergonha o Banco diante das cinco cortes. A família da senhorita será informada.

Lissa ficou branca. Eu vi o dote ir embora no rosto dela: a mãe, os irmãos pequenos, a rua inteira que sabia que a filha do tanoeiro ia voltar com dinheiro do Banco. Ela ficou parada no meio do círculo, sozinha, com a recusa na boca e mais nada.

E então Eiran se levantou.

Todo mundo esperava que ele se sentasse depois. O Guardião das Oferendas já tinha respondido por Tamsin; não precisava responder pela oferenda de outra corte. Ele não se sentou. Desceu os degraus do banco de Ouro, atravessou o chão de pedra preta, contornou o pano de luz com cuidado para não pisar, entrou no círculo das oferendas, coisa que nenhum príncipe de corte nenhuma faz, e parou do lado de Lissa.

Não falou nada por um tempo. Ficou ali, de branco e dourado, ao lado de uma menina descalça de Brumavale, diante das cinco cortes.

— O Guardião das Oferendas fica ao lado das oferendas — disse, enfim, para o salão inteiro. — De todas elas.

Lorde Aurelio sorriu.

— E Vossa Alteza vai pagar o dote?

— Não posso — disse Eiran, sem desviar os olhos. — Posso garantir que ela volte para casa em segurança, com escolta de

Ouro. O dote, não. Isso a senhorita perdeu. — Ele olhou para Lissa. — A senhorita sabia que podia perder.

— Sabia — disse Lissa, com a voz pequena.

— Então foi escolha.

— Foi.

A Tecelã olhou para os dois. Os rostos dela mudavam devagar, como nuvens.

— Registrado — disse. — A oferenda volta para casa sem o que lhe prometeram.

Eiran levou Lissa de volta ao lugar dela no círculo. Depois voltou para o banco de Ouro, sozinho, e se sentou do lado da minha irmã. Eu vi Rosa olhar para ele. Vi que ela entendeu o que aquilo tinha custado diante de Cobre, na noite em que a lei dele ia ser votada.

Eu também entendi.

E entendi outra coisa. Que ele tinha feito exatamente o que tinha prometido no jardim das colmeias: estar ao lado das oferendas. De todas elas. Inclusive da que estava a três passos do Frasco Primeiro, com um plano na cabeça. Eu ia lembrar disso mais tarde, quando ele cumprisse o resto da promessa.

— Aveline Lark, de Brumavale. Oferenda da Corte de Ferro.

Eu dei três passos.

O chão estava frio. Atrás de mim, o Grande Tear zumbia baixinho, os fios de luz descendo da cúpula sem parar. À minha esquerda, a três passos, o pedestal: o Frasco Primeiro com a luz sem cor inclinada para as costas da Tecelã; Mestra Clarys de um lado, o auditor jovem do outro, os dois de olhos

fixos no vidro verde. E Silvan, de preto, com o selo de ferro na mão e a caixa aos pés.

À minha direita, a três passos, o Olho de Vidro.

Na minha frente, a Escrivã, com um frasco branco na mão.

— A oferenda da Corte de Ferro cede, diante do Grande Tear, o seguinte resultado central.

Eu tinha ensaiado a frase cem vezes. Na tenda, no quarto, na ponte, de cabeça. Tinha dito em voz alta no escuro, uma vez, para ver como soava sendo minha.

— Ter o meu próprio ateliê de costura — eu disse.

Ouvi, no banco de Ouro, um barulho pequeno. Um ar que alguém puxou pela boca. Não olhei. Sabia quem era. A minha irmã conhecia o ateliê. Tinha deitado do meu lado no chão da oficina do papai, a vida inteira, ouvindo eu descrever a vitrine.

A Escrivã escreveu a frase na etiqueta. A letra dela era fina e inclinada. *Ter o meu próprio ateliê de costura.* Depois abriu o livro do Tear diante de mim e me estendeu a pena.

Eu peguei a pena.

E pensei, uma última vez, no ateliê. De propósito. Com força. Não no desenho; nele. O cheiro de linho novo. A tesoura grande na mesa comprida. A luz da janela grande em cima de um vestido de noiva meio pronto. Uma placa na porta. Uma moça de avental. Uma vida inteira sem linha de osso.

Assinei.

Aveline Lark. Com a minha letra. Não *pela consignante*. Não por ninguém. Pela primeira e única vez na vida, eu assinei a venda de um sonho meu com o meu próprio nome, lendo cada palavra.

A assinatura brilhou.



Eu não sabia como ia ser. Tinha visto o meu pai vender, de trás de uma banca, aos doze anos, e nunca tinha perguntado como era do lado de dentro.

É assim:

Primeiro, um puxão. Não forte. No meio do peito, atrás do osso, como se alguém tivesse achado uma ponta de linha solta ali dentro e começado a puxar, com cuidado, sem pressa, do jeito que eu puxo um alinhavo para não estragar o pano. Depois, a linha vindo. Eu vi. Saindo do meu peito, por baixo do linho branco da túnica, fina, de uma cor que eu nunca tinha visto num frasco: branca, mas quente, cor de linho cru e de luz de janela, com um brilho miúdo de alfinete. Entrando no frasco branco que a Escrivã segurava.

E, enquanto a linha saía, eu sentia o ateliê ir embora.

Não os fatos. A vitrine, a mesa comprida, a placa: eu ainda conseguia ver tudo. Sabia que tinha desenhado aquelas coisas centenas de vezes, porque naquela manhã o caderno estivera nas minhas mãos. Mas já não achava, dentro de mim, a menina que as tinha desejado. A lembrança de ter *querido* aquela vida escapava junto com a vontade. Restava o desenho, e nada por trás dele.

E então eu ouvi as cortes prenderem o ar.

Abri os olhos. Não sabia que tinha fechado.

À minha esquerda, a três passos, o Frasco Primeiro tinha acordado.

A luz sem cor tinha subido do fundo do vidro até a rolha de cera, e atravessado a cera, e saído. Não toda. Um fio. Um braço fino de luz sem cor, saindo do Frasco Primeiro pelo meio do selo da primeira escrivã, esticado no ar na direção da linha branca que saía do meu peito. Como uma mão que se estende no escuro para uma vela.

Funcionou, eu pensei. Funcionou.

Mestra Clarys virou a cabeça.

Os olhos quase transparentes dela seguiram o braço de luz, do Frasco até o meio do ar, do meio do ar até a linha branca, da linha branca até o meu peito, até o meu rosto. Foi uma fração de tempo. Foi o tempo de um suspiro. Exatamente o tempo que eu tinha imaginado na beira do lago, com um desenho no colo.

O auditor jovem não virou.

Ficou olhando para o Frasco. Para o vidro verde no pedestal. Com os olhos claros arregalados, sem piscar, os lábios entreabertos, olhando a luz sair de dentro do Frasco Primeiro, coisa que ninguém via havia quinhentos anos, e não desviou os olhos dele nem um palmo. Era jovem. Era novo no ofício. Tinha recebido uma ordem do Guardião das Oferendas, por meio da Escrivã: *olhem só para o Frasco*. E estava olhando só para o Frasco, com todo o medo e toda a fé de quem recebeu a primeira ordem importante da vida.

Silvan não se mexeu.

Eu vi a mão esquerda dele, a de ferro, parada ao lado do corpo, a um palmo da caixa do selo. Vi o polegar da mão direita apertar o cabo do selo até a carne ficar branca. Vi ele olhar para o auditor jovem. E não descer a mão.

Não havia suspiro. Havia um par de olhos arregalados fixos no pedestal.

O plano tinha funcionado. E não servia para nada.

A LINHA BRANCA terminou de sair do meu peito.

A Escrivã ainda segurava o frasco aberto. Com a tesoura de prata, tirou um fio finíssimo da luz que acabara de entrar. O fio subiu para o Tear; o sonho continuou cheio no

vidro. Só então ela fechou o frasco e o pôs diante do Olho de Vidro.

E em cima do Tear, no ar, enorme, feito de luz, apareceu o meu rosto.

Eu nunca tinha me visto daquele tamanho. Ninguém nunca se viu. Era eu, de olhos abertos, com o cabelo castanho preso de qualquer jeito e uma cara que eu não reconheci de imediato, porque não sabia que eu tinha aquela cara: a de alguém que acabou de entregar uma coisa e ainda está com a mão estendida.

O salão murmurou.

O braço de luz sem cor, saindo do Frasco Primeiro, continuava esticado no ar, inclinado para o frasco branco diante do Olho. Mais fraco agora. Mais fino. Como um fio de fumaça que o vento vai desmanchando.

A Tecelã olhou para o meu rosto no ar.

Os rostos dela pararam de mudar por um instante. Só um. Ela olhou para o meu rosto em cima do Tear, e depois para mim, de túnica branca, descalça, no meio do círculo, e depois para o braço de luz que saía do Frasco Primeiro na direção do meu sonho.

— Sonhadora — disse ela, baixinho.

Não para o salão. Para si mesma. Eu li nos lábios.

E então virou o rosto, devagar, para o lado do pedestal. Não para o Frasco. Para o homem de preto parado ao lado dele.

Silvan não desviou os olhos dela.

Foi muito rápido. As cortes não perceberam, ou acharam que era a Grã-Rainha olhando para o fiscal-mor do Mercado, como olha todo ano. Eu percebi. Percebi porque estava a três passos, e porque os rostos dela voltaram a mudar logo depois,

mais depressa, como água de rio que passa por cima de uma pedra.

— Aceito — disse a Tecelã.

Meu rosto sumiu de cima do Tear.



A Escrivã pôs o frasco branco com o meu ateliê na bandeja de prata, ao lado do Olho, junto com o de Ancel e o de Dov. Três frascos brancos, com três luzes dentro: dourada, cor de brasa e a minha, branca e quente. Iam ficar ali até o fim da Renovação. O que acontecia com eles depois, eu ainda não sabia.

Voltei para o meu lugar no círculo.

Olhei para as minhas mãos.

Eram as mesmas. Os calos de dedal. O risco fino no polegar, onde a mola do relógio tinha mordido. A linha cor de lacre no pulso esquerdo, com os dois nós da minha irmã.

E eu não entendia mais por que aquela loja tinha ocupado tantas páginas do meu caderno.

Juro. Eu tentei. Fiquei ali, no círculo, descalça, enquanto a Escrivã escrevia no livro do Tear, tentando encontrar em mim a razão daqueles desenhos. A vitrine com o vestido de noiva. A placa. A mesa comprida. Eu via tudo. Sabia que tinha enchido centenas de páginas desde os catorze anos; tinha segurado o caderno naquela manhã. Sabia, pela frase que acabara de assinar e pelos olhos da minha irmã, que aquilo me importara mais do que qualquer outra coisa.

Mas não conseguia lembrar como era ter querido. Nem mesmo que sensação era aquela, por dentro.

Era como olhar o desenho de um pão sem lembrar o que é ter fome.

Levantei os olhos. Do outro lado do salão, no banco de Ouro, a minha irmã estava com a mão sobre a boca e os olhos cheios d'água. Eu não soube o que fazer com aquilo. Ela estava chorando por uma coisa que eu já não sentia. Eu quis dizer a ela que estava tudo bem, e não disse, porque não sabia se estava.

Olhei para o pedestal.

O Frasco Primeiro continuava lá. O verdadeiro. A luz sem cor tinha voltado para dentro do vidro, quase toda. Mas não toda. Um fiapo, uma sombra de braço, ainda se inclinava de leve para fora da cera, na direção da bandeja de prata, na direção do frasco branco com a luz que até um minuto antes tinha sido minha. Cada vez mais fraco. Mas ainda lá.

O auditor jovem continuava olhando para ele, de olhos arregalados. Mestra Clarys tinha voltado a olhar para o Frasco também. E escrevia alguma coisa numa tabuinha de cera, com um estilete, sem pressa.

Silvan olhou para mim. Por cima da cabeça dos auditores. Uma vez só.

Eu conhecia aquele olhar. Era o da forja, na noite da lua nova, quando eu perguntei se a borda do ferro estava áspera e ele disse *está*, e eu peguei a lima de novo.

Ainda.

O plano tinha falhado na primeira chance. Eu tinha dado o ateliê, e o Frasco continuava no pedestal.

Mas a luz ainda se inclinava. E a Renovação mal tinha começado. E em algum momento daquela noite o fiscal-mor do Mercado ia ter de se abaixar ao lado do pedestal, com o selo de ferro na mão, para carimbar a renovação do Juramento da Corte de Ferro.

Eu contei de cabeça. *Dezenove minutos.*

Restavam trinta e oito.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

O Frasco Primeiro



A Renovação dos Juramentos é a coisa mais chata que eu já vi acontecer numa noite em que o mundo podia acabar.

A Escrivã lia. Um contrato depois do outro, do livro grande de couro escuro, na língua velha de Cobre, e depois em palavras de gente: o Pacto da Fronteira, cláusula por cláusula; os contratos das balanças do Mercado; as taxas dos bancos; as rotas do Bosque Limiar. Depois de cada um, perguntava às cortes se havia objeção. Ninguém objetava. Ela molhava a pena, escrevia uma linha, virava a página. A vela da Renovação descia.

Eu contava de cabeça. *Vinte e dois. Vinte e três.*

No pedestal, o Frasco Primeiro continuava com aquele fiapo de luz inclinado para fora da cera, na direção da bandeja de prata. Mais fraco a cada página. O auditor jovem de Vidro não tirava os olhos dele. Mestra Clarys, do outro lado, alternava entre o Frasco e a tabuinha de cera, onde escrevia de vez em quando, sem pressa.

Vinte e seis.

— A Lei das Três Vendas — disse a Escrivã. — Proposta pelo Guardião das Oferendas, em nome da Corte de Ouro.

Eiran se levantou.

Não fez discurso. Leu a lei inteira, de cor: três vendas por vida, nenhuma assinatura de criança, toda venda lida em voz alta diante de duas testemunhas sem interesse. Não leu a cláusula que tinha trocado pelo silêncio de Corvin. Ela não estava mais lá. Eu reparei no buraco, como se repara num ponto que falta, e vi que a minha irmã também reparou, porque ela baixou os olhos para a pasta no colo.

— Ouro vota sim — disse Eiran.

— Cobre vota sim — disse Lorde Aurelio, sem levantar, com o sorriso de quem recebeu sete anos de taxas intocadas.

— Prata vota não — disse uma dama de Prata, por Corvin, que nem se deu ao trabalho de falar.

— Vidro acompanha a maioria — disse o velho de Vidro. — Sim.

A Escrivã escreveu.

— Aprovada — disse a Tecelã, de costas, as mãos no Tear. — O selo, no fim, com os Juramentos.

Eiran se sentou. Não sorriu. Tinha conseguido metade do que queria e pago com a outra metade, e sabia disso melhor do que ninguém.

Vinte e nove.

— A petição de Rosalind Lark, de Brumavale — disse a Escrivã. — Ouvida ontem. A cláusula da reserva de sete dias. Para votação das cortes.

O salão ficou mais quieto.

A minha irmã não se levantou. Não precisava. Já tinha dito a frase na véspera, diante da vela pequena. Ficou sentada no banco de Ouro, com a pasta fechada no colo, as mãos cruzadas em cima dela, os nós dos dedos brancos. A mecha cinza no cabelo castanho. Hollis atrás, de pé, a dois passos.

— Ouro vota sim — disse Eiran.

— Cobre vota não. — Lorde Aurelio, dessa vez, se levantou. — Sete dias de espera em cada venda são sete dias de dinheiro parado. O Banco empresta a quem vende. O Banco paga quem compra. O Banco não pode ficar sete dias sem saber o que vai ter na adega. — Ele sorriu para a minha irmã. — Com todo o respeito à peticionária, que escreve muito bem.

Rosa não se mexeu.

E então Lorde Corvin se levantou no banco de Prata.

Eu não esperava. Ninguém esperava. Ele não tinha falado a noite inteira, nem na véspera, nem na noite de Vidro. Ficou de pé, sem máscara, com aquela beleza difícil de olhar, e olhou para o banco de Cobre com uma cara de quem acabou de ver um adversário pisar no próprio pé.

— Prata vota sim — disse.

Lorde Aurelio parou de sorrir.

— Sete dias em que o Banco não sabe o que vai ter na adega — disse Corvin, com a voz macia — são sete dias em que Prata sabe uma coisa que Cobre não sabe. Prata gosta muito disso. — Ele se sentou. Não olhou para mim. Não olhou para a minha irmã. — Por mim, podiam ser catorze.

Ninguém achou que fosse bondade. Eu também não. Era um lorde de Prata cobrando uma conta antiga de um banqueiro de Cobre, com a cláusula da minha irmã como moeda. E, mesmo assim, era um voto.

Dois a um.

— Vidro — disse a Escrivã.

O velho de Vidro, de cabelos brancos e olhos claros, demorou. Olhou para o pedestal, onde Mestra Clarys estava de pé. Olhou para a minha irmã.

— Vidro não vota mudança nos contratos do Mercado sem estudá-la por sete anos — disse. — É a nossa regra. Mudança feita depressa é mudança mal feita. Vidro vota não. — Uma pausa. — Por enquanto.

Dois a dois.

O salão murmurou. A Escrivã molhou a pena e olhou para o livro, e eu vi que ela ia escrever a palavra que se escreve nos empates, que eu não sabia qual era, mas sabia que não era *aprovada*.

— A Corte de Ferro vota.

A voz veio do lado do pedestal. Não alta. Não precisava ser.

A Escrivã levantou os olhos. O salão inteiro se virou.

Silvan estava de pé onde sempre esteve, ao lado do pedestal, de preto, com o selo de ferro na mão direita. Não tinha se mexido. Só tinha falado.

— A Corte de Ferro não vota há trezentos anos — disse a Escrivã, com a voz fina, de quem lê um fato.

— A Corte de Ferro tem voto pelo Pacto há trezentos anos — disse Silvan. — Nunca ninguém perguntou. Estou dizendo.

A Escrivã folheou o livro grande para trás. Muito para trás. Parou numa página antiga, amarelada, e passou o dedo por uma linha. Ficou um tempo olhando.

— Consta — disse.

— Então a Corte de Ferro vota sim.

Três a dois.

Do banco de Ouro, eu ouvi um barulho que conhecia de antes de saber andar: o barulho da minha irmã tentando não

chorar, uma respiração presa que escapa pelo nariz em dois tempos. Hollis, atrás dela, pôs a mão no ombro dela. A mão de carne. Não tirou.

— Aprovada pelas cortes — disse a Escrivã, e escreveu.

— O selo, no fim — disse a Tecelã, de costas. — Com os Juramentos.

Eu olhei para Silvan. Ele não olhou para mim. Estava olhando para o Frasco. Para o fiapo de luz que ainda se inclinava para fora da cera, tão fino agora que eu precisava apertar os olhos para ver.

Trinta e quatro.



— O Juramento da Corte de Ferro — disse a Escrivã. — Para renovação.

Ela leu a cláusula sétima. *Que a Corte de Ferro guarde o Mercado da Fronteira, e que nenhuma fraude o atravesse. E que toda fraude que atravessar a sua guarda seja paga pelos seus guardiões, em sua carne, até que a conta esteja quite.* Leu a última linha, mais baixo. *Que este juramento só se desfaça pela mesma linha que o fez.*

Ninguém objetou. Ninguém nunca objeta ao Juramento de Ferro. Não é contrato de ninguém além de Ferro.

A Escrivã se levantou da mesa com uma folha na mão: a cópia do Juramento, renovada, esperando o selo. Atravessou o círculo e pôs a folha em cima do pedestal, ao lado do Frasco Primeiro, a um palmo do vidro verde. É assim há trezentos anos: os Juramentos se renovam ao lado da língua de onde nasceram.

E o fiscal-mor do Mercado se ajoelhou para carimbar.

De joelhos, porque os guardiões de Ferro juraram de joelhos, trezentos anos antes, diante daquele mesmo pedestal.

Eu sabia disso pelo Tavish. Era o único momento da Renovação em que o Senhor de Ferro se ajoelhava diante de alguma coisa no Palácio do Fuso. As outras cortes gostavam muito desse momento. Algumas sorriam.

O pedestal era baixo. De joelhos, as mãos de Silvan ficaram na altura do Frasco. A caixa do selo, aberta, ficou do lado do joelho esquerdo dele, no chão. Com o feltro do forro dobrado por cima.

Eu parei de contar.

O auditor jovem se inclinou para a frente. Não para Silvan; para o Frasco. O fiapo de luz estava quase sumindo, e ele queria ver se sumia, porque aquilo não estava em nenhum livro de Vidro, e porque era jovem e estava com medo de que fosse culpa dele. Inclinou a cabeça, aproximou o rosto do vidro verde, de olhos apertados.

Mestra Clarys não se inclinou. Os olhos dela foram para onde deviam ir quando o ferro chega perto de um encantamento: para o selo. Para a mão direita de Silvan, erguendo o selo grande de ferro acima da folha do Juramento.

Dois auditores. Um olhando a luz. Outro olhando o ferro.

Nenhum olhando a mão esquerda.

Silvan baixou o selo sobre a folha. E apertou.

E, enquanto apertava, a mão esquerda dele, a de ferro, ergueu o feltro do forro da caixa e o pôs por cima do Frasco Primeiro. Um gesto pequeno, natural, cuidadoso. O gesto de um fiscal-mor que protege a coisa mais sagrada de Sylvária do ferro do próprio selo.

Um, eu contei, sem querer, no ritmo do carimbo. *Dois.*

Por baixo do feltro, a mão de ferro levantou o Frasco verdadeiro. Eu não vi o vidro; vi o feltro se mexer, de leve, como pano em que alguém respira por baixo. A mão

desapareceu um instante na gaveta rasa, onde o falso já esperava.

Três.

A luz vacilou.

Não a do Frasco, que estava coberto. A das velas, a do Tear, a do salão inteiro, como se alguém tivesse aberto uma porta para um vento que não vinha de lugar nenhum. Uma vez. O auditor jovem soltou o ar pela boca.

— A luz — sussurrou ele.

— É o ferro do selo — disse Mestra Clarys, sem tirar os olhos da mão direita de Silvan. — Perto demais do Frasco. Registre.

Quatro. Cinco.

O auditor jovem abaixou os olhos para a tabuinha dele e registrou.

Seis.

O feltro se mexeu de novo. Desta vez subiu um dedo antes de baixar sobre a pedra do pedestal. A mão de ferro deixou ali o frasco que trouxera da gaveta e recuou para o forro, onde ficou parada um instante, firmando a caixa, como quem ajeita uma coisa que escorregou.

Sete.

Silvan levantou o selo. Na folha do Juramento, a marca de ferro: uma grade com um sininho no meio, o brasão da Corte de Ferro, nítida, perfeita.

E levantou o feltro de cima do Frasco.

No pedestal, ao lado da folha carimbada, estava um frasco pequeno, de vidro verde-escuro, grosso, irregular, cheio de bolhas, com uma rolha de cera preta e um selo de uma

balança dentro de um círculo, com uma linha cruzando os pratos.

E a luz lá dentro estava parada.

Parada. Deitada no fundo do vidro, como água de poço numa noite sem vento. Sem círculo nenhum. Sem fiapo nenhum.

Eu senti o sangue sair do rosto.

O auditor jovem levantou os olhos da tabuinha. Olhou para o Frasco. Franziu a testa.

E então, devagar, no fundo do vidro, a luz parada se mexeu.

Uma vez. Como um bicho velho que se vira no sono. E depois se ergueu, e encontrou no ar, logo acima do pedestal, o que restava do braço de luz do Frasco verdadeiro, aquele fiapo fino que ainda apontava para a bandeja de prata, para o meu ateliê dentro do frasco branco. E se agarrou nele. Do jeito que a borra das adegas tinha se enrolado no relógio do meu pai. Do jeito que tinha se enrolado na fita de trança da Pim.

E começou a girar.

Devagar. Em círculos. Como água de poço fundo quando alguém joga uma pedra lá embaixo.

Não era um pedaço do meu sonho. O meu sonho estava inteiro, na bandeja, entregue, da Tecelã. Era o eco da passagem dele. O rastro de luz que tinha ficado no ar. A borra de quinhentos anos pegou esse rastro e se pôs a girar com ele, como uma roda de moinho pega a água que passa.

O auditor jovem relaxou os ombros.

Mestra Clarys olhou para o Frasco. Olhou por muito tempo. Depois escreveu uma linha na tabuinha de cera. Eu estava a três passos e li, porque leio de cabeça para baixo desde os doze anos, na banca da Odete:

Fiscal-mor cobriu o Frasco com feltro durante o carimbo. Deslocamento de um dedo para a esquerda. Luz estável. Conferir depois do selo.

Ela passou o estilete por baixo da última frase, uma vez. Não interrompeu a Renovação diante da Tecelã; também não tinha dado aquilo por encerrado.

Silvan se levantou. Fechou a caixa do selo com o pé, como quem fecha uma coisa que não tem importância nenhuma. Voltou para o seu lugar, ao lado do pedestal. De preto. Com o selo na mão direita.

Na caixa fechada, aos pés dele, debaixo do feltro, na gaveta rasa, estava o Frasco Primeiro.

Eu respirei. Fazia sete contagens que eu não respirava.

Quarenta e um.

Tinha funcionado.

Por alguns segundos, tinha funcionado inteiro. Eu tinha dado o ateliê, a luz tinha acordado, o fiscal-mor tinha se ajoelhado, os auditores tinham olhado para os lugares certos pelos motivos certos, e um frasco falso feito com as minhas mãos estava girando no pedestal da Grã-Rainha de Sylvária, diante das cinco cortes, sem que ninguém soubesse.

A melhor falsificação da minha vida.

A última.

A Escrivã leu os últimos contratos. Rápido, agora, porque a vela da Renovação estava no fim e o corredor da procissão não espera ninguém.

Quarenta e quatro. Quarenta e cinco.

— Terminamos a leitura dos Juramentos — disse a Escrivã, enfim, fechando o livro grande. — Aguardam o selo de Vossa

Majestade.

E a Tecelã se levantou do Grande Tear.

Era a primeira vez que eu a via de pé. Era menor do que eu imaginava. Do tamanho da minha mãe. Andou descalça pelo pano de luz, sem cuidado nenhum, e a luz não se dobrava debaixo dos pés dela, porque era dela. Atravessou o círculo das oferendas. Passou por mim. Cheirava a linho e a fio de lã, como a casa da Marisol.

Parou diante do pedestal.

Olhou para as folhas: o Pacto, os contratos, a Lei das Três Vendas, a cláusula da minha irmã, o Juramento de Ferro com a marca da grade e do sininho. Tudo esperando o selo dela.

E pôs a mão aberta em cima do Frasco Primeiro.

Em cima do meu frasco.

Os rostos dela pararam de mudar.

Assim, de uma vez. Ficou um rosto só. Eu não sei descrever. Não era velho nem moço. Era o rosto de alguém que acabou de pôr a mão numa coisa que conhecia desde sempre e sentiu, por baixo dos dedos, que não era ela.

Ela não gritou. Ninguém no salão percebeu nada, a não ser os que estavam a três passos. A Tecelã ficou parada, com a mão aberta em cima do vidro verde, e a luz do falso girando lá dentro, devagar, no eco do meu ateliê.

— Eu conheço essa luz — disse ela, baixinho. — E ela não é minha.

O auditor jovem ficou branco.

Mestra Clarys não se mexeu.

A Tecelã virou a cabeça para a mesa.

— Escrivã — disse, com a voz de quem acabou de pôr uma criança para dormir. — Quem tocou no Frasco?

A Escrivã se levantou. Olhou para o pedestal. Para a Tecelã. Para os dois auditores.

— Ninguém, Majestade — disse. — Só eu. Como sempre.

Silêncio.

O salão inteiro estava em silêncio, e quase ninguém sabia por quê.

E então, aos pés de Silvan, a caixa do selo acendeu.



Não acendeu inteira. Foram as frestas. As frestas finas entre as tábuas da caixa, as da tampa, a do fundo, a da gaveta rasa. De dentro delas saiu uma luz sem cor, de repente, como sai a luz de uma lanterna fechada quando alguém acende a vela lá dentro. Não para cima. Para o lado. Para a mão da Tecelã, em cima do pedestal.

O verdadeiro tinha sentido a dona.

Como um cão que ouve, do outro lado da porta, a voz de quem o criou. Tinha se esticado de dentro da caixa, através do feltro, através da madeira, na direção da mão dela. E, no caminho, entre a caixa e a mão, havia uma coisa.

Eu.

Eu estava a três passos. A luz passou por mim. Pelo meu peito, pelo lugar de onde, quarenta minutos antes, tinha saído a linha branca do meu ateliê, que ainda doía como dói o lugar de um dente arrancado.

E eu vi.



Um chão de terra. Frio. Um quarto sem janela, com um fogo apagado num canto e uma panela vazia.

Uma moça sentada no chão. Magra de doer, com o cabelo grudado na testa e os lábios rachados. Fome. Uma fome tão velha que tinha virado o rosto dela.

Na frente da moça, de pé, uma mulher alta, de capa cor de cobre, segurando uma balança pequena numa mão e um pão na outra. Um pão redondo, escuro, inteiro. Do pão subia um vapor fino.

Entre as duas, no chão de terra, um papel. Uma linha só, escrita numa letra cheia de voltas, cor de cobre.

Envelhecer.

A moça olhou para o pão. Olhou para a mulher. Olhou para o papel.

E disse *sim*.

A mulher de Cobre lhe estendeu uma pena. A moça assinou, com a mão tremendo de fome. A última letra brilhou; o pão ainda não tinha saído da outra mão.

A visão acabou ali, como acaba um sonho quando alguém bate na porta.



Eu cambaleei para trás. Dov me segurou pelo braço.

Do outro lado do pedestal, a Tecelã tinha virado a cabeça para a caixa do selo, aceso pelas frestas, aos pés do Senhor de Ferro. E depois para mim.

E eu vi o rosto dela. O que tinha parado.

Era a moça do chão de terra. Mais velha. Não muito. Uns vinte e poucos anos. A minha idade. Com os mesmos lábios, que já não estavam rachados, e os mesmos olhos, que ainda tinham fome.

Ela me olhou. Viu, na minha cara, que eu tinha visto.

— Você viu — disse.

Não era pergunta.

Eu não respondi. Não conseguia.

A Grã-Rainha de Sylvária, a Tecelã do Fuso, a que mantinha a paz entre as cinco cortes havia trezentos anos e o comércio de sonhos havia quinhentos, tirou a mão de cima do frasco falso. E disse, só para mim, tão baixo que nem os auditores a três passos ouviram direito:

— Eu queria chegar a ser velha. Foi a primeira coisa que vendi.

Depois se virou para as cinco cortes, que não tinham entendido nada, que só viam a Grã-Rainha de pé diante do pedestal e uma caixa de fiscal acesa no chão, e a voz dela voltou a ser a de quem põe uma criança para dormir:

— E agora vocês chamam isso de paz.

Os rostos dela voltaram a mudar. Rápido. Muito rápido. Como água de rio que passou de repente por cima de uma cachoeira.

— Escrivã — disse a Tecelã. — Feche a grade.

A Escrivã correu para a porta estreita da parede oeste, a do corredor da procissão, com a chave comprida na mão.

E a Tecelã se virou para o homem de preto parado ao lado do pedestal, com o selo de ferro na mão direita e uma caixa acesa aos pés.

— Senhor de Ferro — disse ela. — Abra a caixa.

Quarenta e oito, eu contei.

Silvan não abriu a caixa.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

A Escolha de Silvan



O salão demorou a entender.

Do banco das cortes, o que se via era isto: a Grã-Rainha de pé diante do pedestal, com a mão a um palmo do Frasco Primeiro; uma caixa de fiscal no chão, com luz saindo pelas frestas; o Senhor de Ferro ao lado dela, de preto, imóvel, com o selo na mão; e a Escrivã do Fuso correndo, coisa que ninguém nunca tinha visto, para a porta estreita da parede oeste, com uma chave comprida na mão.

Um murmúrio subiu dos degraus como água subindo num poço. Alguém de Prata riu, curto, e parou de rir. Lorde Aurelio se levantou. A dama de trigo no cabelo, a da Colheita, pôs a mão no peito.

A grade de ferro da cabeceira do corredor da procissão fechou com um barulho seco. A Escrivã girou a chave duas vezes.

— Senhor de Ferro — disse a Tecelã outra vez, sem levantar a voz. — Abra a caixa.

Silvan olhou para ela.

Não para a caixa. Não para mim. Para ela. Para o rosto que tinha parado de mudar e agora mudava depressa demais,

como folha de livro que alguém folheia com raiva.

— Não — disse ele.



A Tecelã não se zangou. Isso foi o pior.

Inclinou a cabeça, como uma tecelã que acha um nó no fio e ainda não decidiu se corta ou desmancha.

— Eu cumpri a minha parte há trinta anos, Silvan Morcant — disse ela. Baixo. Só para nós, os que estavam a três passos. — Na noite em que o seu pai morreu, Prata e Cobre já tinham repartido a sua corte num papel. Eu rasguei o papel. Reconheci o seu nome. Mantive a sua gente inteira, as torres tortas, a ponte de correntes, os guardiões ainda vivos e os que já estavam de pé, imóveis, na Cerca. Você se lembra.

— Eu lembro — disse ele.

— E me prometeu uma coisa em troca. Assinou. Com a mão que ainda era de carne.

— Eu sei.

— Hoje eu a vi em cima do meu Tear.

Ela não olhou para mim quando disse isso. Não precisava. Eu senti a frase passar por cima de mim como a sombra de uma ave.

Silvan não respondeu.

— O prazo venceu esta noite — disse a Tecelã. — Cumpra.

Eu não sabia o que ela estava pedindo. Até hoje não sei tudo. Mas sabia, pela cara dele, que era uma coisa que tinha a ver comigo, e que ele tinha sabido disso desde a biblioteca, desde a primeira noite, desde a linha doze. E que, se ele dissesse uma palavra sobre o quê, quem pagava era o povo dele.

Ele não disse a palavra.

— Não — repetiu.

E o ferro subiu.



Começou pela mão.

Os dois dedos de ferro da mão esquerda já eram de ferro. O do meio, cinza até a primeira junta. Eu vi a cor cinza correr pelo dedo do meio até o fim, como tinta que escorre num pano molhado. Depois pelo anelar. Pelo mindinho. Pelo polegar. A mão inteira. Fez um barulho baixo, um estalo seco, como gelo quando a gente pisa no rio no começo do inverno.

Silvan não gritou.

O ferro subiu pelo pulso. Pelo braço, por baixo da manga do casaco, e eu vi o pano se esticar, porque o braço por baixo estava engrossando, endurecendo, placa sobre placa. O cotovelo. O ombro. O casaco rasgou na costura do ombro esquerdo, a mesma que o dente de bronze tinha rasgado na noite da engrenagem e que a Mabry tinha remendado, e pelo rasgo eu vi as placas lisas e escuras, novas, sem borda áspera nenhuma, cobrindo o que antes era pele entre os veios.

Ele dobrou um joelho.

O selo de ferro caiu da mão direita dele e bateu no chão de pedra preta com um barulho que ecoou pelo salão inteiro.

O ferro passou da clavícula. Subiu pelo lado esquerdo do pescoço, por cima dos veios antigos, fechando tudo. Chegou ao queixo.

E parou ali. A um dedo da boca.

O salão inteiro estava de pé. Eu não sei quando as cortes se levantaram. Estavam de pé, nos degraus, em silêncio, olhando o Senhor da Corte de Ferro ajoelhado diante do pedestal da Tecelã, com metade do corpo virando estátua.

Eu não pensei. Me ajoelhei do lado dele. Pus as duas mãos no rosto dele, no lado de carne e no outro, no ferro novo, frio, liso, que até um minuto antes era pescoço. Ele estava respirando. Curto, raso, com os dentes apertados.

— Silvan.

Ele abriu os olhos. Cinza-prata, os dois. Ainda os dois.

— É a cláusula do cumprimento — disse, com a voz rouca, sem tirar os olhos dos meus. — A que cai sobre mim. Eu disse que existia.

— Para. Diz sim. Diz qualquer coisa. Você vai virar…

— Não vou. — Ele respirou fundo, e eu ouvi o ar entrar com dificuldade, do lado esquerdo, como entra num fole com uma dobra. — Parou. Ela cobra a dívida; não cobra a vida. É uma cláusula bem escrita. — Uma coisa que, em outro dia, teria sido quase um sorriso. — Eu li três vezes antes de assinar.

Eu não sabia se ria ou se chorava. Não fiz nenhum dos dois.

Ele olhou por cima do meu ombro. Para a Tecelã, de pé ao lado do pedestal, olhando para nós dois com o rosto mudando.

— O juramento é meu — disse Silvan, para ela. — O preço também.

A Tecelã ficou olhando para ele por muito tempo.

— Você sempre foi o melhor deles — disse, enfim. Sem raiva. Com uma coisa parecida com pena, que era pior. — O mais honesto. Por isso eu escolhi você, há trinta anos. — Ela virou a cabeça para os soldados de Vidro, que tinham vindo das portas e estavam parados na borda do pano de luz, sem saber se podiam pisar. — A caixa.

Os soldados avançaram.

E Eiran gritou.

Não para os soldados. Para a porta grande do salão, para os que estavam lá fora, na escada, na ilha, na ponte.

— A ponte! — A voz dele encheu o salão inteiro. — Fechem a ponte! Ninguém sai da ilha!

Eu me virei. Ele estava de pé no banco de Ouro, de branco e dourado, com o rosto pálido e firme. Olhou para mim por um instante, por cima de todas as cabeças. Não pediu desculpas com os olhos. Não piscou. Era o Guardião das Oferendas vendo um crime acontecer diante do Grande Tear e fazendo o que um guardião faz.

E depois, no mesmo fôlego, virou-se para os soldados de Vidro:

— E nenhum humano é ferido neste salão. Nenhum. — Apontou para o círculo das oferendas, onde Lissa estava agarrada ao braço de Tamsin. — Elas estão sob a minha guarda. Quem encostar nelas responde a Ouro.

Os soldados hesitaram um passo.

Um passo foi o que eu precisei.

Peguei a caixa.

Um soldado de Vidro chegou ao mesmo tempo. Não ergueu a espada contra mim; se abaixou para alcançar a tampa. A mão dele roçou o antebraço esquerdo de Silvan, caído ao lado da caixa, duro e imóvel. O soldado recuou com um grito curto, os dedos vermelhos. Não era o ferro obedecendo a Silvan. Era o ferro sendo ferro.

Eu puxei a caixa contra o peito, antes que o seguinte alcançasse a gente.

Pesada. Mais do que eu esperava; a madeira era grossa, de carvalho velho. Abri a gaveta rasa com a unha, por baixo do

feltro, e lá estava ele: o Frasco Primeiro, quente como um ovo debaixo de uma galinha, com a luz sem cor esticada para fora da cera, na direção da mão da Tecelã, que estava a quatro passos. Puxando. Como um cachorro na coleira, puxando para casa.

Embrulhei no feltro. Apertei contra o peito, por baixo da túnica branca, onde não havia bolso nenhum, só eu.

— Levanta — eu disse a Silvan.

Ele tentou. O lado esquerdo não obedeceu. O braço de ferro pendia do ombro, pesado, inteiro, inútil, como uma ferramenta pendurada num prego. Ele se apoiou na mão direita, no chão de pedra preta, e o joelho direito subiu, e o esquerdo escorregou sob o peso do braço morto, e eu enfiei o ombro debaixo do braço de carne dele e puxei.

Ele era pesado. Muito mais pesado do que um homem do tamanho dele devia ser. Era o ferro. Metade dele agora pesava como uma porta de cofre.

Levantamos. Os dois. Eu cambaleando debaixo do peso dele, ele cambaleando debaixo do peso dele mesmo.

— A grade — eu disse.

— Está trancada.

— Você é o Senhor da Corte de Ferro.

Ele olhou para a grade. Para as barras grossas, antigas, a única coisa de ferro do salão, a vinte passos, atrás do Tear.

— Com que mão? — disse.

Eu não respondi. Fui andando. Ele veio, porque eu fui, porque o ombro dele estava no meu e não havia outro jeito de não cair.

Atravessamos o pano de luz pisando nele. Não houve calor nenhum dessa vez. Ou havia, e eu não senti. Passamos pelo Tear, tão perto que os fios de luz roçaram o meu cabelo. A

Tecelã não nos seguiu. Alguns fios do Tear se ergueram atrás dela, mas caíram frouxos quando nos aproximamos da grade de ferro. Ela ficou de pé ao lado do pedestal, com a mão ainda aberta no ar onde o Frasco tinha estado, como quem espera uma coisa que sabe que vai voltar.

Os soldados de Vidro vinham atrás. Sem pressa, porque Eiran tinha gritado e porque nenhum deles queria ser o primeiro a pôr a mão numa oferenda diante de cinco cortes. Mas vinham.

Chegamos à grade.

Silvan tirou o ombro de cima do meu. Encostou o braço esquerdo, o de ferro, o inteiro, o morto, nas barras.

Não aconteceu nada.

— Não sinto — disse ele. A voz rachou. — Não sinto a mão. Não sei se o dom…

— Tenta.

Ele fechou os olhos.

E eu vi o que custa ao Senhor da Corte de Ferro mandar no ferro. O rosto dele ficou branco. O suor escorreu pela têmpora, do lado de carne. Ele não estava empurrando com o braço; o braço não se mexia. Estava chamando. Com alguma coisa por dentro, mais funda que o braço, que eu não sabia nomear.

As barras gemeram.

Primeiro uma. Depois as outras. Gemeram como as engrenagens de bronze tinham gemido na noite da máquina, e começaram a se abrir. Não quebrar: abrir, entortar para os lados, como pétala, como o grampo da grade de bronze debaixo da ponte, como uma flor murcha que alguém obriga a abrir de novo.

Abriu o bastante para passar uma pessoa de lado.

Silvan abriu os olhos. Estavam vermelhos.

— Vai — disse.

— Com você.

— Aveline…

— Com você ou não vou. — Eu enfiei o ombro debaixo do braço dele de novo. — Você ficou entre mim e o que viesse. Agora sou eu. Anda.

Passamos pela grade. De lado. Ele primeiro, arrastado. Eu depois, com o Frasco apertado no peito.

Do outro lado, ele se virou. Encostou o braço de ferro nas barras outra vez. E chamou de novo.

As barras se fecharam. Não do jeito que eram; tortas, emboladas, umas por cima das outras, como os dedos de uma mão fechada com força. A chave da Escrivã nunca mais ia entrar naquela fechadura.

Do outro lado, os soldados de Vidro chegaram à grade e pararam. Um deles pôs a mão nas barras e tirou depressa, com um grito curto. Ferro. Nenhum feérico das outras cortes toca no ferro sem se queimar.

Silvan escorregou pela parede do corredor até o chão.

O braço esquerdo dele estava caído do lado do corpo, cinza, imóvel. Eu toquei. Frio. Inteiro. Não se mexia mais nem quando ele tentava.

— Gastei — disse ele, de olhos fechados. — O que sobrava nele. Gastei.

— Para sempre?

— Não sei.

O corredor da procissão descia em curva para dentro da coluna do meio. Era estreito, de pedra branca, iluminado por lâmpadas pequenas presas no teto. O chão era liso. As

paredes, também. Não havia porta nenhuma de nenhum lado. Era um corredor que só servia para uma coisa: levar a Escrivã até a porta do Cofre e trazer de volta.

Eu puxei Silvan para cima. Ele veio. Fomos descendo, os dois encostados na parede, ele com metade do corpo virado ferro e eu com o Frasco Primeiro apertado no peito, puxando para trás, para cima, para a mão da dona.

Eu contava. Não tinha mais o relógio do meu pai; estava no bolso de dentro do casaco de Silvan, do lado do ferro. Não dava para tirar. Contava de cabeça, do jeito de sempre.

Cinquenta e três.

O corredor terminou.

Diante de nós, uma porta redonda, de bronze, da altura de um homem, toda gravada com balanças e círculos e linhas cruzando os pratos. A porta do Cofre do Fuso. Fechada. Lisa. Sem fechadura nenhuma do nosso lado.

— E agora? — disse Silvan.

Eu não respondi. Encostei a mão na parede do corredor, logo ao lado da porta de bronze. A pedra branca. E senti.

Tique. Pausa. *Taque.*

A torre girando. O corredor inteiro girando com ela, devagar, imperceptível, em volta da coluna do meio, onde estava a porta do Cofre, parada. A ponta do corredor, onde estávamos, deslizando, um fio de cabelo por vez, ao longo da parede da coluna.

O mostrador na escada. O arco da porta da procissão, dividido em riscos miúdos, um para cada minuto. Cinquenta e sete riscos. E logo depois, separado por um vão pequeno, o arco seguinte, com o desenho de uma porta estreita, de uma porta sem enfeite nenhum, de uma porta de criado.

A Mestra Clarys tinha dito: *depois da porta do Cofre, a ponta do corredor encosta em outras portas, por poucos minutos cada. Portas de serviço. Coisa de criado.*

— Agora a gente espera — eu disse.

— Espera o quê?

— A torre andar.

Lá em cima, do outro lado da grade torta, eu ouvia vozes. Soldados. Alguém gritando por uma chave, por um ferreiro, por alguém de Ferro que soubesse abrir aquilo. A voz fina da Escrivã. E, de vez em quando, mais baixa que todas, uma outra, calma, quente, que não precisava gritar.

Cinquenta e quatro.

Silvan escorregou de novo pela parede e ficou sentado no chão, com as costas na pedra, o braço de ferro esticado no chão ao lado dele como um galho caído. Eu me sentei do lado dele. Não tinha mais nada para fazer além de contar.

— Eu te devo uma coisa — disse ele, de olhos fechados.

— Você não me deve nada.

— Devo. Na câmara de Vidro, você perguntou se tinha a ver com você. Eu calei.

— Eu lembro.

— Hoje você ouviu ela dizer.

— Eu ouvi. — Eu olhei para o Frasco, embrulhado no feltro, contra o meu peito. — E ainda não sei o que é.

— Não posso contar.

— Eu sei.

— E ainda assim você me tirou do salão.

— E ainda assim. — Encostei a cabeça no ombro dele. No direito. — Você disse não. Na frente dela. Na frente de todo mundo. Sabendo o que custava. Eu não preciso saber o que você prometeu para saber o que você escolheu.

Ele não respondeu. Mas a mão de carne dele achou a minha, no chão de pedra, e apertou.

Cinquenta e seis.

Cinquenta e sete.

A porta de bronze começou a se mexer.

Não ela. Nós. A ponta do corredor deslizou para a esquerda, devagar, e a borda da porta do Cofre foi sumindo atrás da parede, um dedo, dois, uma mão, até que diante de nós ficou só a pedra lisa da coluna do meio, sem porta nenhuma. Um corredor que não dava em lugar nenhum.

Lá em cima, alguém gritou que tinha achado uma alavanca.

Cinquenta e oito. Cinquenta e nove.

A pedra lisa continuou passando. Eu fiquei de pé. Puxei Silvan. Ele veio, com um gemido que tentou engolir e não conseguiu.

Sessenta.

Uma fresta escura na pedra. Uma borda de madeira. Uma porta estreita, sem enfeite nenhum, de tábuas velhas, com uma argola de ferro no lugar da maçaneta, deslizando para a frente da ponta do corredor, como um barco que encosta.

Uma porta de criado.

— Agora — eu disse.

Abri a argola. Era ferro, frio, e eu agradeci por ser humana. Em Sylvária, só os de Ferro e os humanos pegam numa argola dessas sem se queimar. Por isso estava ali: era uma porta de criado, e os criados do Fuso eram humanos. A porta abriu para dentro, para uma escada de pedra estreita que descia, em espiral, para o escuro.

E de lá de baixo, do fundo do escuro, subia um barulho que eu conhecia de antes de saber andar.

Tique. Pausa. *Taque.*

Passamos. Eu fechei a porta atrás de nós.

Quando os soldados de Vidro conseguissem entortar de volta a grade da Escrivã e descer o corredor da procissão, contando a hora pelo sino, iam encontrar no fim dele uma parede lisa de pedra branca. E a torre, que não espera ninguém, já ia estar levando a porta de criado para longe, para o outro lado da coluna, onde só uma filha de relojoeiro ia saber procurar.



A ESCADA DESCIA. Muito. Silvan ia na frente, apoiado na parede com o ombro de carne, e eu atrás, segurando-o pela gola do casaco com uma mão e o Frasco contra o peito com a outra. Cada degrau, ele parava. Cada degrau, o braço de ferro batia na parede com um barulho surdo.

No fim da escada, a sala da roda.

A roda d'água girando no escuro, movida pela corrente do canal debaixo da ilha. A coroa de engrenagens. A coluna do meio, imóvel. O escapo do tamanho de uma casa, balançando de um lado para o outro. *Tique. Taque.* As lâmpadas de óleo nas paredes. Nenhuma criada pingando óleo dessa vez.

E, do outro lado da sala, o túnel baixo com o canal no meio. E, no fim do túnel, a grade de bronze, logo acima da água, presa na pedra com quatro grampos de ferro.

Fechados. Como Silvan os tinha fechado na noite da engrenagem, com a mão esquerda.

Ele parou no meio da sala. Olhou para o túnel. Olhou para o braço esquerdo.

E sentou no chão, de repente, como uma marionete a quem cortaram os fios.

— Silvan!

— Não consigo. — A voz dele estava muito baixa. — Os grampos. Eu não consigo mais, Aveline. Não com este braço. E o direito… — Ele olhou para a mão de carne, aberta no chão de pedra. — O direito nunca soube.

Eu me ajoelhei na frente dele.

Atrás de mim, a roda girava. O escapo balançava. E eu contava, de cabeça, sem querer, como o meu pai contava as badaladas.

Sessenta e sete.

Do alto da outra escada, a escada dos criados, a que descia do salão do Tear pela parede leste, ouvi passos.

Descendo. Depressa. Mais de uma pessoa.

Eu me levantei. Fiquei entre Silvan e a escada. Sem arma. Sem agulha. Descalça, de túnica branca, com o Frasco Primeiro da Grã-Rainha de Sylvária apertado contra o peito, puxando, quente, para cima.

Os passos chegaram ao último degrau.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

A Decisão de Rosalind



Era Hollis.

Desceu o último degrau da escada dos criados de espada na mão, com o lado de ferro do rosto virado para a luz das lâmpadas e o de carne virado para mim. Atrás dela, a minha irmã, de vestido amarelo, descalça, com os sapatos de Ouro na mão e a saia arregaçada até o joelho para não tropeçar. E atrás das duas, com uma lamparina de óleo erguida, uma mulher cinzenta de avental de couro.

A mulher da lata de óleo. A da engrenagem. A que tinha achado a minha linha vermelha.

Ela parou no último degrau e ficou ali, com a lamparina na mão, olhando para nada.

— Ela trouxe a gente — disse Hollis, sem tirar os olhos de mim. — Eu perguntei onde ficava a máquina. Ela disse *por aqui, senhora*. E veio.

— Tanto faz — disse a mulher, para ninguém.

Hollis abaixou a espada. Olhou para o meu peito, onde o Frasco estava embrulhado no feltro, contra a túnica branca. Depois olhou por cima do meu ombro.

Para Silvan, sentado no chão da sala da roda, com as costas numa engrenagem parada, o braço esquerdo esticado no chão, cinza, inteiro, morto, e o ferro subindo pelo pescoço até o queixo.

Eu vi Hollis ver.

Ela não correu até ele. Não disse o nome dele. Ficou parada no pé da escada, com a espada abaixada e o olho de carne muito aberto. Depois andou até ele, sem pressa, e se agachou na frente dele, e olhou o braço. O ombro. O pescoço. O ferro novo, liso, sem borda áspera nenhuma, que ninguém ia precisar limar porque já tinha acabado de crescer.

— Quanto? — perguntou ela.

— O braço todo. O ombro. Até aqui. — Silvan tocou o queixo com a mão de carne. — Não mexe mais.

— Por quê?

Ele demorou.

— Porque eu disse não a uma coisa que eu tinha assinado.

Hollis ficou um tempo olhando para ele. Eu esperei que ela dissesse alguma coisa dura. Ela não disse. Também não disse nada macio. Estendeu a mão de carne e tocou o ferro novo do ombro dele, de leve, com a ponta dos dedos, do jeito que se toca uma estátua da Guarda Parada quando se passa por ela de madrugada.

— Agora você sabe quanto pesa — disse.

E se levantou.



— Agrade — eu disse. — Os grampos. Ele não consegue.

Hollis foi até o fim do túnel sem perguntar nada. Olhou os quatro grampos de ferro que prendiam a grade de bronze na

pedra, logo acima da água do canal. Enfiou a ponta da espada atrás do primeiro e fez força.

Ferro contra ferro. O grampo gemeu e não abriu.

— Alavanca — disse ela.

Eu olhei em volta. Num canto da sala da roda, encostada na parede, havia uma bancada de madeira com as coisas da criada: latas de óleo, panos, chaves de boca de vários tamanhos, uma lixa, e uma alavanca de ferro comprida, do tamanho do meu braço, com a ponta achatada.

Peguei. Era ferro, e eu era humana, e a alavanca não me queimou.

Levei até Hollis. Ela encaixou a ponta atrás do grampo. Eu segurei a outra ponta com ela. Fizemos força juntas, uma humana descalça de túnica branca e uma guardiã de Ferro com metade do rosto de metal, de joelhos na beira de um canal debaixo do Palácio da Grã-Rainha.

O primeiro grampo cedeu com um estalo.

O segundo foi mais fácil. O terceiro, mais difícil. No quarto, a alavanca escorregou e eu caí sentada na pedra molhada, e Hollis riu, curto, pelo nariz, e me estendeu a mão de carne para eu levantar. Eu peguei.

O quarto grampo cedeu.

A grade de bronze balançou, presa só pelo peso, e Hollis a empurrou para fora com o pé. Ela caiu na água do lago com um barulho que pareceu enorme. Do outro lado, a noite. As vigas escuras debaixo da ponte. O cheiro de junco.

Saída.

Eu me virei para a minha irmã.

Rosa estava parada no meio da sala da roda, entre a escada e o túnel, com os sapatos de Ouro na mão.

Não tinha se mexido desde que chegou. Tinha ficado ali, olhando: a roda, a coroa de engrenagens, o escapo do tamanho de uma casa, o Silvan no chão, o Frasco no meu peito. Olhando do jeito que ela olha um contrato novo, antes de ler: o tamanho, a letra, onde estão as assinaturas.

— A grade está aberta — eu disse. — Rosa. A grade está aberta.

— Eu vi.

— Os cavalos estão na margem. Tobin e Corin. Por baixo da ponte até os juncos, e dali…

— Eu sei. Você contou à Hollis. A Hollis me contou na escada.

— Então vem.

Ela não veio.

— A Tecelã não selou nada — disse a minha irmã. A voz estava calma. A voz de cartório. — Nem a lei do Eiran. Nem a minha cláusula. Nem o Juramento de Ferro. Ela tirou a mão de cima do pedestal antes do selo. Está tudo aprovado pelas cortes e nada vale. E eu continuo sob a hospitalidade do Fuso até a minha petição ser decidida.

— Exatamente. Por isso você tem de vir agora. Antes que…

— Antes que ela decida?

— Antes que ela te prenda.

— Ela não pode me transformar em oferenda. — Rosa deu um passo para a frente. — Eu li o meu termo, Avie. Três vezes. Eu me comprometi a permanecer como peticionária até a decisão; a hospitalidade do Fuso obriga a anfitriã a me receber, me alimentar e me ouvir, sem cobrar outra cessão por isso. Posso pedir uma decisão. Ela pode tentar me fazer assinar

outra coisa. Eu sei dizer não. Não sou oferenda. Não ofereci nada a ela.

— Rosa, você viu as criadas. Você viu a Wenna.

— Vi. — Os olhos dela foram para a mulher da lamparina, parada no último degrau. — Elas eram oferendas. Assinaram uma cessão. E ninguém tira um futuro sem assinatura, Avie. Nem ela. Então, se foram ficando cinzentas aos poucos, talvez tenham assinado outras, aqui dentro. Por um quarto, por um prato, por um cobertor, por medo, por cansaço. Uma por uma. Alguém deve ter posto papéis na frente delas. É isso que eu quero descobrir. — Ela olhou para mim. — Eu leio.

Eu fiquei sem ar.

— Se eu fugir agora — disse Rosa —, por esse buraco, com você, com o Frasco, molhada até a cintura, eu quebro o meu termo. A Tecelã fica com uma desculpa perfeita para nunca selar a minha cláusula: a peticionária fugiu junto com a ladra. O Corvin ri. O Aurelio ri. O Eiran fica sozinho no banco de Ouro, tendo apostado tudo numa humana que correu na primeira noite difícil. E daqui a sete anos ninguém lembra.

— E se você ficar?

— Se eu ficar, ela tem de me dar uma decisão. Na frente das cortes. Com o livro aberto. — Rosa ergueu o queixo. — E, enquanto não dá, fico lá em cima. Lendo o Anexo. Pedindo acesso ao livro do Tear e aos contratos das criadas. Se me negarem, quero que a negativa fique escrita. É assim que se começa a abrir um arquivo.

— Você vai ficar presa num palácio que gira, com uma mulher que come o futuro dos outros, para *ler*?

— Você veio buscar o Frasco — disse a minha irmã. — Eu vim mudar uma cláusula. Ainda não terminei.



Eu dei um passo e peguei o pulso dela.

Não pensei. A mão foi sozinha, do jeito que foi sozinha quando ela tinha cinco anos e se inclinou demais na beira do Riacho das Lavadeiras. Do jeito que foi sozinha a vida inteira. Os meus dedos fecharam em volta do pulso dela, e eu senti os ossinhos finos, e o pulso batendo rápido, e a minha cabeça já estava fazendo as contas: a Hollis segura um braço, eu seguro o outro, a gente passa pelo buraco, ela grita, ela esperneia, ela me odeia por um ano, por dez, mas está viva, está em Brumavale, está…

— Avie.

Ela não puxou o braço. Não gritou. Ficou parada, olhando para a minha mão fechada no pulso dela.

— Você não pode perder o seu futuro — disse a minha irmã, muito baixo — para depois escolher o meu.

Eu fiquei imóvel.

O ateliê. Ela estava falando do ateliê. Tinha visto o meu rosto enorme, em cima do Tear, uma hora antes. Tinha ouvido a frase. *Ter o meu próprio ateliê de costura.* Tinha chorado no banco de Ouro por uma coisa que eu não sentia mais.

Eu tinha entregado o meu futuro. Por escolha. Por ela, também, e pela Hanna, e pelos cento e trinta e oito, e pelo Silvan no chão. Mas principalmente porque era meu e eu podia.

E agora queria escolher o dela.

Olhei para a minha mão no pulso da minha irmã. Para os meus dedos, os mesmos que tinham segurado a pena uma hora antes. Para a linha cor de lacre no meu pulso, logo abaixo, com os dois nós que ela tinha dado.

— Eu não estou ficando porque você precisa ir — disse Rosa. — Estou ficando porque esta também é a minha luta.

Eu abri a mão.

Foi a coisa mais difícil que eu fiz na vida. Mais difícil que assinar. Assinar foi só uma vez, com uma pena, e o ateliê foi embora sozinho, sem me perguntar nada. Abrir a mão foi dedo por dedo, e cada dedo me perguntou se eu tinha certeza.

Eu não tinha.

Abri mesmo assim.



Rosa ficou olhando para o próprio pulso, onde os meus dedos tinham estado. Depois olhou para mim.

— Obrigada — disse.

— Não me agradece.

— Agradeço se eu quiser. É meu. — Ela quase sorriu. Não chegou. — Leva o Frasco para casa, Avie. E aprende a ler o que tem dentro dele. Eu aprendo a ler o resto daqui. Um dia a gente junta as duas metades.

— E se ela…

— Ela vai querer me usar inteira. — Rosa olhou para a escada. — Ontem me examinou como você examina um tecido bom. Não sei se isso me protege. Sei que, enquanto ela me quiser lendo, posso procurar onde estão os papéis que ela não quer mostrar.

Eu não sabia se aquilo era coragem ou loucura. Na minha irmã, as duas coisas sempre tiveram a mesma cara.

Hollis, que estava parada na boca do túnel, molhada até os joelhos, enfiou a espada na bainha.

— Eu fico com ela — disse.

Silvan levantou a cabeça do chão.

— Hollis…

— Não estou pedindo uma ordem.

Ela disse aquilo sem levantar a voz, sem olhar para ele, de olhos na minha irmã. Silvan fechou a boca.

— Peticionária tem direito a uma sombra — continuou Hollis. — Está no regulamento do Festival. A menina me mostrou, ontem, jogando aquele jogo da vírgula escondida. Eu era a sombra dela até agora; continuo sendo. — Ela finalmente olhou para Silvan. Para o braço morto, para o pescoço de ferro. — Você pagou a sua conta do seu jeito. Eu pago a minha do meu.

— Ela vai te pedir coisas lá em cima — disse Silvan, com a voz rouca. — Ela pede a todo mundo.

— Ela pode pedir. — Hollis deu de ombros. — Eu tenho cento e quarenta anos e já escolhi tudo o que eu queria escolher na vida. Não sobrou nada para vender. — Uma pausa. — Quase nada.

Ela andou até ele. Parou na frente dele. Não se agachou dessa vez.

— Cuida da Pim — disse.

Silvan olhou para ela de baixo, do chão, sentado contra a engrenagem, como eu nunca tinha visto ele olhar para ninguém. Como um homem que recebe uma coisa que não merecia e sabe disso.

— Cuido — disse ele.

— E não põe chá no leite dela.

— Não ponho.

Hollis assentiu, uma vez. E se virou. E não disse mais nada a ele. Eu soube, pelo jeito das costas dela, que não estava perdoado. Que talvez nunca fosse. E que ela tinha confiado a ele, mesmo assim, a coisa que ela mais amava no Forte.

São coisas diferentes. Eu levei a vida inteira para aprender.



Lá em cima, longe, pela escada dos criados, vinha um barulho. Vozes. Passos. Alguém tinha descoberto que o corredor da procissão não dava em lugar nenhum e estava começando a procurar outras portas.

— Vão — disse Rosa.

Eu fui até ela. Fiquei na frente dela. Ela era um palmo mais baixa do que eu. Sempre foi. Eu passei a vida achando que esse palmo era a medida de quanto eu tinha de proteger.

Não abracei. Tive medo de abraçar e não conseguir soltar.

Ela abriu e fechou a mão esquerda duas vezes, depressa, do lado da saia amarela. O sinal da missa da colheita. *Eu sei, eu sei, depois a gente conversa.*

Eu fiz o sinal de volta. Com a mão direita, porque a esquerda segurava o Frasco Primeiro contra o meu peito.

Depois ela se virou para a mulher cinzenta parada no último degrau, com a lamparina erguida.

— Qual é o seu nome? — perguntou a minha irmã.

A mulher olhou para ela com olhos cor de água de lavar louça.

— Tanto faz, senhora.

— Não faz — disse Rosa. — Eu vou descobrir.

E subiu a escada dos criados atrás da mulher da lamparina, descalça, com os sapatos de Ouro na mão, para voltar ao salão do Tear e se apresentar à Grã-Rainha de Sylvária como peticionária, exigindo uma decisão.

Hollis subiu atrás dela. A dois passos.

Eu fiquei olhando até a luz da lamparina sumir na curva da escada. Depois até os passos sumirem. Depois mais um pouco,

olhando para o escuro onde a minha irmã tinha estado.

— Aveline. — A voz de Silvan, atrás de mim. — Temos de ir.

Eu sabia.

Enfiei o ombro debaixo do braço de carne dele. Ele se levantou, pesado, com metade do corpo de ferro arrastando a outra metade. Entramos no túnel. A água do canal estava gelada e chegava aos meus joelhos, e aos dele, e o braço de ferro dele batia na parede a cada passo.

Na boca do túnel, antes de sair para a noite, eu olhei para trás uma última vez.

A sala da roda. A coroa de engrenagens. O escapo do tamanho de uma casa, balançando de um lado para o outro, no ritmo de sempre, segurando a torre inteira, e a minha irmã lá dentro, em algum lugar lá em cima, subindo uma escada de criado para ir ler os papéis de uma rainha.

Tique. Pausa. *Taque.*

Eu deixei.

Foi a primeira escolha da minha vida que eu deixei ser de outra pessoa até o fim. E a última coisa que eu ouvi, antes de passar pela grade e sair para o escuro debaixo da ponte, foi o barulho da máquina continuando, igual, regular, como se nada tivesse acontecido.

Como se aquilo fosse só mais um dente.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Vitória e Perda



Por baixo da ponte, o caminho de ladrão era o mesmo de três noites antes. As vigas escuras, os grampos de bronze, as tábuas estreitas a dois palmos da água. Só nós éramos outros.

Na outra noite, eu tinha andado ali descalça, com a saia numa mão e raiva na outra, e ele tinha ido na frente sem falar. Agora eu ia na frente, de túnica branca encharcada até os joelhos, com o Frasco Primeiro embrulhado no feltro e apertado contra o peito, e ele vinha atrás, com o ombro de carne apoiado no meu e o braço de ferro pendurado do outro lado, batendo nas vigas a cada passo com um barulho surdo que eu tinha certeza de que a ilha inteira ouvia.

Lá em cima, a ponte estava cheia.

Eiran tinha mandado fechar, e fecharam. Os sete soldados de Vidro, e mais outros, muitos, com lanternas, andando de um lado para o outro nas tábuas de pedra branca, por cima das nossas cabeças. A luz das lanternas passava pelas frestas entre as pedras e caía na água em riscos amarelos, e a gente parava cada vez que um risco chegava perto, e esperava ele passar, e andava de novo.

Na metade do caminho, Silvan escorregou.

Foi o braço. O ferro pesava tanto que, quando o pé dele errou a tábua, o corpo inteiro tombou para o lado esquerdo, para o lado do peso, para a água. Eu agarrei a gola do casaco dele com a mão livre e puxei com tudo o que eu tinha. Não era o bastante. O braço de ferro bateu na água e afundou, puxando o resto, e eu senti os pés escorregarem na tábua molhada e pensei, com toda a calma do mundo: *vamos cair os dois, e o Frasco vai junto, e a Rosa ficou lá em cima por nada.*

Não caímos.

Eu enfiei o pé descalço entre a tábua e a viga, até o tornozelo, até doer, e fiquei ali, presa, segurando o casaco. Ele achou a viga com a mão de carne. Ficamos os dois parados, pendurados, ele com metade do corpo dentro da água preta do lago, eu com o pé enfiado na madeira, até um risco amarelo de lanterna passar por cima e ir embora.

Depois ele subiu. Um palmo de cada vez. Eu puxando a gola, ele puxando a viga, o braço de ferro saindo da água pingando, como uma âncora que alguém içasse.

Quando ele conseguiu se sentar de novo na tábua, encostado no arco, os dois arfando, eu tirei o pé da fresta. O tornozelo estava ralado em carne viva. Não doía ainda. Ia doer depois.

— Você me segurou — disse ele, sem fôlego.

— Você ficou entre mim e o que viesse — eu disse. — Agora sou eu.

— Eu ouvi da primeira vez.

— Então anda.

Os juncos estavam onde sempre estiveram. Saímos debaixo do último arco para a lama da margem norte, entre as hastes altas, molhados, enlameados, eu de túnica branca que já não era branca, ele de casaco preto rasgado no ombro. Eu senti o cheiro antes de ver: cavalo. Suor de cavalo e couro molhado.

Tobin estava agachado nos juncos, segurando três cavalos pretos pelas rédeas. Os enormes, os de Ferro, os únicos de Sylvária com ferradura de ferro. Corin, do lado, com uma lanterna apagada na mão.

Tobin viu Silvan e ficou branco.

— Senhor…

— Depois — disse Silvan.

Corin olhou para o braço. Para o pescoço. Não disse nada. Largou a lanterna, enfiou o ombro debaixo do outro lado de Silvan, o lado de ferro, e o peso saiu de cima de mim de repente, e eu quase caí para trás de alívio.

Foi aí que ouvimos a voz.

— *Ali!*

Na ponte, a uns cem passos, na altura dos primeiros arcos, alguém tinha erguido uma lanterna na direção dos juncos. E, do lado da lanterna, de branco e dourado, com o cabelo cor de trigo brilhando na luz, estava Eiran.

Ele tinha saído do Palácio. Tinha vindo pela ponte fechada, com os soldados, até a margem. E nos viu, nos juncos, ao lado dos cavalos pretos de Ferro.

Não hesitou. Eu vi que não hesitou. Não olhou para outro lado, não demorou a erguer o braço, não fingiu que a luz era pouca.

— Nos juncos! — gritou o príncipe de Ouro. — A oferenda de Ferro e o Senhor de Ferro, com o Frasco! *Nos juncos da*

margem norte!

Os soldados correram para a ponta da ponte, mas os cavalos da patrulha estavam amarrados no outro lado da barreira. Teriam de abrir passagem, trazer as montarias e selar antes de nos alcançar.

E Eiran gritou outra coisa, mais alto, logo depois, no mesmo fôlego:

— *Ninguém atira!* Nenhum humano é ferido! Quem ferir a oferenda responde a Ouro!

Eu olhei para ele por um instante, por cima dos juncos, a cem passos, ele na luz e eu no escuro.

Ele não abaixou o braço. Continuou apontando para nós, para os soldados verem, com o rosto firme e pálido. Fazendo exatamente o que o Guardião das Oferendas devia fazer quando a oferenda de Ferro rouba o Frasco Primeiro diante do Grande Tear: dar o alarme. E fazendo exatamente o que tinha prometido no jardim das colmeias: ficar ao lado das oferendas. De todas elas. Mesmo da que estava fugindo.

Os dois ao mesmo tempo. Sem trair nenhum.

Eu nunca odiei e admirei tanto uma pessoa no mesmo segundo.

— Monta — disse Tobin, e me empurrou para cima de um cavalo.

Os cavalos de Ferro não correm. Avançam. Como um rio de ferro descendo um desfiladeiro. Eu ia na garupa de Tobin, como tinha ido na de Hollis na noite em que atravessei a Cerca, agarrada agora à cintura dele com um braço e ao Frasco com o outro. Silvan ia no cavalo de Corin, na frente de Corin, amarrado à sela pela cintura com uma correia, porque não

conseguia se segurar com uma mão só. O terceiro cavalo vinha solto atrás, de reserva.

Atrás de nós, a margem do Lago Parado se encheu de lanternas. Ouvi gritos. Ouvi cascos: cavalos de Prata, de Ouro, leves, rápidos, sem ferro nas patas. Mais rápidos que os nossos.

Mas não no Bosque Limiar.

O Bosque começava a meia légua do lago. As árvores que respiram. O musgo que brilha no ritmo dos galhos. E, no meio dele, a estrada velha de Ferro, a que os guardiões usam há trezentos anos para ir do desfiladeiro até a Cerca, calçada de pedra com grampos de ferro a cada passo, para que os cavalos de Ferro não escorreguem no musgo.

Os cavalos das outras cortes empacaram na beira da estrada de ferro. Eu ouvi os relinchos atrás de nós. Os cavaleiros desmontaram; a trilha de musgo paralela à estrada era estreita demais para montaria. Ouvi uma ordem e depois passos correndo. Não tinham desistido. Mas, naquela curva, os grampos de ferro encurtavam o caminho dos nossos cavalos, enquanto os perseguidores precisavam contornar as pedras para não se queimar.

Os nossos entraram na estrada como quem entra em casa. Na primeira curva, as lanternas ficaram para trás. Só na terceira deixei de ouvir passos.

E, enquanto as árvores fechavam o céu por cima de nós, eu ouvi, bem longe, a música. A música distante que só eu ouvia no Bosque, desde a primeira noite. Mais alta, dessa vez. Quase alegre.

Ou eu imaginei. Estava muito cansada.

Paramos ao amanhecer, num posto de guarda de Ferro no meio do Bosque.

Era uma torre pequena e torta, de pedra e chapa de ferro, com um poço, um estábulo de três baias e um quarto só, com duas camas de palha e um fogão. Os guardiões que vigiavam a estrada usavam aquilo para dormir entre os turnos. Estava vazio: para o Festival, a vigilância fora concentrada perto do Lago, e o posto ficara fechado até a volta dos turnos. Tobin conhecia o lugar e tinha a chave.

Mabry não estava lá. Mabry tinha saído do acampamento ao pôr do sol da véspera, com as carroças e a forja portátil e todo mundo que não podia correr, pela estrada do desfiladeiro, depois que Silvan sugerira a retirada na manhã da sétima noite e Mabry decidira organizar a saída. *Para o caso.* Eu não sabia do combinado. Ele não tinha me contado.

Fiquei com raiva de ele ter escondido aquilo de mim. Depois pensei em Mabry, que tinha aceitado organizar a saída e sabia muito bem dizer não ao seu senhor. Eu ainda precisava perguntar a ela como tinham decidido. Aprender a deixar os outros escolher também era aprender a perguntar.

Deitamos Silvan numa das camas de palha. Ele tinha febre. O lado de carne do corpo queimava; o lado de ferro estava frio como um balde de poço. A pele no meio, onde um encontrava o outro, no ombro e no pescoço, estava vermelha e inchada, como em volta de uma queimadura.

Corin acendeu o fogão. Tobin trouxe água do poço. Eu rasguei a barra da túnica branca, a parte que ainda estava branca, e fiz compressas, e pus no pescoço dele, na linha onde o ferro parava, a um dedo da boca.

Ele me olhou o tempo todo.

— A sua irmã — disse, com a voz quebrada.

— Escolheu.

— Você deixou.

— Deixei.

Ele fechou os olhos.

— Eu não teria conseguido — disse. — Com a Pim. Com a Hollis. Durante trinta anos, eu não consegui.

— Eu também não consegui. — Molhei a compressa de novo. — Durante onze anos. Só consegui hoje. E abri a mão dedo por dedo.

— É assim que se abre — disse ele. E dormiu.



Corin foi na frente, a cavalo, para avisar o Forte. Tobin ficou. Nós passamos aquele dia inteiro no posto de guarda, e a noite seguinte, até a febre de Silvan baixar o bastante para ele montar. Ninguém nos seguiu pela estrada de ferro. Ou seguiu e não achou. Eu nunca soube.

O Frasco ficou o tempo todo comigo.

Eu não larguei. Dormi sentada no chão, encostada na cama de palha, com ele no colo, embrulhado no xale azul da minha mãe, que Tobin tinha trazido no alforje junto com o caderno de capa de pano. *Leva o xale azul*, o meu pai tinha dito. *Do lado de lá venta.* Ventava. No Bosque, de madrugada, ventava muito.

O Frasco estava quente. A luz sem cor lá dentro continuava inclinada, mas não para mim. Para trás. Para o lado de onde a gente tinha vindo. Para o Lago, para a ilha, para a torre, para a mão de uma mulher de vestido cor de linho cru. A cada légua que a gente andava, a inclinação ficava mais fraca. Mas não sumia.

Um cachorro que puxa a coleira para casa, mesmo quando a casa já ficou longe demais para ver.

Eu fiquei olhando para aquela luz muito tempo, na primeira noite, no chão do posto de guarda. Pensando na moça faminta no chão de terra. No pão. No *sim*. Numa palavra só, em letra antiga cor de cobre.

Eu queria chegar a ser velha.

Não senti pena dela. Quero ser honesta: tentei sentir, e não senti. Senti uma coisa pior, que não tem nome bonito. Entendi. Entendi como alguém que vendeu a coisa que mais queria por um pão pode passar quinhentos anos construindo um mundo inteiro onde os outros vendem as coisas que mais querem, e chamar isso de paz. Eu tinha feito o mesmo, em pequeno, durante seis anos, numa banca de consignação, com linha de osso. Chamava de *dar um jeito*.

Entender não é perdoar. Eu fiquei repetindo isso para mim mesma até dormir.



Chegamos ao Forte Ferrugem no fim da tarde do segundo dia.

O desfiladeiro estava como sempre: as paredes vermelhas, os três rios trançados de ferrugem lá embaixo, o céu uma faixa estreita lá em cima. E o Forte, do outro lado do abismo, com as torres tortas e as placas de ferro velho como escamas e as bandeiras cinza com a grade e o sininho.

E, entre a estrada e o Forte, nada.

A ponte de correntes tinha ficado no Lago Parado. De pé, eu imaginava, na margem cinzenta entre o pavilhão de Vidro e o de Cobre, com as tapeçarias roídas penduradas, como um pavilhão sem ninguém. Ninguém tinha tido tempo de desmontar.

O Forte Ferrugem estava sem a ponte dele.

Atravessamos pelo caminho de baixo, a passagem de abastecimento que Mabry tinha me descrito no Forte e que eu nunca usara: uma trilha estreita descendo a parede do desfiladeiro em ziguezague até o rio, uma balsa de tábuas presa a uma corda de ferro esticada entre as margens, puxada pelos guardiões, e outra trilha subindo do lado oposto. Levamos uma hora. Silvan desceu a trilha apoiado em Tobin e em mim, um de cada lado, e na balsa sentou no meio das tábuas, com o braço de ferro deitado no chão de madeira, olhando para o rio vermelho passando.

Quando a balsa encostou do outro lado, havia gente na margem.

Muita gente. Todo mundo que tinha ficado no Forte, e todo mundo que tinha chegado com Mabry nas carroças na véspera. Guardiões de pé, com as placas de ferro no rosto e nas mãos. As lavadeiras. O velho do pescoço duro. Mabry, de avental, de braços cruzados, com uma cara de quem ia brigar com alguém e ainda não tinha decidido com quem.

E, na frente de todos, uma menina de quase sete anos, com uma trança escura e dois dedos da mão direita virando ferro.

Pim olhou para Silvan descendo da balsa.

Olhou para o braço. Para o ombro. Para o pescoço. Para o ferro novo, liso, que ia até o queixo.

Ela não correu. Andou até ele, muito séria, e parou na frente dele, e esticou a mão direita, a dos dedos de ferro. E tocou o braço dele. Com a ponta dos dedos de ferro dela, no ferro dele.

— Agora você é igual a mim — disse.

Silvan se ajoelhou na lama da margem. Com um joelho só, para não perder o equilíbrio sob o peso do braço esquerdo imóvel. Ficou da altura dela.

— Quase — disse ele.

Depois tirou do bolso de dentro do casaco, do lado de carne, um vidrinho pequeno. O óleo de ervas amargas e doces. Destampou com os dentes, porque só tinha uma mão. E passou o óleo nos dedos de ferro dela. Um por um. Com a mão de carne. Devagar.

Ninguém na margem disse nada.

— Cadê a Hollis? — perguntou Pim.

Silvan demorou para responder.

— Ficou no Palácio do Fuso — disse. — Com a irmã da Aveline. Para cuidar dela.

— Ela volta?

Silvan olhou para mim, por cima da cabeça dela. Depois de volta para a menina.

— Ela é quem vai escolher isso — disse.

Pim pensou. Com a cara séria de quem tem quase sete anos e já entendeu muita coisa.

— Tá — disse. E depois, baixinho, só para ele: — Ela me deixou escolher não ir ao Festival. Ela disse que era eu que decidia.

— Foi a Aveline que disse.

— Foi as duas.

Mabry descruzou os braços. Atravessou a margem. Olhou Silvan de cima a baixo, o braço, o pescoço, a febre ainda vermelha no lado de carne do rosto. Depois olhou para mim, de túnica rasgada, de pé ralado, com uma coisa embrulhada num xale azul apertada contra o peito.

— Oitenta e um anos — disse Mabry, para ninguém. — E eu ainda não sei se ralho com vocês ou ponho a sopa no fogo.

— A sopa — disse Silvan.

— A sopa — eu disse.

Mabry pôs a sopa no fogo.

À noite, no meu quarto da torre mais torta, com a janela grande aberta para o desfiladeiro, eu pedi o caderno.

Silvan trouxe. Ele mesmo, subindo a escada em caracol da torre um degrau de cada vez, com o caderno de capa de pano preso debaixo do braço de carne, porque o outro não segurava mais nada. Demorou muito para subir. Eu ouvi cada degrau.

Sentou na beira da cama. Pôs o caderno no meu colo.

Eu abri.

Eu reconheci cada traço. Sabia que tinha feito cada um, à luz de vela, escondida, desde os catorze anos. Nove anos de páginas com a mesma porta, a mesma vitrine, a mesma mesa. Ninguém passa nove anos desenhando uma coisa sem desejá-la; era assim que eu podia saber. Não por lembrar do desejo. Por fazer a conta.

E não senti nada.

Nem saudade. Nem tristeza. Nem vontade. Era como olhar os desenhos de outra pessoa, bonitos, cuidadosos, de alguém que eu teria gostado de conhecer.

Virei as páginas até o fim. Fechei o caderno.

Olhei para Silvan.

Ele estava olhando para a capa de pano, fechada no meu colo. E a cara dele, à luz da vela, com metade do pescoço de ferro e a ruga de volta entre as sobrancelhas, era a de alguém que está vendo uma coisa morrer devagar e não pode fazer nada.

Ele estava sentindo por mim.

O que eu não podia mais sentir, ele sentia. Do jeito que ele lembrava o Salão de Ferro por mim, com as flores brancas e as

faíscas e o *sim*. Do jeito que ia lembrar o ateliê, com os rolos de tecido e a placa que ele nunca tinha conseguido ler.

Eu pus a mão em cima da mão de carne dele, em cima do caderno.

— Não estou triste por não ter o ateliê — eu disse. — Estou triste porque você está.

Ele levantou os olhos.

Não disse nada. Não precisava. Virou a mão debaixo da minha e segurou a minha mão, e ficamos assim, na beira da cama, na torre mais torta do Forte Ferrugem, com a janela grande aberta para o desfiladeiro e o rio vermelho lá embaixo fazendo o barulho de sempre.

Lá fora, no céu estreito entre as paredes do desfiladeiro, as luas estavam se separando de novo. Uma a uma. Saindo da fila. Indo cada uma para o seu canto do céu, como convidados que vão embora depois de uma festa, e só vão voltar a se encontrar daqui a sete anos.

Eu fiz a conta, sem querer. A conta do que tinha ficado.

Na mesa, embrulhado no xale azul, o Frasco Primeiro, com a luz inclinada para longe, para a dona. Numa torre que gira, a minha irmã, lendo os papéis de uma rainha, com uma guardiã de Ferro a dois passos. Num banco do Fuso, a cláusula dela, aprovada pelas cortes e sem o selo. No salão do Tear, o frasco branco com o futuro que eu não queria mais — se ainda estivesse lá. Na Cerca, cento e trinta e oito estátuas que, uma vez, alguém tinha lido em voz alta pelo nome. E, do meu lado, um homem com metade do corpo de ferro, que tinha dito *não* a uma coisa que assinou, e que eu ainda não sabia o que era.

Não era uma vitória. Não era uma derrota.

Era uma conta aberta. Como a do pão de mel da Dona Ilsa: vinte e sete risquinhos, que eu ia pagar um por um.

Puxei a linha cor de lacre no meu pulso. Por hábito.
Ainda estava lá.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

A Próxima Lua



O Frasco Primeiro não fez nada durante nove dias.

Ficou na mesa do meu quarto, na torre mais torta, embrulhado no xale azul da minha mãe, ao lado da janela grande. A luz sem cor lá dentro se mexia em círculos, devagar, sempre inclinada para o mesmo lado: para o leste, para o centro de Sylvária, para uma torre que girava em cima de uma ilha num lago parado. Eu virava o frasco de lado, de cabeça para baixo, de frente para a parede. A luz se virava sozinha lá dentro e voltava a apontar para o leste.

Eu não sabia ler aquilo. Ninguém sabia.

O Mestre Tavish subiu a escada da torre no terceiro dia, com as pernas de ferro rangendo a cada degrau e o roupão cor de mostarda arrastando no chão. Ficou uma hora sentado na frente do Frasco, de óculos, com o olho bom castanho quase encostado no vidro verde. No fim, tirou os óculos e disse:

— É a coisa mais velha que eu já vi, menina. E eu tenho quatrocentos e doze anos. — Pôs os óculos de volta. — Não sei ler. Mas você vai aprender. Sonho solto só aparece para quem lê de um jeito diferente.

Olhou para o canto do quarto, onde Quill estava enrolado em cima da colcha de retalhos, com os buracos de noite fechados no lugar dos olhos.

— A raposinha está mais gorda — disse. E foi embora.

Eu não perguntei o que ele quis dizer. Já tinha aprendido que com o Tavish não se pergunta; se espera.



Aprendi no décimo dia. Por acidente, como aprendo quase tudo.

Silvan tinha subido com o contrato do lote. A cópia do comprador, a que o Fenn tinha entregado a ele junto com os doze frascos, numa outra vida. Ele queria guardar no baú da torre, junto com o caderno. Desenrolou o papel comprido na mesa, para dobrar direito, porque com uma mão só ele precisava esticar as coisas antes de dobrar, e prendeu uma ponta com o tinteiro e a outra com o Frasco Primeiro, ainda embrulhado no xale.

A linha doze ficou bem do lado do xale.

E a luz sem cor, lá dentro do vidro, parou de apontar para o leste.

Virou. Devagar. Para o papel. Para a linha doze, para as letras antigas cor de cobre, *Casar-se com o Senhor da Corte de Ferro, no Salão de Ferro, e ver o ferro recuar*. E as letras de cobre, no papel, acenderam de leve. Do mesmo jeito que a minha assinatura tinha brilhado no balcão do Fenn, um segundo, na noite em que eu vendi sem ler.

Silvan e eu ficamos imóveis.

Eu desembrulhei o Frasco. Pus a mão nele. Quente. E olhei para a linha doze, para as letras de cobre acesas, e para a luz

sem cor dentro do vidro, e entendi uma coisa que não sei como explicar a quem não estava lá, a não ser assim:

Era a mesma luz.

As letras de cobre que reescrevem a linha de um lote quando há um sonho verdadeiro nele. As letras da placa do Juramento, no pilar do Portão. As letras dos contratos mais velhos da biblioteca do Tavish. Tudo escrito com a mesma luz que estava naquele vidro verde. A primeira venda tinha sido escrita assim. E todas as outras tinham aprendido a ser escritas do mesmo jeito, uma depois da outra, durante quinhentos anos, como os pontos de um bordado que alguém copia de um modelo velho.

A língua dos contratos.

E eu vi, ali, na mesa, com a mão no Frasco, como uma venda é feita. Não em palavras. Em coisas. Três coisas, cada uma num lugar.

A frase do resultado central, registrada nos livros de Cobre e preservada no contrato original, com aquela luz.

O sonho, inteiro, dentro do frasco.

E um fio. Um fio só, cortado com a tesoura de prata do escrivão durante o registro da venda, antes de o frasco seguir para o comprador. O fio da Rainha. Que sobe, como eu tinha visto no salão do Tear, e desce da cúpula, e entra no Grande Tear, e vira pano. Era aquele tributo que sustentava a vida da Tecelã. A palavra *Envelhecer* não lhe dera imortalidade; tinha sido apenas o futuro que ela perdera por um pão.

Três coisas em três lugares. E, para desfazer uma venda, as três têm de voltar a se encontrar: a frase registrada, o sonho ainda cheio e aquele fio específico, tirado do pano da Tecelã. Isso, sozinho, ainda não paga a restituição. Alguém precisa entregar outra possibilidade de peso igual à devolvida, porque

a magia não dá nada de graça, nem para trás. O Frasco ensinava as condições; não dizia como arrancar um fio de quinhentos anos de um tecido que ainda crescia, nem quem teria coragem de pagar.

Que este juramento só se desfaça pela mesma linha que o fez.

A mesma linha. Não uma linha qualquer. O fio que ainda estava no Tear.

Eu tirei a mão do Frasco. A luz voltou a apontar para o leste.

— Você viu alguma coisa — disse Silvan.

— Vi como se faz. — A minha voz saiu estranha. — E como se desfaz. É possível. Não é fácil. Não é para todos.

— Para quem?

Eu olhei para a linha doze. As letras de cobre já tinham apagado.

— Para quem ainda tem o sonho num frasco cheio — eu disse. — Numa adega. Num cofre. Numa prateleira de Moedeira. — Engoli. — Os quatro da Rosa, talvez. Se estiverem lá. Os de quem vendeu em cartório e ninguém bebeu.

— E os outros?

Eu pensei na dama de trigo no cabelo, deitada nas almofadas do pavilhão de Ouro, com o frasco rosa vazio nas mãos. No Teo crescendo na casa do moinho. Na Hanna, que nunca ia ver. No meu pai, na mesa de Cobre, e em todos os frascos dele, marcados *Consumida* nos livros de liquidação.

— Os outros, não — eu disse. — Sonho bebido não volta. Nem com o Frasco. Nem com nada.

Silvan olhou para a linha doze.

Eu sabia o que ele estava pensando. Também estava pensando. Aquele sonho, o do Salão de Ferro, das flores brancas, do *sim*, do ferro recuando, tinha sido bebido. Por ele.

Numa biblioteca, sozinho, até o amanhecer. Não havia frasco cheio. Não havia caminho de volta. Nunca ia haver.

Ele passou o polegar da mão de carne pela linha doze, já apagada. Depois enrolou o contrato com uma mão só e guardou no baú, ao lado do caderno de capa de pano.

Depois se sentou na beira da cama, do meu lado.

— Então é isso — disse. — Não é cura.

— Não é cura. — Eu encostei o ombro no braço dele. No de ferro. Frio. Que não se mexia mais. — É um começo.



A LUA CHEIA seguinte chegou quase um mês depois da sétima noite. Na lua do Festival não tinha havido Mercado: a cada sete anos, enquanto as sete luas se alinham, o Portão fica fechado e a fronteira espera.

Na fronteira, isso quer dizer uma coisa só: Mercado. As três noites do Mercado da Fronteira, a clareira entre Brumavale e a Cerca cheia de lanternas de mariposas e frascos acesos, o Portão da Lua aberto do pôr do sol ao primeiro galo, os feéricos mascarados atravessando para comprar o futuro dos outros. Como sempre. Como há trezentos anos. Uma rainha tinha perdido o Frasco Primeiro, e o Mercado abria na data certa do mesmo jeito.

Eu não fui. Fiquei do lado de cá, no Bosque, na beira da Cerca, ao lado de Silvan, entre as estátuas da Guarda Parada.

Ele tinha de estar ali. O fiscal-mor do Mercado abre o Portão. Fazia isso todo mês havia trinta anos, com a mão esquerda encostada na grade. Naquela noite, ele encostou a mão direita. A de carne. E o Portão demorou. Rangeu, gemeu, ficou parado um tempo enorme, e eu vi o suor escorrer pela têmpora dele.

E abriu.

Ele não disse nada. Eu também não. Mas, quando o Portão terminou de abrir, eu peguei a mão de carne dele, que tremia, e segurei até parar de tremer.

Do outro lado da grade, Brumavale. A clareira. As lanternas. O barulho das bancas, das balanças, dos músicos começando a afinar. E, perto da cabeceira da fila de Cobre, eu vi uma banca pequena, de toldo remendado, com uma velha cega de um olho atrás dela, rindo de alguma coisa.

A Odete. Vendendo, sem mim. Sonhos de verdade, imagino. Ou nenhum.

Eu fiquei olhando para ela por muito tempo.



O Guardião das Oferendas chegou no meio da primeira noite.

Veio pelo Bosque, pela estrada de Ouro, não pela de Ferro, a cavalo, com dois cavaleiros de escolta e uma bandeira amarela com um sol. Desmontou a vinte passos do Portão, do nosso lado, entre as estátuas. Olhou para elas. Para os cento e trinta e oito, de pé na Cerca, de rosto virado para a vila. Ficou um tempo olhando para a mais próxima, a de uma moça de cabelo curto com a mão erguida no meio de um aceno.

Depois veio até nós.

— Senhor de Ferro — disse Eiran. — Senhorita Lark.

— Alteza — disse Silvan.

Eiran olhou para o braço dele. Para o pescoço. Para o ferro que subia até o queixo. Não fez cara de pena. Fez outra coisa, mais difícil: olhou de frente, sem desviar, como quem paga uma conta.

Depois tirou de dentro da túnica dois papéis.

O primeiro era grande, dobrado em três, com um selo de cera branca: um fuso, um tear.

— Em nome da Tecelã do Fuso e pela autoridade do Guardião das Oferendas — disse Eiran, com a voz formal, a voz de quem lê uma lei em voz alta diante de duas testemunhas —, a Corte de Ferro está intimada a devolver o Frasco Primeiro ao Cofre do Fuso antes da próxima Renovação dos Juramentos. — Ele estendeu o papel a Silvan. — A Tecelã não selou nada na sétima noite. Nem a minha lei, nem a cláusula da senhorita Rosalind, nem a renovação do Juramento de Ferro. A regra de prorrogação mantém os compromissos antigos em vigor até novo selo; as leis novas ficam suspensas. E ela diz que só sela quando o Frasco voltar.

Silvan pegou o papel com a mão de carne. Não abriu.

— E se não voltar?

— Então nada do que foi votado vale. — Eiran não desviou os olhos. — Nem a reserva de sete dias. Nem as três vendas. O Mercado continua exatamente como está. E eu volto aqui, a cada lua, com este papel, até ele voltar. — Ele fez uma pausa. — Eu vou recuperar o Frasco, Senhor de Ferro. Pelo Pacto. Do jeito certo. Não por mal. Por dever.

— Eu sei — disse Silvan.

— Eu também sei — eu disse.

Eiran olhou para mim. E por um instante, só um, a cara formal dele mudou, e era o rapaz das colmeias, com terra debaixo das unhas.

— A senhorita sabe que ela usou o Frasco contra a senhorita, não sabe? Contra todos nós. — Ele indicou o papel na mão de Silvan. — A lei da sua irmã está presa nisso. Os votos já estão registrados, e a Tecelã pode selá-los sem esperar outros sete

anos. Ela promete fazê-lo amanhã, se a senhorita devolver o Frasco. Se não devolver…

— Eu sei — repeti.

E sabia. Era a pior coisa que a Tecelã podia ter feito, e a mais inteligente: amarrar a única vitória da minha irmã ao Frasco que eu tinha roubado. Devolver, e a Hanna seguinte teria sete dias para pensar. Ficar com ele, e talvez, um dia, desfazer as vendas que ainda estavam em frascos cheios.

As duas coisas eram boas. As duas não cabiam na mesma mão.

Eiran tirou o segundo papel.

Esse era pequeno. Dobrado em quatro. Sem selo nenhum. Só um nome, na frente, numa letra miúda e perfeita que eu conhecia desde que ela aprendeu a escrever.

Avie.

— A peticionária tem direito de escrever à família — disse Eiran. — Por intermédio do Guardião. Está no regulamento. — Ele me estendeu o papel. — Eu não li.

— Eu sei que não leu.

— Ela me pediu para dizer uma coisa, em voz alta, quando entregasse. Para a senhorita saber que era ela.

— O quê?

Eiran pigarreou. Pareceu sem graça. Eu nunca tinha visto o príncipe de Ouro sem graça.

— *Vinte e sete* — disse ele. — Ela disse que a senhorita ia entender.

Eu ri. No meio da Guarda Parada, de noite, com o Mercado acendendo do outro lado da grade. Ri e chorei ao mesmo tempo, e não tive vergonha de nenhum dos dois.

Eiran fez uma reverência. A de Ouro, a de palma para cima. Para mim. Depois para Silvan, que não podia fazer nenhuma

de volta, e não fez, e só inclinou a cabeça.

— Na próxima lua — disse o príncipe.

E foi embora pela estrada de Ouro, com a bandeira amarela, e não olhou para trás.



Li a carta ali mesmo, encostada na estátua de Garven, à luz das lanternas de mariposas que vinham do Mercado.

Avie,

Estou bem. Não começa.

A Hollis também está bem. Ela dorme atravessada na minha porta, como um cachorro grande e mal-humorado, e já perdeu onze vezes o jogo da vírgula. Diz que é porque eu roubo. Eu não roubo. Eu leio melhor.

Como na mesa da Escrivã. Ela é menos má do que parece e mais triste do que devia. Está me ensinando a língua velha sem depender do glossário, devagar, uma construção por dia. Diz que eu aprendo depressa demais. Eu acho que ela gosta.

A Tecelã não selou nada. Você já deve saber. Ela me chama uma vez por dia e pergunta se eu gostaria de ficar. Eu digo que sou peticionária e estou esperando uma decisão. Ela sorri. Eu sorrio. Ninguém assina nada.

Descobri o nome da criada do óleo. Ela se chamava Irene. Era de Valmora, de uma rua de tecelões. Foi oferenda de Ouro há quarenta e nove anos. Ela não sabe mais o próprio nome. Eu sei. Escrevi num papel e dei para ela. Ela guardou no avental. Não sei se foi para guardar ou porque tanto faz. Vou continuar dando.

A Wenna gosta de pera. O Ancel leva pera para ela todo dia, do jardim do Fuso. Ela come. Não sabe por quê.

Preciso te contar uma coisa difícil. A Renovação ficou sem selo, mas as cessões já tinham sido assinadas. A Escrivã me mostrou o

livro: na manhã seguinte, os frascos das oferendas foram entregues às cortes, como se entrega o melhor vinho aos convidados de honra. O do seu ateliê foi para uma dama de Ouro que usa espigas de trigo no cabelo. Ela pediu por ele. No registro, ao lado do seu nome, estava escrito: Consumida. Sei que você já não consegue sentir a falta daquele futuro. Eu sinto por você.

Estão me preparando para uma cerimônia. Ainda não sei qual. Experimentaram três vestidos em mim e tiraram as minhas medidas duas vezes, e ninguém me diz para quê, e eu ainda não achei o papel. Vou achar. Tem papel para tudo aqui. É só saber onde a Escrivã guarda.

Não venha correndo. Estou falando sério. Venha quando souber o que fazer, e não antes, e não sozinha, e não por mim. Por todo mundo, ou não venha.

Você deixou eu escolher. Agora é a sua vez de não se arrepender.

R.

P.S.: Não gaste com pão de mel.

Li duas vezes a parte do ateliê. Esperei sentir alguma coisa por aquela porta de madeira, por aquela vitrine. Nada. A dama de trigo, no entanto, eu lembrava: as mãos dela em volta do frasco rosa da Hanna, a vida do Teo crescendo até o amanhecer dentro de uma mulher que não era a mãe dele. Agora ela tinha pedido o meu. Talvez estivesse sorrindo em outra almofada de Aurea, vivendo entre linhas e alfinetes uma manhã que nunca me pertenceria.

Ao meu lado, os dedos de carne de Silvan se fecharam devagar. Ele tinha visto aquela vitrine antes de mim. Não lhe perguntei se queria falar. Pela primeira vez, fui eu quem ficou ali, deixando que outra pessoa sentisse o que sentia.

Eu dobrei a carta em quatro. Guardei no corpete, do lado de dentro, onde ninguém mete a mão sem eu sentir.

Silvan estava do meu lado, de pé, na sombra de Garven, sem perguntar nada.

— Ela está bem — eu disse.

— Eu ouvi você rir.

— Ela está lendo. — Respirei. — Estão preparando ela para uma cerimônia. Ela não sabe qual.

Ele não disse nada. Pôs a mão de carne no meu ombro.

Eu olhei para o Portão aberto. Para o Mercado do outro lado, cheio de luz e de gente vendendo a coisa que mais queria por um mês de juros, por um xarope, por um moinho. Sem sete dias para pensar. Sem ninguém lendo os papéis com elas.

E pensei, com uma clareza que me assustou, que eu não sabia como trazer de volta tudo o que tinha sido perdido. Nem a metade. Nem um décimo.

Mas sabia por onde começar.

Naquela noite, no meu quarto, abri o caderno de capa de pano.

Silvan tinha trazido do baú. Estava sentado na beira da cama, com o braço de ferro deitado no colo como uma coisa que alguém esqueceu ali, olhando para mim. Quill dormia enrolado na colcha. Na mesa, embrulhado no xale azul, o Frasco Primeiro apontava a luz para o leste.

Folheei até o meio.

O ateliê continuava lá. A porta de madeira, a placa com o meu nome, a vitrine com o vestido de noiva, a mesa comprida, os rolos de tecido até o teto. Eu olhei para cada traço. Pelos desenhos e pelo rosto de Silvan, sabia que um dia tinha querido aquilo. A lembrança de querer não voltava. Ele a

guardava por mim; eu via no rosto dele cada vez que olhava para aquela página.

Virei a página.

Em branco.

Peguei o toco de carvão do bolso da saia. E desenhei uma porta.

Não a do ateliê. Outra. Redonda em cima, alta, de madeira escura, com uma argola de ferro no lugar da maçaneta. Do lado dela, a coluna do meio, que não gira. Em volta, o corredor que gira, as escadas, o arco do mostrador com os cinquenta e sete riscos, a porta do Cofre, a porta de criado. A sala da roda embaixo. A grade de bronze. A ponte. O caminho de ladrão.

O Palácio do Fuso. Por dentro. Do jeito que só quem desceu até a máquina conhece.

Embaixo da porta, escrevi um nome.

Rosalind Lark.

Depois outro.

Wenna Hale.

Depois um terceiro, que eu tinha acabado de aprender, numa carta.

Irene, de Valmora.

E deixei o resto da página em branco. Para os outros. Para os vinte e três da fila de lã cinza, para os que eu ainda não sabia o nome, para os que a minha irmã ia descobrir, um por um, lendo os papéis de uma rainha.

Silvan olhou por cima do meu ombro.

— É uma porta — disse.

— É uma porta.

— Não é um ateliê.

— Não. — Eu passei o dedo pelo desenho, de leve, para não borrar. — Não estou tentando ter o meu sonho de volta com

outro nome. Ele foi. É seu agora, para lembrar. — Olhei para ele. — Isto é outra coisa.

Ele não perguntou o quê. Ele sabia.



Eu passei a vida inteira lendo a última página primeiro, para saber como as histórias terminavam. Para não ser pega de surpresa. Para nunca mais estar atrás de uma banca, aos doze anos, vendo uma coisa acontecer sem saber que ia acontecer.

Desta vez, não havia última página para ler.

Havia uma porta. E, do outro lado dela, a minha irmã, lendo.

Fechei o caderno. Encostei a cabeça no ombro de Silvan. Lá fora, pela janela grande, as luas iam cada uma para o seu canto do céu, e o rio vermelho fazia o barulho de sempre, e em algum lugar muito longe, no centro de Sylvária, uma torre girava em cima de um lago parado, *tique*, *taque*, um dente de cada vez.

Eu sou filha de relojoeiro. Sei como as torres giram. Sei onde fica o escapo, e a coroa, e a coluna que não se mexe.

E sei onde ficam as dobradiças.

FIM DO LIVRO UM



A história continua na próxima lua.

CAPÍTULO BÔNUS

A Linha Doze



Contado por Silvan

Comprei o lote do Fenn na segunda noite da lua cheia, meia hora antes do primeiro galo, por quarenta coroas que a Corte de Ferro não tinha.

O Fenn sorriu quando contou o dinheiro. É o sorriso de um homem que acabou de vender por quarenta o que comprou por dezoito, e que vai passar o resto da semana tentando entender por que o fiscal-mor do Mercado quis doze frascos de consignação diversa. Deixei que tentasse. Ele não ia entender. Eu mesmo não entendia direito.

Eu sabia de quem era a costura. Fazia três luas que eu vigiava a banca da Viúva Odete. Três luas de pé, de elmo, do outro lado da fila das balanças, vendo os frascos dela saírem da caixa de veludo, perfeitos demais, com uma luz que se mexia do jeito certo, na velocidade certa, como se quem os costurou tivesse passado a vida inteira olhando sonhos verdadeiros de perto. E a cada lua, nos três dias seguintes, a dor nas costas do Tobin. A dor no meu lado esquerdo. Um guardião a mais na Cerca, de quando em quando, com a mão parada no meio de um aceno.

Não havia nada que eu pudesse provar. As sondas não pegam linha de osso. Eu precisava ver o trabalho dela de perto, com tempo, com luz, longe do Mercado.

Então comprei o lote do Fenn. O selo de Ferro já estava no registro do Pell, ao lado do número: um dos meus guardas tinha aprovado aqueles doze frascos na banca, porque a sonda não pega linha de osso. Eu sabia o que aquele carimbo ia custar ao meu povo nos três dias seguintes. Comprei mesmo assim. Queria ver de perto o que nos custava tanto.



Abri os frascos na biblioteca do Forte, na mesa grande, com uma lâmpada de óleo de cada lado.

O Mestre Tavish dormia no fundo, na poltrona de sempre, com a barba amarrada num laço e o roupão mostarda até o queixo. Ronca como um fole furado. Eu nunca me importei. É o único barulho do Forte que não vem do ferro.

O primeiro era um amor. Âmbar. Uma vida inteira ao lado de alguém, o resultado central escrito em lugar nenhum, porque o Pell só escreve *consignação diversa*. Eu tirei a rolha com a unha de ferro e olhei por cima da boca do frasco, contra a luz, com a lente de joalheiro que era do meu pai.

Era lindo.

Não tenho outra palavra. Eu já tinha visto falsificações de todo tipo em trinta anos: retalhos amarrados com linha grossa, sonhos de três cores com as emendas aparecendo como cicatriz, olhos que mudavam de cor no meio de um beijo. Aquilo não. Os pontos eram tão pequenos que eu precisei da lente para achar o primeiro. Eram feitos no sentido em que a luz corria, como quem penteia um cabelo. Onde um retalho acabava e outro começava, ela tinha deixado a luz se sobrepor um

pouquinho, para a emenda não aparecer. Do jeito que um bom ferreiro esconde um rebite.

Era uma fraude. E era o trabalho mais cuidadoso que eu já tinha visto mãos humanas fazerem.

Fiquei muito tempo com aquele frasco na mão.

O segundo era uma viagem. O terceiro, um filho. O quarto, uma casa com horta, tão bem costurada que eu senti o cheiro da terra molhada pela boca do frasco. Fui abrindo, um por um, até o décimo primeiro. Onze falsificações. Onze obras. Eu as enfileirei na mesa, na ordem, e fiquei olhando para elas como quem olha para um inimigo que sabe usar a espada melhor do que ele.

E aí abri o décimo segundo.



Não havia costura.

Procurei com a lente por toda a borda da luz, e não havia ponto nenhum, nem emenda, nem sobreposição. Era um sonho inteiro. Verdadeiro. Uma luz de uma cor que eu não sabia nomear, entre o âmbar e o cinza, como brasa debaixo de cinza.

Peguei a cópia do contrato que o Fenn tinha me entregado junto com o lote, a do comprador, enrolada num cordão. Desenrolei na mesa, prendendo as pontas com dois frascos falsos.

Onze linhas com a letra apressada do Pell. *Consignação diversa. Consignação diversa. Consignação diversa.*

E a linha doze.

A letra do Pell tinha sumido dali. No lugar dela, numa tinta cor de cobre que ainda brilhava de leve, numa caligrafia antiga

e cheia de voltas que eu só tinha visto nos contratos mais velhos da biblioteca, havia uma frase.

Casar-se com o Senhor da Corte de Ferro, no Salão de Ferro, e ver o ferro recuar.

Eu li três vezes.

Depois me levantei, fui até a janela, olhei para o desfiladeiro escuro e para o rio vermelho lá embaixo, e voltei, e li de novo. A frase continuava lá. O meu título, escrito na língua velha de Cobre, num contrato de sonho humano assinado *pela consignante*.

Nenhum humano sonha com o Senhor da Corte de Ferro. Os humanos de Brumavale sonham com casas, com filhos, com o mar, com uma pessoa que conhecem da rua. O Senhor da Corte de Ferro, para eles, é um elmo do outro lado de uma banca e uma vara de ferro que faz careta nos guardas. Ninguém sonha com isso.

Alguém tinha sonhado.

E tinha vendido sem ler.

Eu não gosto de sonhos. Eu nunca tinha bebido um. Em trinta anos vendo as outras cortes beberem vidas inteiras de humanos até o amanhecer e acordarem procurando o frasco nas almofadas, eu tinha prometido a mim mesmo que a Corte de Ferro, ao menos, não ia ser isso.

Fiquei olhando para o frasco na mesa até a lâmpada da esquerda apagar.

Depois tirei a rolha. E bebi.



O Salão de Ferro.

Do jeito que ele é. As mesas compridas, os bancos, as tapeçarias roídas nas bordas. As faíscas caindo da grade do

teto, das chaminés das forjas, devagar, apagando antes de tocar em qualquer coisa. Flores brancas nas mesas, pequenas, dessas que nascem à toa. E o salão cheio.

Cheio de gente que não era de ferro.

A Hollis estava perto da porta, com o rosto inteiro, as duas metades, rindo de alguma coisa com a cabeça jogada para trás. O Tobin. A irmã dele, a Maren, com as duas mãos de carne. A Pim, crescida, alta, de tranças, mexendo nas flores. E, no fundo, encostado num pilar, com os braços cruzados e aquela cara de quem desaprova a festa inteira, o capitão Garven.

Garven.

Eu fiquei parado no meio do salão, no sonho, sem conseguir andar.

E então ela entrou pela porta do fundo.

De vestido cinza. De lã. Sem nenhum enfeite. Com o cabelo castanho preso de qualquer jeito e uma linha vermelha amarrada no pulso. Eu não sabia o nome dela. Não sabia, naquele instante, que já tinha visto aquele rosto de longe, três luas seguidas, debruçado sobre uma caixa de veludo. No sonho, eu só sabia que ela estava vindo na minha direção, entre as mesas, sem pressa, e que todo mundo no salão abria espaço para ela passar.

Ela parou na minha frente. Me olhou. Tinha os olhos de quem lê a última página primeiro.

Eu estendi a mão esquerda. A de ferro.

Ela pegou.

Eu disse alguma coisa. Até hoje não sei o quê. Uma bobagem, provavelmente; no sonho eu era um homem que dizia bobagens. Ela riu. E disse *sim*.

E o ferro recuou.

Primeiro dos dedos. Eu senti. Senti a pele voltando, a pele de verdade, morna, com as linhas nas pontas dos dedos e a sensibilidade toda, como quando o sangue volta a um pé dormente, só que mil vezes. Depois a palma. Depois o pulso. Depois o braço, e o ombro, e o pescoço, e as costelas, placa por placa, como gelo derretendo de cima para baixo num telhado no fim do inverno. E a mão dela na minha. A mão de uma desconhecida, morna, com um calo de dedal no dedo médio, segurando a minha como se segurasse uma coisa que não ia quebrar.

Eu não sentia a pele daquele braço fazia quase trinta anos.

Chorei no Salão de Ferro, no meu sonho, na frente de todo mundo. A Hollis ria de mim. A desconhecida não. Ela só apertou mais a minha mão.



Depois houve uma vida.

Não sei explicar a quem nunca bebeu um sonho como uma noite vira uma vida. As coisas não acontecem em fila. Acontecem todas ao mesmo tempo, como os fios de um tecido, e você vive cada uma inteira.

Uma janela grande, numa torre torta do Forte, com ela sentada no parapeito, de pernas balançando para o lado do desfiladeiro, me dizendo que eu me preocupava demais. Uma sala cheia de tecido, rolos encostados nas paredes até o teto, uma mesa comprida com marcas de tesoura, e ela de joelhos no chão com a boca cheia de alfinetes, furiosa comigo porque eu tinha pisado na barra de um vestido de noiva. A Pim aprendendo a costurar com ela, e costurando mal, e as duas rindo. Ela à mesa do jantar, rindo de mim porque eu não sei contar piada, e eu contando outra, pior, só para ela rir de novo.

Ela brava comigo por alguma coisa que eu tinha decidido sozinho. Muitas vezes. Muitas, muitas vezes. E eu do outro lado da mesa, com o braço inteiro de pele, sem saber o que fazer com a sorte de alguém ficar bravo comigo e continuar ali.

Havia uma placa na porta da sala de tecidos. Eu nunca li o que estava escrito. Em todas as vezes que passei por ela, no sonho, estava olhando para dentro, não para a placa.



Acordei no chão da biblioteca, com a cara no tapete e o frasco vazio na mão.

A lâmpada da direita também tinha apagado. Entrava pela janela uma luz cinza, a primeira do dia, a única hora em que o sol chega ao fundo do desfiladeiro. O Mestre Tavish roncava. O rio lá embaixo fazia o barulho de sempre.

Olhei para a minha mão esquerda.

Ferro. Os dois dedos. O do meio, cinza até a primeira junta. Os veios subindo pelo pulso, pelo braço, pelo pescoço. Tudo onde estava.

Eu sabia que ia estar. Sabia antes de abrir os olhos. Um sonho bebido não muda nada no mundo. É a primeira coisa que se aprende em Sylvária, e a mais esquecida. E eu tinha bebido um futuro que já estava vendido. Que, por causa daquela assinatura sem leitura, nunca mais ia acontecer, nem com ela, nem comigo, nem com ninguém. Aquele Salão, aquelas flores, aquele *sim*, aquele ferro recuando: tudo fechado para sempre, no instante em que uma moça de Brumavale assinou *pela consignante* embaixo da linha doze.

Fiquei sentado no chão muito tempo.

Não sei dizer o que eu senti. Não tenho as palavras dos humanos para isso. Os feéricos não sonham; nós não temos o

costume de perder coisas que nunca tivemos. É uma dor que não existe na nossa língua. Eu precisei inventar um lugar dentro de mim para ela caber.

E então pensei na outra coisa.

Na coisa que eu assinei há trinta anos, na noite em que o meu pai morreu, e que eu não posso escrever nem aqui. Fazia trinta anos que ela era um peso parado no fundo de mim, como um frasco numa adega, que ninguém abre. Naquela madrugada, sentado no tapete da biblioteca com um frasco vazio na mão, eu a senti se mexer.

E tive medo. De um jeito que eu não tinha desde menino.



Levantei. Lavei o rosto na bacia. Desci até o Portão e passei pela Guarda Parada, como passo todas as madrugadas, e disse os nomes. Os cento e trinta e oito. Do Arno até a Maren. Em voz baixa, para eles e para mim.

No caminho de volta, eu já sabia quem ela era.

Não pelo rosto. Pela linha vermelha no pulso. Eu tinha visto aquela linha três luas seguidas, do outro lado da banca da Odete, amarrada no pulso de uma moça que costurava falsificações perfeitas e, quando os músicos tocavam no fim do Mercado, tirava os sapatos e dançava descalça na grama molhada, sozinha, de olhos fechados, como se ninguém estivesse olhando.

Eu estava olhando.

E, onze anos antes, numa outra noite de lua, eu tinha visto uma menina de doze anos escondida atrás daquela mesma banca, olhando o pai dela vender a vida inteira numa mesa de Cobre. Eu tinha ido buscar um relógio. Não tinha feito nada pela menina. Tinha ido embora.

Era a mesma.

A falsificadora que fazia o meu povo virar ferro. A menina que eu deixei atrás da banca. A desconhecida que tinha sonhado, sem me conhecer, a única cura que alguém da minha corte já viu, e que a tinha vendido sem ler.

Eu tinha três motivos para ir buscá-la. Dois eram bons. O terceiro eu não admiti para mim mesmo durante muitas semanas.

Ao meio-dia, mandei buscar com o Pell a outra cópia do contrato, a do registro de Cobre, lacrada. Eu queria que ela visse o lacre se quebrar na frente dela. Queria que soubesse que a linha doze não era truque meu.

Na terceira noite daquela lua, vesti a armadura, pus o elmo e atravessei o Portão.

Ela estava na banca da Odete, com a caixa de veludo aberta e a linha vermelha no pulso. Levantou os olhos quando me viu chegar. Tirei o elmo na frente dela.

E ela não me reconheceu.

Ou quase. Vi alguma coisa passar pelo rosto dela, depressa, como uma faísca que apaga antes de tocar no chão. Depois sumiu. Claro que sumiu. Quem vende esquece. Ela não lembrava do Salão, nem das flores, nem do *sim*. Para ela, eu era o fiscal-mor do Mercado vindo cobrar uma conta.

Eu era.

Mas, enquanto quebrava o lacre e abria o contrato em cima da caixa de veludo, prendendo uma ponta com o elmo, eu pensei, com uma clareza que me assustou: *eu vou passar o resto da vida tentando ser digno de uma coisa que ela nem sabe que me deu.*

E comecei a falar de negócios.

PEQUENO GLOSSÁRIO

Adegas de sonhos — porões dos bancos de Cobre onde os nobres guardam sonhos que ainda não foram bebidos, como vinho raro.

Atravessador — humano que compra sonhos barato de quem está desesperado e revende caro.

Casa de Sonhar — lugar onde os feéricos viciados bebem uma vida atrás da outra.

Cerca de Ferro — a grade de mais de trezentos anos que separa Brumavale do Bosque Limiar e de Sylvária.

Cessão — a entrega de um sonho com assinatura, feita pelas oferendas na sétima noite do Festival.

Cinzento — quem vendeu futuros demais. A cor some da pele, do cabelo e dos olhos, e a pessoa passa a dizer "tanto faz".

Cláusula sétima — a parte do Juramento de Ferro que faz os guardiões pagarem as fraudes do Mercado na própria carne.

Consignação — venda feita em nome de outra pessoa. A banca da Viúva Odete vende "sonhos de quem não quer mostrar o rosto".

Etiqueta — o papel amarrado no gargalo de cada frasco, com o resultado central do sonho.

Fio da Rainha — o fio de luz que o escrivão corta de cada frasco antes de uma venda. É o tributo da Tecelã.

Frasco — o vidro onde fica um sonho tirado de alguém. Por dentro, uma luz que se mexe devagar.

Frasco Primeiro — o frasco da primeira venda de sonho que já existiu. Fica no Cofre do Fuso e só sai a cada sete anos.

Graça — pagamento feérico que não é ouro: um ano sem febre, um parto sem dor, sorte na colheita.

Grande Tear — o tear do Palácio do Fuso, onde a Tecelã trabalha.

Guarda Parada — os guardiões da Corte de Ferro que viraram estátua. Ficam de pé atrás da Cerca, virados para a vila.

Juramento de Ferro — o contrato que a Corte de Ferro assinou há trezentos anos para proteger o Mercado.

Linha de osso — a linha que Aveline usa nas falsificações. Engana a sonda de ferro dos fiscais.

Lote — vários frascos vendidos de uma vez, numa folha numerada com uma assinatura só, no fim.

Mercado da Fronteira — o mercado de sonhos que se abre nas três noites de lua cheia, na clareira entre Brumavale e a Cerca.

Oferenda — o humano que cada corte apresenta no Festival das Sete Luas como convidado de honra.

Olhos trocados — falha de uma falsificação malfeita: a pessoa sonhada aparece com olhos de uma cor e depois de outra.

Olho de Vidro — a lente da Corte de Vidro que vê de quem é cada sonho.

Pacto da Fronteira — o acordo que acabou com a Guerra dos Berços e criou o Mercado.

Portão da Lua — o portão da Cerca de Ferro. Só abre nas noites de Mercado, ou pela mão da Corte de Ferro.

Renovação dos Juramentos — a cerimônia da sétima noite do Festival, quando todos os contratos do Mercado são renovados.

Resultado central — a frase que diz aonde leva o caminho de um sonho. Quem a vende perde aquele lugar para sempre.

Sonda — a vara de ferro que os fiscais encostam nos frascos.

Sonho contado — em Sylvária ninguém conta um sonho em voz alta. Contar não vende nada, mas abre a porta para a pressão de quem quer comprar.

UM GOSTINHO DO LIVRO 2

A Madrinha



Fui madrinha de uma menina chamada Hortênsia, e ninguém me perguntou nada.

O nome foi escolha da irmã de Marisol. Marisol tinha jurado, com a barriga encostada no balcão da loja, que não ia deixar ninguém bordar aquele nome em cueiro nenhum; a irmã bordou dois, em ponto de cruz cor-de-rosa, com o acento torto nos dois. Também não me perguntaram se eu sabia segurar criança (não sabia), se eu tinha roupa de igreja (não tinha) nem se a madrinha de uma menina de dias podia ser uma mulher que tinha atravessado o Portão da Lua num fim de tarde de setembro e, desde então, só tinha voltado à vila em forma de fofoca. Madrinha não é consultada. Madrinha é avisada, e depois segura o bebê.

Decidi uma coisa só, sozinha, porque era a única que ainda estava livre: ia chamar a menina de Tê. Para não ter de dizer Hortênsia.

Mas antes da igreja havia o Portão.

Saímos do Forte Ferrugem no meio da noite, ele na sela e eu na garupa, porque eu continuo sem saber montar e o cavalo continua sabendo disso. O braço esquerdo dele ia preso à sela

por uma correia de couro passada duas vezes, para não bater no trote. Eu me segurava na cintura dele. Do lado direito, através do casaco, havia um homem: costela, calor, a respiração indo e vindo. Do lado esquerdo havia as placas, e o frio delas atravessava a lã e chegava à minha bochecha quando eu encostava o rosto nas costas dele. Daquele lado, a respiração dele parava no meio do caminho, feito gaveta que emperra. Entrava ar. Não entrava todo.

— Está com frio? — perguntei, na metade do caminho.

— Do lado direito.

— E do esquerdo?

— Do esquerdo eu não sei.

Disse isso no tom em que diz as horas. Eu ri contra as costas dele, porque era rir ou o contrário, e ele sentiu o riso pelo lado que ainda sentia.

Chegamos à Cerca antes do sol. Não tinha nevado; tinha geado, e a geada tinha feito o serviço com capricho de aprendiz, cobrindo tudo por igual, até o que não precisava. A grama da margem estalava debaixo dos cascos. A Guarda Parada estava onde sempre esteve, cento e trinta e oito estátuas de frente para a vila, com uma linha branca em cima de cada ombro. Maren, a mais perto do Portão, continuava acenando para a mãe, e tinha na palma aberta uma lâmina fina de gelo, redonda, que a noite deixara ali feito troco.

Seis noites antes, no meu quarto da torre torta, eu tinha desenhado uma porta no caderno de capa de pano: a de um palácio que gira, que eu conhecia por dentro. Agora estava diante de outra, que eu conhecia desde criança, dos dois lados, aberta e fechada, de dia e de noite. Nunca tinha pensado em quanto ela custava a quem abria.

Desci primeiro, do meu jeito, que é escorregando. Ele soltou a correia com a mão direita, e o braço caiu contra o flanco dele, inteiro, com o peso de uma porta que se fecha sozinha. O cavalo mexeu as orelhas. Silvan tirou a luva da mão de carne com os dentes, porque não tinha outra mão para tirar, e foi até o Portão.

Fora da lua, o Portão da Lua não quer abrir.

Ele pôs a palma direita na grade, entre duas barras, e empurrou sem empurrar. O corpo não se movia; o que se movia era alguma coisa por baixo do corpo, nos ombros, no pescoço, na ruga entre as sobrancelhas, que foi ficando funda. O cavalo, de rédea solta, deu dois passos de lado e bufou para a geada. Eu peguei as rédeas. Não perguntei se podia. Silvan olhou por cima do ombro para a minha mão no couro e voltou a olhar para o ferro.

Deixou.

Contei as respirações dele, porque é o que eu faço quando não posso fazer mais nada, e na vigésima o suor da têmpora já tinha virado umas contas brancas de geada, presas no cabelo preto. Na trigésima e poucas, ele fez um som baixo, no fundo da garganta, e não deixou o som virar gemido: segurou-o no meio, do jeito que o meu pai segurava com a unha uma mola que queria saltar.

Trinta e quatro. Trinta e cinco.

As folhas começaram a se afastar.

Para dentro, as duas, sem barulho, como se alguém do outro lado as puxasse com cuidado para não acordar a casa. O Portão nunca fez barulho. Quem fazia barulho agora era ele.

Quando o vão ficou da largura de uma pessoa, ele tirou a mão. Abriu e fechou os dedos duas vezes e calçou a luva antes

que eu visse a palma. Eu vi assim mesmo. Estava vermelha, de um vermelho que ia escurecer até a noite.

Ninguém comentou. Não havia ninguém para comentar, só nós dois e cento e trinta e oito estátuas, mas mesmo assim eu senti o assunto ser posto de lado com cuidado, como se põe uma panela quente na beira da mesa, longe das crianças.

— Ao pôr do sol — ele disse.

— Antes, se o padre tiver frio.

— Padre sente frio?

— Esse sente. A igreja é de pedra, e a lenha é da paróquia.

Ele considerou isso com a seriedade que dava a tudo.

— Então eu espero desde antes.

Quill passou primeiro. Sempre passa. Saiu de algum lugar atrás da minha saia, atravessou o vão com o rabo varrendo a geada e não deixou marca nenhuma, nem um risco, porque Quill não pesa nada, nem em cima de geada. Do outro lado, sentou e virou a cabeça para mim.

Devolvi as rédeas a Silvan e passei.

Ele ficou onde estava, entre Maren e Garven, de casaco preto e linha branca nos ombros, igual a eles. Achei a comparação feia assim que ela me ocorreu e tentei tirá-la da cabeça. Não consegui direito. Levei aquilo comigo pela estrada, até a vila, como se leva uma pedrinha dentro do sapato.

Brumavale fica a uma hora a pé do Portão, e no inverno a hora é mais comprida.

Fui sem o xale azul. Ele tinha ficado no Forte, embrulhando o Frasco Primeiro, e o Frasco tinha ficado na lata de farinha de Mabry, porque ninguém em Sylvária procura nada dentro de farinha e porque Mabry disse que, se alguém procurasse, ia ter

de passar por ela primeiro. Fazia semanas que eu não andava sem aquele xale nos ombros, e o frio sabia. Pior que o frio era a mão. A minha mão direita, sem eu mandar, procurava o vidro debaixo de um pano que não estava ali, voltava vazia e ia de novo, feito língua em dente que caiu. Não contei isso a ninguém.

A neblina, no inverno, desce. Fica mais baixa e mais branca, e a vila vai aparecendo aos pedaços, como roupa que alguém vai estendendo no varal, uma peça de cada vez: um telhado, uma chaminé, a torre da igreja, outra chaminé. Todas as chaminés estavam acesas. A turfa não espera. Em dezembro, quem tem turfa queima, e quem não tem vai pedir na casa de quem tem e paga em abril, com juros de vizinho, que são os piores. Os sininhos de ferro pendurados nas portas estavam com gelo dentro e não tocavam. A vila inteira tinha ficado muda de porta.

Quem estava na rua olhou para mim. Não do jeito de antes, quando eu era a filha do relojoeiro que costurava para fora e devia vinte e sete pães à padaria. Olharam como se olha alguém que foi aonde ninguém vai e, para piorar, voltou com assunto. Lissa tinha chegado à Rua das Turfeiras semanas antes, numa carruagem com escolta de Ouro, sem dote e com uma história, e Brumavale tinha feito com a história o que faz com a turfa: posto no fogo e deixado queimar o inverno inteiro. Na calçada do armarinho, a mulher do sapateiro baixou a voz só o bastante para eu ouvir: *a que roubou a rainha*. Disse como se diz o preço da lã, sem maldade nenhuma, e por isso doeu mais.

Marisol estava na porta da loja, na Rua dos Tecelões, com Tê no colo, enrolada em tanta lã que a menina parecia mais um embrulho de feira do que uma pessoa. Só aparecia um pedaço de rosto vermelho e bravo, do tamanho de uma maçã pequena.

— Você está magra — disse Marisol.

— Você está sem barriga.

— Tirei. — Ela me olhou de cima a baixo e demorou nas mãos, que é onde ela sabe que eu escondo as coisas. — Diz que você roubou a rainha.

— Não roubei a rainha.

— Ah, bom.

— Roubei uma coisa da rainha.

— Avie.

— Uma coisa pequena.

Ela ficou me olhando por cima da cabeça da filha. Eu vi a pergunta seguinte subir até a boca dela e parar ali, presa entre os lábios, como os alfinetes que ela segura quando está fazendo bainha: para usar depois, sem engolir. Marisol é minha amiga desde os seis anos. Sabe quando eu minto e quando eu só não conto. Naquela porta, com a filha no colo e a rua inteira de orelha em pé, ela escolheu esperar que eu contasse. Foi a coisa mais cara que alguém em Brumavale já me deu fiado.

— Ela vai se chamar Tê — eu disse, para mudar de assunto.

— Ela se chama Hortênsia.

— No papel.

— Avie, a minha irmã bordou dois cueiros.

— Eu vi. O acento está torto nos dois.

Marisol olhou para o cueiro, depois para mim, e riu pelo nariz, um riso que fez Tê abrir um olho, desconfiada, e fechar de novo.

— Tê — repetiu ela, experimentando o nome na boca. — Ela vai te odiar.

— Daqui a quinze anos, me agradece.

Fomos a pé até a igreja, ela na frente, com a filha, e eu atrás, com a sacola do batizado. Para chegar lá, a gente passa pelo fim

da Rua dos Tecelões. A porta azul descascada de Hanna estava fechada, com fumaça na chaminé. Eu não bati.



A igreja de Brumavale é de pedra escura e foi construída por gente que não esperava ficar rica. Os bancos são de madeira e estalam toda vez que alguém se mexe, de modo que uma missa inteira, lá, range feito sótão em noite de vento. Cheirava a vela de sebo e a lã molhada de gente; a neblina tinha entrado junto com todo mundo e estava sentada nos bancos do fundo.

O padre tinha pressa. Dava para ver na estola, posta meio de lado, e nos olhos, que iam até a porta da sacristia cada vez que ele terminava uma frase. O fogo de lá estava apagando, a lenha era da paróquia e a paróquia era pobre. Eu tinha acertado: o padre sentia frio. Guardei aquilo para contar a Silvan.

Dona Ilsa chegou atrasada, com farinha nos cílios, que ela tem desde que eu me entendo por gente, e um embrulho de pano na mão. Sentou do meu lado, no banco da família, e ninguém teve coragem de dizer que padeira não é família, porque em Brumavale padeira é mais família do que muito parente. Pôs o embrulho no meu colo. Estava quente. Pão de mel.

— Fiado — disse ela.

— Fiado é gastar com prazo — eu disse, e ouvi a voz de Rosa saindo da minha boca, inteira, só faltou o dedo levantado. Precisei olhar para as mãos um instante.

— Esse eu não risco. — Dona Ilsa ajeitou o xale. — Fiado de madrinha quem paga é a afilhada. Daqui a uns vinte anos.

A conta do batente, portanto, continuava em vinte e sete. Na última carta, Rosa tinha me mandado não gastar com pão de

mel. Eu não gastei. Guardei o embrulho na sacola, para Pim, que tinha feito sete anos numa noite em que eu estava ocupada demais olhando um Portão abrir.

O meu pai estava no último banco.

Tomás o tinha trazido pelo braço, um passo de cada vez, e sentado ali, no fundo, perto da porta, onde ele não ia atrapalhar ninguém nem ser atrapalhado. Tomás é grande e calado e tem mãos de forja; quando me viu, me cumprimentou com a cabeça e, por precaução, recolheu os pés para baixo do banco. Na valsa do casamento dele eu pisei quatro vezes. Ele não esquece. Eu também não.

O meu pai estava como eu tinha deixado. A pele da cor de fogão apagado, o cabelo cor de jornal velho, as mãos quietas em cima dos joelhos, umas mãos que tinham consertado todos os relógios da vila e que agora não sabiam o que fazer consigo. Fui até ele. Ele levantou os olhos, que tinham sido verdes, e me olhou com educação.

— Que horas são?

Eu sabia sem olhar. Quem foi criada no meio de cento e catorze relógios sabe as horas pelo corpo, mais ou menos como sabe que está com fome.

— Nove e dez, pai.

— Obrigado, senhora.

Senhora. Agradeceu como se agradece a um estranho que dá as horas na rua. Eu já devia estar acostumada. Não estava.

Marisol pôs Tê nos meus braços diante da pia batismal, e eu descobri que um bebê de dias pesa mais ou menos o que pesa um pão de quilo e se mexe feito um gato dentro de

um saco. Segurei a menina como segurava os frascos mais caros da banca de Odete: com as duas mãos e sem respirar.

A água da pia estava tão fria que, quando o padre derramou a primeira concha na cabeça da menina, ela abriu a boca inteira e berrou com uma força que ninguém esperava de uma coisa daquele tamanho. O berro bateu na pedra do teto e voltou. A igreja inteira riu. O padre riu. Até a Dona Ilsa, que não ri em igreja, riu com a mão na boca, e caiu farinha.

Ofereci o dedo a Tê porque era a única coisa que eu tinha à mão.

Ela agarrou. Com o punho inteiro. Fechou os dedinhos em volta do meu indicador e apertou com uma força desproporcional, de quem não pretendia soltar nunca mais, e parou de chorar no meio de um berro, só para segurar melhor.

Eu conhecia aquela força. Não disse de onde.

Foi no meio da bênção que o meu pai começou a cantar.

Primeiro sem palavras, como faz na oficina, curvado em cima de uma mola: as quatro notas que sobem, as duas que descem, a volta. Ele tinha voltado a cantarolar em setembro, depois de onze anos calado: o começo, e esquecia; o começo, e esquecia, como quem dá corda num relógio que não tem ponteiro. Ninguém na igreja virou a cabeça. Em Brumavale todo mundo já sabia que o relojoeiro cantarolava.

Daquela vez ele não esqueceu.

Pôs as palavras. A cantiga da lavadeira, a da moça que pendura a camisa do noivo no varal para o vento levar até ele. A voz do meu pai cantando com palavras, que eu não ouvia desde antes de a minha mãe morrer, estava rachada no meio, feito louça colada, mas acertava todas as notas, uma depois da outra, sem pressa e sem tropeço.

Eu conhecia aquela parte. Todo mundo que cresceu perto do riacho conhece. A minha mãe cantava aos sábados, de joelhos na pedra, torcendo lençol, e parava sempre no mesmo lugar, no verso em que a camisa sai voando, porque era ali que o lençol acabava de torcer. Ela se levantava, e a música ficava suspensa no ar, sem descer. Eu achava que a cantiga terminava daquele jeito. Que era uma cantiga sem fim, dessas que se cantam para criança até ela dormir no meio.

O meu pai não parou ali.

Cantou o verso seguinte, que eu nunca tinha ouvido, e o outro, e o outro, e chegou ao último com a voz baixa, quase falando:

O vento ficou no varal.

Quem foi atrás foi a moça.

E parou, porque tinha acabado.

O padre estava com a mão no ar, no meio da bênção. Tê, no meu colo, tinha parado de mexer a boca. Ninguém tossiu, e em Brumavale, em dezembro, alguém sempre tosse. E Quill, que eu tinha perdido de vista em algum momento entre a porta e a pia, estava sentado no chão de pedra aos pés do meu pai, de frente para ele, com os buracos de noite virados para cima e o rabo quieto, enrolado nas patas. Ouvindo.

Foi a primeira vez na vida que eu ouvi a cantiga da lavadeira até o fim. Eu não sabia que ela tinha fim. O meu pai sabia. O meu pai, que não sabia mais que horas eram.

Tê apertou o meu dedo. Eu apertei de volta, com cuidado, porque precisava segurar alguma coisa e ela era a única coisa ali que não ia me perguntar por quê. Pensei em Rosa. Rosa também achava que a cantiga parava no varal. Estava longe demais para eu contar, num palácio que gira, e eu fiquei com o fim inteiro na garganta e ninguém para quem entregar.

Levei muito tempo para descobrir de onde vinha aquele fim. Naquela manhã, só soube que ele existia, guardado num canto do meu pai aonde a mesa de Cobre nunca tinha ido buscar nada.

O meu pai olhou em volta, para a igreja inteira olhando para ele, e não entendeu por que todo mundo tinha parado. Tomás se abaixou ao lado dele.

— Seu Jonas — perguntou, baixinho —, onde o senhor aprendeu esse fim?

O meu pai pensou. Pensou tanto tempo que eu achei que fosse responder.

— Tanto faz — disse.



Depois do batizado, Tomás levou o meu pai para casa, e eu fui junto, porque tinha uma coisa para buscar e não queria buscar com ninguém olhando.

Da esquina da Rua dos Relojoeiros já se viam, através da vidraça embaçada, os cento e catorze relógios da Relojoaria Lark, todos marcando a mesma hora. Tomás sentou o meu pai na bancada de feltro verde, que é o único lugar onde ele fica em paz, e foi embora com os pés bem longe dos meus. O meu pai pegou uma pinça, não fez nada com ela e voltou a cantarolar. Só o começo. Quill se deitou debaixo da bancada, com o focinho virado para ele, e ficou.

Subi sozinha. Os degraus rangeram todos, na ordem de sempre, e eu pisei em cada um com a sensação esquisita de estar dando corda numa coisa que não era mais minha.

O sótão estava frio e arrumado. Marisol tinha passado por ali. A cama de Rosa estava feita, com os cantos dobrados em ângulo, como se dobra um documento para caber no envelope,

um capricho que é só de Rosa e que Marisol tinha copiado por respeito. A janela redonda dava para o riacho das Lavadeiras, e o riacho tinha parado. No inverno ele para. Fica uma faixa branca entre as pedras onde a minha mãe se ajoelhava aos sábados, e só volta a correr no degelo.

Não levantei a toalha xadrez da mesa de costura. Sabia o que tinha debaixo dela em setembro e não queria saber o que tinha agora.

Abri o baú de Rosa.

A minha irmã guarda as coisas como guarda as palavras: em ordem, com a data em cima. Lá estavam as cópias dos quatro contratos, presas com um alfinete, a letra do Mestre Halvard numa delas, outras letras nas outras, e todas as quatro com a assinatura dela embaixo, pequena e perfeita, a mesma letra que me escrevia bilhetes desde que aprendeu a escrever. Não li. Sabia as quatro frases de cor, e ler ali, ajoelhada no chão do sótão, ia me custar mais do que eu tinha trazido. Dobrei as cópias em quatro e guardei no corpete, do lado de dentro, junto da carta que começava com *Vinte e sete*. O papel estava frio contra a pele. Depois esquentou.

No fundo do baú, embrulhado num lenço, estava o ouro de Valmora. Não toquei. Aquele dinheiro era da primavera dela.

Sentei um minuto na beira da cama da minha irmã. Rangeu igual: uma nota só, um pouco mais aguda que a minha. Fiquei ali, com as mãos no colo, olhando a janela redonda e o riacho parado, e desci antes que o minuto virasse outra coisa.

Na oficina, o meu pai cantarolava o começo de novo.

— Que horas são?

— Duas e meia, pai.

— Obrigado.

Agora não disse senhora. Eu não sei se foi esquecimento ou outra coisa, e não perguntei, porque ele não ia saber.

Quill não saiu de debaixo da bancada. Não me preocupei. Em onze anos, Quill nunca tinha precisado de mim para achar o caminho.



Silvan estava do lado de lá exatamente onde eu tinha deixado, entre Maren e Garven, com o cavalo ao lado e a geada da manhã trocada pela geada da tarde. Tinha esperado desde antes. Dava para ver nas botas.

— O padre tinha frio — eu disse, através da grade.

— E mesmo assim é pôr do sol.

— Teve um batizado no meio.

— E o seu pai?

Eu não esperava aquela pergunta. Olhei para ele por entre as barras, de casaco preto, com a mão de carne enfiada na luva e o braço morto preso de novo à sela, e não soube por onde começar.

— Cantou — eu disse.

Ele esperou o resto. Eu não contei, porque ainda não sabia contar. Mas me lembrei, ali, do que ele tinha me contado uma vez: de um relojoeiro que, muitos anos antes, abriu a porta a um estranho de capuz e consertou o relógio de Garven cantando a canção da mulher dele três vezes, sem perceber. Três vezes é tempo de sobra para chegar ao fim. O meu pai sabia o fim, Silvan talvez tivesse ouvido o fim, até uma raposa de sombra tinha sentado no chão de pedra para ouvir o fim. A única que não sabia era eu. Não perguntei se ele lembrava. Ele não insistiu. Às vezes eu acho que ele aprendeu a esperar com as estátuas.

Antes de ir até o Portão, ele me estendeu as rédeas por entre as barras. Eu peguei, do lado de cá, com o cavalo do lado de lá, e nenhum de nós dois achou estranho.

Tirou a luva com os dentes, de novo, e eu vi a palma à luz baixa do fim do dia: tinha inchado tanto desde a manhã que as linhas da mão tinham sumido. A mão tremeu antes de tocar o ferro. Ele a pôs na grade assim mesmo. Demorou mais. Muito mais. O som que de manhã ele tinha segurado no meio, à tarde ele segurou mais perto do começo, e mesmo assim escapou um pedaço, curto, que ele engoliu de volta. O Portão abriu o vão de uma pessoa, e eu passei, e ele tirou a mão, e as folhas se fecharam atrás de mim, sem barulho, no último palmo de luz.

Eu estava de costas para a vila, com a mão na sela, quando senti que faltava alguma coisa nos meus pés.

Virei.

Quill vinha pela estrada, correndo como corre quando se assusta, baixo, rente ao chão, as orelhas deitadas para trás. Chegou ao Portão já fechado e fez o que qualquer raposa faria: tentou passar entre duas barras, por onde passaria até uma raposa gorda.

Não passou.

Bateu no ar entre as barras como se o ar tivesse virado vidro. Recuou. Tentou outro vão. O mesmo. Tentou por baixo, rente à geada, e o vidro estava lá também, onde não havia nada, onde nunca tinha havido nada. Eu vi o focinho dele se amassar contra coisa nenhuma.

— Esqueceu alguma coisa? — Silvan perguntou. Ele não via Quill. Via só que eu estava olhando para trás.

Eu olhei para a mão dele. A luva já estava de volta, mas eu sabia o que tinha dentro. Pensei nas linhas da palma, que tinham sumido. Pensei em pedir. Seria uma palavra só. Ele

teria aberto. Ele teria aberto até a mão rachar, e não ia me perguntar para quê.

— Nada que não espere a lua — eu disse.

Não pedi. Fiz a conta sozinha, de pé no frio: a mão dele contra uma raposa que não pesa nada. Decidi que a raposa era o preço pequeno, e que quem pagava era eu. E não contei a ele que tinha havido conta nenhuma.

Era o meu defeito mais velho, decidir pelos outros sem perguntar. Daquela vez eu decidia por ele e contra mim, e achei que isso fazia diferença.

Do outro lado da grade, Quill parou de tentar. Enrolou o rabo nas patas e sentou na geada, de frente para mim, do lado de Brumavale, onde eu tinha nascido e de onde eu acabava de sair pela segunda vez. Não se mexia nada nele. Nem o rabo, que nunca para.

Quando o cavalo virou para a estrada de Ferro, eu olhei para trás uma última vez. Ele continuava lá, pequeno e escuro entre as barras, olhando.

Quill ficou. Eu é que fui embora.

A história continua em **A Promessa de Ferro**, *o Livro 2 da saga* O Mercado dos Sonhos.

O inverno chegou antes do carvão. E uma promessa antiga está prestes a cobrar o seu preço.

Gostou do começo? *A Promessa de Ferro*, o Livro 2, chega em breve. Acompanhe as novidades em **@omercadodossonhos.livro** e **omercadodossonhos.pages.dev**.

Se você gostou, conte para alguém que também lê a última página primeiro.

Em Brumavale, os sonhos têm preço.

Nas três noites de lua cheia, o Portão da Cerca de Ferro se abre e os feéricos atravessam para comprar o que os humanos ainda podem viver: um amor, uma casa, ver um filho crescer. Quem vende esquece que um dia quis.

Aveline Lark nunca vendeu um sonho seu. Ela vende os falsos. Costureira de dia e falsificadora à noite, ela costura retalhos de sonhos baratos com linha de osso para pagar o xarope da irmã. Até a noite em que o Senhor da Corte de Ferro, o fiscal mais temido do Mercado, se senta diante da banca dela com uma proposta impossível: atravessar a Cerca como oferenda da corte mais desprezada de Sylvária e roubar, diante de cinco cortes inteiras, o Frasco Primeiro, o registro da primeira venda de sonho que o mundo já fez.

Mas Silvan Morcant sabe coisas sobre Aveline que nem ela mesma lembra. E, no Festival das Sete Luas, todo sonho tem um preço. Inclusive o dela.

O primeiro livro de uma saga em cinco volumes sobre desejo, escolha e o que estamos dispostos a perder por quem amamos.